

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



SIDHARTA MENDES MONTEIRO

Cartografias da singularidade:

A psicanálise entre Deleuze e Winnicott

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Doutor.

Orientador: Profa. Dra. Déborah Danowski

Rio de Janeiro
abril de 2023



SIDHARTA MENDES MONTEIRO

Cartografias da singularidade: a psicanálise entre Deleuze e Winnicott

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Profa. Déborah Danowski

Orientadora

Departamento de Filosofia – PUC-Rio

Profa. Clara Carnicero de Castro

Departamento de Filosofia – PUC-Rio

Profa. Maria Isabel de Andrade Fortes

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Prof. André Martins Vilar de Carvalho

Departamento de Filosofia – UFRJ

Prof. Danilo Bilate de Carvalho

Departamento de Filosofia – UFRRJ

Rio de Janeiro, 14 de abril de 2023.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Sidharta Mendes Monteiro

Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) onde também atua como pesquisador do Grupo Spinoza e Nietzsche (SpiN). Possui graduação em Filosofia - Licenciatura e Bacharelado - pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Atua como professor nas redes federal, estadual e na iniciativa privada. Tem como objeto de pesquisa a filosofia francesa contemporânea e a relação entre Filosofia e Psicanálise.

Ficha Catalográfica

Monteiro, Sidharta Mendes

Cartografias da singularidade: a psicanálise entre Deleuze e Winnicott / Sidharta Mendes Monteiro ; orientadora: Déborah Danowski. – 2023.

277 f. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, 2023.

Inclui bibliografia

1. Filosofia – Teses. 2. Deleuze-Guattari. 3. Psicanálise. 4. Winnicott. I. Danowski, Déborah. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Filosofia. III. Título.

CDD: 100

Dedico esta Tese a meu pai, um ávido defensor da leitura, que sempre procurou garantir as condições para que eu pudesse chegar até aqui.

Agradecimentos

À minha orientadora, Déborah Danowski, pelo suporte e estímulo.

Ao professor André Martins, responsável por introduzir a figura de Winnicott em minha vida.

Aos amigos Leonardo e Ianco, pela paciência e pelas trocas fundamentais ao longo de todo processo. Se a singularidade se constrói nos encontros, certamente as amizades cumpriram um papel fundamental que reverberou nas escritas acadêmica e de minha história pessoal.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios financeiros concedidos, sem os quais todo o processo não poderia ter sido realizado.

Às políticas de concessão de bolsas de fomento, pois sem elas seria inviável a dedicação e o empenho necessários para a conclusão deste trabalho.

Resumo

MONTEIRO, Sidharta Mendes; DANOWSKI, Déborah (Orientadora). **Cartografias da singularidade: a psicanálise entre Deleuze e Winnicott**. Rio de Janeiro, 2023. 277p. Tese de Doutorado – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O trabalho que aqui se apresenta tem como objetivo restabelecer o diálogo de Deleuze com a psicanálise, outrora interrompido em *Mil Platôs*, a partir de uma interlocução entre a filosofia deleuziana e a psicanálise winnicottiana. Defendemos a tese de que o paradigma winnicottiano se constitui como uma “língua menor” dentro da própria psicanálise, que rompe com as limitações estabelecidas pelo campo psicanalítico ortodoxo. Visando dar corpo a tal proposta, o trabalho se desenvolve a partir de três eixos principais:

a) uma releitura do masoquismo e do sadismo que resolva os problemas apontados por Deleuze (e Guattari) na abordagem dessas assim nomeadas perversões, pela psicanálise tradicional. Para tanto mobilizamos a crítica de Winnicott à noção freudiana de pulsão de morte e uma desconstrução da própria noção de normalidade. Com isso visamos defender – apoiados em uma leitura conjunta dos três textos de Deleuze dedicados a Masoch, juntamente com a teoria da agressividade winnicottiana –, uma leitura positiva do masoquismo que o despatologize, compreendendo-o como uma manifestação da criatividade na vida erótica;

b) partindo de uma genealogia do complexo de Édipo, procuramos demonstrar como as críticas de Deleuze e Guattari são compatíveis com o paradigma anedípiano de Winnicott, onde localizamos uma proposta analítica que prescinde da noção que se apresenta como complexo nuclear das neuroses. Neste íterim, partindo de uma abordagem da teoria do desenvolvimento emocional primitivo presente em Winnicott, desenvolvemos o modo como o psicanalista inglês devolve a psicanálise à imanência, compreendendo a constituição da subjetividade a partir de um encontro singular entre os corpos da mãe e do bebê; e

c) tendo em vista a insuficiência do paradigma edípiano, em consonância com as leituras de Deleuze e Winnicott, delineamos de que forma se configura a

produção de subjetividade da modernidade até o momento atual. Partindo do pressuposto de que a produção de subjetividade não pode ser compreendida de modo apartado do contexto sociopolítico, defendemos que a psicanálise winnicottiana está em sintonia não apenas com as demandas do sujeito contemporâneo, mas também com a leitura de Deleuze acerca do modelo clínico mais adequado à abordagem de seus mal-estares. Nesse sentido, por meio de uma ponte entre os autores, mostramos como em ambos os pensamentos encontra-se um fazer clínico cujo foco se dá na dimensão experiencial, pautado no cuidado e afastado do modelo interpretativo característico da hermenêutica psicanalítica tradicional.

Palavras-chave

Deleuze-Guattari; Psicanálise; Winnicott.

Abstract

MONTEIRO, Sidharta Mendes; DANOWSKI, Déborah (Orientadora). **Cartographies of singularity: psychoanalysis between Deleuze and Winnicott.** Rio de Janeiro, 2023. 277p. PhD Thesis – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The work presented here aims to re-establish Deleuze's dialogue with psychoanalysis, once interrupted in *A Thousand Plateaus*. Starting from a dialogue between Deleuzian philosophy and Winnicottian psychoanalysis, we defend the thesis that the Winnicottian paradigm constitutes a "minor language" within psychoanalysis itself, which breaks with the limitations established by the orthodox psychoanalytic field. With this in view, we develop three main axes:

a) a re-evaluation of masochism and sadism in order to solve the problems pointed out by Deleuze (and Guattari) in the approach of these so-called perversions, by traditional psychoanalysis. To do so, we mobilize Winnicott's critique of the Freudian notion of death drive and a deconstruction of the notion of normality itself. With that we aim to defend - supported by a joint reading of the three texts by Deleuze dedicated to Masoch, together with Winnicott's theory of aggressiveness - a positive reading of masochism that depathologizes it, understanding it as a manifestation of creativity in the erotic life;

b) starting from a genealogy of the Oedipus complex, we seek to demonstrate how Deleuze and Guattari's critiques are compatible with Winnicott's anedipal paradigm, which contains an analytical proposal that dispenses with the notion presented as the nuclear complex of the neuroses. At the same time, based on an approach to Winnicott's theory of primitive emotional development, we describe how the English psychoanalyst brings psychoanalysis back to immanence, understanding the constitution of subjectivity from a singular encounter between the mother's and the baby's bodies;

c) finally, considering the inadequacy of the oedipian paradigm, in consonance with Deleuze and Winnicott's readings, we delineate how the production of subjectivity is configured from Modernity to the present moment. Based on the

assumption that the production of subjectivity cannot be understood apart from the sociopolitical context, we argue that Winnicottian psychoanalysis is in tune not only with the demands of the contemporary subject, but also with Deleuze's reading of the clinical model best suited to address their malaise. In this sense, by drawing a bridge between the authors, we show how in both of them we can find a clinical practice whose focus is on the experiential dimension, based on care and away from the interpretative model characteristic of traditional psychoanalytic hermeneutics.

Keywords

Deleuze-Guattari; Psychoanalysis; Winnicott.

SUMÁRIO

1. Introdução	11
2. Crítica e clínica do masoquismo: agenciamentos entre filosofia, literatura e psicanálise	20
2.1. Deleuze e a abordagem inicial do masoquismo: primeiras experimentações no campo analítico	23
2.2. Filho monstruoso ou freudiano? Relendo o masoquismo à luz da teoria das pulsões	47
2.3. Reapresentar Masoch: reencontrando a psicanálise a partir de Winnicott	52
3. O complexo de Édipo: entre Deleuze, Guattari e Winnicott	78
3.1. Genealogia do complexo de Édipo a partir de Freud	80
3.2. Deleuze e Guattari: máquina de guerra contra Édipo	110
3.3. D. W. Winnicott: uma psicanálise anedipiana	141
4. A emergência de uma nova subjetividade: a clínica entre a interpretação e a experimentação	166
4.1. Política, sociedade e produção de subjetividade: um novo “familismo”	167
4.2. Reconfiguração ou ocaso da interpretação?	216
4.2.1. A <i>Deutung</i> freudiana	218
4.2.2. Deleuze, Guattari e a crítica à hermenêutica psicanalítica	221
4.2.3. Esquizoanálise: da interpretação à experimentação	233
4.2.4. O paradigma winnicottiano: cuidado e “anti-interpretação”	238
5. Conclusão	257
6. Referências bibliográficas	267

1

Introdução

O trabalho ora proposto tem como objetivo o estabelecimento de um diálogo. Diálogo não apenas entre autores, mas entre campos distintos. Trata-se da construção de uma ponte entre filosofia e psicanálise a partir de uma interlocução entre Deleuze e o psicanalista inglês Winnicott. Como se sabe, a relação de Deleuze com a psicanálise é paradoxal, transitando do franco elogio à crítica mordaz. É nesse sentido que o leitor das obras de Deleuze encontrará nos seus primeiros escritos da década de 1960 um entusiasta do campo psicanalítico, que tem como ponto de partida um paralelo entre clínica psicanalítica e crítica literária. Ali, tomando a literatura como pano de fundo, Deleuze procurava a todo momento ir para além das fronteiras psicanalíticas, observando na mesma o solo fértil para o desenvolvimento de uma nova imagem do pensamento e do pensar. Isso o leva a considerar, em sua *Lógica do Sentido*, que a psicanálise carrega em si a potência de se tornar uma ciência dos acontecimentos, uma verdadeira arte das superfícies.

Por outro lado, o mesmo leitor perceberá que Deleuze em momento algum abraça passivamente a teoria psicanalítica. Procurando sempre desterritorializá-la daquilo que nela subjuga o pensamento e enclausura o ser humano, o filósofo francês recusará qualquer forma de teoria que se pretenda universalizante, o que acarretaria reduzir aquilo que na subjetividade há de singular. Assim, se tomarmos como horizonte de análise o conjunto da obra de Deleuze, perceberemos que, ao contrário do que dizem algumas leituras apressadas, não se trata ali de uma anti-psicanálise, mas sim de um “trabalhar com” a psicanálise, um debate (por vezes acalorado) que ganha forma a partir de um agenciamento entre dois campos distintos, mas que são prenes de ressonâncias.

Com efeito, Deleuze parece perceber na psicanálise um campo de potencialidades ainda a ser descoberto. É que se da literatura emerge grande parte de suas considerações, isso se dá na medida em que ela é o solo comum onde se dá o encontro de sua filosofia com muitas das reflexões de Freud e de outros nomes da tradição psicanalítica. É sabido que na psicanálise o recurso à literatura como ferramenta para a reflexão teórica é um procedimento comum. Embora não se dedique

propriamente a uma filosofia da literatura¹, ao longo de todo o seu trabalho Deleuze promove o encontro entre as duas áreas. A riqueza de tal interlocução se faz notar nas 279 referências literárias identificadas por Dominique Drouet na obra do filósofo². Alinhado com o pensamento nietzscheano e inspirado na figura do “filósofo médico”, ele considerará a literatura como um caso de sintomatologia, sendo os escritores, quando dotados de grandiosidade, verdadeiros “médicos da civilização”. Partindo da ideia de que a sintomatologia “interpreta os fenômenos tratando-os como sintomas cujo sentido é preciso procurar nas forças que os produzem”³, afirmará que a genialidade de alguns escritores está em não apenas tomar o fantasma como ponto de partida de sua escrita, mas subordinar toda a obra à apreciação desse fantasma. Portanto, os grandes autores estariam:

mais próximos de ser médicos do que doentes. Queremos dizer que eles próprios são admiráveis diagnosticistas, admiráveis sintomatologistas. Há sempre muita arte em um agrupamento de sintomas, em um quadro em que tal sintoma é dissociado de um outro, aproximado de um outro ainda e forma a nova figura de uma perturbação ou de uma doença. Os clínicos que sabem renovar um quadro sintomatológico fazem uma obra artística; inversamente, os artistas são clínicos, não de seu próprio caso, nem mesmo de um caso em geral, mas clínicos da civilização.⁴

Ora, a potência da literatura enquanto ferramenta para melhor compreensão do indivíduo e do espírito de seu tempo não escapava a Freud, que, assim como Deleuze, com ela manteve uma interlocução permanente no conjunto de sua obra. Nesse sentido, a articulação entre filosofia, literatura e psicanálise configura-se como peça-chave na construção de um debate que germinará ao longo das obras de Deleuze e de sua parceria com Guattari. É nesse pano de fundo que podemos situar não apenas o diálogo inicialmente desenvolvido por Deleuze com a psicanálise, mas também o restante das discussões travadas no restante de sua obra. Falamos aqui em “diálogo”, pois assim se configura a primeira incursão de Deleuze no campo psicanalítico em 1961, no texto *De Sacher Masoch ao masoquismo*. Neste primeiro

¹ Ainda que contenha elementos observados ao longo de toda sua obra, o caráter heterogêneo dos encontros celebrados em *Crítica e Clínica* entre filosofia e literatura, por meio de diferentes autores, não é suficiente para afirmar que se trata de uma obra de filosofia da literatura.

² DROUET apud BOGUE, R. Deleuze and literature. In SMITH, D. & SOMERS-HALL, H. *The Cambridge companion to Deleuze*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p.286.

³ DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. São Paulo: n-1, 2018, p.99.

⁴ DELEUZE, G. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p.244.

momento, o filósofo sedimenta as bases sobre as quais serão erigidos uma série de conceitos, cujos contornos serão paulatinamente desenhados ao longo de outros textos. Determinar sob quais termos se dá este primeiro encontro com a psicanálise é essencial para que compreendamos os desdobramentos que culminarão na parceria futura com o psicanalista Felix Guattari.

Conforme veremos ao longo de nosso trabalho, a ponte construída por Deleuze com a psicanálise é efetivamente abalada com os efeitos de tal parceria. A partir daquilo que se tornou uma escrita “a quatro mãos”, o que outrora era percebido como índice de potência na psicanálise passa a ser visto como signo de empobrecimento, aridez e morte. Empobrecimento e enclausuramento da subjetividade que conduzia à morte das singularidades humanas, assim passará a ser vista a psicanálise agora entendida como “canto de morte”. Em entrevista concedida a Claire Parnet, Deleuze comenta que foi Guattari quem o “resgatou” da psicanálise, o que, conseqüentemente, reverberou na crítica “iconoclasta” que ganha corpo em *O anti-Édipo*. Nessa obra de 1972, que carrega em sua forma e conteúdo a efervescência dos eventos ocorridos em maio de 1968, Deleuze e Guattari direcionam um ataque ao cerne da teoria psicanalítica. Partindo de uma crítica ao complexo de Édipo, mas sem perder de vista o diálogo com a literatura, os autores criticarão aquilo que consideram um processo de assujeitamento promovido pela psicanálise, que atua na codificação social e amplia sua influência da clínica às artes e à cultura como um todo.

Em *O anti-Édipo*, Deleuze e Guattari procuram denunciar aquilo que consideram um bacilo edipiano que se imiscui pelos meandros da sociedade, conformando as subjetividades e, portanto, tolhendo novas formas de existência. Nesse sentido, propõem uma psicanálise social e política, a qual denominarão esquizoanálise, como forma de desedipianizar o inconsciente, devolvendo o desejo à sua imanência. Isso ocorre na medida em que o inconsciente deixa de ser visto como representativo, passando a ser visto como produtivo. Disso decorre que a produção desejante deixa de remeter às figuras do teatro edipiano, passando a vincular-se exclusivamente àquilo que se dá na realidade. Com isso objetivam “abrir” o desejo a novas possibilidades, eliminando sua vinculação exclusiva às figuras parentais, em prol de diferentes formas de encontros com o mundo. Porém, a despeito do abalo

provocado pela obra à época de seu lançamento, os efeitos não foram suficientes para gerar as mudanças que esperavam no meio psicanalítico.

A resignação diante daquilo que considerarão uma marca indelével, que não pode ser eliminada da sociedade, motivará uma virada crítica consubstanciada em *Mil Platôs*. Esta obra, lançada oito anos após o primeiro volume da série *Capitalismo e esquizofrenia*, representa o que os autores chamam de derradeiro adeus à psicanálise. Menos marcada por um tom de crítica e mais propositiva, a obra começa com um texto que visa encerrar definitivamente o diálogo com a psicanálise. Ensejando um novo esforço exploratório, os autores esperavam mapear novos territórios que apresentassem paisagens livres de Édipo, ou seja, marcadas pela multiplicidade e não pelas oposições binárias.

O eixo central em torno do qual se constrói o trabalho aqui desenvolvido é tentar mostrar que os territórios tão almejados por Deleuze e Guattari se encontram presentes dentro da própria psicanálise. No pensamento de Winnicott, localizamos não apenas interseções que fazem dialogar de modo profícuo filosofia e psicanálise, mas também uma forma de pensamento avessa a fidelidades teóricas que enclausuram o pensamento em torno de sistemas que se pretendam universalizantes. É nesse sentido que Winnicott se insere no que ficou conhecido como *middle group*, um grupo cuja marca era a não adesão às disputas teóricas na psicanálise inglesa entre os seguidores de Melanie Klein e Anna Freud, os Capuleto e Montéquio do campo psicanalítico. Ao contrário, Winnicott era um forte crítico do dogmatismo que reduzia a inventividade do pensamento, limitando-o a orbitar em torno da doutrina de outrem. Detentor de um pensamento genuíno, imprimirá sua marca na psicanálise ao descartar conceitos que se mostravam pouco relevantes a partir daquilo que constatava em sua experiência clínica.

A experiência é o principal ponto de referência deste pediatra/psicanalista, cujo pensamento se erige a partir do fazer clínico. É partindo dessa perspectiva que suas reflexões privilegiarão uma compreensão da subjetividade com base nos encontros travados pelo indivíduo com o mundo desde sua primeira infância. Isso implica, como veremos, uma mudança paradigmática em relação à psicanálise ortodoxa, na medida em que o centro de gravidade sobre o qual são construídas suas formulações teóricas deixam de ser as relações triangulares, passando a se

concentrar na relação diádica entre mãe e bebê. É a partir dessa virada teórica imprimida por Winnicott no campo da psicanálise que perdem espaço conceitos como a pulsão de morte, o complexo de Édipo e a interpretação, principais ferramentas da atividade clínica. Entram em cena agora uma nova apreciação da agressividade, da criatividade e do cuidado, enquanto elementos norteadores da relação paciente/analista.

O pensamento de Winnicott não era ignorado por Deleuze (e tampouco por Guattari). Isso fica patente na presença (ainda que não nomeada) da noção winnicottiana de objeto transicional na obra *Diferença e Repetição* e na obra tardia de Guattari *Caosmose*, onde a transicionalidade também se faz presente. Mas, embora a abordagem winnicottiana da subjetividade tenha sido suficiente para que Deleuze rendesse homenagem ao psicanalista em *Pensamento nômade*, aparentemente algo do paradigma winnicottiano parece ter escapado ao filósofo, que reduz a diversidade da babel psicanalítica às teorias de Freud, Melanie Klein e Jacques Lacan. Do mesmo modo, é de tais referências que parte a interdição do diálogo com o campo psicanalítico anunciada já no início de *Mil Platôs*.

Ao contrário, entendendo que existem “n” psicanálises, nosso trabalho é um esforço de diferenciação que permita situar o paradigma winnicottiano como uma construção teórica que escapa da órbita das teorias psicanalíticas tradicionais. Assim, partindo da retomada das principais críticas construídas por Deleuze à psicanálise ortodoxa, procuramos mostrar como o pensamento de Winnicott está em sintonia com a abordagem deleuziana, ao se diferenciar do paradigma edipiano. Visando sistematizar o processo de diferenciação ora proposto, organizamos nosso trabalho em três capítulos principais, nos quais situamos Deleuze frente à psicanálise tradicional, para, em seguida, dentro de cada eixo abordado, determinar em que medida pode ser construída uma aproximação entre Deleuze e Winnicott, que restabeleça o diálogo entre filosofia e psicanálise outrora interrompido.

No primeiro capítulo, retomamos a discussão deleuziana em torno do sado-masiquismo a partir da obra *Vênus das peles*, do romancista austríaco Sacher Masoch. Tendo em vista que a literatura de Masoch é a porta de entrada de Deleuze no universo psicanalítico, pareceu-nos relevante delinear de que forma se estabelece o primeiro diálogo do filósofo com a teoria freudiana. Como veremos, a interlocução com a psicanálise a partir de Masoch se dá em três momentos distintos do

pensamento de Deleuze, cada qual dotado de características singulares. O artigo de 1961 *De Sacher Masoch ao masoquismo* introduz a crítica à redução do masoquismo ao sadismo, tendo como base uma articulação entre a dinâmica dos personagens do romancista austríaco e a psicologia analítica de Carl Gustav Jung. Nesta primeira incursão, encontramos um Deleuze que ainda procura se situar no campo psicanalítico, desempenhando a figura de Freud apenas o papel de coadjuvante.

Seis anos mais tarde, na obra *Apresentação de Sacher Masoch*, Deleuze transita com mais segurança no campo psicanalítico, retomando e aprofundando as teses desenvolvidas em seu trabalho anterior. Chama atenção que o pensamento de Jung, anteriormente saudado como índice de uma leitura potente do masoquismo, agora cede espaço a uma releitura do segundo dualismo pulsional freudiano. Inicia-se aqui a abordagem deleuziana da noção de pulsão de morte, que atravessará o conjunto de sua obra, se fazendo presente, inclusive, em sua parceria com Guattari. Encerrando o debate em torno da questão, em 1989 é publicado o artigo *Reapresentação de Masoch*, onde percebem-se os efeitos da interdição do diálogo com a psicanálise a partir da recusa categórica da noção de pulsão de morte.

Esses três momentos serão retomados ao longo de nosso trabalho de modo a determinar a forma como Deleuze passa de uma aproximação cautelosa à recepção das ideias freudianas e, finalmente, à sua total recusa. Cumprido o trajeto exposto, nos debruçaremos sobre o pensamento winnicottiano, evidenciando como, a partir deste paradigma psicanalítico, é possível realizar uma releitura do masoquismo que promova sua despatologização⁵. Para tanto, analisaremos de que modo o psicanalista situa sua teoria da agressividade em contraposição ao conceito de pulsão de morte freudiano, e o modo como tal teoria pode ser aplicada à dinâmica amorosa retratada nos personagens de Masoch. Nossa hipótese é que, embora Winnicott não tenha voltado suas análises para as relações amorosas adultas, seu arcabouço conceitual abre espaço para uma apreciação da dinâmica masoquista que

⁵ A despeito de propormos uma leitura não patologizante do masoquismo, optamos por manter a utilização do termo em nosso trabalho. Embora sua manutenção conduza a uma aparente contradição, como veremos, embora nosso texto conduza a uma nova apreciação da dinâmica “masoquista” na vida erótica, isso não exclui a possibilidade de vivências que se aproximem daquilo que poderia ser considerado patológico. Portanto, visando evitar a adoção de um termo que apontasse para a saúde e outro para a doença, mantivemos apenas “masoquismo” e “masoquista”. Quando nos referimos ao universo literário de Sacher Masoch, adotamos o termo “masoquiano”. Ainda que isso pareça conduzir a uma aparente contradição, tal simplificação nos exige a adoção de uma terminologia que poderia prejudicar a inteligibilidade e fluidez do texto.

permite caracterizá-la como uma manifestação do gesto espontâneo criativo na vida erótica. Com isso não pretendemos negar a possibilidade de configurações patológicas, mas sim lançar luz sobre o que consideramos uma leitura moralizante das relações masoquistas.

No segundo capítulo, nos dedicaremos a uma análise crítica da retomada empreendida por Deleuze e Guattari do complexo de Édipo. Visando preparar o terreno para tal tarefa, mostraremos que não há uma unidade, no pensamento de Freud, daquilo que ele chama de complexo nuclear das neuroses. Para demonstrar tal tese, iniciamos por uma reconstrução genealógica do conceito, de modo a melhor evidenciar as mudanças por ele sofridas na obra de Freud e com isso solidificar a compreensão de que a psicanálise não pode ser resumida a uma teoria única ou a um conjunto de conceitos imutáveis. Esse procedimento permitirá não apenas colocar em evidência os elementos sobre os quais Deleuze lança suas críticas em sua parceria com Guattari, mas também trazer à baila as suas limitações, haja vista que tais críticas se constroem sobre uma generalização apressada, que falaciosamente reúne sob o termo psicanálise a multiplicidade de ideias presentes no campo psicanalítico. Portanto, em certa medida, os autores de *O anti-Édipo* são vitimizados pela mesma operação de redução das multiplicidades que localizam na psicanálise, perdendo de vista que mesmo a teoria psicanalítica se distribui de forma rizomática.

Visando demonstrar tais limitações, retomamos a teoria do amadurecimento pessoal de Winnicott, que constitui justamente o exemplo de psicanálise anedipiana tão almejado por Deleuze e Guattari. Assim, veremos que Deleuze se equivoca em sua compreensão de que Klein seria o melhor exemplo de afastamento da mitologia edipiana, ainda que, a despeito de sua genialidade, ela tenha permanecido refém do conceito freudiano. Avançando para além das fronteiras e da fidelidade teórica de Klein para com Freud, veremos também como Winnicott desloca toda a problemática da produção de subjetividade e dos males que se abatem sobre ela. No lugar das relações triangulares enquanto elemento fundante da subjetividade, mostraremos como Winnicott privilegia a constituição individual a partir do primeiro contato da criança com o ambiente, qual seja, o corpo da mãe. Com isso retiramos a construção do sujeito de um referencial que o vincula às coordenadas edipianas transcendentais e passamos a compreendê-lo a partir da imanência.

Finalmente, no terceiro capítulo, tomando como ponto de partida a recusa à compreensão da subjetividade a partir do paradigma edipiano, refletiremos sobre a ferramenta clínica mais adequada ao tratamento dos mal estares individuais. Para tanto, iniciaremos pela compreensão em torno do modo como a subjetividade se produz, em consonância com as variáveis sociopolíticas que exprimem o espírito de cada época. Isso significa determinar em que medida a compreensão freudiana resulta de um contexto próprio da modernidade, deixando de adequar-se à compreensão de um indivíduo que, na pós-modernidade, responde a um novo conjunto de questões impostas pela mutação da família nas novas configurações do capitalismo. Em outras palavras, delinearemos de que forma a psicanálise freudiana é gestada visando dar conta de um modelo de indivíduo que não mais existirá na pós-modernidade.

Nesse sentido, transitaremos entre os modos como o ser humano se constitui desde o que Michel Foucault chamou de a sociedade disciplinar, momento de nascimento da psicanálise, passando pela sociedade de controle tematizada por Deleuze e, indo além, procurando vislumbrar um fazer clínico que se adeque ao sujeito do desempenho que habita a atual sociedade do cansaço tematizada pelo filósofo sul-coreano Byung-Chul Han. Compreendida a mutação ocorrida nos seres humanos como resultado não apenas das mudanças do capitalismo, mas também dos desafios colocados pelas novas tecnologias, veremos que a interpretação (*Deutung*), enquanto principal ferramenta do fazer clínico da psicanálise tradicional, se mostra insuficiente para a abordagem dos males que se abatem sobre os indivíduos na contemporaneidade. Aqui veremos como Winnicott “responde” às críticas colocadas por Deleuze e Guattari à interpretação tradicional, acusada de submeter e reduzir o que há de singular no ser humano à órbita familiar. Conforme veremos, a interpretação no paradigma winnicottiano cede espaço ao cuidado, procurando reproduzir no ambiente clínico (*setting*) a mesma sustentação e manejo pressupostos naquilo que o psicanalista denominará cuidado materno primário. Nesse sentido, evidenciaremos como o fazer clínico do psicanalista se coaduna com a proposta esquizoanalítica de uma clínica da experimentação, na qual o analista deixa de ocupar o papel de detentor de uma verdade escondida que aguarda o momento de revelação, e passa a atuar como facilitador de um processo em que auxiliará o paciente na construção de novas coordenadas que permitam lidar com a ruptura sintomática.

Findado o trajeto proposto, mostraremos em nossas considerações finais como, partindo da unidade dos três eixos propostos, Deleuze e Winnicott encontram-se em franco diálogo, tendo como horizonte comum uma psicanálise fundada no cuidado e nos encontros vividos na imanência. É a partir da experiência humana em seu devir próprio que concluiremos o restabelecimento da ponte entre filosofia e psicanálise. Na figura de Winnicott localizaremos a arte dos acontecimentos e a ciência das superfícies outrora buscadas por Deleuze na figura de Freud.

2

Crítica e clínica do masoquismo: agenciamentos entre filosofia, literatura e psicanálise

Para que serve a literatura?⁶ É imbuído de inspiração sartriana que Deleuze dirige tal questionamento ao leitor, confrontando-o logo na primeira linha de sua *Apresentação de Sacher Masoch*, obra de 1967, em que busca reabilitar o nome de Masoch, desfazendo aquilo que considera ser uma injustiça: o esquecimento do valor literário do autor austríaco, cujo nome passa a ser lembrado somente em referência à perversão que recebe sua alcunha.

Não é fortuito que Deleuze tenha dirigido tal questão ao leitor logo no início dessa obra. Sabe-se que, desde o início da década de 60, o filósofo se dedica a um projeto que tem por objetivo analisar as relações entre crítica e clínica por meio da abordagem de autores que se encontram fora do cânone da história da filosofia⁷. O empreendimento iniciado ali testemunha o princípio daquilo que será uma das marcas do conjunto da obra deleuziana, qual seja, o constante diálogo com a literatura. A interlocução com outras áreas do conhecimento perpassa os trabalhos do filósofo e, no que tange à literatura, isso se evidencia nos escritos dedicados a Sacher-Masoch, Proust e Kafka; e na mobilização de nomes como Carrol, Beckett, Melville, Tournier e Klossowski ao longo de artigos e do restante de sua produção.

Nesse contexto, a literatura de Masoch ocupa lugar de destaque, pois não apenas representa sua primeira incursão no campo literário, mas também inaugura o debate de Deleuze com a psicanálise. Como veremos, o trabalho de 1967 a que nos referimos anteriormente traz na letra do texto a primeira formulação da intenção de unir crítica literária e clínica psiquiátrica no intuito de desmontar um “monstro semiológico”: a entidade sadomasoquista. Porém, esta obra é o resultado do aprofundamento de um debate que se inicia seis anos antes, no artigo *De Sacher Masoch ao Masoquismo*⁸, no qual se faz presente, ainda que nas entrelinhas, o projeto deleuziano de articulação entre crítica e clínica. Embora se trate de um artigo curto

⁶ DELEUZE, G. *Apresentação de Sacher Masoch*. Rio de Janeiro: Taurus, 1983, p. 17.

⁷ DOSSE, F. *Gilles Deleuze & Félix Guattari: biografia cruzada*. Porto Alegre: Artmed, 2010, p.105

⁸ DELEUZE, G. De Sacher Masoch ao masoquismo. In *Cartas e outros textos*. São Paulo: n-1, 2018.

cujas ideias se apresentarão de modo mais bem acabado e desenvolvido na obra dedicada a Masoch, o mesmo pode ser considerado seminal, na medida em que lança luz sobre um relacionamento ambíguo com a psicanálise. Primeiro passo na construção de uma teoria do inconsciente, o referido trabalho constitui também uma abordagem da sexualidade que ecoará em momentos posteriores da filosofia deleuziana.

Embora o objetivo dos dois trabalhos sobre Masoch seja o mesmo, os nomes mobilizados por Deleuze em sua crítica à noção de sadomasoquismo diferem, o que implica uma mudança no que diz respeito à abordagem da psicanálise pelo filósofo. Embora compartilhem o mesmo pano de fundo de um projeto de crítica e clínica, em 61 as figuras do psiquiatra Theodor Reik e de Jung ganham os holofotes, ao passo que, em 67, Reik é relegado ao segundo plano e o nome de Jung é elidido. Ganha destaque agora o nome de Freud, com o qual Deleuze dialoga promovendo não apenas uma desconstrução da noção de sadomasoquismo a partir da obra do psicanalista, mas também uma reinterpretação de sua teoria das pulsões.

A potência da literatura e os desafios colocados pelas ideias de Masoch ficam patentes na retomada da temática do masoquismo em momentos posteriores do pensamento deleuziano, especialmente em um terceiro texto nomeado *Reapresentação de Masoch*, publicado originalmente em 1989 no *Libération* e republicado em 1993 como parte integrante de *Crítica e Clínica*. A pergunta que se coloca naturalmente àqueles que se debruçam sobre as obras de Deleuze é: por que reapresentar Masoch? Sabemos, a partir das palavras do próprio filósofo⁹, que *Apresentação de Sacher Masoch* atingiu um de seus principais objetivos ao ser lançado, pois, partindo da literatura, trouxe à baila a importância das relações contratuais para o universo masoquista, elemento crucial que fora deixado de lado das abordagens clínicas, além de deixar evidente a irredutibilidade do masoquismo ao sadismo¹⁰. Sendo assim, quais elementos explicariam a necessidade de retomar um debate encerrado ao menos duas décadas antes? Os questionamentos ora colocados são guiados pela tentativa de compreender em que medida esse diálogo coloca um

⁹ DOSSE, F. *Gilles Deleuze & Félix Guattari: biografia cruzada*. Porto Alegre: Artmed, 2010, p.105.

¹⁰ LAPLANCHE, J. *Problemáticas I: a angústia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 280.

novo conjunto de problemas que impõem a necessidade de retomar a temática masoquista.

Tomando como ponto de partida a ponte entre literatura e psicanálise construída por meio da obra de Masoch, e a compreensão dos efeitos da parceria com Guattari, o que propomos aqui é uma espécie de cartografia que delineie o modo como Deleuze “nomadicamente” desloca e modifica as coordenadas de sua interlocução com a psicanálise e literatura. No campo da literatura, o filósofo alça voos que o conduzem a diferentes diagnósticos da cultura, indo da Europa à América, da interpretação à experimentação, mas sempre tendo a vida como horizonte; no campo da psicanálise seu pensamento não é menos errante, transitando da crítica ao elogio, do diálogo conciliador ao abandono e recusa definitiva. Seria possível divisar para além das paisagens desenhadas em *Mil Platôs* territórios que revitalizem a relação de Deleuze com a psicanálise?

Visando conferir um caráter mais sistemático à nossa exposição, abordaremos em ordem cronológica os três textos dedicados à temática do masoquismo, evidenciando as diferentes estratégias adotadas na articulação entre filosofia, literatura e psicanálise. Conforme veremos, embora explorem a mesma temática, os textos em questão são carregados de nuances próprias ao contexto em que foram escritos e respondem a problemas específicos na construção do pensamento do filósofo. Nesse processo, perceberemos como crítica, clínica e psicanálise se encontram mutuamente imbricadas, e ressaltaremos as repercussões de uma área sobre a outra.

Finalmente, mapeados os contornos da relação de Deleuze com a psicanálise, refletiremos acerca dos limites e possibilidades de articulação da psicanálise winnicottiana com a reconfiguração da abordagem literária e psicanalítica presente no último texto dedicado à obra de Masoch. Seria possível afirmar que, assim como Jung foi no passado, Winnicott poderia se apresentar como um interlocutor potente, representante de uma “língua menor” dentro do campo psicanalítico? Defendemos que sim. Visando dar corpo a essa proposta, estabeleceremos uma ponte entre Deleuze e Winnicott a partir de dois eixos principais: a) a crítica promovida pelo psicanalista ao conceito de pulsão de morte, que o conduz à elaboração de uma teoria da agressividade independente do cânone freudiano; e b) uma releitura da dinâmica masoquista presente em *A Vênus das peles* à luz da teoria do amadurecimento

individual presente na obra de Winnicott. Partindo da articulação dos dois eixos citados com a obra de Deleuze, procuraremos evidenciar como uma leitura conjunta dos autores em questão permite colocar em xeque a visão tradicional acerca das perversões.

2.1.

Deleuze e a abordagem inicial do masoquismo: primeiras experimentações no campo analítico

Como exposto anteriormente, o artigo *De Sacher Masoch ao masoquismo* (1961) representa o primeiro texto de Deleuze dedicado não apenas à literatura, mas também ao debate com a psicanálise¹¹. O mesmo foi escrito a convite da revista *Arguments* para compor um número temático dedicado ao amor, que contava com diversas contribuições sobre a obra de Sade¹², mas nenhuma sobre Sacher Masoch¹³. Embora o conteúdo do artigo tenha sido retomado de modo mais aprofundado no trabalho de 1967 dedicado a *Vênus das Peles* de Masoch (o que, especulamos, talvez tenha justificado sua exclusão de uma coletânea como *A ilha deserta*), o mesmo deve ser considerado em suas especificidades. Se a tentativa de restituir o valor da obra de Masoch, por meio da articulação entre crítica e clínica, é uma constante que atravessa as três abordagens deleuzianas sobre o tema, o mesmo não se dá com as estratégias adotadas em cada uma delas.

Conforme sublinhado por Kerslake¹⁴, o artigo de 1961 é de suma importância para a compreensão de como se dá a idiossincrática relação de Deleuze com a psicanálise, dado que, neste primeiro momento, ali podemos localizar uma teoria do inconsciente alinhada com a analítica junguiana e contrária a Freud. Tendo em vista que os principais fatores que distinguem o artigo em questão do trabalho

¹¹ Embora se trate da primeira abordagem da psicanálise por Deleuze em um artigo, a mesma já era objeto das aulas de Deleuze nos liceus de Orleans e Paris na primeira metade da década de 1950, onde o filósofo aborda não apenas o pensamento de Lacan, mas também o tema da sexualidade a partir do pensamento de Freud. DOSSE (p.92-94).

¹² A obra de Sade é objeto de um crescente número de estudos desde a década de de 1930, contando com análises de nomes como Klossowski, Blanchot, Simone de Beauvoir, Bataille, Lacan, Foucault e Barthes.

¹³ DOSSE, F. *Gilles Deleuze & Félix Guattari: biografia cruzada*. Porto Alegre: Artmed, 2010, p105.

¹⁴ KERSLAKE, C. *Insects and Incest: From Bergson and Jung to Deleuze*. Multitudes 25: Eté 2006. Disponível em: <https://www.multitudes.net/category/1-edition-papier-en-ligne/multitudes-25-ete-2006-en/>.

posterior são o apelo ao pensamento de Jung e a abordagem reikiana do masoquismo, focaremos nossa análise em tais pontos. Para tanto, passaremos pelas concepções junguianas de inconsciente, instinto e arquétipo, dando especial atenção àquilo que Jung denomina *anima* (o aspecto feminino inconsciente presente em todo homem). Tal estratégia visa conferir maior inteligibilidade à crítica de Deleuze, além de compreender quais filiações de Jung teriam influenciado o filósofo francês a adotar tal posicionamento teórico. Os demais pontos abordados neste primeiro artigo serão retomados oportunamente, quando analisarmos a obra seguinte, na qual as considerações estéticas sobre Sade e Masoch se encontram apresentadas de modo mais amadurecido e profundo.

Deleuze é bem objetivo ao apontar desde o princípio como, através de Krafft-Ebing e sua obra *Psychopathia sexualis*, se dá a passagem de Sacher-Masoch ao masoquismo. Tal passagem seria o resultado de uma etiologia inexata, erro ocasionado por uma sintomatologia apressada. Embora Krafft-Ebing afirme¹⁵ que nomeia a perversão partindo do substrato dos escritos de Masoch, Deleuze defenderá que nem o sexólogo e tampouco Freud, como veremos oportunamente, tiveram contato com os trabalhos do autor austríaco. A estes clínicos o filósofo dirige uma censura por não terem ouvido a voz de Masoch por meio de seu texto, pois isto já seria suficiente para evidenciar o caráter central das relações contratuais para o universo masoquista e, por conseguinte, a irreducibilidade do masoquismo ao sadismo.

A escolha por nomear a perversão em pauta com o nome do escritor austríaco se dá a partir da recusa¹⁶ de Krafft-Ebing em utilizar o termo genérico *algolagnia*¹⁷, termo que ao mesmo tempo limitaria a perversão a uma cultura relacionada à dor e remeteria todos os casos de *algolagnia* não apenas ao masoquismo, mas também ao sadismo, de modo indiferenciado. O sexólogo, embora tenha observado tais nuances, não confere a elas suficiente importância, e por isso não avança em tal questão. É deste referencial que Deleuze parte para criticar as leituras correntes

¹⁵ “Sinto que é pertinente chamar de ‘masoquismo’ essa anomalia sexual porque o autor Sacher-Masoch fez dessa perversão, que até o seu tempo era desconhecida do mundo científico como tal, a base de seus textos”. KRAFFT-EBBING, R. *Psychopathia sexualis*. Londres: William Heinemann, 1939, p.132

¹⁶ SAUVAGNARGUES, A. *Deleuze and art*. Londres: Bloomsbury, 2013. p.194 (nota 9).

¹⁷ Do grego *algos*, que designa dor, e *lagneia*, que significa prazer, a noção de *algolagnia* foi cunhada pelo psicopatologista alemão Albert von Schrenck-Notzing. Embora o termo tenha sido utilizado para designar a excitação com a dor, o médico alemão não fez distinção entre sadismo e masoquismo, termos que surgiram somente mais tarde com Krafft-Ebbing.

sobre o masoquismo, ao considerar que este deve ser compreendido à luz de seus aspectos formais e não a partir de um suposto conteúdo dolorífero¹⁸. A intenção de Deleuze de estabelecer uma ponte entre crítica e clínica, embora não explicitamente dada na letra do texto, fica evidente na evocação das diferenças e singularidades formais características às obras de Sade e Masoch. Discordando do paralelismo entre sadismo e masoquismo apontado por Krafft-Ebing¹⁹, o filósofo afirma que uma visita às suas obras seria suficiente para dirimir os equívocos que conduziram à unidade sadomasoquista, evidenciando assim a “impossibilidade de um encontro”²⁰.

Cabe a Reik, ao contrário de Freud, o mérito de ter abordado o masoquismo partindo da percepção da importância do papel da fantasia no universo masoquista; do “adestramento” que o “escravo” promove em relação à mulher amada; e do modo peculiar com que aquele se relaciona com o prazer, procurando sempre adiá-lo. Aqui encontramos uma indicação daquilo que surgirá em momento posterior da obra de Deleuze como uma crítica à noção freudiana de prazer²¹. Nesta primeira abordagem, a apreciação do elemento suspensivo enquanto marca distintiva do masoquismo cede espaço à relação estabelecida pelo masoquista entre lei e prazer, qual seja, o modo como o “escravo”, por meio da legalidade contratual, obtém o prazer que lhe é negado.

A literatura de Masoch evidencia que, ao contrário das análises correntes, o masoquista é apenas aparentemente submisso, pois toma a lei em suas mãos e educa a senhora para que esta realize seus desejos. Apesar disso, o tratamento dado por Reik ao tema não é livre de problemas, porque se, por um lado, o discípulo avança na consideração de aspectos que passaram despercebidos na análise freudiana, por outro, acompanha o mestre em dois aspectos cruciais que são deixados ausentes do debate: a consideração do elemento contratual e o papel central desempenhado pela figura materna. Como sublinha Reik, por trás do masoquista se encontra um

¹⁸ Conforme veremos neste trabalho, a abordagem freudiana do referido tema não é livre de ambiguidades, apresentando ao longo do tempo algumas revisões.

¹⁹ KRAFFT-EBBING, R. op. cit., p. 213

²⁰ DELEUZE, G. De Sacher-Masoch ao masoquismo. In: *Cartas e outros textos*. São Paulo: n-1, 2018, p. 170.

²¹ Em momentos posteriores de sua obra, Deleuze criticará a noção freudiana de prazer, em que ele é apresentado como uma simples descarga energética. O filósofo chamará atenção para o caráter empobrecedor dessa noção, salientando que ela não dá espaço à ideia do prazer como busca, tensão, procura.

“revolucionário da auto submissão”²², pois, ao se submeter, este lobo em pele de cordeiro desafia e zomba da lei paterna. O erro de Reik foi não ter percebido que o masoquista se rebela duplamente. A autoridade do patriarcado se vê duplamente desafiada e ironizada na fantasia masoquista, não apenas quando este busca prazer naquilo que a sociedade lhe nega, mas também *conferindo* à mulher o poder para castigar. Se Reik perde este último elemento de vista é porque, assim como Freud, é vitimado por aquilo que Deleuze considera uma inflação excessiva da figura do pai. Como veremos, um olhar superficial sobre o masoquismo conduz à armadilha de julgar como proeminentes características como devoção, submissão, dependência e gentileza. Tais características existem, mas apenas na medida em que escondem um ego que procura se impor fazendo valer a sua vontade.

Como evidenciado na articulação entre a literatura masoquiana, a antropologia de Bachofen e a analítica junguiana, por meio do contrato, a lei paterna é “sequestrada” e dada à mãe, figura que dará à luz a um novo homem, restituindo uma ordem anterior. Tamanha é a importância do elemento contratual para uma adequada compreensão do masoquismo que Deleuze considera relevante inserir na forma de apêndice de sua obra dois contratos celebrados por Masoch: o primeiro com Fanny Pistor e o segundo com Wanda de Dunaiew, a fonte de inspiração utilizada pelo romancista na composição de sua *Vênus das Peles*²³. Vejamos como a dinâmica contratual se dá no movimento da obra.

O juridicismo de Masoch aparece emoldurado em *A Vênus das peles* em dois movimentos distintos. No primeiro, um contrato informal é firmado entre os personagens, estabelecendo que estes não se separariam, que Severin deixaria de lado seu nome (passando a se chamar Gregor) e que Wanda sempre se apresentaria trajando peles durante as sessões de tortura. O abandono da verdadeira identidade do protagonista que dá lugar à figura de Gregor surge como condição necessária para a reificação e desumanização característica do masoquismo. Sempre que Wanda demonstra preocupação ou culpa, isso se dá em relação a Severin e não a

²² REIK, T. *Masochism in modern man*. New York: Groove Press, 1941, p. 156.

²³ O apêndice em questão se soma a outros dois: um em que Masoch relata lembranças de infância e outro intitulado “Aventura com Luís II”. Tais apêndices encontram-se presentes na tradução de 1983 da Editora Taurus que utilizamos aqui. A obra foi relançada em 2009 pela Editora Zahar, porém sem os anexos citados.

Gregor, que é a representação do escravo coisificado e desprovido de qualquer humanidade.

Avançado o romance, “ensaiada” a cena e determinados os papéis a serem cumpridos, a informalidade contratual acordada inicialmente dá lugar a um documento formal que estabelece as condições em que se daria a relação. Nele, o *alter ego* de Masoch se compromete a renunciar todos os seus direitos, se tornando propriedade de Wanda, a qual poderia maltratá-lo de acordo com seus caprichos, conforme lhe aprouvesse. O derradeiro golpe no indivíduo que deixará de ser Severin é entregar todo seu dinheiro e documentos, abandonando completamente sua identidade progressa. A figura paterna é colocada em xeque desde os primeiros momentos desta nova relação, pois a dependência financeira de Severin em relação ao pai seria um fator limitador para que a mesma se concretizasse. Assim, renegando a autoridade paterna, o herói de Masoch se coloca a mercê da autoridade feminina, tornando-se dependente dela em todos os sentidos. Aqui é dado o primeiro golpe na figura do pai.

O que fica patente desde então é que na dinâmica masoquista o elemento cênico é inseparável do aspecto contratual. Não se trata da simples satisfação com a dor. O liame que une prazer e dor tem como aspecto imprescindível uma encenação que eleve a mulher à condição de déspota e reduza o homem à condição de “escravo”. Nesta representação cênica cujos papéis são firmados via contrato, as peles aparecem como o elemento que anuncia o coroamento da natureza e de suas forças vitais, onde esta se vê encarnada na divindade da “mulher carrasco”. O devir-animal atravessa a obra de Masoch, não apenas na zona de indiscernibilidade entre mulher e animal em seu papel de dominadora, mas também na vizinhança entre homem e animal enquanto elemento dominado (cavalo, cão ou boi, animais com os quais Gregor se confunde no desenrolar da obra). Paradoxalmente, conforme veremos, a psicanálise perde de vista que, ao contrário do que a cena masoquista mostra, é o homem que adentra a “senhora” submetendo-a à sua vontade. Segundo Deleuze, isso se dá, pois “a psicanálise sempre ignorou a relação do homem com o animal, pois via nisso figuras edípicas demasiado humanas. [...] Os personagens de Masoch

não imitam o animal, atingem zonas de indeterminação [...] O romance inteiro tornou-se romance de adestramento, último avatar do romance de formação”²⁴.

Tendo em vista a compreensão do contrato masoquista, Deleuze reivindica o apelo àquilo que considera “estranhas perspectivas históricas”²⁵. O filósofo localiza – ainda que de modo simplificado –, em mais de um momento da literatura de Masoch, aquilo que considera uma evidente retomada das ideias do antropólogo suíço Bachofen. Apesar da possível aproximação entre os dois autores, é importante salientar o caráter problemático da afirmação de Deleuze – e de comentadores como Kerslake²⁶ – sobre a inegabilidade de tal influência. Em sua biografia sobre Masoch, Bernard Michel não endossa tal visão e é taxativo ao afirmar a inexistência de quaisquer menções a Bachofen na obra masoquiana. Por outro lado, Michel localiza constantes referências a outros escritores contemporâneos do autor austríaco, o que evidencia que ele ou não leu Bachofen “ou que, se leu, não achou interesse”²⁷. Embora a referida biografia tenha sido escrita apenas em 1989, mais de duas décadas após *De Sacher -Masoch ao masoquismo e Apresentação de Sacher-Masoch*, Deleuze entra em contato com a obra de Michel em 1989, e é a partir de sua apreciação que escreve *Reapresentação de Masoch*, publicada inicialmente no *Libération*. Apesar disso, como veremos oportunamente, tal questão se encontra elidida deste texto, dando lugar a uma nova problemática. A defesa da influência de Bachofen para reclamar uma suposta revalorização do feminino também não deixa de ser problemática, pois, conforme veremos, se mostra incompatível com a crítica à abordagem freudiana do masoquismo defendida por Deleuze em seu texto.

Partindo do trabalho de Bachofen, o qual afirma que o desenvolvimento da humanidade se deu a partir de três etapas sucessivas (o comunismo primitivo, a ginecocracia e o patriarcado), Deleuze traça um paralelo entre ele e Masoch. Não apenas a *Vênus*, mas também outros trabalhos de Masoch trariam como marca a tentativa de restituição de uma ordem anterior, marcada pelo predomínio da lei materna. A aliança com Jung se faz evidente nesta estranha perspectiva adotada por

²⁴ DELEUZE, G. Reapresentação de Masoch. In: DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011, p. 73.

²⁵ DELEUZE, G. De Sacher-Masoch ao masoquismo. In: *Cartas e outros textos*. São Paulo: n-1, 2018, p.172.

²⁶ KERSLAKE, C. *Deleuze and the unconscious*. London: Continuum, 2007. p. 77.

²⁷ *apud* PIERAGGI, A. Leopold Sacher-Masoch. In: LECLERQ, S (org.). *Aux sources de la pensée de Gilles Deleuze*. Paris: Sils Maria, 2005.

Deleuze, pois embora as teses do antropólogo suíço tenham caído em descrédito na segunda metade do século XIX, as mesmas terão papel fundamental na construção da analítica junguiana. A causa da baixa receptividade das teses de Bachofen ocorre em virtude de uma construção teórica que lança mão de modo indistinto de evidências históricas, elementos simbólicos e mitos. Em sua construção da história da humanidade os mitos adquirem um novo significado, deixando de designar apenas um elemento fantasioso ou uma fase pré-lógica do pensamento para assinalar o registro autêntico de uma era primordial²⁸.

Tais elementos nos permitem relativizar a estranheza causada pela escolha de Deleuze, pois a retomada das teses de Bachofen pelo filósofo se dá não num sentido histórico, mas acompanhando o modo como se dá a redescoberta²⁹ do pensamento do antropólogo por Jung. Em seu trabalho o psiquiatra toma os estudos de Bachofen a partir de um ângulo diferente, sob uma perspectiva psicológica, abordando o feminino e o modo como padrões primordiais se repetem a despeito de diferenças culturais. Assim como Jung, Nietzsche também retoma Bachofen³⁰ e vai além em sua abordagem do contraste entre matriarcado e patriarcado, sendo a primazia do primeiro sobre o segundo tratada pelo filósofo a partir da oposição entre dionisíaco e apolíneo. Em sua principal obra, o antropólogo suíço traça um paralelo entre o feminino e Dionísio³¹, divindade cuja metamorfose e embriaguez ele opõe à serenidade e luminosidade de Apolo. Ao contrário de Bachofen, em *O nascimento da tragédia* Nietzsche refere-se aos elementos apolíneo e dionisíaco como forças opostas que se complementam. É com base na compreensão nietzscheana das forças que se encontram por trás da “humanidade civilizada” que Jung irá partir para compor algumas de suas imagens arquetípicas.

Portanto, a teoria dos arquétipos, da qual Deleuze lança mão em sua análise da obra de Masoch, é construída por Jung a partir de referenciais da antropologia

²⁸ BACHOFEN, J. J. *Myth, religion and mother right: selected writings of J. J. Bachofen*. Princeton: Princeton University, 1992, p.72.

²⁹ JUNG, C. *Psychology and literature*. In *Collected Works*, Vol.15. Princeton: Princeton University Press, 1971. p.84.

³⁰ ROSSI, Annunziata. J.J. *Bachofen y el retorno de las madres*. *Acta Poetica* 30(1), 2009, 275-293. Disponível em: <http://www.revistas.unam.mx/index.php/rap/article/view/23140>, acesso em 12 de outubro de 2020.

³¹ Tal paralelo guarda aproximação com a caracterização de Wanda, a heroína de Masoch, como uma encarnação de Dionísio na forma de mulher. SACHER-MASOCH, L. *A Vênus das peles*. Rio de Janeiro: Hedra, 2008, p.32.

de Bachofen e da filosofia de Nietzsche. A abertura do diálogo com Jung se dá justamente a partir daquilo que Deleuze afirma ser um recalçamento da *anima* diante do domínio do patriarcado. Obras como *A vênus das peles*, *Sabbathai Sweg* e *A czarina negra* evidenciariam a tentativa de restituição de uma ordem em que a figura feminina ocupava lugar central. A Freud e à psicanálise cabem a censura por se verem vítimas de uma inflação da figura paterna³², o que impede que percebam aquilo que realmente está em jogo com o masoquismo: a figura da mãe.

A reflexão deleuziana sobre a sexualidade e a elaboração teórica sobre o masoquismo presente no primeiro artigo carrega a marca do pensamento de Jung, na medida em que toma como fio condutor a fantasia masculina do incesto, não num sentido freudiano, mas acompanhando um simbolismo junguiano³³. A importância conferida por Jung aos símbolos e mitos é um dos índices que conferem inteligibilidade à filiação de Deleuze nesta primeira ponte entre filosofia, literatura e psicanálise. É nesse sentido que noções como *anima* e *animus* são mobilizadas do pensamento de Jung tendo em vista uma melhor compreensão da dinâmica masoquista, a qual é alvo de confusões quando abordada por Freud e por grande parte da tradição clínica. A insuficiência da psicanálise freudiana no que tange à temática em tela é evidenciada a partir dos aspectos distintivos existentes entre as abordagens teóricas dos dois autores. É a partir destes elementos de cisão teórica que Deleuze reabilita a literatura de Masoch e confere positividade à figura do herói masoquiano.

Uma compreensão adequada daquilo que está em jogo na relação entre “escravo” e mulher-carrasco passa pela apreciação daquilo que se encontra para além das camadas superficiais do inconsciente. Este, na concepção junguiana e segundo o resgate promovido por Deleuze, mais do que simplesmente desejar (conforme postulado por Freud), é problematizador. A compreensão do inconsciente a partir de Jung permite não apenas diferenciar sua teoria da metapsicologia freudiana, mas, a partir de suas influências, justificar a adesão de Deleuze ao *corpus* teórico da psicologia analítica.

³² Veremos neste trabalho como, dentre outros elementos, a psicanálise winnicottiana representa um novo paradigma no que diz respeito a importância conferida à figura da mãe.

³³ O interesse e a relevância conferida pelo filósofo aos símbolos e à sexualidade podem ser localizados desde escritos de juventude como “Descrição da mulher: por uma filosofia de outrem sexualizada” e “Matese, ciência e filosofia”, passando por aulas dedicadas ao tema na psicanálise e em seus trabalhos com Guattari. Os textos citados podem ser encontrados na coletânea lançada recentemente pela Editora n-1 “Cartas e outros textos”.

A interlocução presente em *De Sacher Masoch ao Masoquismo* não se constituiu como a única tentativa de estabelecer diálogo com Jung, embora seu pensamento possa ser ouvido de modo especialmente objetivo neste texto. A influência junguiana ecoará, ainda que silenciosamente, em momentos posteriores da filosofia de Deleuze, seja no seu modo de tratar o inconsciente em *Diferença e repetição*³⁴, seja em sua abordagem da noção de rizoma³⁵ com Guattari em *Mil Platôs*. O nome de Jung se fará presente, agora de modo explícito, em momento posterior, na década de 1980, no curso de Deleuze sobre Leibniz ministrado em Vincennes. Neste, o filósofo tematiza a abordagem leibniziana do inconsciente, diferenciando-a daquela presente no pensamento de Freud.

Parte do curso é dedicado àquela que é considerada uma das primeiras e mais originais abordagens do inconsciente, justamente a de Leibniz. Inaugurando o debate sobre o inconsciente na modernidade³⁶, o filósofo derivará as percepções e desejos (apetições) conscientes, do fluxo das pequenas percepções e desejos inconscientes, que nos invadem o tempo todo. Assim, segundo Deleuze, o inconsciente leibniziano é constituído “por pequenas percepções, e pequenas percepções são, ao mesmo tempo, percepções infinitamente pequenas e os diferenciais da percepção consciente. E as pequenas apetições são ao mesmo tempo apetições inconscientes e diferenciais da apetição consciente”³⁷. Em uma abordagem psico-matemática, portanto, o inconsciente diferencial aparece caracterizado como o “conjunto de diferenciais de consciência”³⁸. As pequenas percepções seriam, de acordo com Leibniz, inapercebidas, dado que não podem ser reconhecidas isoladamente. Portanto, a título de exemplo, embora sejamos afetados em alguma medida pelo som produzido por cada onda do mar, conscientemente reconhecemos o bramido marítimo e não o ruído de cada onda que o compõe. Essas pequenas percepções que permanecem inconscientes serão designadas por Leibniz como ideias obscuras.

³⁴ No segundo capítulo de *Diferença e Repetição*, Deleuze se apoia na teoria junguiana do inconsciente presente em “O eu e o inconsciente” para desenvolver a ideia de um *id* que, para além de desejar, também era responsável por questionar e problematizar.

³⁵ Visando compor aquilo que Foucault chamou de teatro filosófico, onde o autor “roubado” aparece como seu duplo mascarado, Deleuze e Guattari tomam emprestado o termo rizoma de Jung, presente em sua autobiografia “Sonhos, memórias e reflexões” (1961) para desenvolver a noção de rizoma apresentada em *Mil Platôs*.

³⁶ Tal debate se dá na obra “Novos ensaios sobre o entendimento humano”.

³⁷ 3ª aula do curso sobre Leibniz (Vincennes, 1980). Disponível em <https://www.webdeleuze.com/textes/54>.

³⁸ *Ibidem*.

Freud, conforme destacado por Deleuze em mais de uma ocasião, não é quem descobre o inconsciente, encontrando-se ao contrário filiado a uma tradição que remonta a Schopenhauer e Kant, que já o haviam anunciado, cada qual a seu modo; Kant, em uma leitura crítica da obra de Leibniz, abordará as representações inconscientes partindo da noção de obscuro, porém ampliando-o para além do campo da sensibilidade, abarcando também os âmbitos teórico, prático e estético. Ademais, conforme relata Assoun³⁹, o próprio Freud estabelece uma aproximação entre inconsciente e coisa-em-si dado o seu caráter incognoscível. Por sua vez, a metafísica da vontade de Schopenhauer, representa uma das mais marcantes influências na teorização freudiana do inconsciente. Identificada com a coisa-em-si kantiana, a Vontade na filosofia schopenhauriana é compreendida como uma força cega, um esforço inconsciente que no homem encontrará o supremo grau de objetificação, em suma, a própria inconsciência. Assim, pelo menos 100 anos antes de Freud postular suas teses sobre o inconsciente, o homem já era ferido em seu narcisismo, não sendo compreendido como senhor de sua própria morada.

A inovação da abordagem freudiana se dá na medida em que concebe o inconsciente em termos de oposição (de forças) com a consciência e não como expressão de diferenciais, como fizera Leibniz. Apesar das compreensões leibniziana e freudiana do inconsciente diferirem, Deleuze localiza dentro da linhagem de psicoterapeutas que descende de Freud um ponto de divergência. Esta coordenada é ocupada por Jung, que evidencia em sua teoria uma compreensão do inconsciente mais próxima daquela presente no pensamento de Leibniz. Segundo Deleuze, além de Fechner⁴⁰, Jung também compreende o inconsciente numa perspectiva diferencial e não numa como oposição de forças (tal como Freud). A discordância entre mestre e discípulo em torno do tema teria, de acordo com Deleuze, representado uma traição à psicanálise, gerando uma querela que culminaria no fim da associação entre Freud e Jung⁴¹. Todavia, ainda que o filósofo localize no resgate de Leibniz realizado por Jung o motivo do rompimento com Freud, não parecem existir

³⁹ ASSOUN, P-L. *Freud: a filosofia e os filósofos*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1978, p.168.

⁴⁰ Gustav Theodor Fechner foi um filósofo alemão. Aluno de Leibniz, foi responsável por ter aprofundado a concepção de inconsciente diferencial.

⁴¹ Quand je faisais allusion à la poséité de Freud, dans Young par exemple, il y a tout un côté leibnizien, et ce qu'il réintroduit pour la plus grande colère de Freud, et c'est par là que Freud estime que Jung *trahit absolument la psychanalyse*, c'est un inconscient de type différentiel. (3ª aula do curso sobre Leibniz (Vincennes, 1980), grifo nosso).

elementos suficientes nos escritos freudianos que corroborem tal afirmação. Parece ser mais provável que o motivo da discordância entre ambos tenha se dado em virtude da importância conferida por Freud à teoria da sexualidade.

Embora Deleuze enxergue num primeiro momento um “lado leibniziano” na compreensão junguiana do inconsciente, o filósofo – apesar de prometer retomar a questão posteriormente na referida aula –, não avança na mesma. De fato, é possível localizar em passagens específicas da obra de Jung referências não apenas à abordagem leibniziana do inconsciente, mas também à de Fechner. Assim, apesar de não se verificar uma menção específica a Leibniz, a influência deste pode ser percebida na afirmação de que o inconsciente é “a totalidade de todos os fenômenos psíquicos em que falta a qualidade da consciência”⁴². Em um de seus primeiros escritos, Jung afirma que o inconsciente pode ser definido como:

a soma de todos os eventos psíquicos que não são percebidos, e por isso são inconscientes. O inconsciente contém todos os eventos psíquicos que não possuem intensidade de funcionamento suficiente para cruzar o limiar que divide o consciente do inconsciente. Eles permanecem, com efeito, abaixo da superfície da consciência, e esvoaçam em forma subliminar. É conhecido dos psicólogos desde a época de Leibniz que os elementos, ou seja, as ideias e sentimentos, que produzem a mente consciente - seu assim chamado conteúdo consciente - são de natureza complexa, e repousam sobre elementos muito mais simples e completamente inconscientes; é a combinação destes que produz consciência. Leibniz já havia mencionado as percepções insensíveis [...] que podem atingir a consciência apenas de forma indireta. Filósofos posteriores assinalaram a primazia do inconsciente enquanto base sobre a qual a consciência é construída.⁴³

Conforme afirmamos anteriormente, a compreensão da análise que Deleuze empreende em *De Sacher Masoch ao masoquismo* está diretamente ligada às diferenças conceituais entre Jung e Freud. Por isso, ainda que de modo muito breve e sumário, procuraremos delinear os contornos gerais dos conceitos que aqui se encontram em jogo.

Antes de mais nada, é preciso sublinhar que, ao contrário de Freud, Jung compreende o inconsciente como uma instância cindida em camadas. Em *Instinto e inconsciente*, o psiquiatra suíço distingue uma parte do inconsciente mais superficial e individual de uma camada mais profunda, a que nomeia como inconsciente

⁴² JUNG, C. Instinto e inconsciente. In *Obras Completas*, Vol.8/2. Petrópolis: Vozes, 2014. p.84

⁴³ JUNG, C. The psychogenesis of mental disease. In *Collected Works*, Vol.3. Princeton: Princeton University Press, 1971. p.203.

coletivo. Nas camadas mais superficiais estariam localizados os conteúdos relacionados às experiências individuais, lembranças, materiais reprimidos e conteúdos que darão origem aos sonhos. Por outro lado, na dimensão mais profunda, estaria localizado tudo aquilo que não é de ordem individual, sendo, portanto, considerado parte de conteúdos universais.

Nessa dimensão mais profunda se encontram não apenas os instintos – entendidos como um impulso universal, um móbil independente da vontade individual –, mas também aquilo que Jung nomeou de arquétipos. Estes, grosso modo, podem ser entendidos como formas *a priori* da intuição, uma espécie de padrão psicológico que se repete em todos os indivíduos, e que, portanto, assim como os instintos, não são adquiridos individualmente, mas sim “herdados”. É importante salientar que a herança aqui tematizada nada mais é que um princípio estrutural da psique, padrões formais inerentes a ela. Assim, despatologizado na dinâmica arquetípica, o inconsciente transpessoal junguiano seria não apenas uma fonte da criatividade, mas também um formador da personalidade.

Segundo Jung, o inconsciente e os instintos são conceitos que se encontram imbricados e por isso devem ser abordados conjuntamente. Assim, em *Instinto e inconsciente*, se o nome de Leibniz é deixado de fora na conceituação junguiana do inconsciente, o mesmo não acontece com a influência de Bergson no movimento de retomada de sua teoria dos instintos. Em *A evolução criadora*, os instintos aparecem como algo apreendido “por dentro, de um modo inteiramente diferente de um processo de conhecimento, por uma intuição (antes vivida do que representada)”⁴⁴. Enquanto representação não consciente, os instintos, segundo Bergson, seriam uma forma de “intuição desinteressada”⁴⁵. Ao resgatar a intuição bergsoniana, Jung a compreenderá como uma forma de percepção, análoga ao instinto, diferindo as duas apenas no fato da primeira (a intuição) ser a apreensão de uma situação complexa e o segundo (o instinto) um impulso que conduz a uma atividade complexa. É neste sentido que a intuição é considerada uma forma de apreensão instintiva⁴⁶.

⁴⁴ BERGSON, H. *A evolução criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.190.

⁴⁵ *Ibidem*, p.191.

⁴⁶ JUNG, C. Instinto e inconsciente. In: *Obras Completas*, Vol.8/2. Petrópolis: Vozes, 2014. p.83

A influência de Bergson pode também ser identificada na teoria junguiana dos arquétipos. Considerados formas *a priori* da intuição, o aspecto universal dos arquétipos – também chamados por Jung de imagens primordiais – se mostra por sua aparição recorrente em diferentes civilizações por meio de seus mitos, muito embora eles se conformem à vivência de cada indivíduo. Ou seja, embora tais imagens se apresentem universalmente na civilização, sem perder seu elemento nuclear, elas assumirão formas particulares e variações específicas. Se os arquétipos podem ser entendidos como imagens arcaicas que povoam a psique objetiva, os complexos seriam as versões individualizadas localizadas nas camadas mais superficiais do inconsciente pessoal.

O complexo de Édipo é um exemplo das muitas imagens mitológicas que povoam os extratos mais profundos do inconsciente. Motivo de discordância entre Jung e Freud, o Édipo surge como parte da querela em torno da importância e centralidade da sexualidade infantil e do significado do incesto. Embora Jung não negue a possibilidade da existência de um desejo real, o desejo da criança pelo incesto não remete a algo necessariamente real (ao contrário do que diz Freud), mas simboliza a eterna busca pelo elemento protetor materno. Desse modo, ao invés de uma percepção personalista-concretista dos símbolos, o suíço apela para uma compreensão simbólico-arquetípica. Conforme lembrado por Deleuze e retomando Jung, “tudo é símbolo no inconsciente: a sexualidade, a morte, não menos que o resto”⁴⁷.

É neste ponto que Deleuze salienta o equívoco presente na referência de símbolos que tradicionalmente dizem respeito ao feminino como se remetessem à figura masculina. Por toda a obra de Masoch circulam imagens do feminino, mas a psicanálise freudiana só consegue divisar ali a figura do pai. Padecendo do mal da “inflação do pai”⁴⁸, Freud, segundo Deleuze, perde de vista que não apenas as heroínas de Masoch, mas as peles que elas vestem remetem à *anima* enquanto imagem primordial. O que Deleuze, seguindo Jung e Bachofen, considera um recalçamento da *anima* em função da substituição da lei materna pelo domínio do patriarcado, poderia ser descrito nos dias de hoje como uma masculinização do mundo e uma

⁴⁷ DELEUZE, G. De Sacher-Masoch ao masoquismo. In: *Cartas e outros textos*. São Paulo: n-1, 2018, p. 180.

⁴⁸ *Ibidem*, p.174.

depreciação de tudo aquilo que é da ordem do feminino. Embora o filósofo promova uma crítica à abordagem psicanalítica da figura masculina, por meio da crítica ao conceito de sadomasoquismo, os três textos dedicados a Masoch carecem de uma compreensão mais aprofundada sobre o espaço conferido à mulher na psicanálise. Tal compreensão pode ser localizada em um momento tardio da obra do filósofo, especialmente nos escritos em parceria com Guattari, nos quais as questões de gênero e sexualidade ganham mais espaço nos escritos da série *Capitalismo e Esquizofrenia*.

Mas a que exatamente nos referimos quando falamos do espaço conferido à mulher e ao feminino na psicanálise? Antes de mais nada, é preciso ter em mente que o nascimento de teorias se dá sempre em determinado contexto histórico e em alguma medida carrega a visão de mundo de uma época. Tal fato evidencia o motivo pelo qual a psicanálise freudiana sofre de um excessivo apego ao elemento masculino, em consonância com o espaço ocupado pelas mulheres em sua época: relegadas à maternidade, ao espaço doméstico, sem poder viver de modo pleno a própria sexualidade. O modelo de subjetividade de que trata Freud concebe a relação entre mãe e filho como algo a ser superado pela identificação do menino com a figura paterna. Em termos psicanalíticos, a autoridade paterna se instaura como núcleo do superego⁴⁹ diante da desintegração do complexo de Édipo. Ora, trata-se de um momento histórico em que a transformação do menino em homem se dá a partir do rompimento com os valores oriundos dos laços materno-filiais (estes reduzidos a “coisas femininas”) e da adoção dos valores do pai e da sociedade. Como resultado de uma sociedade patriarcal cuja marca é, segundo Armony, uma ideologia fáustica:

o dever obscurece o amor, a razão livra-se da intuição, as dicotomias se instalam separando sujeito de objeto, homem de mundo, ser humano de ser humano, a empatia e a identificação são repudiadas como meros enganos da sensibilidade, a natureza torna-se objeto de manipulação não mais respeitada em seu movimento e equilíbrio.⁵⁰

⁴⁹ Ao longo de nosso trabalho optamos pela tradução já institucionalizada na psicanálise brasileira que adota tradicionalmente os termos *ego*, *superego* e *id* para se referir às instâncias que compõem o modelo do aparelho psíquico apresentado na segunda tópica de Freud. Portanto, seguindo a sugestão de Paulo César de Souza presente na tradução das Obras Completas utilizada aqui, apontamos que os termos *eu* e *super-eu* devem ser substituídos mentalmente por *ego* e *superego*.

⁵⁰ ARMONY, N. *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zago-doni, 2013, p.43.

Trata-se de um momento histórico que carrega um enfraquecimento dos laços afetivos e do crescimento da impessoalidade, resultado pelo crescimento das cidades, pelo processo de industrialização e por uma ética da produção. Neste contexto de consolidação do capitalismo, predomina uma moralidade que carrega a marca da rigidez e da disciplina, que valoriza o trabalho e a sobriedade, afastando-se do consumismo e do hedonismo que caracterizam a fase pós-industrial⁵¹. Apesar de Freud ser um crítico da moral moderna, é neste contexto em que a psicanálise se vê gestada, em sintonia com uma sociedade que busca conformar o indivíduo, tornando-o obediente ou, como diriam Deleuze e Guattari, “bem-educado, polido, resignado, ‘honesto e escrupuloso’”⁵². Uma sociedade cuja marca são os valores do patriarcado, na qual o homem e a mulher são codificados de acordo com os papéis que desempenham na vida social. Assim, embora crítica, a psicanálise carrega em seu bojo o espírito de sua época. A inflação da figura paterna, criticada por Deleuze e evidenciada no superego modelar freudiano traz à baila uma problemática abordagem do feminino. Segundo Freud:

Hesitamos em expressar isto, mas não podemos nos esquivar da noção de que o nível do que é eticamente normal vem a ser outro para a mulher. O Supereu jamais se torna tão inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens afetivas como se requer que seja no homem. Traços de caráter que sempre foram criticados na mulher — que ela mostra menos senso de justiça que o homem, menor inclinação a submeter-se às grandes exigências da vida, que é mais frequentemente guiada por sentimentos afetuosos e hostis ao tomar decisões — encontrariam fundamento suficiente na distinta formação do Supereu que acabamos de inferir. Em tais juízos não nos deixaremos influenciar pela contestação dos partidários do feminismo, que desejam nos impor uma total equiparação e equivalência dos sexos.⁵³

Para Freud, as diferenças psíquicas entre homens e mulheres encontram-se fundadas em suas diferenças anatômicas. Segundo o psicanalista, “anatomia é destino”⁵⁴. A hierarquização entre os sexos característica do patriarcado se traduz assim na compreensão de que a ausência do pênis se configura como marca de

⁵¹ SODRÉ, M. *Televisão e psicanálise*. São Paulo: Ática, 1987, p.30.

⁵² DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Um só ou vários lobos. In: DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol.1, São Paulo: Editora 34, 2011, p.67.

⁵³ FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: *Obras Completas, Vol. XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 267-268.

⁵⁴ *Ibidem*, p.188.

“inferioridade”⁵⁵ da mulher em face do “defeito”⁵⁶ de não possuir o “genital verdadeiro”⁵⁷. A maternidade aparece como condição para que a feminilidade tida como “normal” se instaure. Assim, a aceitação da castração se traduz na substituição da inveja do pênis pelo desejo de um novo “objeto”: o bebê. A ele caberia suprir aquilo que, supostamente, falta à mulher, aquilo que ela anseia, mas não pode ser obtido. Portanto, para Freud, a maternidade seria o único caminho para a mulher encontrar a totalidade.

A natureza problemática da visão freudiana sobre o feminino fica patente no inatismo que reduz as mulheres ao destino de mães. Será somente a partir da segunda onda feminista, encabeçada por Simone de Beauvoir, que tais questões serão colocadas em xeque, a centralidade da maternidade será questionada, e a imagem cultural do “eterno feminino” debatida. Embora a crítica de Beauvoir seja endereçada diretamente a Freud, a discussão presente em *O segundo sexo* encontra pontos de intersecção que dialogam com a analítica junguiana. Ainda que o “resgate” da dimensão feminina promovido pela psicologia junguiana, como veremos, não seja livre de problemas, ele representa um importante passo no que tange as limitações da psicanálise freudiana⁵⁸.

Em um movimento que já denota certo afastamento de Freud, Jung chama de *anima* (identificada com eros) o elemento feminino, a contraparte presente em todo homem, o arquétipo daquilo que em cada homem é inteiramente *o outro* (na mulher, este arquétipo seria o *animus*, identificado com o logos)⁵⁹. Tal contraparte é sempre deslocada para o inconsciente em função dos valores culturais, permanecendo na consciência somente as características que se coadunam com o sexo do indivíduo. Assim, tudo aquilo que é considerado como sendo da ordem do feminino, ou seja, qualidades relativas à *anima*, é rechaçado e considerado indesejável em um menino. A adoção do sexo oposto para identificar *o outro* se vê justificada no

⁵⁵ FREUD, S. Sobre a sexualidade feminina. In: *Obras Completas, Vol. XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.209.

⁵⁶ Ibidem, p. 210.

⁵⁷ Ibidem, p. 211

⁵⁸ Como veremos oportunamente, a psicanálise winnicottiana também avança nesta questão.

⁵⁹ Tendo em vista o escopo de nosso trabalho e o foco na representação do feminino na literatura de Masoch, nas abordagens clínicas e nos desdobramentos presentes na filosofia de Deleuze, nos limitaremos aqui à análise da *anima*. Apesar disso, é importante salientar que a sua contraparte, o *animus*, é igualmente desenvolvida por Jung em seus escritos que tratam dos arquétipos do masculino e do feminino.

entendimento de que para um indivíduo nada é mais estranho e enigmático que o sexo oposto. Em perpétuo embate com esta parte inconsciente de si, caberia ao homem, ao longo do processo que Jung denomina individuação (maturidade), procurar integrar-se com essa parte de sua personalidade, aceitando-a.

Como imagem do feminino, a *anima* assume diferentes formas, podendo remeter à figura da mãe, da amazona ou da hetaira⁶⁰. São inúmeros os exemplos de formas pelas quais a *anima* se manifesta, desde deusa da natureza, passando pelas figuras da mãe Terra, da irmã, da prostituta, da amante sedutora. Pode ser amorosa ou destruidora, ou ainda apresentar-se na forma de animais, como atestam diferentes mitos sobre divindades femininas. A *anima* também surge enquanto padrão de comportamento, sendo caracterizada pela espontaneidade, pela relação natural com a Terra, com os instintos e com a vida. Por meio do retrato de diferentes mulheres, é disso que tratam as obras de Masoch: de uma bela natureza presidida pelo feminino, mas também de um período em que os homens, dissociados de sua dimensão sentimental, se tornam “crianças da reflexão”⁶¹ e, conseqüentemente, acabam por perder “a natureza ou a Alma”⁶².

A maneira como o arquétipo da anima é concebido por Jung deixa evidente que, assim como Freud, o médico suíço também foi influenciado pelo espírito de sua época em sua visão sobre o feminino. Apesar de criticar a maneira como o feminino se vê historicamente reprimido pelo cristianismo a partir da figura de Maria, o arcabouço teórico de Jung se vê permeado (ainda que de modo menos objetivo que Freud) de valores que identificam a feminilidade com a castidade, com a submissão, com a fragilidade e o sentimentalismo. A noção de “eterno feminino” tão cara a Jung, como afirmado anteriormente, é alvo de crítica no pensamento de Beauvoir. Sendo caracterizada como um constructo social que historicamente visa perpetuar os valores do patriarcado, esta cumpriria o papel de manter a mulher em sua condição de submissão. Assim, é preciso salientar que a psicologia analítica, apesar de compreender e criticar o modo como o feminino é reprimido historicamente, perde de vista que carrega em seu âmago uma visão do feminino que reforça

⁶⁰ “Que mulher honrada é tão adorada como uma hetaira?” SACHER-MASOCH, L. *A Vênus das peles*. Rio de Janeiro: Taurus, 1983, p.208.

⁶¹ DELEUZE, G. De Sacher-Masoch ao masoquismo. In: DELEUZE, G. *Cartas e outros textos*. São Paulo: n-1, 2018, p. 172.

⁶² *Ibidem*.

justamente os valores que critica. Tematizados como princípios de igual valor que habitariam em cada indivíduo, a analítica junguiana peca ao identificar Logos (racionalidade) e Eros (emoção) ao masculino (*animus*) e feminino (*anima*), ignorando que tal dicotomia prescinde de uma distinção de gênero que apenas cumpre reforçar estereótipos e causar confusão.

Em *O segundo sexo* Beauvoir⁶³ defenderá que, se existe uma correspondência masculino/razão e feminino/emoção, esta se dá apenas em função de um contexto social específico em que se projeta no mito determinadas instituições e valores. Na esteira de Beauvoir e se opondo a qualquer inatismo, Butler considerará em *Problemas de gênero*⁶⁴ que as ideias associadas a uma essência do “ser mulher” estão associadas a uma estrutura de poder que os indivíduos perpetuam em uma ilusão compartilhada de que existe uma essência que se apresenta como própria de cada gênero. A despeito dos problemas inerentes ao *corpus* junguiano, tais considerações podem ser colocadas em sintonia com a teoria dos arquétipos na medida em que esta não compreende o arquétipo *per se* como algo dotado de uma imagem. Assim, é preciso ter em mente a *imagem* assumida pelos arquétipos será modulada e atualizada de acordo com exterior e a vivência interior de cada indivíduo⁶⁵. A imagem que atrela a *anima* à sensibilidade, ao altruísmo e à abnegação é o eco de uma exterioridade cuja inflação do pai apontada por Deleuze reflete o contexto patriarcal vivido por Freud, Jung e Masoch. Portanto, tal imagem é devedora de uma identidade feminina construída sob égide da perspectiva masculina. Ademais, é importante notar que, embora possamos localizar uma crítica (ainda que não nomeada) a Jung no trabalho de Beauvoir, a filósofa apresenta em seu trabalho uma concepção das imagens assumidas pelo feminino análoga àquela defendida por Jung.

Em termos comportamentais, o núcleo arquetípico da *anima* ganha a forma de complexo a partir das experiências individuais ao longo da infância. O contato mais marcante da criança com o feminino, seja com a mãe, a irmã ou qualquer figura que ocupar o lugar daquela, condicionará o indivíduo, constituindo uma expectativa a ser alcançada em seus relacionamentos com o sexo oposto. Tal leitura

⁶³ BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019, p.331.

⁶⁴ BUTLER, J. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

⁶⁵ JACOBI, J. *Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C.G. Jung*. Petrópolis: Vozes, 2017, p.48.

parece estar em consonância com o relato de Masoch⁶⁶ em que o autor narra o quão marcante foi uma experiência vivida com uma tia a que chamava Zenóbia. O escritor narra em sua lembrança o fascínio exercido pela tia envolta em peles, não apenas sobre a criança que o autor era, mas também sobre sua relação com outros homens. Seu caráter dominador é descrito como o de uma mulher que “parecia criada para colocar seu pé sobre a nuca da humanidade”⁶⁷, e aparece como marca das personagens femininas que povoam o universo masoquiano. Ora, se tal acontecimento fica gravado “como ferro em brasa”⁶⁸ na alma/*anima* de Masoch, a ponto de influenciar sua literatura e suas relações pessoais, isso ocorre porque “os complexos formados em torno do núcleo da *anima* dirigem as reações do homem às situações emocionais e a determinadas mulheres, e também modelam suas expectativas inconscientes em relação ao modo como essas mulheres se comportarão”⁶⁹.

Como dizíamos, a *anima* enquanto arquétipo universal assume uma forma específica, aquilo que Jung denominaria complexo, ou seja, a forma personificada em Gregor, o herói de *A Vênus das peles*. Segundo Frattaroll⁷⁰, o homem carrega a tendência de projetar o complexo *anima* na relação com o sexo oposto, relacionando-se mais com a sua expectativa daquilo que habita nele mesmo e menos com a realidade do outro. Esta é justamente a dinâmica em que ocorre a relação do protagonista com Wanda. A mulher terrível projetada na senhora – à qual Wanda procura resistir – e que parte de Gregor, representaria, concomitantemente, o escárnio em relação à lei paterna e um movimento de restituição da ordem ginococrática anterior. A pedagogia masoquista presente na relação entre os dois personagens se ganha corpo na forma como Gregor procura conformar a mulher real Wanda com a imagem em seu inconsciente que projeta sobre ela. Destarte, a dinâmica masoquista evidencia que, se há submissão, esta não se dá por parte do escravo, mas sim da senhora, que se vê forçada a se conformar à fantasia inconsciente (para utilizar um termo freudiano) do “escravo”. Em suma, se o escravo se submete, isso se dá em

⁶⁶ Como apontado anteriormente, tal relato é apresentado na forma de apêndice na tradução da Editora Taurus (1983), mas não na tradução mais recente da Zahar.

⁶⁷ SACHER-MASOCH, L. *A Vênus das peles*. Rio de Janeiro: Taurus, 1983, p. 306.

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ WHITMONT, E. *Em busca do símbolo*. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 170.

⁷⁰ FRATTAROLL, E. Eu e minha *anima*: através do vidro escuro da interface junguiana/freudiana. In: YOUNG-EISENDRATH, P & DAWSON, T. (org) *Manual de Cambridge para estudos junguianos*. Porto Alegre: Artmed, 2002, p.168.

relação ao elemento feminino que habita em si mesmo. É a imagem do pai encarnada por ele que se vê humilhada, não pela senhora, mas pela mãe terrível projetada nela.

Um exame mais detido da *Vênus* é suficiente para evidenciar o mero caráter aparente da posição de fraqueza ocupada pelo masoquista. Se a fraqueza não é uma marca deste indivíduo, por outro lado, o caráter persuasivo e egoísta mostra-se como um traço distintivo. A todo tempo o leitor é confrontado com as objeções de Wanda às fantasias de Severin. Este, em busca de seu ideal, ignora reiteradamente as súplicas dirigidas a ele para que o “teatro” perverso se encerre. Egoisticamente, o personagem faz-se surdo à afirmação de que aquele jogo em nada satisfaz a mulher feita carrasco. Nesse jogo de forças, “o herói de Masoch adentra aquela que deve adestrá-lo”⁷¹, fazendo valer sua vontade e ignorando tudo aquilo que diz respeito ao “querer” de sua “amada”. Isso pode ser constatado mesmo nos momentos em que o masoquista encarna uma suposta insignificância e invisibilidade, que na verdade são, novamente, apenas aparentes. Isto porque tudo se passa conforme o script proposto pelo “escravo”, estando sua vontade no centro de todo desenrolar da cena. Como chama atenção Stoller, enquanto “criador do ato, o masoquista nunca é efetivamente uma vítima, pois ele, na verdade, jamais abre mão do controle; e, nesse sentido, todo cenário que ele constrói (de maneira pré-consciente, se não consciente) reproduz, sabidamente, nada mais do que um sofrimento fraudado”⁷². Partindo de tal consideração, vemos que dificilmente um masoquista se relacionaria com um sádico, pois, se o fizesse, isso acarretaria perder o controle sobre o jogo encenado⁷³. De fato, em inúmeras ocasiões vemos que Wanda não sentia prazer genuíno nas aflições que infligia a Gregor, a despeito de afirmar perceber a presença de “instintos perigosos” dentro de si⁷⁴.

Deleuze sublinha que a dinâmica masoquista é marcada pelo aspecto educativo gerado pelo culturalismo jurídico de Masoch, mas é importante salientar que a projeção da *anima* masculina sobre a “mulher carrasco” pode se constituir em um

⁷¹ DELEUZE, G. Reapresentação de Masoch. In: DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011, p. 73.

⁷² STOLLER, R. *Perversão: a forma erótica do ódio*. São Paulo: Hedra, 2014, p. 116-117.

⁷³ Retornaremos a essa questão quando tratarmos da contraposição realizada por Deleuze entre as duas perversões.

⁷⁴ SACHER-MASOCH, L. *A Vênus das peles*. Rio de Janeiro: Taurus, 1983, p. 197, 217, 230.

elemento tentador para ela, podendo torná-lo tão submisso quanto o contrário. Isso se dá na medida em que

ela terá a tendência para identificar-se com a expectativa do homem e, portanto, representá-la, fingir que incorpora o ideal dele ou suas necessidades reais ou imaginadas. Como uma “mulher anima”, ela pode tornar-se todas as coisas para todos os homens, um flerte ou até mesmo uma esposa sábia ou musa inspiradora, antecipando todas as necessidades e aspirações de seu marido ou amante, tornando-o, portanto, tão dependente dela que ele, por sua vez, acaba concordando com todos os seus planos e faz aquilo que ela espera dele.⁷⁵

Dados biográficos ilustram que o próprio Masoch se tornou vítima de seu ideal com uma de suas esposas. A busca de ascensão social por meio da união com um escritor de sucesso teria motivado, segundo Ferraz⁷⁶, Aurora Rumelin a se casar com Sacher-Masoch. Conhecedora das fantasias e desejos do autor por meio de sua literatura, esta que curiosamente após a separação passou a adotar a alcunha de Wanda, teria encarnado seu ideal com o único intuito de manipulá-lo de modo a atingir seu objetivo desejado.

De modo semelhante, retornando à literatura, embora Gregor tenha “educado” Wanda (a mulher carrasco/*anima*) por meio do contrato firmado com sua senhora, em dado momento ele se vê dependente e vítima de caprichos que escapavam àquilo que havia sido firmado. A primeira cláusula do contrato determinava que Wanda jamais poderia entregar Gregor “às brutalidades de algum de seus adoradores”⁷⁷. Embora naquele primeiro momento Wanda tenha recebido com assombro e lágrimas a ideia de Gregor de que ela poderia feri-lo, nos momentos finais da obra a “senhora” urde um plano em que entrega o “escravo” aos caprichos de Alexis Papadopolis, personagem conhecido como “o grego”. Em meio aos suplícios causados pela traição da mulher amada, Gregor reflete:

Apolo me tira toda a poesia, um golpe após o outro, até que afinal, trincando os dentes com impotente raiva, eu me maldigo, a mim e à minha imaginação voluptuosa, assim como à mulher e ao amor. Vejo de uma só vez com terrível clareza aonde a paixão cega e a volúpia conduziram o homem desde

⁷⁵ WHITMONT, E. *Em busca do símbolo*. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 175.

⁷⁶ FERRAZ, F. Introdução. In: SACHER-MASOCH, L. *A Vênus das peles*. São Paulo: Hedra, 2008, p.16.

⁷⁷ SACHER-MASOCH, L. *A Vênus das peles*. Rio de Janeiro: Taurus, 1983, p. 212.

Holofernes e Agamêmnom: levaram-no às teias traidoras da mulher, à miséria, à escravidão e à morte. É como se eu acordasse de um longo sonho.⁷⁸

A compreensão do masoquismo por meio da literatura de Masoch nada tem a ver com a figura masculina, mas sim com um ato de resistência⁷⁹ que busca reabilitar e dar luz ao feminino que, enquanto minoria, historicamente se vê submetido. A imagem do retorno à mãe, conforme apontamos anteriormente, é simbólica. A submissão ao feminino presente nas obras de Masoch significa simbolicamente uma submissão à lei materna. O incesto se configura assim como uma forma de renascimento e mostra-se, conforme apontado por Jacobi⁸⁰, como uma ideia originária de transformação psíquica. A imagem do renascimento enquanto algo que remete à renovação, transformação e superação da morte pode ser localizada em diversas culturas. Tal superação vem sempre acompanhada de uma transfiguração, de um melhoramento, mas tem como condição que aquele que morre sofra dores e tormentos. A dor aparece aqui como o sacrifício realizado, a condição *sine qua non* para que o novo possa irromper. Portanto, as dores e aflições sofridas pelo “escravo” no contexto da dinâmica masoquista configuram-se como condição de possibilidade para que o indivíduo renasça. O renascimento acontece pela destruição daquilo que no homem remete à figura do pai, abrindo espaço para que, através da lei materna, um novo indivíduo possa renascer.

Ao mesmo tempo, é fundamental compreender que as condições e o caminho para a realização de tal renascimento variam de acordo com as condições históricas e individuais da consciência. As imagens primordiais não devem ser jamais consideradas isoladamente, sendo necessário, para uma correta apreciação, que se tenha em vista os contextos objetivo e subjetivo em que se apresentam. A compreensão do masoquismo passa assim pela não dissolução dos símbolos que habitam as camadas profundas do inconsciente. Jung não pede que o elemento pessoal da vida dos indivíduos seja ignorado, mas sim que seja tomado em conjunção com aquilo que há de transpessoal, o que Deleuze chama de elemento surreal da psique

⁷⁸ SACHER-MASOCH, L. *A Vênus das peles*. Rio de Janeiro: Taurus, 1983, p.298.

⁷⁹ DELEUZE, G. Sobre a filosofia. In: DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: n-1, 2017, p.182.

⁸⁰ JACOBI, J. *A psicologia de C.G. Jung: uma introdução às obras completas*. Petrópolis: Vozes, 2013, p.76

objetiva. Salientando a importância de ir além daquilo que se configura como signo/sintoma⁸¹, Jung lembra que

O fato de haver duas concepções distintas sobre o sentido e o não-sentido das coisas, concepções que são contraditórias entre si e, de um lado e do outro, veementemente combatidas, demonstra haver, evidentemente, processos que não expressam um sentido especial e que, como simples consequências, não passam de sintomas; em contrapartida, existem outros processos puros de significado incógnito, que não só promanam de algo, mas ainda procuram algo, sendo por isso justamente considerados símbolos.⁸²

Tomar o símbolo em sua dupla dimensão é justamente o caminho para compreender que a dinâmica masoquista responde àquilo que se apresenta como “uma parte de nós esmagada pela lei”⁸³. Os signos, como vemos no vitalismo de Deleuze, se configuram como sintomas de uma vida que transborda ou que se esgota, carregando em si a potência do novo. Enquanto sintomatologista, Masoch, por meio da literatura, realiza uma retomada da imagem do feminino moldando-a no interior de sua obra e traduzindo-a na linguagem do espírito de sua época. Segundo Jung⁸⁴, este é o poder da grande arte: ela nos mostra o caminho para aquilo que há de mais primordial, impessoal e profundo na vida. Por meio da literatura, os grandes autores iluminam o que porventura se encontra esquecido, muitas vezes confrontando a consciência de sua época. Concordando com Jung, Deleuze dirá que “escrever não tem seu fim em si mesmo, precisamente porque a vida não é algo pessoal. Ou, antes, o objetivo da escritura é o de levar a vida ao estado de uma potência não pessoal”⁸⁵. É neste contexto que Masoch revira as profundezas do inconsciente, dá luz ao feminino esquecido e confronta o leitor com a parte do homem que se encontra esmagada e refém do masculino. Tal é o papel da literatura para Deleuze e também para Jung: um empreendimento que revela a vida e novas formas de existência.

Como vimos, de acordo com a leitura deleuziana, a obra de Masoch coloca em xeque os valores do patriarcado por meio de uma (dita) retomada do pensamento

⁸¹ Em *Problemas espirituais da atualidade* (1931), Jung afirma que aquilo que Freud chama de símbolo na verdade deve ser compreendido como um signo.

⁸² JUNG, C. *Tipos psicológicos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, p. 547.

⁸³ DELEUZE, G. De Sacher-Masoch ao masoquismo. In: *Cartas e outros textos*. São Paulo: n-1, 2018, p. 181.

⁸⁴ JUNG, C. The spirit in man, art, and literature. In *Collected Works*, Vol.15. Princeton: Princeton University Press, 1971. p. 82-83.

⁸⁵ DELEUZE, G. & PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998, p.41.

de Bachofen. Apesar de a obra representar o questionamento dos dispositivos disciplinares da sociedade em questão, parece ser problemática a compreensão de Deleuze acerca da literatura de Masoch como o ocaso do patriarcado frente à restituição de uma lei materna. Articulando o contrato masoquista com uma suposta influência de Bachofen, o filósofo afirma que o jurisdicismo aí presente remete a uma tentativa de reabilitar o princípio feminino outrora dominante. Porém, o mesmo contrato que restitui a lei à figura da mãe, conferindo a ela poder, representa a realização da vontade do homem sobre a mulher. Como apontamos anteriormente, o aspecto contratual apresentado em *A Vênus das peles* evidencia que, ao contrário do que se pensa, o masoquista não apresenta um comportamento passivo diante da mulher-carrasco. A docilidade e subserviência do masoquista não passa de jogo de cena, pois na verdade, ao contrário do que se supõe, ele educa e formata sua “senhora” de acordo com seus desejos. Assim, o aspecto pedagógico da relação evidencia que só aparentemente a estrutura do patriarcado é colocada em xeque. Em *O segundo sexo*, dirá Simone de Beauvoir que o homem “se encanta com o domínio que tem sobre ela [a mulher] [...] não é apenas eroticamente, é também moral e intelectualmente que o marido “forma” a esposa; ele a educa, marca-a, impõe-lhe sua personalidade”⁸⁶.

Tomemos como exemplo o comportamento de Wanda. Desde o início da relação pouco convencional com Severin, a personagem torna claro que prefere ser dominada a dominar. Enfatizando que considerava possível amar apenas um homem que a dominasse, a verdadeira escrava, Wanda, se submete, colocando-se à mercê do senhor: “faça de mim uma pequena déspota, uma Pompadour para uso particular”⁸⁷. O “coroamento” do patriarcado se dá ao final da obra, quando a personagem opta por “trocar” Severin pelo “Grego”, embora ocupasse uma posição de poder na relação com o primeiro.

De fato, a relação masoquista retratada na obra deixa claro que a passividade não é um elemento do masoquismo, mas, no contexto da crítica de Deleuze, é justamente a ausência da passividade que reforça o domínio do elemento masculino sobre o feminino. Portanto, se por um lado a zona de vizinhança estabelecida pelo filósofo entre a analítica junguiana e a literatura de Masoch parece proporcionar

⁸⁶ BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019, p.242.

⁸⁷ SACHER-MASOCH, L. *A Vênus das peles*. Rio de Janeiro: Taurus, 1983, p. 195.

uma renovação do debate clínico em torno do masoquismo, por outro, o elemento contratual (cujo destaque é apontado por Deleuze) parece conduzir a uma compreensão distinta daquela adotada pelo filósofo. O debate presente nesta primeira incursão no campo psicanalítico toma o pensamento de Jung como via de acesso a conteúdos que estariam para além dos limites do material clínico abordado por Freud. Uma compreensão adequada do masoquismo teria como condição necessária a apreciação daquilo que se encontra para além das neuroses, mais próximo do campo das psicoses. Na última parte do capítulo refletiremos sobre o modo como a psicanálise winnicottiana surge como uma alternativa viável, se coadunando com elementos apontados por Deleuze em mais de um momento do debate sobre o masoquismo. Porém, antes disso, mostra-se necessária a compreensão da virada teórica empreendida pelo filósofo em sua obra de 1968 dedicada ao masoquismo.

2.2.

Filho monstruoso ou freudiano? Relendo o masoquismo à luz da teoria das pulsões

A *Apresentação de Sacher Masoch*, trabalho que constitui uma versão aprofundada do artigo abordado por nós anteriormente, se apresenta como uma verdadeira mudança de paradigma no que tange a análise do masoquismo. Embora apresente uma continuidade da análise literária das obras de Sade e Masoch e de sua relação com as perversões que nomeiam, clinicamente serão compreendidas não mais em consonância com a analítica junguiana, mas sim a partir da teoria das pulsões de Freud. O instinto de morte, noção que atravessa o conjunto da obra de Deleuze, é tematizado *en passant* no artigo de 1961 e considerado insuficiente para a compreensão do masoquismo na forma como é postulado por Freud. A “crítica” à psicanálise presente na obra de 1968 parte justamente desta noção, conferindo a ela um caráter positivo na releitura deleuziana do segundo dualismo pulsional.

Diferentemente de sua abordagem anterior que se limitava a uma apreciação das características do universo masoquista, agora Deleuze mobiliza a obra de Sade, se dedicando à compreensão do masoquismo a partir de um contraponto com o sadismo. Assim, pela via de uma necessária caracterização do universo sádico procura fundamentar a irreducibilidade de uma perversão à outra. Na esteira do referido

contraponto, o filósofo construirá não apenas as primeiras bases de uma nova concepção de inconsciente, mas também realizará uma crítica à noção de prazer.

Tomemos como ponto de partida para o referido paralelo a *Vênus* de Masoch e a *Justine* de Sade. Após o contato com essas obras (ou outras dos autores), queda claro que se trata de universos distintos, cada qual com suas próprias diferenças e singularidades. Se o ponto de partida para nomear as duas perversões é a produção literária, fica claro que não apenas é improvável que as duas tendências convivam no mesmo indivíduo, mas também que dois indivíduos – um sádico e outro masoquista – se relacionem. Isso se dá porque, se por um lado o masoquista demonstra seu apreço pela lei em sua valorização do elemento contratual, por outro, o sádico odeia a lei. As verdadeiras amarras que prendiam Severin eram as amarras da palavra. Esta, encarnada na forma da lei, nada representa para o sádico. que precisa das instituições, embora tal necessidade esteja vinculada apenas ao desejo de demonstrar seu desprezo, colocando em prática seus atos libertinos e transgressões. As leis aparecem na obra de Sade como fator imobilizador e princípio moralizador das ações. O sádico procura fugir de qualquer princípio moralizador, para que, sem leis, esteja livre para agir conforme desejar.

A lei é então ultrapassada para um mais alto princípio, mas esse espírito não é mais um bem no qual é fundada; é pelo contrário, a ideia de um Mal, Ser supremo em maldade que a derruba. Derrubada do platonismo e derrubada da lei mesma. A ultrapassagem da lei implica a descoberta de uma natureza primeira, que se opõe em todos os pontos às exigências e reinos e aos reinos da natureza segunda.⁸⁸

As duas naturezas de que Deleuze trata servem como mais um elemento distintivo entre os dois universos aqui abordados. Uma primeira natureza original, acima de qualquer lei, que pode ser caracterizada como o puro caos, reino da pura negação; e uma natureza segunda, dada no mundo empírico, dotada de regras e leis, onde o negativo se encontra presente, mas não a pura negação. Assim, o sádico seria o indivíduo que transita da natureza segunda em direção à primeira, sendo a obra de Sade o coroamento da negação em toda sua profundidade. Por sua vez, o trânsito do masoquista se dá em sentido contrário, afirmando a lei onde o sádico a nega.

⁸⁸ DELEUZE, G. *Apresentação de Sacher Masoch*. Rio de Janeiro: Taurus, 1983, p.95.

O herói sádico é aquele que sofre ao constatar a pura negação não encontra lugar no mundo empírico, que os crimes que havia idealizado nunca carregam a negação em toda sua profundidade. O ódio do sádico pela lei é expresso na maneira como Sade leva a própria linguagem ao seu limite, onde seu caráter descritivo dá lugar a uma função demonstrativa, cuja finalidade é tão somente provocar e chocar. Em Masoch vemos o contrário, pois aquele que espera grandes obscenidades na literatura masoquiana, encontra no máximo ameaças e contratos sendo estabelecidos. Isso ocorre porque em Masoch a linguagem tem como marca o caráter persuasivo. Ao educador masoquista que persuade um outro a cumprir seu papel, se opõe o professor sádico, cuja marca é menos a tentativa de convencimento e mais o prazer em demonstrar seu poder sobre a vítima. Portanto, vemos que além de artes diferentes, tratam-se de linguagens diferentes.

Conforme comentamos anteriormente, o relacionamento entre indivíduos de universos tão distintos seria impossível. Isso ocorre porque o gozo do sádico será tanto maior quanto menor for a anuência da vítima. Ou seja, o prazer se encontra ligado à negação da lei do outro, que recusa dar o seu consentimento. Ao mesmo tempo, como vimos, a relação masoquista só se dá no âmbito da letra da lei, algo que o indivíduo sádico abomina. No universo masoquista não há espaço para a espontaneidade, estando todo jogo de cena vinculado ao pacto de entrega. Segundo Lowenstein,

os masoquistas buscam apenas certas formas específicas de sofrimento e humilhação. Tão logo elas atinjam uma intensidade maior ou assumam uma forma diferente elas provocam as reações habituais de medo e dor. Em adição, o que é característico para o gozo do masoquista é um pré-requisito essencial: que o parceiro sexual participe da cena. Assim as ameaças e punições do parceiro equivalerão a algo semelhante a jogar ou fazer de conta.⁸⁹

Mas exatamente em que sentido tais diferenciações são mobilizadas por Deleuze em sua crítica à psicanálise tradicional? Ora, o filósofo tem em mente aqui evidenciar não apenas as singularidades de cada universo literário, cada qual com uma forma de linguagem, mas também diferenciar aquilo que considera duas vivências distintas do inconsciente. Tais vivências, como vimos, se exprimem nas diferentes formas como as personagens que habitam esses universos se relacionam

⁸⁹ LOEWENSTEIN, R.M. A contribution to the psychoanalytic theory of masochism. IN: *Journal of the American Psychoanalytic Association*. 1957 Apr;5(2):197-234, p.201.

com o binômio prazer/dor, com a lei, com a linguagem e com modos de relação⁹⁰. Para o nosso estudo, mostra-se especialmente importante compreender como Deleuze, à sua maneira característica de fazer filosofia, mobiliza o segundo dualismo pulsional (Eros e Tanatos) para afirmar que masoquismo e sadismo só podem ser plenamente compreendidos à luz da distinção entre pulsão de morte (princípio empírico) e instinto de morte (princípio transcendental).

O conceito de pulsão de morte surge na psicanálise tradicional como resposta teórica aos impasses que Freud encontra em sua clínica – a qual era confrontada com fenômenos que escapavam ao princípio de prazer e com casos fronteiros –, bem como no contexto da cultura, que se revelava cada vez mais marcada pela agressividade (lembramos que Freud vivenciou duas guerras). A compulsão à repetição, ou seja, o fato de seus pacientes serem condenados por um “caráter demoníaco”⁹¹ a repetirem situações traumáticas ou de dor, surge para Freud como um fenômeno que desafia o princípio que regia o funcionamento do psiquismo, qual seja, o princípio do prazer (a busca do prazer e o evitamento da dor). Assim, dentre outros, masoquismo e sadismo surgem como problemas que impõem uma necessidade de reformulação da teoria das pulsões, levando Freud a postular a existência de impulsos que estariam para além do princípio do prazer. O masoquismo, tido como um prazer que parte do desprazer coloca em xeque tal princípio, como visto na afirmação:

Do ponto de vista econômico, é justo qualificarmos de enigmática a existência de tendências masoquistas na vida instintual humana. Pois, se o princípio do prazer domina os processos psíquicos de forma tal que o primeiro objetivo destes é evitar o desprazer e conseguir prazer, o masoquismo torna-se algo incompreensível.⁹²

A pulsão de morte representa um momento de virada na compreensão do masoquismo, pois, enquanto tendência de retorno ao inorgânico, antes de se dirigir a um objeto externo sob a forma de sadismo, a pulsão de morte permanece ligada à libido dentro do organismo, sob a forma de um masoquismo primário. Partindo

⁹⁰ Mas não se esgotam aí, podendo ser percebidas também no modo diferenciado como sádicos e masoquistas empregam o fetiche e privilegiam os papéis de pai e mãe.

⁹¹ FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: *Obras Completas* Vol. XIV. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.266.

⁹² FREUD, S. O problema econômico do masoquismo. In: *Obras Completas* Vol. XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.166.

dessa nova ótica, o sadismo ganha um caráter secundário em relação a um masoquismo originário⁹³. Assim, *Além do princípio do prazer* marca o momento de uma nova problemática sobre o masoquismo, pois com a pulsão de morte Freud afirmará que “a descrição que [...] se fez do masoquismo necessitaria de correção, por ser demasiado exclusiva; o masoquismo também pode ser primário, algo [...] pretendi contestar”⁹⁴. A questão será retomada e desenvolvida quatro anos depois em *O problema econômico do masoquismo*, onde, aprofundando a temática, o psicanalista afirmará a existência de um masoquismo secundário, este sim o retorno do sadismo ao próprio ego, que se juntaria ao masoquismo “original”⁹⁵.

Freud é explícito ao salientar o caráter especulativo de sua reflexão sobre a pulsão de morte. Será justamente esta especulação, considerada pelo psicanalista “às vezes extremada”⁹⁶, que será considerada por Deleuze uma obra prima, na qual é empreendida uma reflexão genuinamente filosófica. Tal afirmação se encontra ancorada no fato de *Além do princípio do prazer* se apresentar como uma reflexão transcendental, na medida em que se dedica ao problema dos princípios. A interpretação deleuziana do segundo dualismo pulsional serve de base em *Apresentação de Sacher Masoch* para a diferenciação entre sadismo e masoquismo a partir da diferença entre instinto e pulsão.

Conforme apresentado anteriormente, Deleuze retoma de Klossowski a ideia de duas naturezas distintas para compreender as singularidades das duas perversões: uma natureza primeira, transcendental e impessoal, um caos primordial onde reina a negação em sua forma pura; e uma natureza secundária, empírica e pessoal, onde negação e morte encontram-se presentes, mas apenas como processos parciais. Nela a desordem se configura apenas como uma outra ordem. Em suma, percebe-se aqui que tal distinção entre duas naturezas carrega em seu bojo uma distinção entre duas formas de negação: uma negação pura como “Idéia totalizante”⁹⁷ e uma negação como “processo parcial”. Da mesma forma, apropriando-se da argumentação

⁹³ Nesta nova formulação, Freud chamará de masoquismo secundário o sadismo dirigido ao próprio indivíduo.

⁹⁴ FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. In: *Obras Completas* Vol. XIV. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.164.

⁹⁵ FREUD, S. *O problema econômico do masoquismo*. In: *Obras Completas* Vol. XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.172.

⁹⁶ FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. In: *Obras Completas* Vol. XIV. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.136.

⁹⁷ DELEUZE, G. *Apresentação de Sacher Masoch*. Rio de Janeiro: Taurus, 1983, p. 29.

freudiana⁹⁸, Deleuze afirmará que, no inconsciente não se encontra Tanatos em sua forma pura, sendo sua mistura com Eros a condição necessária para sua apresentação. Portanto, a forma pura de Tanatos não pode ser dada no psiquismo, sendo a amálgama com Eros a condição de sua apresentação. Assim, Deleuze distingue a pulsão de morte, natureza segunda, elemento pessoal e empírico, do instinto de morte, natureza primeira, elemento impessoal e transcendental. Masoquismo e sadismo, de acordo com a argumentação do filósofo, seriam formas diferenciadas de se “captar” o instinto de morte, pois, como vimos, o indivíduo sádico é aquele que transita da natureza segunda em direção à pura negação, enquanto o masoquista realiza o caminho inverso.

Fica patente que *Apresentação de Sacher Masoch* é uma obra em que Deleuze trabalha com Freud, procurando, por meio de uma torção, extrair as consequências necessárias para a sua argumentação. É rastreando no interior da psicanálise que o filósofo buscará os elementos necessários para sua crítica. Assim, Deleuze se faz atento ao discurso freudiano segundo o qual “as duas espécies de instintos *quase nunca* aparecem puras, isoladas uma da outra;”⁹⁹. Partindo de referenciais encontrados dentro da própria psicanálise, o filósofo “atualiza” a teoria das pulsões, concebendo, por meio de um Idealismo Transcendental, Tanatos como uma negação que se apresenta fora do domínio empírico, como um puro pulsar.

Gestado sobre o arcabouço psicanalítico, o fruto deste novo encontro com Freud é menos um “filho monstruoso” e mais uma obra que poderia ser considerada herdeira do freudismo. Não se trata na obra de fazer psicanálise ou ser psicanalista, mas sim, por meio de uma articulação entre clínica e crítica literária, ocupar este espaço em que filósofos, clínicos e romancistas se encontram.

2.3.

Reapresentar Masoch: reencontrando a psicanálise a partir de Winnicott

⁹⁸ “no inconsciente não existe “não”; os opostos coexistem”, FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: *Obras Completas* Vol. XIV. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.115.

⁹⁹ FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: *Obras Completas* Vol. XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, 72.

A *Reapresentação de Sacher Masoch*, produzida em 1989 para o *Libération*, foi escrita a propósito do lançamento da biografia de Masoch lançada por Bernard Michel. Ora, diante do exposto até aqui, por que “reapresentar” Masoch tal como Deleuze fez em seu texto? Esta foi a pergunta que colocamos no início de nosso trabalho e que agora retomamos. Qual razão estaria por trás da necessidade de uma nova apresentação? Por que reapresentar Masoch quando Deleuze tinha diante de si não apenas a oportunidade para saudar o novo espaço conferido ao elemento contratual nos estudos sobre masoquismo¹⁰⁰, mas também a chance de corrigir a suposta influência de Bachofen na obra de Masoch que afirmara no passado? As respostas para essas questões talvez pudessem ser resumidas na evidente virada que ocorre no pensamento do filósofo a partir de sua parceria com Guattari. Porém, mostra-se necessário precisar em que o projeto de crítica e clínica gestado em 1961, e cuja suposta culminância se dá em 1967, reclama uma necessidade de modificação. Qual seria o novo conjunto de problemas que teria imposto a urgência de uma reconfiguração do projeto outrora dado como “acabado”?

Novamente a resposta parece carregar certa dose de obviedade. É sabido que a parceria com Guattari inaugura um período do pensamento de Deleuze em que o diálogo com a psicanálise transita de um extremo ao outro, alcançando seu limite. De “arte das superfícies” e “ciência dos acontecimentos” a “empreendimento contra a vida” e “canto de morte”, esses são alguns dos termos que remetem ao momento de virada em um relacionamento conturbado. Em entrevista¹⁰¹ concedida a Raymond Bellour e Francois Ewald no ano de 1988, o filósofo, discorrendo sobre o conjunto de sua filosofia, afirma que à época de *Apresentação de Sacher Masoch* e *Lógica do Sentido*, embora tivesse discordâncias com a psicanálise, ainda divisava possibilidade de conciliação. Se até esse momento o debate sobre o sadomasoquismo ainda era possível, a parceria com Guattari marca o instante em que se instala uma ruptura e a possibilidade de diálogo é descartada.

A esperança de renovação conceitual da psicanálise que animava o empreendimento crítico que foi *O anti-Édipo*, oito anos depois dá lugar à descrença e

¹⁰⁰ François Dosse apresenta um trecho da correspondência entre Deleuze e Arnaud Villani em que o filósofo afirma o êxito de sua obra sobre Masoch. Segundo Deleuze, tal êxito pode ser percebido na nova centralidade conferida ao contrato masoquista entre estudiosos do tema após a publicação de sua obra. (DOSSE, 2010, p.105).

¹⁰¹ DELEUZE, G. Sobre a filosofia. In: *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2017, 184.

resignação diante daquilo que consideraram um fracasso¹⁰² da obra de 1972. Tal consideração se dá na medida em que o “bacilo edipiano” mostrara sua força dentro de uma literatura que se desenvolve em torno do núcleo familiar. Deleuze denuncia uma psicanalização da literatura, uma redução às figuras familiares, um esmagamento dos devires por meio de uma redução edipiana ou ainda interpretações que apelam, como no caso do masoquismo, para aquilo que chama de “a ridícula pulsão de morte”¹⁰³. Se a literatura é uma “possibilidade de vida”¹⁰⁴, a psicanálise, por outro lado, seria “um empreendimento contra a vida, um canto de morte”¹⁰⁵. Assim, diante de um fracasso em dialogar com a psicanálise, Deleuze aparenta introduzir uma modificação em seu projeto crítico-clínico ao afirmar na abertura de sua “Reapresentação” que “Masoch não é um pretexto para a psiquiatria ou para a psicanálise, nem sequer uma figura marcante para o masoquismo. É que a obra mantém à distância toda interpretação extrínseca”¹⁰⁶.

O horizonte de uma articulação entre crítica literária e clínica psiquiátrica que imbuía os textos anteriores, não parece estar presente a partir de agora. Diante do exposto, colocamos a seguinte questão: haveria alguma paisagem livre de Édipo e de “ficções” como a pulsão de morte dentro da psicanálise? Acreditamos que sim. Como veremos, a abordagem winnicottiana representa um novo paradigma em psicanálise, não apenas naquilo que se refere a temas como o Édipo e ao papel da interpretação na clínica psicanalítica, mas também no que diz respeito ao tratamento dado à própria noção de pulsão de morte. Como vimos, tal noção se faz presente no pensamento de Deleuze desde 1961, transitando ao longo de suas principais obras. O conceito, que parece despertar o interesse do filósofo, e que ganha diferentes matizes¹⁰⁷ com o passar do tempo, é completamente rechaçado no texto da

¹⁰² DELEUZE, G. Oito anos depois: entrevista de 80. In: *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)*. São Paulo: Editora 34, 2016, p.184-185.

¹⁰³ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Como criar para si um corpo sem órgãos. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol.3, São Paulo: Editora 34, 2015, p.19.

¹⁰⁴ DELEUZE, G. A literatura e a vida. In: *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011, 16.

¹⁰⁵ DELEUZE, G. Sobre a filosofia. In: *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2017, 185.

¹⁰⁶ DELEUZE, G. Reapresentação de Masoch. In: *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011b, p. 72.

¹⁰⁷ Em “Resposta a uma questão sobre o sujeito” (DELEUZE, 2016, p.370-372) Deleuze comenta como os conceitos naturalmente nascem e morrem, na medida em que, diante de um novo campo de problemas, podem se tornar inúteis ou mesmo inadequados. Segundo ele, existem variáveis interiores que se entrelaçam com variáveis exteriores, afirmando a vida ou condenando determinados conceitos à morte. Certamente é o caso da noção freudiana de pulsão de morte que, após cumprir seu

Reapresentação. A noção de pulsão de morte também é descartada por Winnicott, que promove uma nova reflexão sobre a agressividade e a destrutividade, elementos que considera inerentes à natureza humana. A compreensão de tais elementos à luz de sua teoria do amadurecimento pessoal, segundo Dias¹⁰⁸, atravessa a obra do psicanalista, representando um dos melhores exemplos da mudança paradigmática que se dá em relação à psicanálise tradicional.

Tomando como ponto de intersecção entre Deleuze e Winnicott a recusa da noção de pulsão de morte para a compreensão da dinâmica amorosa masoquista, esperamos poder restabelecer o diálogo entre filosofia e psicanálise outrora dado como encerrado¹⁰⁹. Portanto, cabe aqui questionar: de que forma o pensamento de Winnicott pode contribuir para uma leitura potente que respeite as singularidades da dinâmica que viemos descrevendo até aqui? De que forma os conceitos psicanalíticos ali presentes, aliados às críticas de Deleuze à psicanálise tradicional e à noção de normalidade, podem fazer emergir uma leitura diferencial da relação de amor e ódio vivida pelos personagens de Masoch?

Não se trata aqui da redução de um autor ao outro, mas de colocar em xeque a própria noção de perversão: a perversão enquanto uma das três categorias que compõe a psicopatologia psicanalítica e a perversão enquanto método. Aqui nos referimos à compreensão de Lapoujade de que Deleuze “perverte” os autores que lê¹¹⁰. Diante de tal afirmação, é tentador não conferir uma conotação negativa ao termo perversão, e é justamente sobre o aspecto moralizante do termo que procuraremos refletir mais à frente. Ao mesmo tempo, cabe dizer que “perverter” Winnicott, significa aqui, tal como no procedimento deleuziano, promover uma torção na psicanálise winnicottiana. Essa torção ou reversão está conectada à tentativa de produzir um duplo que conduza esse pensamento ao seu limite, ao seu fora. Ou ainda, acompanhando Zourabichvili¹¹¹, poderíamos afirmar que nosso intento aqui

papel em debates que atravessaram os textos sobre Masoch, *Diferença e Repetição, Lógica do Sentido e O anti-Édipo*, encontra seu ocaso no contexto de *Mil Platôs*.

¹⁰⁸ DIAS, E. Winnicott e a teoria do amadurecimento. In: *Natureza Humana* 2(1): 9-48,2000, p.10.

¹⁰⁹ No presente capítulo, nos limitaremos ao tema da agressividade e destrutividade na relação amorosa masoquista. Em momentos posteriores de nossa tese, daremos continuidade a esse agenciamento partindo da crítica à interpretação, passando pela crítica ao Édipo e pelo espaço conferido aos paradoxos no pensamento dos dois autores.

¹¹⁰ LAPOUJADE, D. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1, 2015, p. 135.

¹¹¹ ZOURABICHVILI, F. *O vocabulário de Deleuze*. São Paulo: Ediouro, 2004, p.31.

é utilizar os substratos que decorrem da teoria winnicottiana para uma nova finalidade: uma compreensão renovada da relação amorosa masoquista.

Ao longo de sua obra, Winnicott não conferiu grande espaço aos temas do masoquismo, sadismo e o amor¹¹². Diferentemente de Freud, não focou sua reflexão no amor romântico, tendo como objetos de análise o amor no contexto da relação materna, bem como o desenvolvimento da capacidade de amar. Em sua compreensão do processo de amadurecimento, afirmará que não apenas o ódio, mas também o amor envolve agressividade e destrutividade. Conforme sublinhamos anteriormente, Winnicott promove uma mudança no que tange a compreensão da agressividade, pois, ao contrário da psicanálise tradicional, localizará as raízes da agressividade nos primórdios da vida psíquica. É dentro desse referencial que desenvolve suas considerações acerca das perversões, considerando-as patologias da agressividade. Assim, para adentrarmos no debate em torno da relação entre violência e sexualidade presente na relação amorosa masoquista, precisamos, inicialmente, compreender como Winnicott relaciona a agressividade ao processo de amadurecimento individual. Compreender as relações entre amor, violência, destrutividade e reconhecimento da alteridade, nos permitirá dialogar com a visão deleuziana de que a violência e a crueldade fazem parte do campo da sexualidade. Segundo o filósofo, tais elementos se combinam com a sexualidade de diversas maneiras¹¹³, sendo sadismo e masoquismo apenas exemplos dentro de um campo que comporta multiplicidades. O pensamento de Winnicott parece guardar certa semelhança com a abordagem do filósofo, pois, conforme veremos, para ele “a agressividade faz parte da expressão primitiva do amor”¹¹⁴ e nada tem a ver com a manifestação de uma pulsão de morte.

Ao nos debruçarmos sobre a psicanálise tradicional, vemos que na visão freudiana a agressividade se apresenta: a) como uma reação do indivíduo à frustração vivida em seu encontro com a realidade¹¹⁵; e b) como resultado de uma pulsão de

¹¹² Quando falamos em amor em nosso trabalho, nos referimos a algo composto de uma série de “ingredientes”, como intimidade, impulso erótico, preocupação (concernimento) e afeição.

¹¹³ DELEUZE, G. *Apresentação de Sacher Masoch*. Rio de Janeiro: Taurus, 1983, p.140.

¹¹⁴ WINNICOTT, D.W. A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. In: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p.289.

¹¹⁵ No contexto do primeiro dualismo pulsional, Freud afirmará que “O Eu odeia, abomina, persegue com propósitos destrutivos todos os objetos que se lhe tornam fonte de sensações desprazerosas, não importando se para ele significam uma frustração da satisfação sexual ou da satisfação de necessidades de conservação.” (FREUD, *Os instintos e seus destinos*, 1915, p.56)

morte, elemento que trabalha primeiramente dentro de um organismo visando a própria destruição, mas que em parte é desviado para fora do indivíduo na forma de agressividade e destrutividade. Assim, no contexto do segundo dualismo pulsional, a agressividade aparece em Freud como elemento constitutivo que representa o maior perigo ao processo civilizatório. Evidenciando uma visão hobbesiana acerca do ser humano, afirmará que para os indivíduos o próximo

não constitui apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer a tendência à agressão, para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra a sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para infligir-lhe dor, para torturá-lo e matá-lo.¹¹⁶

A solução freudiana para que a destrutividade humana não extermine a civilização é a repressão. O superego surge aqui como a instância psíquica responsável por inibir a agressividade, introjetando-a e dirigindo-a em direção ao próprio ego. Cabe a essa instância psíquica o papel de agir reprimindo o impulso agressivo que reside no indivíduo, gerando neste um sentimento de culpa. Esta, por sua vez, gera uma necessidade de punição, o que fará com que a agressividade seja dirigida ao próprio indivíduo. De modo que o ego é agredido da mesma maneira como gostaria de agredir o mundo externo. Sem a repressão da agressividade, a civilização estaria à mercê da agressividade humana. Em suma, segundo Freud, à cultura “se opõe o instinto natural de agressão dos seres humanos, a hostilidade de um contra todos e de todos contra um. Esse instinto de agressão é o derivado e representante maior do instinto de morte, que encontramos ao lado de Eros e que partilha com ele o domínio do mundo”¹¹⁷.

Analisando estados anteriores à constituição do eu unitário (estágios não considerados por Freud) Winnicott dará uma resposta diferente, afirmando a inutilidade do conceito de pulsão de morte para a compreensão da agressividade. Para o autor, a agressividade é inerente à natureza humana, mas ao contrário da psicanálise tradicional, tal afirmação se vê ancorada aqui na observação do próprio ser humano nos estágios iniciais de sua vida. Ou seja, para Winnicott, as raízes da agressividade se encontram presentes na relação do bebê com o ambiente externo. A vivência da

¹¹⁶ FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: *Obras Completas* Vol. XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c, p. 49.

¹¹⁷ *Ibidem*, p.58.

agressividade neste período é condição *sine qua non* para a saúde do indivíduo adulto, para que ela não assuma um caráter patológico. Assim, o psicanalista aborda a questão nos seguintes termos: “a ideia central por trás deste estudo da agressividade é a de que, se a sociedade se encontra em perigo, não é por causa da agressividade do homem, mas em consequência da repressão da agressividade pessoal nos indivíduos”¹¹⁸.

A repressão a que Winnicott se refere e na qual localiza o problema central enfrentado pela sociedade, é aquela que impede que o bebê viva de modo espontâneo aquilo que o autor chama de raízes da agressividade. Esse termo é utilizado por ele para se referir àquilo que o bebê vive nos estágios iniciais de sua existência. Não seria agressividade propriamente dita, pois, sendo desprovida de intencionalidade, não é dirigida a um objeto especificamente. Num período inicial o bebê se encontra fundido com ambiente, fusionado com a mãe, e por isso não estabelece uma diferença entre ele e o outro. Seus impulsos agressivos não são dirigidos a alguém, mas ao mundo. Nesse contexto, não há nos estágios iniciais a diferenciação entre aquilo que é subjetivamente concebido daquilo que é objetivamente percebido. Toda a realidade é criada pelo bebê, que em sua experiência de onipotência vive em um mundo subjetivo ao qual a mãe se adapta. Assim, o bebê não percebe o seio como parte de um outro (a mãe), mas sim como algo que, como Deus, ele cria em sua ilusão de onipotência. Winnicott localiza nessa experiência de onipotência vivida pelo bebê o centro de toda vida criativa.

O sentimento de onipotência é favorecido por aquilo que Winnicott chama de ambiente suficientemente bom e que, grosso modo, compreende os diversos aspectos da maternagem necessária às demandas do bebê. Portanto, tal ambiente é constituído por uma série de adaptações em que a mãe se adequa às necessidades do lactente. Elas se dão por meio da sustentação (*holding*) e manejo (*handling*) adequados do bebê, garantindo a ele uma experiência de continuidade com o ambiente que, conseqüentemente favoreça o processo de amadurecimento. Tais adaptações, garantidas por uma preocupação maternal primária¹¹⁹, tendem a gradualmente diminuir com o passar do tempo, conduzindo paulatinamente o bebê a um processo

¹¹⁸ WINNICOTT, D.W. A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. In: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p.288.

¹¹⁹ Momento em que a mãe vive um profundo processo de identificação com o bebê, “esforçando-se em descobrir suas necessidades” (ABRAM, 2000, p.85).

de integração do self¹²⁰. Neste interim é importante sublinhar que se trata de um engano acreditar que a mãe deva satisfazer plenamente todas as vontades do bebê, por todo tempo. A adaptação perfeita durante o início da vida do bebê deve dar lugar a uma “desadaptação cuidadosamente dosada”¹²¹. Nesse contexto, o trauma seria uma forma de quebra constante, “mal dosada” na continuidade da vivência ambiental, intrusões de ordem disruptiva que levam o bebê a criar organizações defensivas.

Nessa fase inicial, as raízes daquilo que posteriormente será agressividade são duas: a motilidade e a destrutividade que se manifesta no impulso amoroso primitivo. A motilidade é a mais primitiva raiz da agressividade, estando presente já quando o bebê se encontra no útero da mãe. É por meio do exercício mais ou menos intenso dessa motricidade, ainda na fase uterina, que se dá o primeiro encontro com o ambiente. Será a oposição do ambiente gerada pelo exercício de sua força vital, antes e após o nascimento, que conferirá ao bebê a sensação de realidade, o sentimento de estar vivo. A oposição a que Winnicott se refere e que possui caráter positivo é aquela que resulta da limitação da livre movimentação do bebê. Ela possui um caráter positivo na medida em que permite a ele tomar consciência de sua força muscular, de seu potencial agressivo e da existência de uma realidade externa. Sem ela, a motilidade do bebê se perderia em um vácuo, o que comprometeria a sensação de realidade do lactente. Portanto, assinala Winnicott, a motilidade precisa encontrar oposição, pois a criança “precisa de algo para empurrar, caso contrário permanecerá sem experiências e constituirá uma ameaça ao bem-estar. Na saúde, porém, por definição, o indivíduo sente o prazer de buscar a oposição adequada”¹²².

Sobre a oposição do ambiente é preciso destacar dois pontos. O primeiro, conforme expresso nas palavras de Winnicott, diz respeito à necessidade de que a oposição seja “adequada”, o que significa que ela deve existir de modo a conferir ao bebê o sentimento de que ele é real, mas não de modo excessivo, ganhando a forma de intrusão. O segundo, conforme sublinha Lejarraga, é que a oposição não

¹²⁰ O self, termo retomado por Winnicott a partir do pensamento do psicanalista Heinz Hartmann, remete à representação da pessoa inteira, ou seja, o corpo e sua representação imaginária. Como veremos no capítulo 3 de nosso trabalho, Winnicott alarga esta compreensão do self, compreendendo-o como um campo onde virtualidades podem se atualizar por meio do processo de maturação.

¹²¹ WINNICOTT, D.W. A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. In: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p.302.

¹²² *Ibidem*, p.298.

deve ser identificada com frustração, pois a última se refere “ao desencontro entre os cuidados ambientais e a expectativas do bebê”¹²³. Não se pode falar de frustração nesse momento, pois não há diferenciação entre um eu e um não-eu nesse estágio do processo de amadurecimento, tampouco expectativas que possam ser frustradas.

A segunda raiz da agressividade é a destrutividade. Esta se manifesta na voracidade do impulso amoroso primitivo. O encontro do bebê com o seio da mãe ambiente é marcado pelo caráter incompadecido, pois o bebê se lança brutalmente ao seu encontro, devorando-o. Nesse ato que visa consumir a mãe, o amor não pode ser distinguido da destrutividade. É importante salientar que inicialmente o bebê não tem consciência de que a mãe é um não-eu e que o ataque desferido lhe causará danos. Justamente por isso Winnicott chama de destrutividade e não agressividade os ataques cruéis realizados pelo bebê na fase de pré-concernimento¹²⁴. Apoiando-se na afirmação de Oscar Wilde de que “todo homem mata aquilo que ama”, o psicanalista afirmará que as crianças “tendem a amar aquilo que machucam”¹²⁵, num comportamento cuja marca é apetite e excitação. A esse impulso voraz cuja marca é a fusão entre amor e agressividade Winnicott também dará o nome de amor-apetite primário ou amor-boca¹²⁶.

Tendo em vista um desenvolvimento saudável, as duas raízes apresentadas se mostrarão indissociáveis, pois o impulso amoroso primitivo (voracidade) que conduz o bebê em direção à mãe depende da motricidade. Por outro lado, Winnicott identificará uma série de patologias oriundas do não amadurecimento adequado de uma agressividade que se viu reprimida. O masoquismo e o sadismo são apenas dois exemplos de formações patológicas que, segundo o psicanalista, resultarão de uma falha ambiental. É importante notar que, ao fazer referência à falha ambiental, Winnicott entende que uma mãe pode pecar “pela falta ou pelo excesso”, ou seja, o ambiente pode acolher em demasia, impedindo a motilidade do lactente ou pode ser intrusivo, impedindo o sentimento de continuidade daquele. Em ambos os casos veremos que a necessidade do indivíduo de se sentir real é comprometida.

¹²³ LEJARRAGA, A.L. *O amor em Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p.51.

¹²⁴ A fase de concernimento (preocupação) é aquela em que o bebê já diferencia um eu e um não-eu, tornando-se consciente de que os ataques vorazes que desferia se davam contra a mãe.

¹²⁵ WINNICOTT, D.W. *Agressão e suas raízes*. In: *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1978, p.101.

¹²⁶ *Ibidem*, p.92.

Portanto, quando Winnicott se refere à repressão da agressividade (que, conforme vimos, no bebê se apresenta como motilidade e destrutividade), ele fala sobre o impedimento pelo ambiente (a mãe) do pleno exercício desses impulsos. O não acolhimento dessa agressividade pode gerar profundos efeitos no processo de amadurecimento dos indivíduos, afastando-os da saúde e conduzindo à doença. Isso se configura como um verdadeiro risco à civilização haja visto que “a saúde social depende da saúde individual; a sociedade não passa de uma duplicação maciça de indivíduos”¹²⁷. Ao contrário de Freud que não trabalha com a noção de amadurecimento do indivíduo e que entende a destrutividade como parte de nossa constituição, para Winnicott o risco de desintegração da sociedade se encontra nesses indivíduos que não foram acolhidos em um ambiente suficientemente bom e que por isso não viveram o amadurecimento da agressividade. São eles que carregam, em si o potencial para “destruir o mundo, um mundo que os aniquilou, a cada um individualmente, na infância”¹²⁸.

Como vimos, a psicanálise winnicottiana dá grande ênfase à provisão ambiental fornecida por uma mãe suficientemente boa, prescindindo da pulsão de morte tão criticada por Deleuze nos trabalhos em parceria com Guattari. No que tange a agressividade humana, o “golpe” dado por Winnicott na psicanálise tradicional corrige não apenas a noção de que aquela é resultado da frustração¹²⁹, mas também dispensa a explicação freudiana com base na pulsão de morte, considerando-a um truísmo. Se Freud erra, dirá Winnicott, é porque não leva em consideração um processo de amadurecimento que tem início nos primórdios da existência, em uma fase de dependência absoluta. Portanto, o equívoco freudiano se dá porque:

sua teoria se torna uma falsa teoria da morte que ocorre como um fim para a vida, e uma teoria da agressividade que também se revela falsa, porque deixa de lado duas fontes vitalmente importantes da agressão: aquela inerente aos impulsos do amor primitivo (no estágio anterior ao concernimento, independente das reações à frustração), e aquela pertencente à interrupção da continuidade do ser pela intrusão que obriga a reagir. O desenvolvimento da teoria psicanalítica até o ponto em que estes e outros fenômenos puderam ser

¹²⁷ WINNICOTT, D.W. O conceito de indivíduo saudável. In: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Ubu, 2021, p.22.

¹²⁸ *Ibidem*, p.38.

¹²⁹ A agressividade que resulta da frustração e que é objeto de estudo de Freud se dá apenas em fases posteriores do processo de amadurecimento. Tal agressividade carrega um grau de sofisticação que ainda não se encontra presente na fase em que o bebê vive em uma condição de dependência absoluta.

abarcados talvez tenha tornado redundante a teoria freudiana dos instintos de Vida e de Morte.¹³⁰

Ainda discordando de Freud, Winnicott considera que o ser humano emerge não do inorgânico, mas sim de um estado de solidão absoluta cujo momento anterior seria um estado de “não-estar-vivo”. Portanto, a compreensão das diferentes fases que compõem o amadurecimento da agressividade torna desnecessário “recorrermos a um “Instinto de Morte””¹³¹. A morte¹³², quando se trata do lactente, ocorre quando se faz necessária uma reação prolongada a uma falha ambiental, acarretando uma perda de sua capacidade de ser. Em uma carta escrita em 1952, ao comentar sobre a pulsão de morte, Winnicott deixa clara sua discordância em relação à especulação (outrora louvada e agora repudiada também por Deleuze) freudiana:

é um conceito que Freud introduziu porque não tinha nenhuma noção sobre o impulso amoroso primitivo. Em uma discussão, nunca teria a menor utilidade trazer a expressão pulsão de morte, a menos que você volte diretamente a Freud e se fale sobre a tendência de tecidos orgânicos retornarem ao estado inorgânico, o que, no que se refere à psicologia, não significa absolutamente nada, exceto uma afirmação do óbvio. Provavelmente não é verdade, mesmo em sua forma mais grosseira e simples.¹³³

Ao contrário de Melanie Klein¹³⁴ que, a despeito de seus avanços e originalidade, continua refém da noção de pulsão de morte, Winnicott se mostra como pensador nômade na medida em que não se vê preso ao cânone psicanalítico, seja no que diz respeito à pulsão de morte, seja na compreensão da hermenêutica psicanalítica. Mas seria possível ir além? Vimos que tanto Winnicott como Deleuze recusam a reflexão sobre as perversões aqui tematizadas a partir da pulsão de morte, mas seria possível empreender a partir dos dois autores uma reflexão em torno do próprio conceito de perversão? Nossa hipótese de trabalho gira em torno da possibilidade de uma reflexão que relativize o caráter patológico do masoquismo, permitindo uma leitura não moralizante e que possibilite uma compreensão do fenômeno como uma forma de expressão da criatividade, a partir da dimensão do brincar

¹³⁰ WINNICOTT, D. W. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.154.

¹³¹ Ibidem, p.156.

¹³² Também pode ser localizado no pensamento de Deleuze uma crítica à concepção freudiana de morte, como um simples retorno ao inorgânico. A crítica a essa leitura, considerada reducionista, se dá no contexto da terceira síntese do tempo presente no segundo capítulo de *Diferença e repetição*.

¹³³ WINNICOTT, D.W. *The spontaneous gesture: selected letters of D.W. Winnicott*. London: Harvard University Press, 1987, p.40.

¹³⁴ DELEUZE, G. Pensamento nômade. In: *Nietzsche hoje?* Colóquio de Cerisy. Org. e rev. técnica Scarlett Marton. Trad. Milton Nascimento e Sônia S. Goldberg. São Paulo: Brasiliense, 1985.

tematizada por Winnicott. Nesse sentido e abordando as diferentes formas de sexualidade, a psicanalista neozelandesa Joyce McDougall afirmará “a principal ‘zona erógena’ da humanidade está na cabeça”¹³⁵. Relembremos também que, conforme já citado anteriormente, segundo Lowenstein,

os masoquistas buscam apenas certas formas específicas de sofrimento e humilhação. Tão logo elas atinjam uma intensidade maior ou assumam uma forma diferente elas provocam as reações habituais de medo e dor. Em adição, o que é característico para o gozo do masoquista é um pré-requisito essencial: que o parceiro sexual participe da cena. *Assim as ameaças e punições do parceiro equivalerão a algo semelhante a jogar ou fazer de conta.*¹³⁶

Em nosso percurso vimos como a psicanálise winnicottiana adota outros referenciais na compreensão da agressividade e destrutividade humanas. Para além desse paralelo encontrado entre o psicanalista e o filósofo, seria possível ir mais adiante em uma leitura não patologizante da relação amorosa masoquista que se coadune à crítica promovida por Deleuze à leitura psicanalítica da própria noção de perversão? Pensamos que sim. Mas antes de nos voltarmos à abordagem do amor masoquista a partir da psicanálise winnicottiana (questão, diga-se de passagem, nunca tematizada por Winnicott), mostra-se necessária uma reflexão sobre o tratamento dado pela psicanálise às assim chamadas perversões. A seguir veremos como em Deleuze encontramos uma crítica à noção de perversão construída em torno de uma crítica à ideia de normalidade.

Como sublinha Sauvagnargues¹³⁷, o encontro que se dá entre Deleuze e Guattari parece inflamar algo no interior do filósofo. A literatura e a arte que até então se prestavam a fins mais altos do que Estado e sociedade, a partir do encontro com o psicanalista passam ao reino dos agenciamentos políticos. Antes desse encontro e a despeito da tentativa do filósofo de defender que sua posição sobre a arte não era uma renúncia à política¹³⁸, a sintomatologia vista no pensamento de Deleuze

¹³⁵ MCDUGALL, J. *The Many Faces of Eros: A Psychoanalytic Exploration of Human Sexuality*. New York: W.W. Norton, 1995, p.219.

¹³⁶ LOEWENSTEIN, R.M. A contribution to the psychoanalytic theory of masochism. IN: *Journal of the American Psychoanalytic Association*. 1957 Apr;5(2):197-234, p.201.(itálico nosso)

¹³⁷ SAUVAGNARGUES, A. *Deleuze and art*. Londres: Bloomsbury, 2013, p.14.

¹³⁸ DELEUZE, G. A gargalhada de Nietzsche. In: *A ilha deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2000, p.146.

mostrava certa indiferença ao contexto político, sendo o corpo social algo que não aparenta participar da dimensão constitutiva da arte. Nos referimos aqui ao fechamento da arte para a paisagem política visto na posição (compartilhada por Deleuze) de que:

para Nietzsche é evidente que a sociedade não pode ser uma última instância. A última instância é a criação, a arte: ou, antes, a arte representa a ausência e a impossibilidade de uma última instância. Desde o início de sua obra, Nietzsche estabelece que há fins “um pouco mais elevados” que os do Estado, ou da sociedade.¹³⁹

Ora, com Guattari a arte deixa de ser algo que ocasionalmente coincide com a luta histórica e passa a integrar e gerar efeitos na dimensão política. Dessa parceria decorre uma máquina literária que “toma o lugar de uma máquina revolucionária porvir”¹⁴⁰. Com Guattari Deleuze compartilha também o interesse pela análise e questionamento do caráter histórico daquilo que é entendido como normalidade e patologia. Visando aprofundar tal questão, mobilizarão compreensões como as de Foucault e especialmente de Canguilhem para relativizar as categorias do normal e do patológico.

O interesse de Deleuze por Canguilhem não era algo recente, assim como a atração do filósofo pelas fronteiras existentes entre loucura e criatividade remonta ao *Collège de Sociologie* e a figuras como Blanchot, Nietzsche, Holderlin e Artaud. A abordagem e análise da transgressão no campo da literatura promovidas por Deleuze podem ser entendidas como um movimento de crítica à própria noção de normalidade. Para tanto, o filósofo faz uso de ferramentas como a distinção entre as noções de anormalidade e anomalia presentes em Canguilhem. O anormal, termo tido como normativo e pejorativo, sempre existe em referência àquilo que é tido como “normal”, qualificando tudo aquilo que se apresenta como contrário à norma. Por outro lado, o anômalo, faz referência à “desigualdade e aspereza”¹⁴¹, opondo-se ao considerado uniforme e regular e, conseqüentemente, se referindo ao não convencional. Se por um lado, enquanto termo descritivo, anomalia serve para designar

¹³⁹ DELEUZE, G. A gargalhada de Nietzsche. In: *A ilha deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2000, p.145.

¹⁴⁰ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p.37.

¹⁴¹ CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p.50.

um fato, por outro, enquanto termo apreciativo e normativo, anormal implica referência a um valor.

Retomando e acompanhando a leitura de Canguilhem sobre o tema, Deleuze considerará “que a palavra “anômalo”, adjetivo que caiu em desuso, tinha uma origem muito diferente de “anormal”: a-normal, adjetivo latino sem substantivo, qualifica o que não tem regra ou o que contradiz a regra, enquanto que “a-nomalia”, [...] designa [...] a ponta de desterritorialização”¹⁴². Portanto, concluirá o filósofo, enquanto o anormal é determinado apenas com base em características (genéricas ou não), o anômalo apresenta-se como uma coordenada (ou conjunto delas) em um campo de multiplicidades. Ora, disso decorre que as perversões apresentam-se como uma espécie de fonte de criação, na medida em que, ao questionarem aquilo que é tido como norma, nos oferecem a oportunidade de lançar um novo olhar sobre as categorias de saúde e normalidade. Os romances de Masoch produzem um efeito similar, pois não apenas colocam em xeque todo um gênero quando levam a linguagem ao seu limite, mas também conduzem ao questionamento sobre os múltiplos modos possíveis de se experienciar a sexualidade. Quando Deleuze nos remete a Canguilhem, fica patente o seu interesse não pela transgressão, mas pela variação. Isso porque o anômalo não está relacionado à transgressão de uma norma, mas sim a uma “situação de irregularidade”¹⁴³, de não convencionalidade. Nesse contexto, aquilo que é considerado monstruoso, ou mesmo perverso, pode ser considerado apenas uma variação “mais interessante” em um conjunto de variações possíveis.

Tendo em vista uma sintomatologia que aproxima a arte da vida, a literatura de Masoch, desprovida de qualquer viés moralista, cumpre o papel de explorar a vida em suas intensidades, captando aquilo que nela se apresenta como anômalo. É justamente o que há de anômalo nos romances de Masoch que leva Krafft-Ebbing a nomear a assim chamada “perversão” como masoquismo e não algolagnia, por se tratar de uma variação distinta daquilo que era tido como norma. Também é justamente este o único ponto que aproximam masoquismo e sadismo, conduzindo à redução de um ao outro: ambos evidenciam variações que escapam à força de

¹⁴² DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível*. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, Vol.4*, São Paulo: Editora 34, 2015, p.26.

¹⁴³ CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p.110.

normalização do discurso psiquiátrico (ao qual Freud adere de modo apressado) e por isso estão sujeitas à condenação moral.

Ora, uma consulta ao verbete “perversão” é suficiente para contextualizar o tema aqui tratado. No “Vocabulário da psicanálise” a perversão aparece definida logo nas primeiras linhas como um “desvio em relação ao ato sexual “normal”” e “de forma mais englobante, [...] o conjunto do comportamento psicosssexual que acompanha *atipias* na obtenção do prazer sexual”¹⁴⁴. Embora Freud tenha proclamado que a psicanálise jamais poderia ser compreendida como uma visão de mundo (*Weltanschauung*)¹⁴⁵ e de que ela estava isenta de questões morais, o que vemos na definição acima é que a teoria psicanalítica acaba por implicar a defesa de um certo modo de vida exemplar. Ironicamente, a psicanálise na forma como foi concebida se mostrava não apenas como uma crítica de um modelo de vida correta, mas também se propôs refletir sobre os efeitos que a tirania das normas poderia gerar em nós (lembramos que a histeria era um fenômeno mais comum entre mulheres, pois eram elas que viviam um contexto social repressivo). Mais irônico ainda é que a sexualidade nos primórdios da vida tenha sido concebida como “perverso polimorfa”¹⁴⁶ nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, ou seja, comportando múltiplas formas de satisfação erótica. O que nos conduz à conclusão de que, durante a infância, a perversão é justamente aquilo que é tido como norma¹⁴⁷.

Portanto, retornando à questão em tela, a única coisa que compartilham as assim chamadas perversões (e que leva a uma redução do sadismo ao masoquismo) é, como vimos acima, uma fuga ao normativo e ao caráter “atípico” de obtenção do prazer. O que as reúne sob esse título é menos uma série de sintomas particulares e mais o fato de compartilharem o signo da exclusão social. Onde antes havia o pecado, temos o sintoma, passando a “desordem” a ser resultado de um diagnóstico moral. O pensamento de Foucault encontra eco em Deleuze ao percebermos que não somos colocados diante de uma questão científica, mas sim social: uma clínica

¹⁴⁴ LAPLANCHE, J & PONTALIS, J-B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1985, p.432 (itálico nosso).

¹⁴⁵ FREUD, S. Acerca de uma visão de mundo. In: *Obras Completas Vol. XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c, p.321.

¹⁴⁶ FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras Completas Vol. VI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 99.

¹⁴⁷ Freud considerará que essa predisposição infantil à polimorfia será aproveitada “pelas meretrizes em sua atividade profissional” (Ibidem).

desprovida de preocupações terapêuticas, que exclui práticas sexuais consideradas anormais, numa tentativa de regular costumes morais. Nesse sentido, o interesse de Deleuze não se limita ao tema do masoquismo, mas também se dedica a temáticas como o homossexualismo em Proust e a análise do voyeurismo e exibicionismo presentes em Klossowski. Como sublinha Sauvagnargues¹⁴⁸, Deleuze encontra-se inscrito em uma tradição do pensamento francês onde a arte toca as variações do normal com o patológico. Ao longo de suas obras podemos perceber que em diversos momentos o filósofo dialoga com nomes dessa tradição, como Bataille, Blanchot, Klossowski, Lacan e Foucault.

Tendo em vista que temos tratado de formas de sexualidade consideradas patológicas, talvez o problema aqui tratado possa ser abordado em outros termos: o que seria um comportamento “são” no que diz respeito à sexualidade? O psicanalista e comentador da obra de Winnicott, Adam Phillips¹⁴⁹ reflete que o único animal cuja sexualidade é pensada em termos de normalidade e patologia (ou sanidade e insanidade) é o animal humano. De modo geral, no que diz respeito aos outros animais, tenderíamos, no máximo, a afirmar determinados comportamentos como incomuns, ou, como temos afirmado aqui, anômalos. Porém, quando se trata da sexualidade humana, nossas descrições geralmente são moralmente carregadas, julgamentos são pronunciados e suposições realizadas. Dentre estas, inclusive, aquilo que poderia ser considerado humano ou não. A agressividade (e a submissão que a noção pode comportar) é algo considerado perfeitamente plausível na sexualidade dos outros animais, mas quando se trata de pessoas, é visto como algo que desumaniza. Assim, uma vida erótica que apresenta elementos de agressividade e subserviência só poderia ser vista como sendo dotada de elementos patológicos. Considerar “loucos” aqueles que obtêm prazer por tais vias, evidencia não apenas algo que expõe um incômodo de ordem individual, mas confere à sanidade o papel de guardiã “de nossa versão preferida de nós mesmos”¹⁵⁰. Com essa versão somos confrontados a todo momento, pois, como vimos, “pode-se sempre falar da violência e da crueldade na vida sexual; pode-se sempre mostrar que essa violência ou essa crueldade se combinam com a sexualidade de diversas maneiras”¹⁵¹.

¹⁴⁸ SAUVAGNARGUES, A. *Deleuze and art*. Londres: Bloomsbury, 2013, p.30.

¹⁴⁹ PHILLIPS, A. *Louco para ser normal*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 62.

¹⁵⁰ *Ibidem*.

¹⁵¹ DELEUZE, G. *Apresentação de Sacher Masoch*. Rio de Janeiro: Taurus, 1983, p.140.

Do que temos visto até aqui, talvez seja possível concluir que o debate em torno de uma sexualidade sã (ou normal) parece menos indicar a existência de elementos patológicos em nossa vida sexual e mais nos colocar diante do fato de que somos a todo tempo confrontados com padrões. Nos dias de hoje, cada vez mais somos colocados diante de um discurso que afirma ser a sexualidade algo tratado com maior abertura, mas, ao mesmo tempo, ela se vê a todo momento sendo reprimida. Tal contradição parece evidenciar um descompasso entre o que gostaríamos de ser e aquilo que verdadeiramente somos, e se faz presente na necessidade de autojustificação de nossos desejos sexuais. Assim, por mais que defendamos uma maior abertura para a vivência erótica, ainda somos confrontados com uma moralidade que nos diz a todo tempo aquilo que deveríamos querer. A manutenção da adesão à norma talvez possa ser menos compreendida em termos de vontade e mais pela necessidade de continuidade e estabilidade (aqui entendidas como sanidade). A ruptura com tais padrões pressupõe o abandono da familiaridade e a abertura a uma mudança que pode se mostrar, em certa medida, catastrófica. Em suma, abandonar o terreno da sanidade pode nos colocar diante de um novo que pode se mostrar como perturbador. Diante disso, talvez se mostre pertinente refletir sobre a pressão da “moralidade do costume”¹⁵² e pensar como uma “fuga da sanidade” pode representar a condição necessária para a irrupção do novo, para que a vivência da vida erótica em toda sua multiplicidade possa se dar “sem mais remorsos”, afinal, segundo Nietzsche:

“através da loucura chegaram à Grécia os maiores bens”, disse Platão, juntamente com todos os antigos. Avancemos mais um passo: todos os homens superiores, que eram irresistivelmente levados a romper o jugo de uma moralidade e instaurar novas leis, não tiveram alternativa, caso não fossem realmente loucos, senão tornar-se ou fazer-se de loucos — e isto vale para os inovadores em todos os campos, não apenas no da instituição sacerdotal e política: — até mesmo o inovador do metro poético teve de credenciar-se pela loucura.¹⁵³

Ora, o que estamos fazendo aqui não é uma defesa ingênua da loucura. Isso sim, cabe aqui refletir sobre a forma como a noção de sanidade se vê construída e ancorada em um conceito de normalidade que, como vimos, não passa de constructo

¹⁵² NIETZSCHE, F. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p.21.

¹⁵³ *Ibidem*, p.22.

social. Buscamos com isso uma relativização de padrões sexuais que conduziram a um diagnóstico patologizante das múltiplas formas de vivência da vida erótica. Com isso esperamos poder refletir sobre as ferramentas que a psicanálise winnicottiana nos oferece para uma leitura diferencial da relação amorosa masoquista, uma leitura que, livre das categorias do normal e do patológico, possa compreender essa forma de variação amorosa como uma das múltiplas expressões da criatividade originária.

Anteriormente, apresentamos em linhas gerais o modo como Winnicott, diferenciando-se da psicanálise tradicional, concebe a agressividade como algo inerente à condição humana. Para tanto, lançamos mão de alguns elementos presentes na teoria do amadurecimento pessoal e do modo como eles se articulam à agressividade. Vimos também que a psicanálise winnicottiana se debruça sobre as relações construídas entre o ser humano e o ambiente nas fases mais primitivas da vida. O modo como se dá tal dinâmica relacional surge assim como fator determinante não apenas para uma integração da agressividade, mas também para uma vida criativa e plena de sentido. Agora, articulando as noções de transicionalidade, criatividade e espaço potencial, procuraremos compreender como a relação amorosa vivida pelos heróis de Masoch pode ser alvo de uma leitura positiva que a compreenda como uma manifestação do gesto espontâneo, da expressão da individualidade, ou mesmo da capacidade de brincar das personagens em questão.

Conforme afirmado anteriormente, Winnicott não priorizou a vida amorosa adulta em suas análises, voltando-se prioritariamente à compreensão do amor nas fases mais primitivas de nossa existência. Porém, o psicanalista oferece em alguns textos insights valiosos que permitem compreender a dinâmica amorosa entre adultos. No texto “Vivendo criativamente”, o psicanalista refletirá sobre a relação amorosa no interior do casamento e afirmará que “nem todos os casais sentem que podem ser criativos e permanecer casados”¹⁵⁴. Para tanto, parte do postulado de que um casamento duradouro dependerá da vivência (por ambos) do impulso pessoal criativo. No pensamento de Winnicott a saúde psíquica está diretamente atrelada à capacidade do indivíduo ser criativo, esta entendida como a capacidade de sentir que se vive a própria vida, entendendo a necessidade de “*certa identificação com a*

¹⁵⁴ WINNICOTT, D.W. Vivendo criativamente. In: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Ubu, 2021, p.50.

*sociedade, sem perder muito de seu impulso individual ou pessoal*¹⁵⁵. Ora, nos parece que o conceito de indivíduo saudável desenvolvido por Winnicott se coaduna com a necessidade de cada indivíduo viver aquilo em si é impulso pessoal, gesto criativo, em todos os âmbitos da vida (inclusive o erótico). No que diz respeito às demandas e normas estabelecidas na sociedade, o indivíduo deve identificar-se, mas não às custas de sua criatividade. Diante disso, cabe questionar: de que forma a vivência erótica, em suas mais diversas formas e em seu caráter privado, coloca em xeque a vida em sociedade? Não nos parece que seja o caso.

A noção de criatividade cumpre papel fundamental no pensamento winnicottiano. Ao abordar a relação do bebê com a mãe ambiente, a criatividade existe como potencialidade, podendo: a) ser desenvolvida em um ambiente acolhedor, gerado por uma mãe suficientemente boa; ou b) sufocada diante das falhas ambientais. Como vimos, da relação inicial com o ambiente na fase de dependência absoluta, resulta o sentimento de ser, a sensação de realidade do bebê. Quando seu impulso criativo é acolhido em sua relação com o mundo, há uma sensação de que a relação com a realidade se tornou mais significativa e colorida¹⁵⁶. Assim, a criatividade, tal como apresentada por Winnicott, está diretamente relacionada com a construção de um sentido para o viver, da capacidade de conferir cor e tornar a vida plena de significado e digna de ser vivida. Agora apliquemos o mesmo raciocínio à vivência da criatividade durante a vida adulta. Impor aos indivíduos categorias de normalidade e patologia (que na maior parte do tempo se limitarão a descrever nossa adesão a um conjunto de costumes e rejeição a outros), significa privá-los de uma vida genuína, do sentimento de estar vivendo uma vida autêntica e real, em suma, do colorido de suas vidas. Isso nos confronta com o fato de que “os indivíduos podem viver criativamente e sentir que vale a pena viver a vida ou, então, que são incapazes de viver criativamente e têm dúvidas sobre o valor da vida”¹⁵⁷. Sabemos que o medo da exclusão social causada pela não adequação à norma pode ser devastador. O resultado pode ser que, confrontado com um ambiente hostil à manifestação do impulso criativo, o indivíduo encontra-se muitas vezes diante da necessidade de

¹⁵⁵ WINNICOTT, D.W. O conceito de indivíduo saudável. In: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Ubu, 2021, p.28 (itálico no original)

¹⁵⁶ WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu, 2019, p.108.

¹⁵⁷ *Ibidem*, p.118.

criar inconscientemente uma fachada, um falso *self*, para que possa se relacionar com esse mundo que o rejeita.

Essas considerações parecem oferecer um conjunto de coordenadas para uma reflexão não patologizante das ditas perversões, mas como poderíamos compreender especificamente a relação amorosa de Wanda e Severin, os heróis de Masoch? Fazendo uso das ferramentas oferecidas por Winnicott, podemos pensar tal relação partindo da articulação das noções de transicionalidade, criatividade e espaço potencial. A noção de objeto transicional é apresentada pelo psicanalista no clássico artigo de 1951 “Objetos transicionais e fenômenos transicionais”¹⁵⁸. Nele o psicanalista descreve o uso que bebês fazem de certos objetos (ursos de pelúcia, cobertores), conferindo a eles um caráter especial. O bebê irá desenvolver uma relação afetuosa com tais objetos que cumprirão o papel de aplacar a angústia e inquietação vividas por ele. Conhecido com um “não-eu”, tal objeto será criado, imaginado, inventado e produzido¹⁵⁹ pelo bebê em seu exercício do impulso criativo espontâneo e remeterá à relação vivida com a mãe durante os estados tranquilos. Assim, cumprirá a função de simbolizar o seio e a união vivida com a mãe quando o bebê começa a percebê-la como um outro, sendo utilizado como ferramenta para suportar os sentimentos vividos nos momentos de afastamento. Portanto, o objeto transicional ocupa uma zona intermediária entre o subjetivamente concebido e o objetivamente percebido, ou seja, entre aquilo que o bebê cria no exercício de ilusão e objeto que lhe foi dado. Trata-se assim de um espaço neutro entre o eu e o não-eu, de uma área intermediária, um espaço potencial marcado por um paradoxo: tudo é ao mesmo tempo criado e encontrado. Winnicott chama atenção para o fato de que “a principal característica do conceito de fenômenos e objetos transicionais [...] é o paradoxo e a aceitação do paradoxo: o bebê cria o objeto, mas o objeto já estava lá esperando para ser criado”¹⁶⁰.

É importante destacar que, se por um lado os objetos transicionais estão fadados ao abandono, o espaço potencial (ou transicional) no qual se constituem, atravessa nossas existências. Enquanto exercício criativo, o brincar, a arte e a cultura se encontram justamente nessa zona intermediária, neste espaço que não é nem

¹⁵⁸ WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu, 2019, p.118.

¹⁵⁹ *Ibidem*, p.14.

¹⁶⁰ *Ibidem*, p.145.

subjetivo nem objetivo. Winnicott rompe assim com uma compreensão de ser humano limitada ao anacronismo das categorias interno/externo, propondo a existência de uma zona de experimentação, um lugar não-lugar, uma zona de indeterminação em que, impulsionados pela criatividade, nos libertamos do peso que há em manter separadas as realidades interna e externa. Isso porque “a aceitação da realidade é uma tarefa que nunca é completada, pois nenhum ser humano está livre da tensão causada pela relação entre realidades interna e externa, e que essa tensão é aliviada por uma área intermediária de experiência que não é contestada (artes, religião, etc.)”¹⁶¹. É nesse espaço intermediário que as crianças habitam quando estão absorvas no brincar e no qual, posteriormente, serão desfrutadas todas as experiências culturais e a própria experiência amorosa.

O brincar, segundo Winnicott, é natural ao ser humano e é condição para a saúde, pois nele, não apenas a criança, mas também o adulto pode exercer seu impulso criativo e fazer uso integral de si. Segundo o psicanalista, o prazer é a grande marca do brincar, pois, como vimos, o exercício da criatividade confere significado à existência. A psicanálise tradicional peca ao dar pouca importância a esse tipo de prazer intenso e sem clímax que vivemos na experiência do brincar, na qual o bebê encontra prazer, *mas muitas vezes também a dor como resultado do exercício imaginativo*¹⁶². Como Winnicott sublinha, “não existem regras para o jogo”. Os fenômenos de caráter transicional são “infinitamente variáveis”¹⁶³, podendo esse mesmo caráter lúdico do brincar ser localizado na relação amorosa, na “eletricidade” sentida na experiência de mutualidade (intimidade), no prazer que sentimos no contato íntimo.

Embora o vínculo entre o brincar e a relação amorosa não esteja expressamente dado na obra de Winnicott, o mesmo pode ser localizado em um dos casos no qual o psicanalista, ao tratar da relação conjugal, discute com seu paciente sobre a dificuldade ou mesmo incapacidade de brincar que ele vivencia com a esposa. Winnicott questiona seu paciente, refletindo sobre o que poderia ser considerada uma inclinação original da esposa para o brincar em contraposição a uma atitude séria que ela adotava no interior do casamento. A essa consideração o seu paciente

¹⁶¹ WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu, 2019, p.33.

¹⁶² *Ibidem*, p.163.

¹⁶³ *Ibidem*, p.159.

responde atribuindo a seriedade da esposa (que o próprio considera que “poderia ser mais espontânea”¹⁶⁴) à própria dificuldade que ele tinha em brincar, o que poderia levá-la a considerá-lo uma pessoa tediosa. Em relação à análise desse caso, o que pode ser localizado na interpretação de Winnicott é o vínculo existente entre os problemas conjugais vividos na relação amorosa com a incapacidade do casal de brincar, de experimentar nesse espaço de indeterminação que é o espaço potencial. Como o próprio paciente parece concluir em suas considerações sobre o comportamento da esposa, esta não pode exercer seu gesto espontâneo, o que torna a relação empobrecedora para ela, pois ela estaria assim sendo privada de seu impulso pessoal criativo.

Conforme sublinha Lejarraga, a dinâmica amorosa se dá “no espaço potencial [onde] os dois parceiros amorosos são, ao mesmo tempo, criados e achados, encontrados na realidade compartilhada e também criados subjetivamente”¹⁶⁵. Aqui vemos o paradoxo descrito anteriormente, pois o parceiro seria ao mesmo tempo aquele que é subjetivamente concebido e objetivamente encontrado. O resultado disso é que a criatividade é a marca da relação amorosa, pois há uma relação entre o que se fantasia, ou seja, como o parceiro é criado internamente, e aquilo que é vivenciado na realidade objetiva. O fortalecimento do sentimento de si mesmo se dá quando há certa correspondência entre o criado e o encontrado. O tédio na relação amorosa passa a existir justamente quando a criatividade que a marca se vê esmagada. A impossibilidade de agir criativamente da esposa descrita no estudo de caso anterior, tem como resultado uma relação tediosa dela com o marido, sendo que o esmagamento de sua criatividade se dá em virtude da impossibilidade do marido de brincar.

Ora, se, como vimos, “não há regras para o jogo” do que é brincar, por que isso se daria na relação amorosa? Na medida em que a relação amorosa se dá dentro da dinâmica paradoxal do espaço potencial, por que normatizá-la? Se os fenômenos transicionais são infinitamente variáveis como afirma Winnicott, e a relação amorosa é um desses fenômenos, como patologizar ou descrever a relação dos heróis de Masoch como sendo desviante? Simplesmente não parece ser possível. Munidos

¹⁶⁴ WINNICOTT, D.W. *Holding and interpretation: fragment of an analysis*. London: The Hogarth Press, 1986, p.91.

¹⁶⁵ LEJARRAGA, A.L. *O amor em Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p.94.

das ferramentas conferidas pela psicanálise winnicottiana, podemos perceber o caráter multifacetado da relação amorosa sem que sejamos vítimas de uma avaliação moralizante. Como vimos, é comum que na vivência da brincadeira imaginativa “o bebê encontre um prazer intenso, até mesmo doloroso”, ou seja, não há razão para que se julgue o modo como se dá a fruição no contexto da relação amorosa retratada na *Vênus* de Masoch.

Severin e Wanda parecem, até certo momento da relação, viver aquilo que aparenta ser a alegria do casal que, ao exercer sua criatividade, brinca. Chamamos aqui o prazer vivido por eles de alegria, pois assim como o prazer vivido pela criança no brincar, não está ligado à satisfação instintual. Como sabemos, a dinâmica masoquista está ligada ao jogo estabelecido entre senhora e escravo e não à satisfação sexual, sendo este elemento secundário. Isso ocorre pois os fenômenos transitórios se distinguem dos “fenômenos de base instintiva, em que o elemento orgástico desempenha um papel fundamental e as satisfações são intimamente ligadas ao clímax”¹⁶⁶. Cabe lembrar que esse jogo se dá com base em um contrato que possui um caráter determinante e que estabelece um vínculo de confiança entre senhora e escravo. A confiança aparece assim como fator fundamental¹⁶⁷ para que o espaço potencial se estabeleça e a criatividade ganhe vida, seja na relação entre mãe e bebê, entre criança e família, entre indivíduo e sociedade ou entre parceiros amorosos. É emblemático que o fim de relações amorosas se dê muitas vezes em função de uma quebra de confiança. Na *Vênus*, isso ocorre quando Wanda trai a confiança de Severin, quebra o contrato e submete-o aos castigos da personagem conhecida como “O Grego”. Este é o momento que marca o fim do jogo estabelecido entre as personagens principais.

É importante ressaltar que sublinhamos aqui o caráter saudável da relação, mas apenas até certo ponto. Com o desenrolar da obra de Masoch percebemos uma mudança clara na dinâmica amorosa das personagens, que passam da alegria prazerosa do brincar à ausência de sentido vivida por Wanda na relação. À princípio, ambos se entregavam à experiência criativa da relação, cujo caráter excitante estava no fato de sempre haver “algo de novo e inesperado no ar”¹⁶⁸. Vemos assim como

¹⁶⁶ WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu, 2019^a, p.159.

¹⁶⁷ *Ibidem*, p.166.

¹⁶⁸ WINNICOTT, D.W. *Vivendo criativamente*. In: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Ubu, 2021, p.59.

o suspense em Masoch saudado por Deleuze ganha corpo com o avançar da narrativa na expectativa que surge entre as personagens a todo momento: em Severin, fantasiando até onde iria Wanda; e em Wanda, que se divertia ao fantasiar sobre os limites das fantasias de Severin. Durante certo tempo percebemos que a história se encaminha com as personagens encontrando certa correspondência entre aquilo que criavam internamente e o que encontravam externamente. O caráter saudável da relação que viviam então estava evidenciado na maneira como o próprio viver se mostrava excitante enquanto desfrutavam da “magia da intimidade”¹⁶⁹. A despeito do caráter pouco convencional da relação, até certo ponto, esta se mostrava enriquecedora, excitante e prazerosa para ambos. Nela, encontramos dois indivíduos que se mostraram capazes de “penetrar, de modo imaginativo e ainda assim preciso, nos pensamentos, nos sentimentos e nas esperanças de outra pessoa, e também de permitir que outra pessoa faça o mesmo”¹⁷⁰.

Conforme exposto, na relação amorosa existente entre o casal, a saúde encontra o seu limite. Isso ocorre porque paulatinamente o leitor é confrontado com o fato de que a relação vivida entre as personagens vai gradualmente deixando de ter significado para Wanda. Como vimos, a experiência da ilusão que encontra certo grau de correspondência na realidade é condição necessária para a relação amorosa saudável, afinal “na saúde há a ilusão de contato”¹⁷¹. O desenrolar do romance entre Wanda e Severin parece gradativamente demonstrar que Wanda não encontrava mais correspondência entre aquilo que criava e aquilo que encontrava em seu parceiro. Com o tempo percebe-se que ela se vê obrigada a renunciar à própria criatividade para corresponder às fantasias de Severin. Durante certo tempo a mulher parece lutar para manter uma relação que a cada dia perdia sua cor, demonstrando que a outrora positiva ilusão acaba por dar lugar à idealização. Isso porque já não havia correspondência possível, mas apenas a tentativa de submeter a vontade de Severin ao seu modelo de parceiro amoroso. Ao mesmo tempo, Severin não aceitava que sua amada não pudesse corresponder às suas expectativas idealizadas e também procura impor sua vontade, tentando submetê-la ao seu gesto criativo, e,

¹⁶⁹ WINNICOTT, D.W. O conceito de indivíduo saudável. In: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Ubu, 2021, p.33.

¹⁷⁰ WINNICOTT, D.W. Cura: uma conversa com médicos. In: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Ubu, 2021, p.138.

¹⁷¹ *Ibidem*.

consequentemente, anulando o da parceira. Como sabemos, durante certo tempo ele tem sucesso em promover o tamponamento da vida criativa de Wanda, e com isso vemos a personagem viver o tédio de que Winnicott trata. A reação daquela a esse tédio confronta o leitor com uma dúvida: Wanda procura outros parceiros para corresponder à fantasia de submissão e humilhação de Severin ou para dar nova cor e significado à sua existência. Seria a tentativa de relacionamento com “O Grego” uma forma de colocar novamente em movimento seu impulso pessoal criativo ou apenas a atitude de alguém que nega a si mesma e se submete ao mundo criado pelo parceiro? Não sabemos qual era sua intenção quando começou a busca por essa nova relação, mas sabemos qual era quando terminou a relação: a personagem assume que abandonava Severin pois precisava ser dominada. A ironia final é o fato de que Wanda abandona seu antigo parceiro para buscar justamente aquilo que ele desejava, alguém que fizesse valer sua vontade, dominando. Não menos irônico é o fato de que o tédio vivido pela personagem é abandonado, mas com certa dose de violência, talvez o momento mais violento da obra, exatamente por se tratar de uma quebra de confiança, de uma violação do contrato outrora firmado. Em suma, o que pode ser extraído da dinâmica entre as personagens é que, cada qual a seu modo, elas lutavam movidas pela necessidade de expressão de sua criatividade.

Vemos com isso que é possível compreender a relação masoquista sem apelar para um critério moralizante de normalidade e patologia, mas sim com base na noção winnicottiana de saúde, lançando mão de ferramentas que permitam compreender que uma vida saudável, potente e colorida deve ser vivida de modo criativo. Embora a fase do pensamento de Deleuze, em sua parceria com Guattari, instaure o fim do diálogo no que parece ser uma relação irreconciliável entre filosofia e psicanálise, vemos que o pensamento de Winnicott surge como a própria possibilidade de conferir cor e reanimar o debate outrora encerrado. Partindo do vínculo entre criatividade e saúde vimos que a relação amorosa masoquista é apenas uma das variadas formas dos fenômenos transicionais. Assim, a noção de transicionalidade permite compreender o espaço potencial como um campo de efetuação de virtualidades. Vimos também como a psicanálise winnicottiana dá conta da crítica deleuziana à noção de prazer como descarga, dado que se debruça sobre uma forma de prazer não culminante, mais próxima da alegria que vemos em Spinoza, que resulta do brincar.

Em suma, trata-se de um novo paradigma em psicanálise, no qual a experiência humana é considerada em seu devir próprio, e que evidencia por que Winnicott é considerado por Deleuze um pensador nômade: ele ousa ir além das fronteiras da psicanálise. No próximo capítulo veremos em que sentido a percepção deleuziana pode ser estendida ao tratamento dado pela psicanálise winnicottiana ao complexo de Édipo. Como veremos, Winnicott não apenas descarta o conceito de pulsão de morte, como também desloca o centro de gravidade da psicanálise ao recusar a importância conferida ao complexo de Édipo.

3

O complexo de Édipo: entre Deleuze, Guattari e Winnicott

Conforme visto no capítulo anterior, pode ser percebida uma verdadeira virada no pensamento de Deleuze no que diz respeito ao tratamento dado pelo filósofo à psicanálise. O diálogo que se estabelecera no primeiro texto sobre a obra de Masoch vai paulatinamente ganhando um tom mais crítico, transitando a psicanálise de posição de destaque, merecedora dos mais altos elogios, à total desqualificação do saber freudiano no projeto de uma filosofia da diferença construído por Deleuze em sua parceria com Guattari. Na esteira de tal projeto, é célebre a crítica construída por estes autores naquela que talvez seja considerada a mais incisiva e iconoclasta obra de Deleuze, qual seja, *O anti-Édipo*.

Enquanto “escrita a quatro mãos”, *O anti-Édipo* figura como o esforço de Deleuze e Guattari não apenas no sentido de criticar a noção de complexo de Édipo na psicanálise e seus efeitos na clínica e na cultura, mas também em propor uma alternativa clínica pautada na experimentação. Assim, no lugar da clínica psicanalítica, cujos alicerces se encontrariam fundados na interpretação – segundo eles – reduzida à triangulação edipiana, os autores propõem uma “psicanálise social e política”, “alheia” aos dramas familiares, a que chamarão esquizoanálise.

No presente capítulo nos dedicaremos à reflexão da crítica empreendida pelos autores à noção de complexo de Édipo¹⁷². Tal etapa se mostra como fundamental em nosso percurso por tratar-se de um elemento no qual Deleuze funda a recusa de continuidade de diálogo com a psicanálise. Conforme vimos anteriormente, este filósofo considera que o “bacilo edipiano” encontra-se arraigado na cultura e que qualquer tentativa de livrá-la do mesmo é infrutífera. Conforme demonstramos anteriormente, embora Deleuze pareça ter vislumbrado em Winnicott um pensador nômade, ele não conseguiu divisar no psicanalista inglês as “paisagens livres de

¹⁷² Ao longo de nossa exposição, ao tratarmos do conceito em questão, acompanhando a tradição psicanalítica, nos referiremos ao “complexo de Édipo”, em determinados momentos, apenas como “Édipo”. Assim, quando nos referirmos ao “Édipo freudiano”, tratar-se-á do conceito psicanalítico e não do protagonista do mito em questão.

Édipo”¹⁷³ que tanto buscou em sua parceria com Guattari no projeto de *Mil Platôs*. O que mostraremos neste capítulo é que tais paisagens tão almeçadas ainda clamam por ser exploradas no pensamento winnicottiano.

Mais do que simplesmente colocar em diálogo Deleuze e Winnicott por meio do modo como abordam o complexo de Édipo, mostra-se importante refletir sobre a pertinência de tal conceito para a compreensão das subjetividades presentes na atualidade. Para tanto, é importante atentar para o fato de que o conceito em pauta não carrega um significado unívoco na obra freudiana, passando por diferentes revisões e, conseqüentemente, apresentando ali mais de uma formulação. Ao mesmo tempo, percebe-se que, atravessando as diferentes formulações, pode ser localizado um núcleo duro, uma constante no complexo de Édipo: a lei da proibição do incesto. Refletir sobre tal conceito significa refletir sobre determinadas coordenadas de problemas. Nesse sentido, algumas questões encontram-se prenhes de significado: seria o referido complexo a medida para a compreensão de qualquer ser humano, em qualquer lugar ou época? Seriam as ditas “novas psicopatologias”, como os casos-limites, passíveis de serem compreendidos dentro do bojo da “lógica edipiana”? Como as profundas modificações localizadas na estrutura familiar e na sexualidade dita normal se coadunam – ou não – com o conceito? Tendo em vista o abandono do conceito, seria possível defender a prescrição do seu núcleo duro, a lei da proibição do incesto?

Com tais questões em nosso horizonte, iniciaremos nosso percurso compreendendo as diferentes formulações dadas ao complexo de Édipo ao longo da obra de Freud. Compreender as diferentes “faces” do Édipo por meio de uma genealogia do conceito mostra-se fundamental para conferir um mínimo de unidade ao conceito. Isso porque, conforme sublinha Freud, diferentemente dos sistemas filosóficos, a psicanálise não se organiza como um “edifício teórico inteiro e completo”¹⁷⁴, mas segue passo a passo em sua tentativa de compreensão da psique. Conforme veremos, reconstruir o fio da elaboração freudiana em seu processo de dissecação analítica (com especial ênfase em obras literárias) mostra-se fundamental para conferir maior inteligibilidade à crítica empreendida por Deleuze e Guattari em seu

¹⁷³ DELEUZE, G. Prefácio à edição italiana de *Mil Platôs*. In: *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)*. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 329.

¹⁷⁴ FREUD, S. O Eu e o Id. In: *Obras Completas* Vol. XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.32.

ataque à psicanálise tradicional, segunda parada em nosso trajeto. Finalmente, procuraremos refletir sobre o aporte que os conceitos winnicottianos oferecem para a compreensão das questões colocadas e em que medida as contribuições do psicanalista inglês respondem aos problemas colocados por Deleuze em sua crítica à psicanálise tradicional. Estaria Winnicott entre aqueles que realizam uma crítica direta ao Édipo, como Deleuze e Guattari, ou no grupo daqueles que, conforme afirma Miguelez¹⁷⁵, se omitem da crítica, limitando-se a elaborar teorias paralelas que prescindem do conceito?

3.1.

Genealogia do complexo de Édipo a partir de Freud

Conforme apontado, enquanto noção basilar da metapsicologia freudiana, o Complexo de Édipo¹⁷⁶ não se configura no conjunto da obra freudiana de forma unívoca. Privilegiar uma formulação em detrimento da outra significa renunciar às particularidades envolvidas no percurso trilhado por Freud na construção deste conceito, que ocupa um lugar central na obra do autor. Por isso, procuraremos, ainda de que maneira sumária, traçar uma genealogia do conceito, apontando as implicações envolvidas em suas transformações. Embora ocupe uma posição de centralidade no pensamento de Freud, posição que levará o psicanalista a afirmar que se colocar contrariamente ao complexo de Édipo seria se colocar contra toda a

¹⁷⁵ MIGUELEZ, N. *Complexo de Édipo, hoje?* Tese de doutorado. PUC-SP. 2007, p.10.

¹⁷⁶ O conceito faz referência ao herói que nomeia a tragédia de Sófocles “Édipo Rei”. Esta, considerada a mais conhecida obra do autor, conta a história de Édipo, que ainda bebê teria sido sentenciado à morte. O então rei de Tebas, Laio, teria recebido do oráculo de Delfos a profecia de que seu destino seria a morte pelas mãos de seu próprio filho. Este, após matá-lo, desposaria a própria mãe, a rainha Jocasta. Visando fugir do destino profetizado pelo oráculo, Laio entrega a criança recém-nascida a um pastor que recebe a ordem de levá-la e abandoná-la à própria sorte, para que fosse devorada pelas feras que habitavam o monte Citerão. Compadecido, o pastor contraria a ordem real e, impossibilitado de cumprir com os seus cuidados, irá doá-la. A criança acaba por chegar às mãos de Políbio, o rei de Corinto, que a adota, assumindo-a como seu filho. Em Corinto, Édipo permanece ignorante sobre sua própria origem, até o dia em que toma conhecimento da profecia délfica. Visando fugir da profecia que o condenava a cometer o parricídio, abandona Corinto, pensando estar protegendo Políbio de sua sina. Na estrada, após sua fuga, sem conhecimento de sua verdadeira origem, encontra Laio e, após uma alteração, mata-o, consumando a primeira parte da profecia. Ao chegar em Tebas, é confrontado pela esfinge, que lhe propõe um enigma: qual seria o animal que durante a manhã caminha sobre quatro pés, ao meio-dia sobre dois e no entardecer sobre três. Ao desvendar que se tratava do ser humano, Édipo é festejado pelos tebanos como herói por tê-los livrado do jugo da esfinge e por isso recebe de Creonte a mão da rainha, Jocasta, como prêmio. Com isso se concretiza a segunda parte da profecia, pois Édipo se casa com a própria mãe, com a qual terá quatro filhos (dois homens e duas mulheres). A tragédia se consuma quando a verdade é revelada: o círculo se fecha com Jocasta retirando a própria vida e Édipo, em desespero, vasando os próprios olhos.

psicanálise, nunca foi dedicado da parte de Freud um artigo dedicado diretamente a ele. A despeito disso, sua presença atravessa o conjunto da obra freudiana produzida entre os anos de 1897 e 1938, quase sempre associando a figura de Édipo ao herói shakespeariano Hamlet.

Embora se saiba que a primeira formulação do complexo de Édipo surja na obra de Freud em sua *Interpretação dos Sonhos* (1900), podemos localizar um primeiro vislumbre da presença (ainda que não nomeadamente explicitada) do Édipo em 1897 em quatro cartas enviadas pelo psicanalista a Fliess. Nas cartas 64 e 67, Freud externaliza primeiramente a sua desconfiança em relação à sua teoria da sedução¹⁷⁷, esta ligada diretamente à sua teoria das neuroses. Tal desconfiança acerca da etiologia das neuroses, que atormentava¹⁷⁸ Freud em agosto de 1897, dá lugar em setembro do mesmo ano ao otimismo de alguém que considerava o abandono da “neurótica” a possibilidade do “prenúncio de um novo conhecimento”¹⁷⁹. Nesta correspondência, Freud confia a Fliess que o abandono definitivo se dera em função não apenas de dificuldades encontradas em sua prática clínica, mas também da ausência de indicação de realidade no inconsciente dos eventos abusivos descritos pelas crianças. Ademais, tal teoria implicava que todos os pais – incluindo o seu – deveriam ser considerados pervertidos.

É na carta de 71 que emergirá pela primeira vez o conceito que se tornará a pedra de toque para a compreensão freudiana das neuroses: o complexo de Édipo. Nela Freud afirma a Fliess aquilo que se apresentou a ele como uma revelação: “Verifiquei, também no meu caso, o apaixonamento pela mãe e ciúmes pelo pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância [...]”¹⁸⁰. Embora a primeira menção ao referido complexo se dê formalmente apenas em 1900,

¹⁷⁷ Na obra freudiana, a teoria da sedução, elaborada entre os anos de 1895 e 1897, figura como a primeira tentativa de explicar a etiologia das neuroses e o mecanismo do recalque. Grosso modo, ela remete a cenas sexuais que, em dois momentos distintos separados pela puberdade, conduziriam a um trauma. No primeiro, em que teria acontecido efetivamente a situação de sedução, o alvo é um indivíduo que ainda viveria uma fase “pré-sexual” e, portanto, seria incapaz de dar sentido à experiência vivida. Isso aconteceria apenas em um segundo momento, quando um novo acontecimento (não necessariamente de natureza sexual) evocaria a lembrança da cena de sedução do passado. Em virtude do afluxo de excitação gerado pelo processo de rememoração, a lembrança será recalçada. Em dado momento, Freud coloca em dúvida os relatos de cenas de sedução feitos por seus pacientes, pois percebe neles uma reconstrução fantasística associada à sexualidade infantil.

¹⁷⁸ FREUD, S. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In: *Obras Completas Vol. I*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 350.

¹⁷⁹ *Ibidem*, p. 352.

¹⁸⁰ *Ibidem*, p. 358.

em *A interpretação dos sonhos*, já em 1897, portanto, o enigma do Édipo inquietava a mente de Freud. Não à toa, mesmo antes desta primeira menção da carta 71, em um adendo à carta 64, o psicanalista dava os primeiros passos em direção a este que se tornaria o elemento basilar de seu pensamento. Ele inicia o adendo considerando que “os impulsos hostis contra os pais (desejo de que eles morram) *também* são um elemento integrante das neuroses”¹⁸¹ e conclui afirmando que tal desejo de morte “no filho, está voltado contra o pai e, na filha, contra a mãe”¹⁸².

Conforme apontado, tais reflexões germinarão na seção da *Interpretação dos Sonhos* que trata dos “sonhos sobre a morte de pessoas queridas”, onde Freud retoma e aprofunda aquilo que apontara na carta endereçada a Fliess. Na obra de 1900 o psicanalista, em uma abordagem que remete, conforme apontado no capítulo anterior, à compreensão junguiana da noção de arquétipo, apresentará o mito de Édipo como uma criação literária que tem como fundamento a expressão do inconsciente do poeta. Assim, segundo Freud, a tragédia de Sófocles carregaria a marca daquilo que se mostra como um traço universal em todo indivíduo: no menino, o sonho de se relacionar sexualmente com a mãe. O caráter trágico da peça seria a exemplificação do terror que tal ideia causa e, por conseguinte, da necessidade de autopunição. Todo o restante da peça é considerado por ele como resultado de uma teologização que seria fruto daquilo que considera uma “elaboração equivocada”¹⁸³ do material onírico da parte do poeta.

A comoção causada pela tragédia seria o resultado de um processo de identificação que Freud afirma se dar do espectador em relação ao conteúdo encenado. Portanto, a audiência veria em Édipo aquilo que nega em si própria. A perplexidade causada até os dias de hoje pela obra seria o resultado da constatação de que “o oráculo pronunciou a mesma maldição contra nós antes mesmo de nascermos”. Outras peças não teriam causado a comoção de *Édipo Rei* por não terem gerado no público a mesma identificação que aquela do drama de Sófocles. Nesta primeira formulação do complexo de Édipo em sua obra, Freud parece perder de vista que o terror e a piedade próprios da catarse (purificação) são apresentados por

¹⁸¹ FREUD, S. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In: *Obras Completas Vol. I*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 344 (itálico nosso).

¹⁸² *Ibidem*, p.345.

¹⁸³ FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In: *Obras Completas Vol. IV*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p.343.

Aristóteles¹⁸⁴ em sua *Poética*¹⁸⁵ como um elemento próprio das tragédias como um todo, não se limitando o estagirita à obra de Sófocles. Ademais, se assim fosse, a sentença condenatória proferida por Platão no livro X de *A República*¹⁸⁶ não se lançaria a toda poesia, mas se limitaria a um único poeta. No entanto, como se sabe, a crítica platônica contempla toda forma de poesia, pois, enquanto arte mimética, ela é responsável por aproximar os indivíduos de sua alma irascível, afastando-os de sua dimensão racional.

Como veremos na crítica empreendida por Deleuze ao Édipo freudiano, próxima parada em nosso percurso, não apenas a abordagem da tragédia presente em Freud é problemática, mas também aquelas presentes nos pensamentos de Platão e Aristóteles. A noção de catarse deste último será alvo de fortes ataques no interior do pensamento nietzscheano, por exemplo, que se contraporá a uma interpretação do trágico como exercício de paixões tristes e sentimentos reativos. Com efeito, a essência do trágico, sublinhará Deleuze na esteira de Nietzsche, está na afirmação como tal, ou seja, na alegria. Ora, a tragédia não se encontra fundada na relação entre o negativo e a vida, sendo um mau ouvinte aquele espectador que nela projeta suas expectativas de que a mesma cumpra o papel de *pharmakon* para os afetos. Alheia a uma leitura moralizante, a tragédia é a “forma estética da alegria, não uma fórmula médica, nem solução moral da dor, do medo ou da piedade”¹⁸⁷. Portanto, a concepção aristotélica da tragédia-catarse é colocada em xeque por um Deleuze que buscará em Nietzsche a afirmação da alegria em detrimento do patológico. Conforme apontado, as críticas de Deleuze serão retomadas oportunamente à frente. Por hora, sigamos com o itinerário proposto.

Embora defenda que nenhuma tragédia moderna gerou a comoção da peça de Sófocles – afirmação por si só problemática, como veremos –, Freud localiza no Hamlet de Shakespeare a mesma dinâmica. O ódio de Hamlet em relação ao homem que se casara com sua mãe só não podia atingir as vias de fato, culminando no

¹⁸⁴ A tragédia de Édipo também é tematizada por Aristóteles em sua *Poética* quando o filósofo trata da peripécia, ou seja, da situação em que um evento provoca o efeito contrário daquele esperado. Na tragédia em questão, a peripécia ocorre quando um mensageiro espera tranquilizar Édipo com um relato sobre a morte do rei de Corinto, mas isso gera o efeito contrário, aprofundando os temores que o herói possuía acerca de sua origem. A peripécia, aliada a outros elementos da tragédia, seria responsável por suscitar terror ou piedade. (Aristóteles, *Poética*, p.57-58)

¹⁸⁵ ARISTÓTELES. *Poética*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2004, 47- 48.

¹⁸⁶ PLATÃO. *A República*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2001, p.473.

¹⁸⁷ DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. São Paulo: n-1, 2018, p.29.

assassinato do padrasto, porque Hamlet via a si no lugar ocupado pelo novo marido de sua mãe. A culpa por desejar aquilo que lhe era proibido o impedia de cumprir a sentença ditada pelo fantasma de seu pai. Como Hamlet poderia punir aquele homem que ocupava o lugar de seu pai se ele próprio desejara fazê-lo? Segundo Freud, aqui também a imaginação do poeta evidenciava as formações de seu inconsciente, pois a obra teria sido escrita logo após a morte do pai de Shakespeare, momento em que o autor estaria vivendo os sentimentos oriundos do luto por seu pai. Com efeito, após Édipo, a personagem de Shakespeare é aquela que mais aparece de modo recorrente ao longo dos textos freudianos.

Conforme afirmamos, esta é a primeira apresentação do complexo de Édipo em sua obra, embora não nomeadamente. Nos anos seguintes veremos novas formulações, como aquela presente em seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*¹⁸⁸ (1905), onde o psicanalista abordará a noção de sexualidade de forma ampliada e não restrita ao âmbito da genitalidade, dando ênfase à sexualidade infantil. É partindo dessa noção ampliada da vida erótica que Freud localizará as origens da sexualidade na infância, entendendo-a, como visto no capítulo anterior, como sendo dotada de uma disposição perverso-polimorfa. Em uma primeira formulação, o médico vienense considerará que a satisfação das pulsões sexuais será obtida pela criança apenas pela via autoerótica, por meio de zonas erógenas como a boca e o ânus, sendo, portanto, os instintos sexuais, nessa fase, sem objeto. Por outro lado, no mesmo texto encontraremos uma revisão conceitual datada de 1920,¹⁸⁹ que considerará a vida instintual infantil não exclusivamente marcada pelo autoerotismo.

Tais contradições evidenciam o caráter heterogêneo e por vezes contraditório deste texto, conforme aponta o psicanalista James Strachey^{190 191}. Por esse fato, não é isenta de dificuldades a tarefa de abordar o complexo de Édipo com base neste texto seminal de 1905, pois, como se sabe, ele foi sofrendo modificações no decurso da elaboração da teoria freudiana. Portanto, a “unidade” do texto é alcançada ao longo de 15 anos, via revisões conceituais lançadas na forma de notas, parágrafos

¹⁸⁸ FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras Completas* Vol. VI. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

¹⁸⁹ Ibidem, p.158.

¹⁹⁰ Ibidem, p.143.

¹⁹¹ Strachey também foi responsável pela tradução das obras de Freud para a língua inglesa.

adicionais, supressões ou mesmo seções como “A pesquisa sexual infantil”¹⁹² e “Fases de desenvolvimento da organização sexual”,¹⁹³ adicionadas ao ensaio dedicado ao tema da sexualidade infantil em 1915. O mesmo ocorre no ensaio que trata das transformações ocorridas na puberdade, que ganha também em 1915 o acréscimo da seção “A teoria da libido”¹⁹⁴. No que concerne ao complexo de Édipo, os desejos incestuosos vividos pela criança em relação aos pais são apontados na primeira formulação de seu texto como “provavelmente o mais relevante, *mas não o único traço*”¹⁹⁵ que influenciaria a escolha de objeto na puberdade. A essa formulação é feito um adendo em 1915, no qual se afirma ser a vida amorosa passível de ser compreendida “*apenas por referência à infância*”¹⁹⁶ e como efeito residual desta.

A escolha de objeto é tematizada por Freud em um artigo de 1910¹⁹⁷, este sim o primeiro em que nomeadamente se refere ao complexo de Édipo. Em “*Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem*”, texto que faz parte de um conjunto de ensaios breves sobre a psicologia do amor, o psicanalista ratifica aquilo que enunciara nas palestras que deram origem ao conhecido “*Cinco lições de psicanálise*” (1910). Neste conjunto de palestras proferidas à propósito do vigésimo aniversário da Clark University, afirmará à sua audiência o caráter central da noção de complexo de Édipo, pois ele estaria não apenas no núcleo das neuroses, mas também em outros âmbitos da vida psíquica¹⁹⁸. Portanto, a vida psíquica carregaria esta marca, que se faz presente na escolha de objeto dos homens¹⁹⁹, determinando em certa medida o perfil das mulheres com quem se relacionam em sua vida amorosa.

Em sua reflexão sobre a vida erótica das pessoas neuróticas, Freud aponta um conjunto de comportamentos semelhantes que poderiam ser reduzidos a uma lista de cinco “condições amorosas” que seriam subjacentes à escolha de objeto.

¹⁹² FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras Completas* Vol. VI. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p.103.

¹⁹³ *Ibidem*, p.107.

¹⁹⁴ *Ibidem*, p.135.

¹⁹⁵ *Ibidem*, p.152 (itálico nosso).

¹⁹⁶ *Ibidem* (itálico nosso).

¹⁹⁷ FREUD, S. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem (Contribuições à psicologia do amor I). In: *Obras Completas* Vol. IX. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

¹⁹⁸ FREUD, S. Cinco lições de psicanálise. In: *Obras Completas* Vol. IX. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p.207

¹⁹⁹ Como o título indica, o autor se limita a tematizar a escolha de objeto pelos homens, não havendo menção a como o processo se daria entre as mulheres.

Tais comportamentos não seriam subjacentes apenas à vivência de indivíduos neuróticos, podendo, segundo o psicanalista, ser encontrados mesmo entre os sujeitos tidos como sadios. Aqui vemos um índice que parece se coadunar com a ascendência freudiana da “Apresentação de Sacher Masoch” apontada no capítulo anterior, quando assinalamos que o filho gerado não seria propriamente monstruoso, mas sim freudiano. Tal afirmação encontra-se fundamentada no fato de que, ao tratar das preferências de objeto, o psicanalista principia por um elogio aos poetas e romancistas. Guardadas as devidas limitações, eles seriam capazes de descrever as condições amorosas em que os indivíduos realizam suas escolhas de objeto. Poderíamos afirmar aqui que, tal como Deleuze aponta, os escritores são médicos da civilização, dado que dispõem da capacidade para “perceber movimentos psíquicos ocultos em outras pessoas e coragem para fazer seu próprio inconsciente falar”²⁰⁰. Ora, tendo em vista que aos escritores estaria posta a limitação da necessidade de gerar prazer estético, caberia à psicanálise a tarefa de abordar “cientificamente”²⁰¹ a vida amorosa humana.

Dentre as cinco “condições amorosas”²⁰² apontadas por Freud que condicionariam a escolha de objeto, fica patente a remissão aos diferentes aspectos da dinâmica familiar. Assim, todas elas apontariam para uma libido que se dirige a objetos amorosos que carregam características maternas. Em certa medida, poder-se-ia afirmar que algumas dessas “condições”, 110 anos após a publicação do texto, ainda fazem parte do imaginário popular. Em traços gerais, vemos que o psicanalista inicia tratando daquilo que nomeia condição do “terceiro prejudicado”, em que um homem sempre se vê inclinado a buscar relacionamentos com mulheres comprometidas. Tal inclinação, segundo Freud, teria como pano de fundo uma atualização da dinâmica vivida na triangulação familiar, remetendo a mulher comprometida à imagem da mãe, e o seu companheiro (o terceiro prejudicado) à figura do pai.

²⁰⁰ FREUD, S. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem (Contribuições à psicologia do amor I). In: *Obras Completas* Vol. IX. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 261.

²⁰¹ Tendo em vista o debate em torno do estatuto epistemológico da psicanálise, optamos aqui por adotar o uso de aspas. No artigo, como é possível notar no marcado afastamento estabelecido entre a psicanálise e a abordagem que poetas e romancistas realizam da dinâmica amorosa, fica evidente a tentativa freudiana de atribuir o referido estatuto à sua atividade.

²⁰² Na verdade, das cinco condições abordadas, apenas as duas primeiras figuram como condições. As outras três se referem a atitudes daquele que ama em relação à mulher amada. A despeito de tal fato, ainda fica patente o interesse de Freud em vincular o conjunto àquilo que denomina “constelação materna”.

Tratar-se-ia no amante deste tipo de uma satisfação de impulsos de competitividade e hostilidade tais como aqueles vividos para com o pai.

Outras condições que se ligam à atualização do romance familiar e pelas quais Freud passa são o apreço de alguns homens jovens por mulheres mais maduras, assim como a vivência daquilo que denomina de “amor à prostituta”. A busca por um tipo de mulher que se afaste de um modelo de castidade e insuspeição, tão característica, por exemplo, nas personagens de contos de autores como Nelson Rodrigues, indicaria a necessidade de o amante viver o ciúme. Isso seria para tais homens uma condição *sine qua non* para a experiência da paixão em sua plenitude. São inúmeros os exemplos da “comédia da vida privada” rodrigueana que exibem tais características, o que em certa medida parece enunciar não apenas algo do inconsciente do autor (especulamos freudianamente), mas também um diagnóstico de seu tempo. Os ciúmes aqui, tal qual na primeira condição, remeteriam à atualização do drama edipiano vivido, segundo Freud, por toda criança durante a infância.

Ora, à luz do que foi trazido até aqui acerca das escolhas de objeto, como seria possível ignorar as similaridades das condições e comportamentos abordados com aqueles tematizados por Masoch em nosso capítulo anterior? Afinal, a necessidade da experiência do ciúme parece ser numa constante na relação existente entre os heróis da “Vênus das peles”. A relação, conforme evidenciado na obra, se mostrava muito mais prazerosa para Severin quando este experimentava o ciúme oriundo da competitividade e hostilidade com “O grego”. Como não reconhecer neste último o “terceiro prejudicado” de que tratamos acima, condição necessária para a vivência amorosa? Ademais, é digno de nota que a própria dinâmica defendida por Deleuze parece se alinhar com a atualização do romance familiar descrita por Freud no texto de 1910. O filósofo, ao tratar da dissolução do complexo de Édipo, critica Freud, afirmando:

quando nos dizem que o verdadeiro personagem que espanca, no masoquismo, é o pai, devemos igualmente perguntar: e quem, antes de tudo, está sendo espancado? Onde está o pai escondido? Não estaria, antes, no espancado? O masoquista se sente culpado, procura ser espancado e expia; mas o quê e por quê? Não seria precisamente a imagem do pai, nele, que é miniaturizada, espancada, ridicularizada e humilhada? Não seria a semelhança com o pai que ele expia, a semelhança do pai? Não seria, o pai humilhado, a fórmula do masoquismo?²⁰³

²⁰³ DELEUZE, G. *Apresentação de Sacher Masoch*. Rio de Janeiro: Taurus, 1983, p.66.

Seguindo o raciocínio freudiano presente no texto de 1910, parece ser aceitável a hipótese de que o comportamento masoquista que humilha a imagem do pai seria uma forma de reviver os sentimentos de hostilidade e competitividade próprios da situação edipiana. Ao mesmo tempo, “entronizar” a lei materna por meio da ridicularização da imagem do pai parece conduzir a narrativa para um desfecho diferente daquele defendido por Deleuze. Isso porque, ainda que tal imagem pareça estar sendo ridicularizada e humilhada, o masoquista permanece no comando da situação. O masoquista ocupou o tão almejado lugar do pai, mas não coroando a lei materna como Deleuze afirma em sua obra, e sim controlando a “mãe” em todos os aspectos. Conforme vimos anteriormente, o jurisdicismo é a grande marca do masoquismo, em que toda a ação se desenrola de acordo com as regras contratuais estabelecidas pelo “escravo”. Ora, o ocaso do patriarcado na obra de Masoch, de que Deleuze trata em sua obra de 1961, é apenas aparente, pois o controle exercido pelo homem atravessa toda a obra. Tal dinâmica se coaduna com o comportamento descrito por Freud ao tratar de um tipo de homem que sabe “conquistar suas damas com refinada sedução e sutil dialética, não poupando então esforços, na relação amorosa, para conservar a amante do momento [...] mediante tratados por ele mesmo redigidos”²⁰⁴. Em suma, no que tange relações familiares, nos parece que a maneira como Deleuze adota a teoria freudiana neste momento do conjunto de sua obra está mais alinhada com a psicanálise do que o filósofo parece supor, indo de encontro às considerações tecidas pelo psicanalista sobre as escolhas de objeto e sua relação com o romance familiar. Neste interim, o filósofo parece perder de vista que o suposto “renascimento”²⁰⁵ de acordo com a lei materna²⁰⁶, em que o “pai não tem nenhum papel”²⁰⁷, é apenas aparente, pois o domínio masculino continua a se fazer presente. O suposto “escravo” ocupa o lugar que outrora era ocupado pelo pai e assim é mantido o domínio do patriarcado na forma da pedagogia masoquista.

Tal desvio no itinerário de nossa abordagem do complexo de Édipo nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” se mostra pertinente, pois em 1905, data em que foi lançada a primeira edição da obra, a dinâmica edipiana ainda não

²⁰⁴ FREUD, S. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem (Contribuições à psicologia do amor I). In: *Obras Completas* Vol. IX. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 263.

²⁰⁵ DELEUZE, G. *Apresentação de Sacher Masoch*. Rio de Janeiro: Taurus, 1983, p.66.

²⁰⁶ O tema do renascimento segundo a lei materna foi abordado em pormenores no capítulo anterior.

²⁰⁷ DELEUZE, G. *Apresentação de Sacher Masoch*. Rio de Janeiro: Taurus, 1983, p.66.

havia adquirido o estatuto de “complexo nuclear” das neuroses, não desempenhando, portanto, o papel central cuja importância se faria presente na escolha do objeto. Tal fato é digno de nota, dado o fato de Freud ter considerado pertinente adicionar em 1920 uma nota à última edição do texto de 1905, na qual sublinhará ser o complexo de Édipo a essência do conteúdo das neuroses. Tal afirmação se funda no entendimento de que:

nele culmina a sexualidade infantil, que, por seus efeitos ulteriores, *influi decisivamente* na sexualidade do adulto. Cada novo ser humano enfrenta a tarefa de lidar com o complexo de Édipo; quem não consegue fazê-lo, sucumbe à neurose. O avanço do trabalho psicanalítico tornou cada vez mais nítida a importância do complexo.²⁰⁸

Chama atenção que Freud conclui a consideração acima afirmando que a adesão ao complexo de Édipo seria o sinal de identificação (xibolete) que permitiria diferenciar os opositores dos adeptos da psicanálise. Tamanha é a importância conferida pelo psicanalista ao papel desempenhado pela referida noção no corpus de sua obra que não a aceitar implicaria, como parece indicar, uma oposição a toda a psicanálise. É como se no frontispício da IPA²⁰⁹, tal como na Academia de Platão²¹⁰, estivesse presente uma inscrição que confrontasse os visitantes com a advertência: “Que aqui não adentre quem não for edipiano”.

Neste interim, como posicionar Winnicott, um expoente daquilo que Loparic considera um novo paradigma não apenas em psicanálise²¹¹, mas também em

²⁰⁸ FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras Completas* Vol. VI. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, nota 78 (p.148-149), itálico nosso.

²⁰⁹ A International Psychoanalytical Association (IPA) foi fundada por Freud em março de 1910, durante o II Congresso de Psicanálise que aconteceu em Nuremberg. Sua criação foi anunciada por Sandor Ferenczi e teve Jung como seu primeiro presidente. Como finalidade, terá “Cultivar e promover a ciência psicanalítica fundada por Freud, tanto como pura psicologia como em sua aplicação à medicina e às ciências humanas; facultar o apoio recíproco entre os associados, em todos os esforços para adquirir e disseminar os conhecimentos psicanalíticos” (FREUD, S. Contribuição à história do movimento psicanalítico, p.211) É importante ressaltar que um grupo de psicanalistas conhecido como “grupo de Viena” teria se mostrado fortemente contrário à sua criação, temendo “censura e limitação da liberdade científica”(ibidem). Ironicamente, Jung se desvinculará da associação (e do movimento psicanalítico) justamente em função de suas discordâncias teóricas com Freud. Como vemos na letra do texto freudiano, a adesão ao complexo de Édipo e, portanto, ao edifício teórico que dele decorre, se configura como condição *sine qua non* que separa no campo psicanalítico os adeptos dos opositores.

²¹⁰ No frontispício da Academia de Platão encontrava-se a inscrição, advertindo: “Que aqui não adentre quem não souber geometria”.

²¹¹ LOPARIC, Z. Esboço do paradigma winnicottiano. In: *Cadernos de história de Filosofia da ciência*, 11(2):2001, 7-58.

uma psicanálise anedipiana²¹²? Como situar tal oposição em relação às críticas empreendidas por Deleuze e Guattari ao “romance familiar”²¹³ freudiano? Seriam pertinentes as considerações acerca da indelével presença do “familiarismo” em produtos da cultura como a literatura e o cinema? Sendo a própria obra de Masoch um exemplar da personificação de questões oriundas das diversas conformações do romance familiar, como situá-la no contexto da crítica empreendida por Deleuze e Guattari ao complexo de Édipo? Por hora, sigamos com o fio do itinerário proposto a fim de buscar elementos que nos permitam analisar tais questões de modo mais satisfatório em momento oportuno²¹⁴.

No polêmico *Totem e tabu*, obra publicada inicialmente na forma de quatro ensaios entre os anos de 1912 e 1913 na revista *Imago*, e que marca a primeira incursão de Freud no campo da antropologia²¹⁵, o psicanalista desenvolve aquela que é considerada por alguns estudiosos uma das abordagens “mais bem acabadas”²¹⁶ do complexo de Édipo, onde este figurará como uma problemática transmitida hereditariamente ao “sujeito da cultura”. Ao contrário de Jung, que realiza uma análise da psicologia individual fazendo uso de material etnopsicológico, Freud oferece em seu estudo um contraste metodológico,²¹⁷ ao propor uma aplicação de “perspectivas e resultados da psicanálise a problemas ainda não solucionados da psicologia dos povos”²¹⁸. Por meio de uma psicologia dos povos, o psicanalista confirma a centralidade do complexo enquanto núcleo das neuroses, ao localizar no mesmo o princípio não apenas da religião, mas da própria moralidade e sociedade.

²¹² LOPARIC, Z. De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática. In: [Revista de Filosofia e Psicanálise] *Natureza Humana*, 8 (Especial 1), 2006, pp. 21-47.

²¹³ A crítica dos autores, como veremos, aparece em mais de um momento de sua parceria, não se limitando a *O anti-Édipo*. No que concerne à obra de Freud, a expressão ‘romance familiar’ aparece não apenas em vários de seus escritos, mas também no artigo “*O romance familiar dos neuróticos*”, de 1909. Conforme temos acompanhado, trata-se do ano em que o complexo de Édipo passa a figurar na teoria freudiana como complexo nuclear das neuroses.

²¹⁴ Nos dedicaremos ao exame de tais questões quando abordarmos a crítica ao Édipo na obra de Deleuze.

²¹⁵ A despeito das inovações que delineia no edifício conceitual psicanalítico, *Totem e tabu* figura, juntamente com o texto dedicado à análise de Leonardo Da Vinci e *Moisés e o monoteísmo*, como uma das três obras mais polêmicas e criticadas de Freud, seja por antropólogos, estudiosos da arte e especialistas em história das religiões.

²¹⁶ MIGUELEZ, N. *Complexo de Édipo, hoje?* Tese de doutorado. PUC-SP. 2007, p.50.

²¹⁷ O prefácio de *Totem e tabu*, em que nomeadamente Freud se coloca em uma perspectiva contrária à de Jung, é escrito apenas um mês após a reunião da IPA em que o último se desvincula oficialmente do movimento psicanalítico.

²¹⁸ FREUD, S. *Totem e tabu*. In: *Obras Completas* Vol. XI. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.8.

Como veremos, ao defender o surgimento de uma consciência moral atrelada à problemática edípica no contexto do totemismo, Freud, em certa medida, dá os contornos daquilo que mais tarde virá a ser o superego em *O Ego e o Id*, a próxima parada em nossa genealogia do Édipo.

O horror ao incesto é tematizado em *Totem e tabu* por meio da análise do totemismo, sistema adotado por tribos aborígenes australianas, que, segundo Freud, cumpriria a função de substituir as instituições sociais religiosas das quais careciam. Tais povos são descritos como histórica e culturalmente primitivos. Nômades, não se dedicariam ao cultivo da terra, à domesticação de animais e nem dominariam a olaria, dado que não viviam fixados em um único lugar. Em contraste, chamaria atenção o alto grau de limitação imposto por eles à vida erótica e, conseqüentemente, o fato de observarem uma moral como a nossa em sua vivência da sexualidade. Isso porque estabeleceram com alto grau de cuidado a proibição de relações sexuais incestuosas, estando os transgressores sujeitos a rigorosas formas de punição – impostas por toda a tribo – na forma de morte ou espancamento. Segundo a hipótese freudiana, toda organização social é construída com base em duas proibições (tabus): matar ou comer o totem²¹⁹ da tribo e manter relações sexuais com membros do clã. Para além de práticas como a proibição de contato do menino com a mãe e irmãs a partir de determinada idade (o mesmo valeria para a menina em relação ao pai e aos irmãos), Freud descreve um sofisticado sistema de classes (fratrias) e subclasses aplicado à organização social e colocado à serviço da manutenção da exogamia. Com o intuito de restringir a escolha matrimonial, o sistema de fratrias limitaria a liberdade sexual e, por conseguinte, impediria a prática da endogamia entre determinados membros da tribo.

Mas qual seria a origem de tamanho horror, que eleva as relações incestuosas à condição de tabus²²⁰? E o que justificaria a proibição que se coloca à morte do animal totêmico? Para responder a estas perguntas precisamos recorrer ao mito no qual Freud se apoia para a construção teórica do ensaio. Em uma tentativa de

²¹⁹ O totem seria um animal (ou, em casos mais raros, uma planta) que simbolizaria a herança ancestral da tribo.

²²⁰ O termo tabu, de origem polinésia, refere-se não apenas àquilo que é proibido, mas também ao que é sagrado. O tabu distingue-se das proibições religiosas, pois não tem origem na vontade de deus; e das proibições morais, pois prescinde de fundamentação. Freud irá retomar do filósofo e psicólogo Wilhelm Wundt a ideia de que o tabu seria o mais antigo código de leis não escritas, antecedendo mesmo a própria religião.

fundamentar a leitura psicanalítica do totemismo, o psicanalista realiza uma retomada – considerada por ele próprio algo fantasiosa – da hipótese de Darwin sobre a sociedade humana em seu estado primevo. Neste tempo primitivo, os indivíduos supostamente viveriam organizados na forma de pequenas hordas, cuja liderança era exercida despoticamente por um macho que limitava a si o acesso às fêmeas da tribo. Diante de tal situação, os filhos do déspota se rebelam contra o pai, matando-o e consumindo seu cadáver. Ao ato violento que garantiu aos filhos a posse das mulheres que antes eram alvo de interdição paterna segue-se um sentimento coletivo de culpa vivido pelos filhos. Do remorso experimentado pelos filhos em arrependimento pelo assassinato do pai primevo, surge uma nova ordem social, em que o reconhecimento de sua má conduta leva simultaneamente à substituição do pai pelo animal totêmico e à renúncia da posse das mulheres do clã. Ao totem, enquanto substituto do pai e símbolo da herança ancestral da tribo, é conferido um caráter sagrado, sendo sua morte ou consumo alvo de proibição. O hobbesianismo de Freud fica mais uma vez expresso, tal como apresentado anteriormente a propósito da noção de pulsão de morte, por este considerar que cada um dos irmãos, assim como acontecera com o pai, desejaria todas as mulheres do clã para si, desencadeando uma “luta de todos contra todos em que a nova organização sucumbiria”²²¹. Portanto, a própria existência desta sociedade passa a ter como condição necessária a renúncia coletiva dos irmãos às mulheres do clã²²².

A fábula narrada teria deixado, segundo Freud, uma marca indelével na humanidade, a qual se faria presente na ambivalência de sentimentos vividos pelos filhos em relação à figura paterna²²³, ora amando-a, ora odiando-a. A despeito de afirmar a dificuldade da psicanálise em se debruçar sobre pacientes de pouca idade,

²²¹ FREUD, S. Totem e tabu. In: *Obras Completas* Vol. XI. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.142.

²²² Tal como Jung (conforme vimos no capítulo anterior), Freud promove uma retomada de Bachofen, estabelecendo no patricídio – e nas proibições decorrentes deste – o germe da ordem gineocrática descrita pelo antropólogo suíço em sua obra *Mito, religião e direito materno*. Porém, apesar desta influência, não há na letra do texto freudiano uma valorização do matriarcado em relação ao patriarcado (nem vice-versa). A despeito disso, a gênese da ordem social é referida a um princípio dito masculino: a razão. Conforme vimos no capítulo anterior, a compreensão que liga a razão ao masculino e a emoção ao feminino é problemática.

²²³ “*A tempestade*”, de Shakespeare, seria um dos inúmeros exemplos em que tal ambivalência ganha corpo nos mitos e obras literárias: “A cinco braços jaz teu pai;/ Seus ossos se tornam corais;/São agora pérolas seus olhos;/Nada nele perece, pois/ O mar tudo converte/ Em algo rico e raro.” [ato I, cena 2]

os casos do “pequeno Hans”²²⁴, paciente de Freud que possuía uma zoofobia, e do “pequeno Arpad”, paciente de Ferenczi diagnosticado como um caso de perversão, são mobilizados pelo psicanalista como exemplos paradigmáticos que atestariam o caráter verossímil da ligação entre o totemismo e o complexo de Édipo. Tanto Hans quanto Arpad seriam a encarnação de uma atitude emocional dúplice, caracterizada pelo deslocamento de sentimentos de amor e ódio para um animal substituto da figura do pai. Disso decorre a possibilidade de um paralelismo entre os dois crimes que conduzem ao totemismo, os dois crimes de Édipo e aqueles que seriam os dois desejos reprimidos de toda criança²²⁵. Portanto, estabelecendo uma analogia entre a formação social e a dinâmica das neuroses, o psicanalista considerará como análogos o animal totêmico e a figura paterna:

se o animal totêmico é o pai, o teor dos dois principais mandamentos do totemismo – os dois preceitos que constituem seu núcleo, não matar o totem e não ter relações sexuais com uma mulher do totem – coincide com o dos dois crimes de Édipo, que matou o pai e tomou a mãe por esposa, e com os dois desejos primordiais da criança.²²⁶

Do exposto decorre que os problemas psíquicos da vida afetiva dos povos são analisados – e segundo Freud, solucionados – à luz da relação com o pai. Isso porque cada ser humano carregaria em si, inconscientemente, não apenas o desejo de morte do animal totêmico (símbolo da figura do pai) mas também o desejo do incesto (se relacionar com a mulher do totem). Tal afirmação surge no ensaio como alicerce cuja pretensão é mais uma vez referendar o lugar do complexo de Édipo no psiquismo humano:

para quem conhece os resultados da investigação psicanalítica do indivíduo, o próprio enunciado desses dois tabus e o fato de andarem juntos lembrarão algo bastante definido, que os psicanalistas veem como o ponto nodal dos desejos infantis e como núcleo da neurose.²²⁷

²²⁴ Conforme veremos à frente, Deleuze promove uma crítica contundente à análise freudiana do “pequeno Hans,” não apenas em *O anti-Édipo*, mas também nos textos “O que as crianças dizem” (publicado em *Crítica e clínica*) e “A interpretação dos enunciados” (presente na obra *Dois regimes de loucos*).

²²⁵ É importante ressaltar que, na dinâmica exposta, Freud se refere à figura do menino.

²²⁶ FREUD, S. Totem e tabu. In: *Obras Completas* Vol. XI. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.39.

²²⁷ *Ibidem*.

Ora, não é sem desconforto que o leitor se depara com as hipóteses freudianas presentes em *Totem e tabu*. O próprio Freud reconhece o caráter desconcertante e as dificuldades inerentes a uma pesquisa construída com base em pressupostos incertos. O caráter polêmico da obra fica a cargo não apenas do fato de a hipótese aventada ser discutível historicamente, mas também de a reflexão ser marcada por um viés evolucionista e, conseqüentemente, carregada por um discurso “etnocêntrico”. Uso aspas aqui porque a adesão do psicanalista à antropologia evolucionista não é absoluta. Expliquemos. Se por um lado Freud, ao referir-se ao selvagem, se filia a Morgan²²⁸ e à tradição que divide a história da humanidade em três estágios sucessivos²²⁹, por outro, indo na contramão da corrente evolucionista e aproximando-se da etnologia de Mauss e Malinowski, ele se posicionará contrariamente à hierarquização entre culturas. Portanto, não afirmará ser o totemismo inferior em relação às demais formas de religião, mas, antes, um elemento que permeia todas elas. Não apenas o totemismo figura em *Totem e tabu* como o germe das religiões, mas também coincide com o surgimento de uma forma arcaica de consciência moral, que será transmitida ao longo das gerações²³⁰. Ora, fica patente o caráter disruptivo que leva Freud a esperar que sua obra gere grande comoção no meio acadêmico, dado que seu estudo insere na antropologia duas novas variáveis: a lei moral e a culpa.

À luz do exposto, é perceptível porque a obra teria gerado críticas, conforme apontado anteriormente, de especialistas das mais diversas áreas. Embora sua reflexão não configure uma adesão irrestrita aos quadros da antropologia evolucionista, não podemos deixar de notar que, à época, a etnologia já optava pelo estudo de campo em detrimento do apelo a narrativas mitológicas. Dentre os ataques sofridos por Freud, podemos destacar as duras críticas tecidas por Lévi-Strauss, que, a despeito da concordância em relação à universalidade da proibição do incesto, classificava a retomada daquilo que chamava “a ilusão totêmica”²³¹ como um erro.

²²⁸ MORGAN, L. A sociedade antiga. In: CASTRO, C. (ORG) *Evolucionismo cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005

²²⁹ Em sua obra, Morgan considera que a história dos povos estudados espelharia a história da humanidade. Esta, segundo o autor, atravessaria três estágios sucessivos (cada um dividido em subperíodos): a selvageria, a barbárie e a civilização. O surgimento das principais instituições poderia ter seu início localizado no período de selvageria, culminando na civilização.

²³⁰ Nota-se aqui a influência de Lamarck e de sua teoria da herança dos caracteres adquiridos (teoria amplamente contestada e praticamente abandonada em 1930).

²³¹ LÉVI-STRAUSS, C. *Totemismo hoje*. Petrópolis: Vozes, 1975, p.25.

Para o antropólogo, é indiscutível – guardadas as devidas exceções – o caráter empiricamente universal da instituição humana da proibição do incesto, tema sobre o qual nove em cada dez etnólogos concordariam²³². Por outro lado, o mesmo não se aplica ao totemismo (assim como a histeria), cuja assunção de universalidade seria o resultado de um paradigma científico em que os estudiosos “prefeririam” afirmar a exterioridade de determinados fenômenos em relação a seu próprio contexto histórico e universo moral, ao invés de compreenderem que tais assuntos evocavam o espírito de sua época. Portanto, afirmar o caráter exterior do totemismo e da histeria, assuntos em voga à época, resguardaria a consciência dos estudiosos em relação aos valores morais próprios de seu tempo, eximindo-os da tarefa de uma reflexão ética mais ampla. Ademais, além de problemática, o paralelo estabelecido por Freud entre a criança e o dito selvagem não era uma novidade no meio acadêmico, podendo ser localizado nas obras de Charles Blondel²³³ (em 1914, na obra *A consciência mórbida*) e retomado, posteriormente, por Jean Piaget²³⁴ em *A representação do mundo na criança* (1926).

Vemos, à época de *Totem e Tabu*, um Freud que, na posição do pai primevo de um novo campo do saber, já demonstra preocupação com a dissidência entre seus próprios “filhos”. Nesse sentido, a reflexão teórica presente na obra busca conferir universalidade às ferramentas conceituais psicanalíticas, garantindo aos seus herdeiros intelectuais uma liberdade dentro de seu campo e ao mesmo tempo a adequação do arcabouço conceitual a diferentes culturas e épocas. É nesse sentido que o mito da horda primeva sequer necessita de um apelo real, bastando para Freud como ferramenta simbólica que representa a encarnação do mito de Édipo na história da humanidade. Com efeito, esta obra representa um corte nas abordagens freudianas do complexo de Édipo, pois, até aqui, o psicanalista trabalhara o conceito por meio de uma via exclusivamente positiva, ou seja, heterossexual.

O tema do parricídio será retomado por Freud anos mais tarde em outros dois textos. No primeiro deles, *Dostoiévski e o parricídio*, de 1928, em uma análise

²³² LÉVI-STRAUSS, C. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982, p.47 (nota 20).

²³³ Médico e psicólogo, o psicopologista francês, embora conhecido por seu aberto “antifreudismo” e hostilidade em relação à psicanálise, também promoverá um paralelo entre a consciência infantil e a consciência dita primitiva.

²³⁴ A estrutura do pensamento infantil será tematizada em diversos momentos do pensamento do psicólogo e filósofo suíço.

daquele que considera ser um dos maiores escritores de todos os tempos – juntamente com Sófocles e Shakespeare –, abordará o tema do parricídio incorporando as inovações teóricas presentes na dinâmica edipiana tematizada em *O Ego e o Id*, de 1923. Posteriormente, em 1939, resgatando as teses antropológicas presentes em *Totem e tabu*, fará uma reflexão sobre o parricídio no contexto da formação do povo judeu em *Moisés e o monoteísmo*²³⁵. Tendo em vista uma melhor compreensão da análise empreendida pelo psicanalista da obra do escritor russo em 1928, vejamos em que sentido a temática edipiana aparece de modo inovador na obra de 1923. Conhecida por representar um marco dentro da teoria psicanalítica, *O Ego e o Id* marca na psicanálise freudiana o momento de surgimento de uma nova configuração do aparelho psíquico, bem como é herdeiro de uma renovada teorização sobre o dualismo pulsional.

Finalmente, antes de nos voltarmos à abordagem do parricídio na obra de Dostoiévski, cabe salientar que no interstício entre *Totem e tabu* e a nova caracterização do complexo de Édipo encontrada em *O Ego e o Id* (1923), encontraremos textos seminais que contribuirão direta ou indiretamente com inovações conceituais que culminarão na abordagem da temática edipiana que vimos ser realizada em 1923. Dentre elas, chamamos atenção para a introdução de um segundo tipo de escolha de objeto no texto *Introdução ao narcisismo*, de 1914. Este ensaio representa um abalo no primeiro dualismo pulsional, em que a oposição entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação sofre certo apagamento, na medida em que Freud propõe, em adição à libido que investe um outro como objeto, uma escolha de objeto que toma o próprio indivíduo como referência. Assim, teríamos uma escolha de objeto por apoio, na qual os pais constituem os primeiros objetos de investimento das pulsões sexuais, consoante à dinâmica edipiana; e uma escolha de objeto narcísica, em que, tal qual Narciso, o indivíduo não procuraria um objeto que reproduzisse os primeiros objetos da infância, mas, contrariamente, a si mesmo²³⁶. Tais escolhas de objeto estarão por trás da vivência amorosa humana, ponto de ancoragem

²³⁵ Tendo em vista o escopo de nosso trabalho, este texto apresenta caráter secundário, haja vista que a temática edipiana não trará ali inovações em relação aos dois textos anteriores. Portanto, em função deste fator optamos por não tratar aqui do texto em questão. Apesar disso, cabe apontar que este texto não apenas configura uma retomada de *Totem e tabu*, mas carrega em sua letra a influência do ensaio sobre Dostoiévski escrito 11 ano antes.

²³⁶ A escolha de objeto narcísica ocorrerá em casos em que o desenvolvimento normal da libido sofreu alguma perturbação, o que leva o indivíduo a deixar de buscar um objeto cujo modelo é a mãe, para tomar-se como modelo na busca de objeto.

em que Freud se apoiará na compreensão do enamoramento. É importante salientar que os dois tipos de escolha de objeto postulados por Freud são apenas caminhos, possibilidades que se encontram abertas a cada indivíduo, não representando grupos fechados nos quais os indivíduos estariam classificados.

Outra inovação, que, conforme veremos, encontrará eco no pensamento de Winnicott, é a relação estabelecida no ensaio entre o narcisismo de “sua majestade o bebê” e o narcisismo dos pais. Isso ocorre porque os pais, em seu amor incondicional, tendem a reproduzir na criança seu próprio narcisismo, projetando nos filhos todos os sonhos e expectativas que tinham para si. Com isso, no processo de constituição da criança, são suspensas todas as exigências que se fizeram presentes e ganharam forma na renúncia dos pais ao próprio narcisismo, a partir da imposição sociocultural. À sua majestade não devem vigorar a restrição dos desejos e da fruição, tampouco a doença e a morte, estando “tanto as leis da natureza como as da sociedade [...] revogadas para ela”²³⁷. Com esta posição o infante tende a se identificar e com ela será eventualmente confrontado, pois a resolução do complexo de Édipo pressupõe um processo de renúncia, em que a onipotência de outrora se vê ameaçada.

A renúncia edípiana, ainda que não expressamente analisada no texto, pode ser compreendida, partindo da leitura do ensaio *Luto e melancolia*²³⁸, de 1915, como uma forma de luto a ser vivido. Tal afirmação pode ser fundamentada na compreensão de que o luto se configura como uma “reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa seu lugar”. Objetar-se-ia aqui que na dinâmica edípiana não se trata de uma perda real, porém o luto também compreende uma perda de “natureza ideal”, onde o objeto investido não morre efetivamente, sendo apenas perdido. Embora o luto edípiano não seja tematizado no artigo, com efeito, tem-se aqui configurada a angústia inaugural vivida por todo indivíduo que é obrigado a lidar com a perda dos primeiros objetos do desejo, não por uma imposição da natureza, mas sim como um imperativo da cultura. Disso decorre que tal comportamento não possui natureza patológica, sendo unicamente uma exigência natural que se impõe a todo indivíduo. Se a vivência deste processo é tão incômoda,

²³⁷ FREUD, S. Introdução ao narcisismo. In: *Obras Completas* Vol. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 25.

²³⁸ FREUD, S. Luto e melancolia. In: *Obras Completas* Vol. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

é porque o ser humano resiste ao abandono de uma posição libidinal, não desejando retirar a libido investida em um objeto e transferi-la para outro.

Finalmente, é importante destacar que neste mesmo artigo será retomado e desenvolvido de forma aprofundada o conceito de identificação, noção fundamental na elaboração da dinâmica edipiana desenvolvida anos mais tarde em *O Ego e o Id*. A identificação de que Freud trata aqui é um processo que resulta da perda do objeto, pois a libido que outrora se encontrava ligada ao objeto amado agora encontra-se livre. Ocorre que nem sempre a libido livre se liga a um novo objeto, podendo em alguns casos ser deslocada para o próprio eu. Nesses casos, cujo pressuposto seria uma profunda fixação no objeto amoroso, é como se uma “sombra”²³⁹ do objeto perdido pairasse sobre o indivíduo e, por meio de um processo de identificação narcísica, gerasse uma modificação em seu caráter. É preciso salientar que antes mesmo da identificação ganhar essa forma, ela já é, nos primórdios da existência, anterior à escolha de um objeto. Na fase oral, quando ainda não há escolha de objeto, a identificação se dá pela via da incorporação do outro, por sua devoração. Portanto, a identificação com o objeto perdido no processo de luto seria uma forma de regressão ao narcisismo original. À frente veremos como esta compreensão mostrar-se-á decisiva para a formulação da segunda teoria freudiana do aparelho psíquico, bem como suas implicações.

Outros dois textos trarão contribuições que se mostrarão fundamentais para o desenvolvimento do Édipo presente em *O Ego e o Id*. O primeiro deles é *História de uma neurose infantil*, de 1918, no qual Freud apresenta os resultados da análise de Sergei Pankejeff, paciente que ficou conhecido como “o homem dos lobos”. Alvo de profundas críticas de Deleuze e Guattari em sua análise do complexo de Édipo apresentada nas obras da série *Capitalismo e esquizofrenia*, este texto carrega uma particularidade bastante importante. Para além da reafirmação do (diga-se de passagem) questionável caráter filogenético da herança edipiana, o ensaio introduzirá a noção de Édipo invertido²⁴⁰ (ou negativo, homossexual), na compreensão da neurose de Pankejeff. Com efeito, esta novidade da teoria freudiana ganhará importância quando, em *O Ego e o Id*, for apresentada como componente parcial do

²³⁹ FREUD, S. Luto e melancolia. In: *Obras Completas* Vol. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.133.

²⁴⁰ FREUD, S. História de uma neurose infantil. In: *Obras Completas* Vol. XIV. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.106.

complexo de Édipo total. O segundo texto a ser considerado na renovação da dinâmica edipiana é *Batem em uma criança*, de 1919, ensaio dedicado ao tema do masoquismo, que se encontra na fronteira do surgimento do segundo dualismo pulsional. No artigo, a perversão passa a ser compreendida não mais como um evento isolado na vida erótica infantil, mas como tributária dos processos de desenvolvimentos típicos. Assim, germinará no solo do complexo de Édipo e, após sua dissolução, restará como herdeira de sua carga libidinal, podendo a perversão infantil desenvolver-se de modo a permear toda a vida do indivíduo ou ser interrompida, restando apenas como um pano de fundo do desenvolvimento sexual tido como normal. Portanto, além de complexo nuclear das neuroses, a partir de 1919, ao Édipo também será conferida centralidade na compreensão das perversões. Preparado o terreno, vejamos a seguir como as inovações conceituais elencadas acima ganharão corpo em *O Ego e o Id*.

A primeira coisa a observar é que, se ao texto *O Ego e o Id* é outorgado valor fundamental no debate em torno das vicissitudes inerentes à dinâmica edipiana, isso se dá não apenas pelo fato de o ensaio figurar como um marco na compreensão freudiana do aparelho psíquico do ponto de vista tópico, mas também em função desta nova compreensão estar diretamente ligada à resolução do complexo de Édipo. A topografia freudiana do psiquismo, que anteriormente o compreendia dividido nas instâncias “inconsciente” (ics), “pré-consciente” (pcs) e “consciente” (cs), dará lugar aqui à “segunda tópica”, que compreenderá o aparelho psíquico a partir das estruturas “id”, “ego” e “superego”. Isso ocorre porque, com o transcorrer da investigação psicanalítica, Freud verificará que o primeiro modelo se mostrava insuficiente para a compreensão dos processos psíquicos. É na esteira dessa nova conceituação que o superego surge como uma forma de “gradação do ego”²⁴¹. Em menor relação com a consciência e compreendido aqui como dotado de caráter estrutural, o superego seria, grosso modo, a consciência moral, o representante da cultura no indivíduo. Mas o que exatamente isso significa e qual seria a origem dessa estrutura? Além disso, qual sua relação com a temática do complexo de Édipo aqui discutida?

²⁴¹ FREUD, S. O Eu e o Id. In: *Obras Completas* Vol. XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.25.

O debate sobre a gênese do superego domina a quase totalidade do terceiro capítulo do ensaio, no qual a estrutura é compreendida como um substrato da dissolução do complexo de Édipo. Para chegar a essa formulação final, Freud retomará a hipótese, desenvolvida em *Luto e melancolia*, de que a perda de um objeto outrora investido de libido gera no indivíduo a substituição do mesmo por um processo de identificação. Freud já notara no passado que o infortúnio da perda e a subsequente substituição do objeto no próprio eu desempenhava um forte papel na formação do caráter individual. A novidade aqui se encontra no fato de que esses fenômenos, outrora compreendidos à luz do luto na fase adulta, agora aparecerão dotados de um caráter bastante típico e comum nas primeiras fases do desenvolvimento individual. Isso porque o ego na fase primitiva de desenvolvimento é bastante frágil e a identificação constitui um facilitador para que os primeiros objetos investidos libidinalmente sejam abandonados. Nesse sentido, o caráter individual se configuraria como uma espécie de precipitado²⁴², um depósito dos investimentos objetais que precisaram por algum motivo ser abandonados, carregando em si a marca permanente da história das escolhas objetais.

Freud destacará o efeito duradouro que as primeiras identificações gerarão na psique durante a tenra idade, estabelecendo uma relação entre aquela que considera a mais importante e significativa identificação e o seu papel no surgimento do superego, estrutura análoga à consciência moral. Retomando de modo bastante ambíguo a teoria desenvolvida em *Totem e tabu*, afirmará que a identificação primordial de que trata, cuja característica seria o fato de ela ser “direta, imediata [e] mais antiga que qualquer investimento objetal”,²⁴³ seria com o “pai da pré-história pessoal”. A ambiguidade a que nos referimos diz respeito ao fato de o psicanalista, à primeira vista, estar fazendo uma alusão ao pai primevo tematizado em sua análise do totemismo, mas, ao mesmo tempo, ser possível afirmar que, durante a fase primitiva do desenvolvimento, não seria plausível admitir que os indivíduos realizariam uma diferenciação entre os sexos. De tal constatação decorre que a identificação nessa fase não seria necessariamente com a figura paterna, mas com os genitores.

²⁴² FREUD, S. O Eu e o Id. In: *Obras Completas* Vol. XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.26.

²⁴³ *Ibidem*, p.28.

Ora, como podemos perceber, Freud desenha aqui os contornos da relação entre o superego e o complexo de Édipo. Nas primeiras fases do desenvolvimento individual o menino estabelecerá uma primeira forma de investimento objetal na figura da mãe, que principiará pela relação com o seio, e com o pai se relacionará por meio de identificação. Freud não deixa claro o motivo que conduziria a essa identificação com o pai em fases mais primitivas do desenvolvimento individual, haja vista que, conforme apontado, não seria evidente para o infante, neste momento do processo maturacional, a diferença entre os sexos. De todo modo, o psicanalista considerará que, com o passar do tempo, os sentimentos em relação à mãe se intensificarão e, acompanhados destes, virão os sentimentos ambivalentes em relação ao pai, agora visto como um rival na disputa pelo amor da mãe. Os sentimentos ternos pela mãe e os sentimentos ambivalentes pelo pai conduzirão ao Édipo simples e positivo.

A dissolução do complexo²⁴⁴ de Édipo teria como resultado a imposição do abandono da libido investida na mãe. Tal abandono, motivado pela ameaça de castração²⁴⁵, por sua vez conduziria a um fortalecimento da identificação com a figura paterna. Este seria, para Freud, o resultado normal esperado no contexto do desenvolvimento individual, pois a identificação com o pai consolidaria no menino a sua masculinidade e, do mesmo modo, no caso da menina, uma identificação com a mãe. A novidade aqui cabe ao fato de essa identificação – do menino com o pai e da menina com a mãe – nem sempre se dar nestes termos. Isso porque seria possível que o menino, ao final, se identificasse com a mãe e a menina com o pai, a depender da força que as diferentes disposições sexuais assumirem no contexto da bissexualidade constitucional da criança. Com isso Freud introduz a noção de Édipo completo, duplo, positivo e negativo, este considerado o mais frequente no

²⁴⁴ Freud não explica neste momento o porquê do desmoronamento de Édipo gerar o abandono do investimento na mãe, limitando-se a considerar tal destino como um fato incontornável. Isso somente se fará de modo claro um ano depois, no ensaio *A dissolução do complexo de Édipo*. Mesmo neste ensaio de 1924, Freud admitirá que não lhe é inteiramente claro quais fatores conduziriam à sua desintegração. Apesar disso, ele elaborará duas hipóteses para explicar aquela: a primeira delas funda-se no confronto interno produzido pela impossibilidade de realização dos desejos incestuosos. Tal impossibilidade ganha forma a partir da ameaça de castração. A segunda explicação, de caráter filogenético, compreenderá o Édipo como um momento pelo qual todo membro da espécie deve passar no processo de desenvolvimento, e cujo destino em todos os casos deve ser necessariamente o mesmo: a desintegração. Ainda que sua resolução não siga o caminho tido como normal, o destino de Édipo será sempre o ocaso.

²⁴⁵ Neste texto, o complexo de castração ainda não se apresentará em sua íntima relação com o Édipo, aparecendo de modo pouco aprofundado.

desenvolvimento individual. Somente por meio dele seria possível compreender como o menino (e a menina, vice-versa) se desviaria da identificação tida como normal (com o pai) e viveria um processo identificatório com a mãe, adotando uma atitude feminina em relação ao pai.

O resultado desse processo de identificação e abandono de investimento geraria uma marca permanente, constituindo um condensado no interior do indivíduo que Freud denominará superego. Este último, não seria um resultado exclusivo das renúncias objetais, mas também uma formação reativa que impõe ao ego ao mesmo tempo um imperativo e uma proibição: ser igual ao pai (no sentido identificatório) e, ao mesmo, não o ser, pois nem tudo que está ao alcance do pai (no caso, a mãe), estaria ao seu alcance. Disso decorre que o superego seria portador de uma dupla face, que impõe, junto a um mandamento, uma proibição, um obstáculo dentro do sujeito. Segundo Freud,

o Super-eu conservará o caráter do pai, e quanto mais forte foi o complexo de Édipo tanto mais rapidamente (sob influência de autoridade, ensino religioso, escola, leituras) ocorreu sua repressão, tanto mais severamente o Super-eu terá domínio sobre o Eu como consciência moral, talvez como inconsciente sentimento de culpa.²⁴⁶

Portanto, o superego surge na psicanálise como resultado de dois fatores interligados: a situação de desamparo em que o ser humano se encontra na existência, que conduz a uma situação de dependência absoluta em sua íntima relação com o complexo de Édipo e sua desintegração. O superego surge aqui como a autoridade paterna introjetada no indivíduo como resultado da dissolução do Édipo, constituindo-se, portanto, em seu herdeiro. Em nós essa estrutura impõe a necessidade de conciliar nossos próprios feitos e expectativas com as demandas e expectativas impostas a nós mesmos pelo superego. O resultado da tensão entre essas duas “gradações do eu” é o sentimento de culpa e tentativas de autopunição como forma de compensação.

As inovações conceituais presentes em *O Ego e o Id* reverberarão de forma bastante expressiva no ensaio “Dostoiévski e o parricídio”, onde Freud fará uma análise da psique do escritor russo à luz de sua obra e de seus dados biográficos.

²⁴⁶ FREUD, S. O Eu e o Id. In: *Obras Completas* Vol. XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 31-32.

Ora, mas qual motivo justificaria o espaço conferido em nosso trabalho a um ensaio ao qual não é dedicada – no que tange o Édipo – grande importância pela tradição psicanalítica e tampouco pelo próprio Freud²⁴⁷? No texto de Freud sobre Dostoiévski, o que chama atenção não é o fato de o psicanalista apelar a um nome da literatura para ilustrar sua teoria, haja vista que ao longo de nosso trabalho temos constatado o quão importante é o papel desempenhado pela literatura na edificação do constructo psicanalítico. Com efeito, o espaço conferido pelo vienense à literatura certamente é fator que chamará a atenção de Deleuze (que, por sua vez, também tem em Dostoiévski um de seus muitos interlocutores no campo da literatura)²⁴⁸, já que é por meio daquela que o filósofo realiza suas primeiras incursões em território psicanalítico. Apesar do caráter muitas vezes problemático da abordagem freudiana da literatura, é inegável que esta ocupa lugar privilegiado nas reflexões do pai da psicanálise. Justamente por isso, causa estranhamento o fato de que *Os irmãos Karamázov*, apesar de ser considerado por Freud “o mais formidável romance jamais escrito”,²⁴⁹ não é utilizado, tal como se dá com as obras de Sófocles e Shakespeare, como fonte para o desenvolvimento de sua teoria²⁵⁰.

Neste ensaio, que retoma a temática de *Totem e tabu*, Freud limita a sua abordagem literária à consideração de que os traços encontrados nas personagens do escritor russo seriam um reflexo daquilo que habitaria este último. Destarte, a origem dos caracteres violentos das personagens estaria na pulsão de morte presente em Dostoiévski. A expressão de tal violência povoaria toda a obra do autor por meio do privilégio concedido à temática da criminalidade, que se veria dotada de corpo em sua obra, iniciando pelo retrato do criminoso comum, passando pelo criminoso político²⁵¹, e culminando, no final da vida de Dostoiévski, na figura do criminoso

²⁴⁷ Em um apêndice ao ensaio sobre Dostoiévski, encontramos uma carta endereçada a Reik em que Freud procura justificar o caráter problemático de seu texto. Afirmado sua relutância em escrever o texto, nesta carta de 1929 o psicanalista oferece uma resposta à resenha crítica produzida por Reik, concedendo que sua análise de Dostoiévski é construída sobre pressupostos frágeis e carente de uma arquitetura de conjunto.

²⁴⁸ Oportunamente, neste mesmo capítulo, veremos como Deleuze articula sua crítica ao Édipo freudiano com a literatura. Dentre os diálogos travados pelo filósofo, veremos como o nome de Dostoiévski é mobilizado desde a época de *Diferença e Repetição*.

²⁴⁹ FREUD, S. Dostoiévski e o parricídio. In: *Obras Completas* Vol. XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p.277.

²⁵⁰ O mesmo procedimento parece se dar no texto *Introdução ao narcisismo*, que, ao contrário do desenvolvimento teórico visto à propósito do mito de Édipo, pouco se aprofunda no mito de Narciso.

²⁵¹ Lembremos que o escritor, membro de um círculo anticzarista, foi condenado à morte em 1849, após ser alvo de uma acusação de comportamento subversivo. Gozando já na época de certa fama,

parricida. Internalizado sob a forma do masoquismo, afirmará Freud, o impulso destrutivo do escritor era resultado de um processo de autopunição gerado pelo desejo de morte que ele nutria em relação ao seu pai.

Como podemos perceber, a retomada do tema do parricídio aparecerá aqui articulada não apenas com o novo dualismo pulsional, mas com uma renovada compreensão do aparelho psíquico formulada em *O Ego e o Id*. A dinâmica edipiana ganha um novo contorno, na medida em que o masoquismo de Dostoiévski é compreendido à luz de um superego severo, herdeiro do complexo de Édipo. A despeito das inovações teóricas sobre o masoquismo, através das quais é postulada a existência de um masoquismo originário²⁵² e de um masoquismo secundário²⁵³, Freud, estranhamente e de modo reducionista, opta por caracterizar as tendências masoquistas de Dostoiévski como um caso de sadismo voltado contra o ego²⁵⁴. Tais tendências estariam fundadas em um desejo de morte que supostamente o autor nutriria em relação a seu pai.

Se, por um lado, o ensaio representa uma continuidade no que se refere à identificação com a figura paterna, por outro, tal identificação é aqui retratada como componente gerador de marcas profundas que acompanharão o indivíduo ao longo de toda sua vida, na forma do superego. Como vimos, a resolução no complexo de Édipo resulta no superego enquanto forma de consciência moral. Tal superego espelharia a autoridade paterna, podendo assumir uma forma mais ou menos severa. Com efeito, no caso do escritor russo, o masoquismo seria uma das formas de autopunição em que um superego severo age punindo o próprio indivíduo em função do desejo de morte existente outrora em relação ao pai.

Outro elemento que configura um importante acréscimo na dinâmica edipiana aqui tematizada é a introdução da proposta de um complexo de Édipo composto, ou seja, positivo (heterossexual) e negativo (homossexual) ao mesmo tempo. Este encontra condição de possibilidade visto que ocorre uma posição identificatória

à beira da execução por fuzilamento, recebeu um indulto e foi enviado para a Sibéria, local onde permaneceu até 1854 cumprindo uma pena de trabalhos forçados.

²⁵² FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: *Obras Completas* Vol. XIV. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.164.

²⁵³ FREUD, S. O problema econômico do masoquismo. In: *Obras Completas* Vol. XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.172.

²⁵⁴ FREUD, S. Dostoiévski e o parricídio. In: *Obras Completas* Vol. XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p.278.

masculina, mas também uma feminina. No segundo caso, temos no menino o medo da castração conduzindo à adoção de uma atitude feminina em relação ao pai. Assim, visando se tornar o objeto de amor do pai, o menino se identificaria com a mãe, assumindo uma atitude de passividade. Porém, o medo da castração permanece, pois em dado momento o garoto se dará conta de que para assumir o lugar de objeto de amor do pai, precisaria viver a castração como a mãe. A castração seria a única via que se apresenta como condição de possibilidade para que o lugar da mãe seja ocupado. Portanto, aquela mostra-se como sendo uma realidade incontornável, quer seja por medo do ódio paterno, quer seja a moeda dada em troca do amor. Diante dessa “escolha de Sofia”, a única via encontrada é a repressão, pois tanto o ódio quanto o amor ao pai conduziriam irremediavelmente à castração.

Freud localizará nessas duas formas de repressão um elemento normal e um patológico. A identificação com a figura partena acompanhada do medo da castração seria a via dita normal, à qual todo indivíduo se submete. Por outro lado, a via de identificação feminina que conduz à repressão é caracterizada como um elemento patológico. Disso decorre que a bissexualidade aparece como um fator para a intensificação das neuroses. Com carência de fundamentação e de maneira pouco aprofundada – o que justifica a confissão freudiana de que a análise empreendida no ensaio é construída com base em opiniões superficiais e de caráter duvidoso – Freud afirmará a existência de uma disposição à homossexualidade existindo de modo latente em Dostoiévski. Para fundamentar sua leitura, se baseará na frágil afirmação de que o escritor russo evidenciaria um forte apego às amizades masculinas, além de uma profunda compreensão em suas obras de situações que seriam compreensíveis apenas pela via da homossexualidade reprimida.

A análise nada elogiosa realizada por Freud em seu ensaio caracterizará Dostoiévski como um indivíduo violento, cuja pulsão de morte²⁵⁵ se vê canalizada, primordialmente, para si e, num segundo plano, para suas personagens literárias. Os ataques, primeiramente histéricos, durante a infância e, posteriormente, epiléticos vividos pelo autor, seriam a forma de a autopunição concretizar a culpa pelos desejos parricidas vividos pelo autor. A culpa teria sido experimentada após o pai

²⁵⁵ O conceito não será alvo de atenção neste ensaio, que coloca em primeiro plano a dinâmica edipiana e os elementos subsumidos em seu interior.

do autor ser vítima de um assassinato, evento que, segundo biógrafos²⁵⁶, estará no cerne da obra *Os irmãos Karamázov*, em que supostamente o escritor russo teria transposto em poesia sua própria confissão. Nela, o sentimento parricida se concretiza na morte do pai como em nenhuma outra obra, pois, se em Sófocles o desejo inconsciente encontra-se disfarçado sob a forma do destino, no romance russo a pulsão assassina não se apresenta de modo escamoteado, confrontando o leitor com o caráter universal do desejo parricida. Este ganha corpo nas personagens dos três irmãos que evidenciam, cada um a seu modo, como sua psique é povoada pelo desejo de matar o próprio pai. A culpa, enquanto elemento da neurose, também se faria presente na propensão do autor para o jogo. Com efeito, o autor possuía uma compulsão de sempre apostar até o limite em que suas perdas mantinham a si e sua esposa próximos da miséria, fato que os levou a se mudarem para a Europa de modo a fugirem dos credores. Freud localiza nesta tendência uma outra forma de autopunição por um desejo que, embora inconsciente, se corporificava na obra literária aqui tematizada.

Tratando da literatura, outras diferenças fundamentais ganham luz no que concerne às três grandes obras que tematizam o parricídio no pensamento de Freud, evidenciando o lugar de destaque de *Os irmãos Karamázov*. Embora a rivalidade em torno da mulher esteja no pano de fundo tanto nos trabalhos de Sófocles, como de Shakespeare e de Dostoiévski, o autor do crime dito primordial não será o mesmo em todas as obras. Se na tragédia grega o herói aparece expressando diretamente a dita universalidade do desejo parricida ao atentar contra a vida do pai, no drama inglês a representação é indireta, não sendo o herói o responsável por praticar o assassinato do pai. Freud localiza em Hamlet a expressão da culpa parricida na incompreensível incapacidade do herói em cumprir a vingança em nome de seu pai. Finalmente, no romance russo, embora o autor do assassinato não seja diretamente o protagonista Dimitri, este, além de também manifestar o desejo homicida, guarda relação de parentesco com o autor da morte de seu pai. Não à toa, o romance pode ser considerado a mais freudiana das três obras, já que, na figura de Smerdiákov (irmão de Dimitri), a rivalidade em relação à mulher ganha corpo juntamente com

²⁵⁶ Em sua análise da gênese dos ataques histéricos e, posteriormente, dos ataques epiléticos de Dostoiévski, Freud parte de dados biográficos que afirmam que o escritor, sempre após um ataque, vivia a sensação incômoda – e incompreensível – de ter cometido algum crime que agia como catalisador de uma profunda sensação de culpa.

o assassinato do pai. O complexo de Édipo surge no romance com mais força que na própria história de Édipo, pois o crime aqui não pode ser tributado ao destino, e sim às personagens russas que colocam em cena toda sua pulsão assassina.

Com a ponte entre psicanálise e literatura servindo de pano de fundo ao esboço das linhas gerais do complexo de Édipo, encerramos a genealogia conceitual proposta. Com efeito, vale ressaltar que a derradeira afirmação de Édipo também se dará no contexto de um “esboço” produzido por Freud acerca de sua teoria, em sua última obra. No *Esboço de Psicanálise*, texto considerado por muitos como uma das mais concisas e bem construídas apresentações do edifício teórico freudiano²⁵⁷, o psicanalista reafirmará pela última vez o caráter central do Édipo no conjunto de sua teoria. Talvez fosse de se esperar que o conceito, diante de todos os ataques e dificuldades enfrentadas, encontrasse o seu ocaso, como se deu com outros conceitos que foram redesenhados ou abandonados ao longo da construção da psicanálise. Mas este não foi o caso do complexo de Édipo. Como se sabe, o Édipo nasce junto com a psicanálise e sua presença jaz na tecitura de todos os textos freudianos e debates com outras áreas. A afirmação e certeza da centralidade ocupada por ele no arcabouço conceitual psicanalítico alcança a enésima potência, levando adeptos e opositores a considerarem a psicanálise como sendo edípiana. Tal fato não deve ser causa de estranhamento, bastando lembrar que Freud afirmava ser o conceito o xibolete que separava os dois grupos de indivíduos. Ancorando-se naquilo que considera ser um testemunho dado por Diderot²⁵⁸ sobre a evidência e a realidade do Édipo na vida psíquica, aventurar-se-á a dizer em sua última obra que “se a psicanálise não pudesse gabar-se de mais nenhuma realização além da descoberta do complexo de Édipo reprimido, só isso lhe daria o direito de ser incluída entre as preciosas novas aquisições da humanidade”²⁵⁹.

²⁵⁷ A despeito da querela existente entre comentadores acerca de seu caráter inacabado, o texto dificilmente pode ser considerado incompleto, dado que em seu conjunto Freud cumpre o itinerário do exame proposto.

²⁵⁸ Para o filósofo, adepto da oposição entre estado de natureza e estado de sociedade, a proibição do incesto seria o resultado da passagem de um estado em que predominariam apenas forças cegas para aquele cuja marca seria a moralidade. Nesse sentido, Freud se apoia em um trecho da novela *O sobrinho de Rameau*, em que o filósofo, leitor e entusiasta de Hobbes, assim como Freud, afirmará que “Se o pequeno selvagem estivesse abandonado a si próprio, conservando toda a sua imbecilidade e reunindo o pouco de razão da criança de berço à violência das paixões do homem de trinta anos, torceria o pescoço de seu pai e dormiria com sua mãe”. DIDEROT, D. *O sobrinho de Rameau*. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p.187.

²⁵⁹ FREUD, S. *Esboço de psicanálise*. In: *Obras Completas* Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p.221.

Se optamos por finalizar a abordagem freudiana do Édipo pela abordagem de uma obra literarária, tal escolha se justifica pelo fato de as personagens conceituais representarem aqui a melhor oportunidade para compreender e analisar a vicissitudes implicadas na dinâmica edipiana. Acompanhando a compreensão deleuzo-guattariana presente em *O que é a filosofia*, acreditamos ser possível afirmar que tal qual um filósofo, Freud faz uso das personagens conceituais de outros autores não apenas para as expor, mas para criar seus próprios conceitos. Apesar da rígida separação estabelecida por Deleuze e Guattari entre os campos do conhecimento, podemos afirmar que é certo que Freud não constrói tais personagens, mas, se apropriando dessas figuras estéticas, imprimirá o devir dentro de seu próprio pensamento, na medida em que por meio de tais figuras os conceitos psicanalíticos ganham vida, se mantendo em um estado dinâmico de constante modificação. As personagens vagam pelo plano de imanência, carregando em si a potência de conceitos que podem ou não vir à luz pela pena do autor, afirmando (ou esmagando) a diferença.

A arte não pensa menos que a filosofia, conforme sublinharão Deleuze e Guattari em sua análise dos afetos e perceptos produzidos pela criação artística²⁶⁰. Freud já compreendia a potência da arte e, se a mesma ocupa lugar privilegiado na obra do psicanalista, é porque ele encontra nos poetas e romancistas a “sensibilidade para perceber movimentos psíquicos ocultos em outras pessoas e coragem para fazer seu próprio inconsciente falar”²⁶¹. Sem a limitação das exigências e imposições estéticas às quais os poetas estão submetidos, por meio de um recorte do caos, a filosofia (e por que não a psicanálise?) poderá transpor em ato aquilo que a arte carrega em suas personagens na forma de potência. Com efeito, ainda que os dois campos caminhem pelo plano de imanência, povoando-o de diferentes formas – a arte com afetos e perceptos e a filosofia com conceitos – é manifesto que eles constantemente se entrecruzam, afetando-se mutuamente. Portanto, é compreensível que em sua tentativa de compreensão da psique, Freud muitas vezes busque respostas não na observação médica, mas naqueles “personagens inventados por grandes

²⁶⁰ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2010, p.45.

²⁶¹ FREUD, S. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem (Contribuições à psicologia do amor I). In: *Obras Completas* Vol. IX. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p.260.

escritores a partir da abundância de seu conhecimento da alma humana”²⁶². É nesse sentido que, para além de constatar eventos da vida psíquica por meio do apelo à literatura, Freud buscará compreender também sua natureza e origem. Como se sabe, nesse processo, obras como as de Shakespeare²⁶³, Sófocles e Dostoiévski estão longe de ser os únicos exemplos²⁶⁴ de aporte literário dentro da metapsicologia freudiana.

O que delineamos aqui é o retrato de um Freud que, assim como Deleuze, utiliza as cores e a matéria da literatura na composição de sua obra. A despeito dos posicionamentos muitas vezes contraditórios de Freud em relação à criação literária – em virtude do caráter pouco científico que tal adesão conferiria à psicanálise –, devemos suspeitar dos freudianos que invocam uma rígida distinção entre literatura e clínica²⁶⁵, pois podemos tributar a Freud o mérito de ter sido aquele quem libertou o estudo das neuroses da camisa de força do positivismo ao tentar entender as histerias a partir de uma nova perspectiva²⁶⁶. A relação entre clínica e literatura – evidenciada pelo recurso constante ao diálogo entre os dois campos – pode ser melhor elucidada se extrapolarmos a seguinte afirmação de Freud para além do campo da histeria:

Nem sempre fui psicoterapeuta. Como outros neuropatologistas, fui formado na prática dos diagnósticos locais e do eletrodiagnóstico, e a mim mesmo ainda impressiona singularmente que as histórias clínicas que escrevo possam ser lidas como novelas e, por assim dizer, careçam do cunho austero da cientificidade. Devo me consolar com o fato de que evidentemente a responsabilidade por tal efeito deve ser atribuída à natureza da matéria, e não à minha predileção; o diagnóstico local e as reações elétricas não se mostram eficazes no estudo da histeria, enquanto *uma exposição minuciosa dos processos psíquicos, como estamos acostumados a obter do escritor, me permite adquirir,*

²⁶² FREUD, S. Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica. In: *Obras Completas* Vol. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 198.

²⁶³ Do mesmo modo, as personagens literárias de Shakespeare serão mobilizadas na compreensão de outros fenômenos de natureza psíquica. É o caso da análise de Lady Macbeth com vistas a compreender a natureza e origem da culpa que assola muitas vezes um indivíduo ao atingir um objetivo almejado. Com efeito, a culpa aqui tematizada seria de uma natureza diferente daquela que vimos na análise de Dostoiévski e sua obra. Para maiores detalhes, ver a segunda parte do texto “Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica”, intitulada “Os que fracassam no triunfo”.

²⁶⁴ Se a análise de Lady Macbeth se mostra infrutífera na compreensão da culpa vivida como resultado de um sucesso muito almejado, o mesmo não se dá com a análise do comportamento da personagem Rebecca Gamvik, heroína da peça Rosmersholm, do dramaturgo norueguês Henrik Ibsen.

²⁶⁵ Cf. GEYSKENS, T. “Literature as Symptomatology: Gilles Deleuze on Sacher Masoch”. In: BOLLE, L. (org) *Deleuze and Psychoanalysis: Philosophical Essays on Deleuze's Debate with Psychoanalysis*. Leuven: Leuven University Press, 2010.

²⁶⁶ Ainda que isso colocasse em risco o estatuto epistemológico que Freud buscava conferir à psicanálise.

*pelo emprego de algumas poucas fórmulas psicológicas, uma espécie de compreensão do desenvolvimento de uma histeria.*²⁶⁷

Cumprido o trajeto da reconstrução dos principais aspectos referentes ao complexo de Édipo, podemos proceder ao exame da crítica empreendida por Deleuze (e Guattari) ao referido conceito. De fato, é importante que possamos delinear de modo mais preciso em que medida o pensamento de Freud, em sua circunscrição à triangulação edipiana, pode não apenas limitar a efetividade do trabalho analítico, mas também comprometer o caráter errante das personagens literárias que carregam em si as potências da arte. Vejamos a seguir como se configura a crítica de Deleuze ao complexo de Édipo e quais as implicações da compreensão freudiana para o campo social e da cultura.

3.2.

Deleuze e Guattari: máquina de guerra contra Édipo

Como sabemos, Deleuze se encontra dentro daquele grupo de opositores que afirmará o caráter problemático da soberania de Édipo na psicanálise, soberania que pretendemos colocar em xeque em nosso trabalho. A crítica do filósofo, conforme veremos, não se limita a Freud, abrangendo também figuras que foram depositárias dos mais altos elogios em momentos anteriores à sua parceria com Guattari. Isso porque, nomes como Melanie Klein e Jacques Lacan, cada um ao seu modo, não conseguiram desedipianizar a psicanálise, limitando-se a reafirmá-lo de diferentes formas.

Tendo em vista que a crítica ao Édipo ganha corpo no pensamento de Deleuze somente a partir da parceria celebrada com Guattari no início da década de 1970, optamos por dividir nossa abordagem em três momentos distintos. O primeiro deles é o da crítica a Lacan, Freud e Klein presente em *O anti-Édipo*, de 1972, no qual filósofo e o psicanalista lançam as bases de seu projeto de uma proposta de análise social e política, refletindo sobre os principais problemas na psicanálise e, portanto, dialogando com esta. O segundo momento, que poderíamos chamar de intermediário ou de transição, é aquele presente em *Kafka: por uma literatura menor*, de 1975, onde os autores promovem alguns ajustes teóricos, ora dando

²⁶⁷ FREUD, S. Estudos sobre a histeria. In: *Obras Completas* Vol. II. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 121.

continuidade, ora introduzindo novas propostas à luz da obra de Kafka. É como se Édipo fosse grande²⁶⁸ demais para se limitar à obra de 1972, e novas coordenadas impusessem a necessidade de retomada da questão. Finalmente, o terceiro momento da crítica à triangulação edipiana se faz presente a partir de 1980, em *Mil Platôs*. Nesta última ponte entre filosofia e psicanálise, em que serão desenvolvidos e aprofundados conceitos introduzidos em *Kafka*, Édipo se mostrará tão grande e sua onipresença na cultura, tamanha, que os autores decretarão que *Um só ou vários lobos* representará o derradeiro adeus à psicanálise²⁶⁹. Vejamos a seguir como se dá esse movimento nas três obras.

Sabe-se que *O anti-Édipo* inaugura não apenas um reposicionamento da psicanálise no conjunto da obra de Deleuze, mas também uma parceria que, à quatro mãos, dará início a uma produção que colocará em xeque o campo psicanalítico desde seus fundamentos. Imbuído do espírito revolucionário herdado do maio de 1968, *O anti-Édipo* é recebido pelo mundo acadêmico como um sopro de enxofre, um meteorito que “cai sobre o continente do saber e sobre o mundo político”²⁷⁰. Tal efeito resulta do fato de a obra ser o resultado do agenciamento entre as duas esferas intelectuais mais vibrantes da França no início dos anos 70, quais sejam, a filosofia e a psicanálise. O caráter disruptivo, pouco convencional e, poderíamos dizer, iconoclasta da obra, em seu tratamento da psique, confronta o leitor desde as primeiras linhas. Tal constatação fica visível no modo como os autores introduzem a noção de máquinas desejanças, conceito que ocupa posição central na obra: “isso funciona em toda parte: às vezes sem parar, outras vezes descontinuamente. Isso respira, isso aquece, isso come. Isso caga, isso fode”²⁷¹. Assim, os autores demarcam desde o princípio o ritmo *staccato*²⁷² e visceral adotado ao longo da obra, em sua introdução

²⁶⁸ Alusão ao capítulo dois da obra, intitulado “Um Édipo grande demais”.

²⁶⁹ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Prefácio à edição italiana. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol.1, São Paulo: Editora 34, 2011, p.8-9.

²⁷⁰ DOSSE, F. *Gilles Deleuze & Félix Guattari: biografia cruzada*. Porto Alegre: Artmed, 2010, p.175.

²⁷¹ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.11.

²⁷² *Staccato* remete aqui ao tipo de articulação utilizada em um fraseado musical. Opondo-se ao *legato*, o *staccato* é caracterizado por ataques curtos e sucessivos que conferem destaque às notas de um movimento musical.

do inconsciente maquínico, cuja formação se daria a partir do que chamarão de máquinas desejantes²⁷³.

Ora, para que a crítica ao Édipo desenvolvida na obra possa ser dotada de inteligibilidade e assim atingirmos o objetivo ora proposto, faz-se necessário o delineamento das questões e problemas que animam e compõem o pano de fundo do texto. Neste ínterim, vemos que a crítica à psicanálise presente em *O anti-Édipo* é construída sob a égide de três eixos principais que se encontram imbricados mutuamente, incidindo sobre: 1) uma noção de inconsciente representativo, cuja única função seria servir de palco para a encenação de dramas familiares. A esse entendimento é contraposta a afirmação de um inconsciente produtivo, imanente, produtor de real, na realidade; 2) uma noção de delírio que se vê enclausurada dentro da triangularidade edipiana, limitada às figuras paterna e materna. Portanto, mostra-se necessário libertar o delírio das amarras familiares, compreendendo-o como delírio de raças, de povos, de paisagens. 3) ligada ao eixo anterior, encontra-se a crítica à leitura psicanalítica da dinâmica do desejo. Nesta, subsumido no pai, na mãe ou no falo, ele tem sua natureza construtiva e múltipla apagada, dentro de uma clínica que desconsidera seu caráter político.

Na primeira parte da obra, portanto, os autores promoverão uma nova teoria do inconsciente a reboque do conceito de máquinas desejantes. Tal teoria parte do entendimento de que se faz necessário um modelo de análise que compreenda a produção social e a produção desejante como sendo apenas uma, unívoca, imanente. Portanto, não haveria uma produção social apartada da produção desejante, não sendo possível conferir ao desejo duas realidades distintas, uma mental ou psíquica e outra material. Há tão somente produção de real, sendo a produção social a própria produção desejante, moldada de acordo com condições históricas específicas. Portanto, nem Freud, nem Marx: a crítica presente em *O anti-Édipo* trabalha com o pressuposto de que é inócua a tentativa de conciliar os dois autores, pois não há que se conciliar economia libidinal e economia política, visto que há apenas uma

²⁷³ É nesse sentido que o termo “isso” (“ça” no original), remetendo à noção freudiana de “id”, será afirmada como insuficiente para descrever a concepção de inconsciente e desejo desenvolvidas ao longo da obra (“Mas que erro ter dito o isso”, *O anti-Édipo*, p.11).

economia. Nesse sentido, a tarefa de uma análise “antipsicanalista” materialista é demonstrar como a dinâmica do desejo investe a economia por inteiro²⁷⁴.

O afastamento do freudo-marxismo aqui proposto se funda na afirmação da potência positiva do esquecimento como condição para a irrupção do novo. Contrariamente a uma cultura da memória, que recorre a um paralelismo entre Freud e Marx, Deleuze e Guattari, ao mesmo tempo em que se afastam, promovem um entrecruzamento daquilo que há de sagrado naqueles, compreendendo o inconsciente como uma máquina que se autoproduz ciclicamente por meio da produção social e da produção desejanste. Ciclicamente porque, enquanto a produção social é produção desejanste sob condições determinadas ela pertence ao *homo natura*. Porém, a produção desejanste é, antes de mais nada, produção social, portanto, dizendo respeito primeiro ao *homo história*. Se este aparece como primeiro é porque o desejo sempre responderá a condições determinadas historicamente. Com isso, elimina-se a contradição entre homem e natureza, visto serem os dois univocamente produzidos na realidade, ambos “uma só e mesma realidade de produtor e produto”²⁷⁵, haja vista que o *homo natura* é *homo história*.

Portanto, o campo social e a produção desejanste são coextensivos, estando mutuamente implicados, determinados por condições específicas. O estado de alinhamento entre produção social e produção desejanste no contexto do freudo-marxismo conduz à falsa compreensão da existência apartada, em diferentes realidades, de uma produção de realidade e uma produção de fantasmas. Há apenas o desejo e o social, sendo possível localizar sua relação a partir da potência da multidão em seu investimento do campo social. Sua ligação se faz presente desde a filosofia de Spinoza, que em seu *Tratado teológico-político* (1670) percebera que mesmo as formas profundas de reprodução social²⁷⁶ encontram seu fundamento no campo do desejo. Desde o prefácio daquela obra, Spinoza, ao refletir sobre a superstição travestida sob a forma de religião, afirmará que “o grande segredo do regime monárquico e seu interesse maior é o de enganar os homens e colorir com o nome de

²⁷⁴ DELEUZE, G. Quatro proposições sobre a psicanálise. In: *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas* (1975-1995). São Paulo: Editora 34, 2016, p.89.

²⁷⁵ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.15.

²⁷⁶ A reprodução social, noção largamente desenvolvida pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, deve ser compreendida como o conjunto de ações ou mecanismos sociais voltados à manutenção da ordem social estabelecida.

religião o medo que lhes deve dominar”²⁷⁷, conduzindo-os a um estado em que os mesmos “combatam por sua servidão, como se se tratasse de sua salvação”²⁷⁸.

Ora, Deleuze e Guattari perceberão na *Psicologia de massa do fascismo* de Reich o próprio germe da retomada deste que se apresenta como o problema fundamental da filosofia política desde Spinoza. “Como é possível que se chegue a gritar: mais impostos! Menos pão!”²⁷⁹, questionarão os autores seguindo a fórmula spinozana. Reich aparece aqui como aquele que mais se aproxima de Spinoza, ao inquirir sobre a relação entre o desejo e o fascismo. Afinal, não carece de explicações o fato de que um esfomeado roube para comer ou que um indivíduo explorado faça greve, mas é imperativo compreender, por meio de uma psicologia social, “por que motivo a maioria dos esfomeados *não* rouba e a maioria dos explorados *não* faz greve”²⁸⁰. Nesses termos, o fascismo surgiria como o resultado da produção desejante dentro das condições históricas específicas. Entretanto, embora Reich intua o problema, ele acaba por não dar continuidade à questão, optando por restabelecer uma oposição entre a racionalidade da produção social e a irracionalidade da produção desejante. Embora principie por afirmar o esquecimento do campo social pela psicanálise²⁸¹, as portas são fechadas pelo autor quando termina por considerar que sua tarefa se limita exclusivamente ao – suposto – pólo irracional e fantasmático do desejo, circunscrevendo-a à economia libidinal e, portanto, excluindo-a do campo social.

Nesse contexto, a proposta esquizoanalítica, qual seja, de uma psicanálise social e política, configura-se como o caminho necessário para libertar a produção desejante de uma compreensão que a vê como apartada da produção social. Essa análise social e política é desenhada enquanto detentora de uma dupla função: ao mesmo tempo em que pretende demonstrar que produção libidinal e produção social encontram-se mutuamente implicadas, coloca-se a tarefa de promover uma análise transcendental do inconsciente. Trata-se aqui de um modelo de análise que parte do pressuposto bergsoniano de que “se o vivente é semelhante ao mundo, isso ocorre,

²⁷⁷ SPINOZA, B. *Tratado teológico-político*. In: *Spinoza – Obra Completa III*. São Paulo: Perspectiva, 2016.

²⁷⁸ *Ibidem*.

²⁷⁹ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.46-47.

²⁸⁰ REICH, W. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p.38.

²⁸¹ *Ibidem*, p. 19.

ao contrário do que se pensava, porque ele se abre à abertura do mundo; se ele é um todo, é na medida em que o todo, do mundo como do vivente, está sempre em vias de se produzir ou de progredir²⁸². Dizer que o indivíduo se abre à abertura do mundo significa abrir o microcosmo da família, tornando aqueles que nele se inserem porosos e em continuidade com macrocosmo da realidade circundante, ou seja, elimina qualquer separação entre aquele e o mundo. Disso decorre que a relação entre família e sociedade implica a abertura da triangulação edipiana para todos os cantos do mundo social, não podendo a produção desejante se ver cerceada pelas figuras parentais. Paralelamente, visando explicitar os critérios com que se dá a produção desejante na imanência, a esquizoanálise, enquanto análise transcendental e materialista, propõe uma crítica ao Édipo, cujo norte se encontra em uma compreensão do inconsciente como real e não simbólico, como molecular ao invés de molar, como maquínico ao invés de estrutural e como produtivo ao invés de expressivo²⁸³. “Transcendental” significa aqui que a análise encontra-se fundada na imanência e não em um exercício transcendente de busca de significado²⁸⁴.

Mas como entender esta nova teoria do inconsciente proposta pelos autores de modo a melhor situar a crítica que promovem ao Édipo? Inicialmente é necessário compreender que o inconsciente é visto em *O anti-Édipo* como aglomerado daquilo que os autores chamarão de máquinas desejantes, sendo, portanto, também uma máquina que funciona a partir de um sistema de fluxos e cortes. Nesta usina/fábrica se produz realidade, por meio de ligações e cortes, ao invés de apenas expressões de mitos, sonhos e tragédias. Esse inconsciente maquínico funciona de acordo com sínteses próprias, que remetem às diferentes dinâmicas das máquinas desejantes. Mas o que seriam exatamente essas máquinas?

Conforme afirmamos anteriormente, já nas primeiras linhas deste livro, Deleuze e Guattari desenham em linhas gerais que a realidade é permeada de máquinas em todas as partes, se acoplando e conectando em um regime de cortes e fluxos. O conceito de máquina desejante aqui construído é tributário de uma crítica ao vitalismo e ao mecanicismo que compreende a totalidade a partir da fórmula triádica

²⁸² DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.132.

²⁸³ *Ibidem*, p.150.

²⁸⁴ A esquizoanálise será tematizada de modo mais aprofundado no terceiro capítulo de nosso trabalho, quando nos dedicarmos ao exame da clínica e do papel da interpretação nos pensamentos de Deleuze e Winnicott.

que afirma ser o todo: 1) uma totalidade derivada de partes; 2) uma totalidade originária da qual surgiriam as partes; e 3) produto de uma totalização dialética. Indo na contramão deste entendimento, a noção de máquina aqui desenvolvida afasta-se da compreensão de um todo estruturado, sendo, na verdade, vista como peças autônomas que, a despeito de serem partes, são plenas e independentes. Trata-se de compreender que uma máquina complexa não é um objeto único, mas sim uma cidade ou sociedade²⁸⁵ de membros que de nada carecem.

Retoma-se aqui a noção de objeto parcial presente na psicanálise de Klein para construir o conceito de máquina desejante, mas compreendendo-o como algo que não tende a qualquer forma necessária de totalização ou individualização. Mas, se por um lado a Klein é conferido o mérito de haver descoberto os objetos parciais – noção fundamental para a compreensão aqui desenvolvida –, por outro, a ela é dirigida a crítica de que teria perdido de vista o regime próprio segundo o qual funcionam tais objetos. No pensamento da psicanalista, os objetos parciais ocupam posição central no universo fantasmático infantil. Neste, conforme vimos no capítulo anterior, a criança começa por se relacionar com objetos parciais (o seio ou outra parte do corpo) e paulatinamente, ao longo do processo de amadurecimento psicosexual, passa a se relacionar com objetos totais. Portanto, primeiramente, a criança perceberia o seio (objeto parcial), para apenas posteriormente percebê-lo como parte da mãe. A psicanálise kleiniana designa a primeira fase do processo maturacional como posição esquizoparanóide e a segunda, em que a criança percebe que o seio ao qual dirigia seus impulsos ambivalentes é, na verdade, parte da mãe, como posição depressiva. É importante salientar que mesmo objetos parciais são dotados fantasmaticamente de características de objetos totais, podendo ser percebidos pela criança como tranquilizadores, perseguidores ou benevolentes.

Ora, os objetos parciais já haviam sido tematizados por Deleuze anteriormente, em *Diferença e Repetição*. Abordados no capítulo dois da obra, a propósito do debate travado com a psicanálise ao longo da elaboração das três sínteses do tempo, eram vistos então como parciais por serem cindidos, fragmentados e por isso considerava-se que faltava a eles algo no real. Este entendimento levava o Deleuze de *Diferença e Repetição* a afirmar que, por esse motivo, seriam apenas um

²⁸⁵ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.375-376.

trapo ou fragmento da realidade. Em sua elaboração da primeira síntese do tempo, existiriam dois desdobramentos possíveis para a síntese do hábito para a relação objetual: um desdobramento ativo, que conduziria a integrações globais e objetos totalizáveis, e um aprofundamento do caráter passivo, que conduziria à “contemplação de objetos parciais não totalizáveis”²⁸⁶.

Como a caracterização inicial das máquinas desejanças, realizada acima, leva a antever, a noção de objeto parcial desenvolvida em *O anti-Édipo* afasta-se daquelas presentes em momentos anteriores da obra do filósofo²⁸⁷. Com efeito, na obra de 1972, o objeto parcial deixa de ser compreendido como algo a ser superado no caminho em direção à maturidade psíquica, uma fase ou estágio a ser abandonado ao longo do processo de desenvolvimento infantil. As máquinas são os objetos parciais, independentes, não totalizáveis, completos, que de nada carecem. Caberá ao desejo, inserido no interior das máquinas, colocá-las em funcionamento, permitindo assim que as máquinas desejanças, como uma peça única, possam realizar acoplamentos e conexões. Portanto, um liame é estabelecido: “a máquina é desejança e o desejo é maquinado”²⁸⁸. É considerada falsa a noção de que os objetos parciais seriam partes de indivíduos totais. Eles são entendidos sim como a matéria (*hylé*) não pessoal com a qual se comunicam em sua conexão uns com os outros. Portanto, não é o desejo que se encontra no sujeito, mas sim a máquina que se encontra no desejo. O sujeito não preexiste à máquina, mas sim, conforme veremos, é produzido como um resto ao seu lado.

A noção de máquina²⁸⁹, cuja centralidade já se mostrava presente no pensamento de Guattari em sua produção dos anos 1960, é retomada e expandida com Deleuze em *O anti-Édipo*. Sua adequada compreensão pressupõe o abandono de uma concepção fundada na ideia utilitária de que “máquina” seria exclusivamente um aparato técnico dotado de caráter instrumental. Ao contrário, conforme veremos, Deleuze e Guattari tomam a noção em um sentido *lato*, para designar os

²⁸⁶ DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006, p.172.

²⁸⁷ Os objetos parciais também serão tematizados pelo filósofo, na vigésima sétima série de *Lógica do Sentido*, “Da oralidade”, em que as posições kleinianas são retomadas e articuladas com os pressupostos de uma nova imagem para a filosofia e para o pensar. As críticas tecidas nesta obra dirigem-se menos à natureza dos objetos parciais – como é o caso de *O anti-Édipo* – e mais à sua dinâmica.

²⁸⁸ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.377.

²⁸⁹ O conceito de “máquina” será retomado no próximo capítulo quando tratarmos da noção de “servidão maquínica” no contexto da produção de subjetividade.

processos moleculares dos quais o homem é apenas uma parte. Mais do que um subconjunto da técnica, mostra-se como seu próprio pré-requisito, dado que é agenciamento material. Nesse sentido, qualquer coisa pode compor uma peça para constituir a máquina: “o conceito de máquina *stricto sensu* deve, portanto, ser expandido para o todo funcional que o conecta não apenas com o homem, mas também com a multiplicidade de outros elementos materiais, semióticos, incorpóreos etc.”²⁹⁰.

Os autores distinguem em *O anti-Édipo* dois tipos de máquinas: máquinas desejantes e máquinas técnicas sociais. O recurso a oposições binárias é uma constante ao longo da obra, mas não tem como horizonte a afirmação de um pensamento dualista, pretendem antes romper esta forma de pensamento, e iluminar o múltiplo por meio de binaridades pluralizadas. Com efeito, não há diferença de natureza entre máquinas desejantes e máquinas técnicas e sociais, mas apenas no seu regime de funcionamento: as primeiras funcionam segundo um regime molecular e as segundas de acordo com um regime molar.

A máquinas desejantes, em seu regime molecular de funcionamento, são máquinas formativas, cujas partes funcionam sempre em desarranjo, tal como peças de um quebra-cabeça que não se encaixam, tendo este desarranjo como condição para seu funcionamento. Portanto, seu funcionamento se dá em curto-circuito, com ligações operacionais nem sempre localizáveis, por meio cortes e fluxos, conexões transversais, disjunções inclusivas e conexões plurívocas que produzirão “extrações, desligamentos e restos”²⁹¹. Consideradas disruptivas e desestruturadoras, nelas, mesmo as falhas possuem uma função. O desejo é produção de real na realidade, sendo a imanência composta e recomposta num contínuo processo de produção. Neste, são produzidos tanto homem como natureza, um no outro, num processo de acoplamento. Como resultado, elimina-se a distinção homem-natureza, que percebe na figura humana o reinado da criação. Abolida a falsa oposição entre os dois

²⁹⁰ LAZZARATO, M. *Signos, máquinas, subjetividades*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo: n-1, 2014, p.73.

²⁹¹ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.378.

termos, tem-se que “a essência humana da natureza e a essência natural do homem se identificam”^{292 293}.

Em um regime de funcionamento molar, as máquinas técnicas e sociais são estruturadas, por sua vez, como objetos únicos, conforme a técnica e as instituições, as quais as dotarão de uma existência palpável e visível, como se fossem “armaduras de aço”²⁹⁴. Neste contexto, as máquinas orgânicas surgem estruturadas como corpos que se coadunam com as espécies em que se inserem e os meios em que vivem, sendo, portanto, o sujeito um mero produto – ou modo de organização – de um regime específico das máquinas desejantes. A marca do regime molar que determina o funcionamento dessas máquinas são as disjunções exclusivas e as conjunções bi-unívocas, conduzindo a conexões globais e específicas. Por conseguinte, as máquinas técnicas, sociais e orgânicas representam formas estáveis e específicas de organização, cujo funcionamento, ao contrário das anteriores, se dá apenas quando estão arranjadas.

Recorrendo a uma microfísica do desejo, Deleuze e Guattari esclarecem que a distinção entre o regime molecular e molar que rege tais máquinas é análoga àquela encontrada entre o microfísico e o macrofísico, com a diferença de que, no lugar do elétron máquina, encontrar-se-á a máquina desejante, e no lugar do objeto técnico molar encontraremos a estrutura social molar que age como condicionante dos objetos técnicos. Isso ocorre porque as máquinas técnicas e sociais são uma só máquina simultaneamente; todavia, as máquinas técnicas não podem ser enquadradas em uma categoria econômica. Disso decorre que sempre remeterão a uma máquina social, ou seja, um *socius* que condicionará a sua produção. Portanto, o objeto técnico sempre será condicionado e formatado pela produção social, ou seja, o modo de produção determinará o produto.

As máquinas manuais são o produto das sociedades ditas primitivas, assim como a máquina hidráulica carrega a marca da forma asiática de produção e, por sua vez, a máquina industrial é o resultado da sociedade capitalista. Com efeito,

²⁹² DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.15.

²⁹³ Cabe destacar que Winnicott compartilha da mesma percepção, afirmando o caráter inseparável do homem com a natureza. Com o estilo que lhe é característico, afirmará o que “o ser humano é uma amostra -no-tempo da natureza humana” (In: *Natureza humana*, p.29).

²⁹⁴ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.379.

todos são exemplos do modo como a produção técnica se mostra como índice de uma produção social específica. É importante salientar que, como resultado da continuidade entre produção social e produção desejante, o *socius* não apenas condicionará o aparato técnico, mas atuará também codificando e recodificando o desejo de modo a preparar os indivíduos para o cumprimento de seus papéis e funções sociais.

A reflexão sobre o inconsciente maquínico norteadada pela diferenciação das máquinas desejantes em formativas/compositivas (máquinas desejantes) e agregados individualizados (máquinas técnicas e sociais) pode ser compreendida como um recurso que remete, de modo análogo, aos dois modos ou regimes de funcionamento do aparelho psíquico. Assim, do ponto de vista econômico-dinâmico, o processo primário – análogo às máquinas desejantes – é caracterizado pela energia que escoava livremente, circulando sem barreira, deslocando-se de uma representação a outra. Por outro lado, o processo secundário se refere à energia ligada e a representações estáveis. No contexto psicanalítico em que se inserem, esses dois regimes remetem respectivamente ao princípio de prazer e ao princípio de realidade. Se, no primeiro caso, a energia escoava livremente, procurando estabelecer múltiplas ligações, no segundo, a energia ligada é submetida a um princípio regulador. Finalmente, em se tratando das máquinas desejantes, é importante ressaltar que a passagem de um regime a outro não se vê condicionada por qualquer elemento transcendental externo, mas somente pelas potencialidades das conjunções que podem ser realizadas pelas máquinas.

Como vimos, as máquinas desejantes que compõem o inconsciente produtivo, a despeito de serem objetos parciais, de nada carecem, e, portanto, não são uma etapa em um processo que demanda totalização. Todavia, não apenas a sua natureza enseja uma crítica à psicanálise, mas também o seu modo de funcionamento, pois, ao analisarem o modo como se dão suas conexões, Deleuze e Guattari tecerão uma crítica ao modo como a psicanálise trata de sua síntese. Com efeito, as máquinas desejantes funcionam a partir de três sínteses do inconsciente, por meio das quais se diferenciam as múltiplas possibilidades da produção desejante que se distribuem no campo de imanência. À psicanálise é dirigida a acusação de realizar um uso ilegítimo dessas sínteses, transcendente, limitando a produção desejante às

figuras parentais, e conseqüentemente transformando o inconsciente produtivo em um teatro de representações edípicas marcado pelos dramas familiares.

A aposta de *O anti-Édipo* é em um modelo de inconsciente produtivo cuja marca é o confronto estabelecido entre produção desejante e produção social inscrito em seu seio. O uso legítimo das sínteses do inconsciente transcendental permite compreender o processo repressivo exercido pelas máquinas sociais sobre a produção desejante, abrindo espaço para que o problema político delineado por Spinoza e por Reich possa ser compreendido à luz da imanência e não de leis transcendentes. Esta é a condição inicial para que se possa caminhar à compreensão do fascismo e dos motivos que levam alguém a clamar – no passado e no presente – por “mais impostos, menos pão”.

Se, por um lado, a Freud e à psicanálise é dirigido o reconhecimento da descoberta dos objetos parciais, dos fluxos e das sínteses livres, com suas disjunções inclusivas, por outro, a eles dirige-se a acusação de erigir uma metafísica na forma de Édipo. É como se Freud tivesse sido confrontado com o caráter caótico do desejo em suas conexões sem fim e tentado conferir certa ordem, apelando para a métrica do teatro grego. O que é colocado em questão pelos autores não é a existência de uma sexualidade edípica ou mesmo uma castração edípica, mas sim a colonização do inconsciente por um Édipo que termina por encerrar todas as suas produções em um triângulo familiar. A própria afirmação da existência de uma fase pré-edípica é referida a uma lei externa, compreendendo o indivíduo como incompleto, como alguém que deve ultrapassar um período de incompletude em direção à integração²⁹⁵ e ao investimento em objetos globais ou mesmo uma integração estrutural que acabe por remetê-lo a um significante despótico, submetido assim ao domínio do falo²⁹⁶.

Partindo desse referencial, a proposta deleuzo-guattariana se constitui como um projeto de revolução crítica tal qual a revolução copernicana promovida por Kant no campo da epistemologia. Portanto, assim como Kant que promove uma inversão na teoria do conhecimento em sua *Crítica da razão pura*, deslocando o indivíduo da periferia para o centro e estabelecendo o sujeito como critério para o

²⁹⁵ Como é o caso da passagem da posição esquizoparanóide kleiniana para a posição depressiva, ou seja, da integração de objetos parciais em objetos totais.

²⁹⁶ Como vemos na teoria lacaniana.

conhecimento no lugar do objeto, Deleuze e Guattari propõem uma virada materialista que desloque a produção desejante do inconsciente produtivo da transcendência para a imanência. O ataque promovido ao idealismo da psicanálise remete à crítica a um sistema de assentamentos e rebatimentos presentes na metapsicologia e na clínica psicanalítica, que remete e limita a produção inconsciente exclusivamente à encenação de uma tragédia sofocleana ou shakespeareana. Nesse sentido, o processo de edipianização só faz reprimir a multiplicidade da produção desejante, reduzindo, limitando e reprimindo aquilo que há de potência no indivíduo. Portanto, a virada materialista proposta pelos autores tem como horizonte uma reinserção do desejo no campo da vida, uma abertura da sexualidade para além das figuras parentais.

Por meio de uma valorização da esquizofrenia como processo, Deleuze e Guattari defenderão uma análise que permita ao indivíduo transgredir para além dos limites impostos pelas máquinas sociais, libertando-se assim de prisões. A esquizofrenia defendida aqui é distinta da entidade clínica que habitará os hospitais. Tal como Burroughs, que busca captar a potência da droga sem se drogar, Deleuze e Guattari procurarão no processo esquizofrênico²⁹⁷ a descodificação e desterritorialização que permita subverter a lógica imposta por uma psicanálise que se inscreve no seio da cultura. A dissolução do complexo de Édipo proposta pelos autores se opõe a uma pseudo-resolução que, na verdade, não passa de uma “dívida infinita”²⁹⁸ transmitida de pai para filho em um ciclo sem fim, elevado à enésima potência. É nesse sentido que, por meio das sínteses de produção, registro e consumo, os autores analisarão a produção desejante norteados pelas diferentes formas de ligação das máquinas desejantes, quais sejam, pelas vias conectiva, disjuntiva e conjuntiva. Portanto, trata-se de restituir ao campo do desejo aquilo que consideram como uma expressão legítima da dinâmica das máquinas desejantes.

Enquanto modos distintos de constituição e processamento da experiência, as três sínteses – ou modos de constituição do desejo e do inconsciente produtivo – funcionam de modo concomitante, cada qual regida por sua própria regra de

²⁹⁷ Nesse sentido, não há qualquer enaltecimento da figura do esquizo que habita os corredores dos hospitais. Tal como o usuário de uma droga que se perde em seu uso, seguindo a esteira de Burroughs, a sua potência, o esquizo enquanto figura clínica seria alguém que foi longe demais no processo de descodificação e desterritorialização, perdendo-se ao longo do processo.

²⁹⁸ DELEUZE, G. Entrevista sobre *O anti-Édipo*. In: *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2017, p.28.

funcionamento e energia. A primeira delas, a síntese conectiva de produção, se situa como a primeira etapa na dinâmica maquínica, podendo ser compreendida à luz do eros freudiano, ou seja, da pulsão de vida e da noção de investimento libidinal. Com efeito, a libido é a energia própria da primeira síntese, cuja marca é a efetuação de ligações entre os objetos parciais por meio de fluxos e cortes. É o tipo de conexão realizada pelo infante entre a boca e o seio, ou mesmo entre a boca e uma garrafa ou mesmo outra boca. A marca distintiva das conexões aqui realizadas é não apenas o fato de elas se darem entre objetos parciais, mas também de se apresentarem como conexões múltiplas, heterogêneas e contínuas. Disso depreende-se que a sintaxe desta síntese pode ser resumida a partir de uma série de “e... e depois... e depois... e depois...” onde as conexões se estenderão de modo contínuo e sem fim. Com isso afirma-se que tais objetos não são totalizáveis, e que, portanto, o seio que se conecta com a boca e o rosto da mãe, que se conecta com os olhos do bebê, etc., nunca atingirão a condição de objeto total. Isso porque os parciais, embora frequentemente sejam órgãos, não necessariamente o serão. A síntese de produção – ou conectiva – será o pano de fundo em que se darão as outras duas sínteses, pois, a despeito de estas serem regidas por regras e energia próprias, ambas funcionarão com base na associação entre partes.

Conforme afirmado anteriormente, Deleuze e Guattari identificam um uso legítimo (imane) e um ilegítimo (transcendente) de cada síntese. Os usos ilegítimos, realizados pela psicanálise, são fundados em paralogismos, ou seja, em raciocínios considerados falsos. No caso da síntese de produção, o uso transcendente é localizado na operação que converte os objetos parciais em pessoas globais, na medida em que a psicanálise entenderá tais objetos como uma etapa ou transição rumo a objetos totais. Portanto, ao regime de conexão de objetos parciais se oporá um regime em que pessoas são conjugadas segundo a lógica da reprodução familiar. Por meio de um uso global e específico da síntese conectiva, a produção desejante perde seu caráter não pessoal e é introduzida a falta nos objetos parciais, vistos agora como partes extraídas de pessoas totais. Assim, as conexões contínuas são encerradas e a lógica conjuntiva do “e... e depois...” é interrompida.

Prolongamento da síntese produtiva, a síntese disjuntiva de registro remete à ideia, já presente no pensamento de Freud, de que a psique seria dotada de um aparato de registro qualitativo das experiências vividas. Portanto, a psicanálise

compreenderá a memória como uma ferramenta para registro de experiências satisfatórias. Assim, sempre que o organismo se encontra impossibilitado de investir objetos reais, acessa o registro de experiências passadas e investe objetos alucinados. Ora, a síntese de registro é, em certa medida, uma retomada aprofundada da terceira síntese do tempo presente em *Diferença e repetição*, onde Deleuze busca restituir à repetição, naquele momento de sua obra, aquilo que Freud havia retirado dela ao afirmar ser a repetição tão somente repetição do mesmo. Haja vista que Freud concebe a compulsão à repetição como fundada no instinto de morte – este compreendido como retorno ao inorgânico –, a repetição resulta caracterizada como repetição mecânica do mesmo e não como uma repetição diferencial.

Ora, se o instinto de morte é compreendido em *Diferença e repetição* como eterno retorno diferencial, em *O anti-Édipo* o movimento será análogo, sendo ele aqui compreendido como fator de anti-produção. Isso porque, na síntese de registro, uma força contrária, complementar à síntese conectiva, se fará necessária para que se extraia prazer da variação, do múltiplo e do novo, ao invés do prazer mecânico obtido pela via das conexões habituais. Esta força é justamente aquilo que permite que um dado conjunto de conexões seja quebrado e que, com isso, novas conexões aconteçam em seu lugar. Estas, por sua vez, também seriam quebradas, permitindo com isso novas conexões sem fim, até o infinito. O corpo sem órgãos, considerado pelos autores em sua identidade com o instinto de morte, é o fator de anti-produção responsável pela interrupção da produção desejante. Por meio da suspensão das conexões ora realizadas, ele garantirá que novas e diferentes conexões se tornem possíveis.

Conceito já presente em *Lógica do sentido*, o corpo sem órgãos adquire em *O anti-Édipo* papel fundamental, enquanto superfície de registro constituída por uma energia que os autores chamarão de *Numen*. Esta atuará neutralizando ou dessexualizando as conexões realizadas pela produção desejante e, simultaneamente, registrará suas diversas possibilidades. Com isso, a anti-produção adquire o papel de fator multiplicador das conexões ao infinito, não apenas linearmente, mas transversalmente. Partindo de uma concepção que insere a multiplicidade no campo do desejo, ao introduzirem a diferença na repetição, Deleuze e Guattari não reduzem ou eliminam a ligação entre a repetição e o princípio do prazer na vida psíquica, mas, por sua vez, emancipam o prazer da mera repetição mecânica e neurótica

fixada no passado. Dito de outro modo, o fator de anti-produção confere um caráter rizomático ao desejo, permitindo que ele se realize na multiplicidade da diferença, por meio de novas conexões, e não em uma repetição do mesmo fundada em experiências anteriormente vividas. A repetição da diferença deixa de ser linear e se funda na variação e na ramificação²⁹⁹. Portanto, a síntese de registro abre a produção desejante para novas possibilidades segundo uma sintaxe de disjunções inclusivas, de acordo com o modelo “ou...ou...ou...”. Nesse contexto, o corpo sem órgãos é a superfície lisa e escorregadia por onde deslizam e se rearranjam as máquinas desejantes, abertas a novas possibilidades e alheias a quaisquer limitações. Assim, em certa medida poderia ser compreendido como uma espécie de tábula rasa onde os objetos do desejo se registram de modo a se multiplicarem e diferenciarem, libertando os indivíduos da determinação instintual ao impedir a fixação em qualquer modo de satisfação já dado. Todavia, essa “tábula rasa” não é algo preexistente, mas sim o resultado da transformação de parte da energia responsável pelas conexões (a libido) em energia de registro (*Númen*).

A formulação dada por Deleuze e Guattari à síntese de registro tem por objetivo corrigir aquilo que consideram um uso transcendente da mesma, caracterizado pela imposição do Édipo sobre seu modo de funcionamento. A psicanálise, considerada reino das disjunções exclusivas marcadas pela sintaxe do “ou...ou então”, faz um uso ilegítimo dessa síntese ao promover a eliminação do caráter inclusivo da disjunção em prol de um caráter exclusivo, cuja marca seriam oposições binárias. Nesse sentido, Deleuze, em seu diálogo com Claire Parnet, critica a potência de base dois como aquilo que é sempre o mais fácil de ser assimilado e o modo como opera, prestando serviço e rendendo homenagem aos aparelhos de poder: ela define, atribui papéis sociais e identidades aos indivíduos³⁰⁰. Por meio dela, a liberdade inerente à produção desejante é esmagada, deixando o indivíduo de desejar “ou...ou...ou...”, para limitar-se ao excludente “ou...ou então”, sendo este último responsável por fichar (e fechar) aquele que deseja em um buraco, longe do fluxo de devires. Segundo essa sintaxe, veremos, portanto, que:

²⁹⁹ HOLLAND, E. *Deleuze and Guattari's anti-Oedipus: introduction to schizoanalysis*. London: Routledge, 2001, p.28.

³⁰⁰ DELEUZE, G. & PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998, p.18.

Alguém é ou homem ou mulher, ou censor ou censurado; ou filho ou pai, ou sujeito à obediência à lei ou responsável por exercê-la; alguém ou resolve a crise edipiana ou se fixa nela, ou cegamente transmitindo-a para os filhos ou repetindo-o sem cessar em si mesmo; finalmente (com Lacan), alguém vive o Édipo ou como um drama existencial universal da estrutura da linguagem ou no teatro íntimo de um triângulo pessoal, ou como mito em geral ou como uma de suas variantes.³⁰¹

Assim, a crítica de Deleuze e Guattari incide sobre a lógica edipiana do *double bind*³⁰² que, por meio de uma compreensão problemática, fechará a produção desejante em disjunções exclusivas que remeterão o indivíduo sempre a um “duplo impasse” que atuará coagindo-o. A essa compreensão irão opor um uso imanente que introduzirá a abertura do desejo ao fluxo de devires, de modo que não mais se tratará de ser “ou...ou então”, mas sim “ou...ou...ou...”. Portanto, recusarão qualquer tentativa de sujeição a um sistema de diferenciação sexual que alinhe os indivíduos sob o significante do homem ou da mulher, do pai ou da mãe. Com a introdução da abertura na síntese disjuntiva, não mais tratar-se-á de ser mãe ou pai, homem ou mulher, mas sim de devir-mulher, devir-animal ou ainda devir-imperceptível.

Finalmente, também em continuidade com a primeira síntese, teremos a síntese conjuntiva de consumo, terceiro modo de funcionamento das máquinas desejantes, que assinala o momento em que se produzirá um sujeito. Trata-se do surgimento de *um* e não *do* sujeito, na medida em que remete a um sujeito estranho, desprovido de identidade fixa. Do mesmo modo como a produção de registro, cujo surgimento se dá a partir da conversão de parte da energia de produção (libido) em energia de registro (*Numen*), a produção de consumo se dará quando parte do *Numen* se converte em energia de consumo. A *Voluptas*, enquanto energia de consumo, será responsável pela síntese do “então é...”, em que o sujeito surgirá como um resto, desprovido de identidade específica ou pessoal. Nesse sentido, será da

³⁰¹ HOLLAND, E. *Deleuze and Guattari's anti-Oedipus: introduction to schizoanalysis*. London: Routledge, 2001, p.44, tradução nossa.

³⁰² *Double bind* (ou duplo vínculo) é uma expressão criada em 1956 pelo antropólogo Gregory Bateson para designar o impasse vivido por um indivíduo, no âmbito da família ou da sociedade, em que não consegue dar uma resposta a mensagens paradoxais e contraditórias que são emitidas simultaneamente. O dilema se dá visto que coloca o indivíduo em uma condição de prisioneiro (o termo *bind* remete ao que liga, prende ou vincula), na medida em que se vê refém de uma situação confusa que age coagindo-o. Como exemplos banais poderíamos apontar a criança que recebe aos gritos de sua mãe a ordem de não gritar, ou mesmo aquela que é orientada a jamais aceitar receber ordens de ninguém. Nesses casos a confusão é gerada porque a criança se vê duplamente presa a enunciados que a converte sempre em perdedora em qualquer dos casos.

tensão presente na dinâmica entre produção e anti-produção que a subjetividade resultará como um resíduo na superfície do corpo sem órgãos.

Portanto, o sujeito nada mais é que o produto da dissolução de forças opostas que levam ao seu surgimento como fluxo de intensidades nômades. Dentro da multiplicidade que caracteriza o campo do desejo, o sujeito aparece ao lado das máquinas desejantes como uma mera parcela daquilo que foi produzido, consumindo-as ou parasitando-as. Destarte, caberia ao sujeito perceber-se como um produto, e não reclamar como seu o processo que, em verdade, o produziu. Com isso, no sujeito, o reconhecimento do “seu” desejo, e mesmo de si como sujeito, só acontece de modo retrospectivo, conduzindo a sintaxe da terceira síntese a algo próximo à forma “oh! Isso era eu!”.

O uso transcendente da síntese de consumo é aquele que produz o sujeito neurótico, entendido como a consumação final da produção desejante na forma da prevalência da anti-produção na tensão entre forças. Nesse jogo de forças, o perverso seria aquele que se prende à produção, consumando-se como sujeito no outro pólo da produção desejante. Seguindo esta linha de raciocínio, já presente em Freud nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, vemos então que a neurose se apresenta como o negativo da perversão. A figura do psicanalista surge aqui como a do “grande agente da anti-produção no desejo”³⁰³, dado que atua como o diretor da peça teatral que converte o inconsciente em um palco que neurotiza as subjetividades, encerrando-as em uma encenação onde atuam como coadjuvantes personagens como o superego e a pulsão de morte.

Ora, mas qual seria então o uso imanente e legítimo da síntese de consumo? Nem a prevalência da anti-produção neurótica, nem limitação à produção do perverso, mas sim a manutenção da tensão entre as forças de produção e anti-produção na produção desejante. A esquizofrenia enquanto processo é a afirmação do fluxo contínuo de intensidades no campo de imanência. Portanto, ao invés do encerramento da produção desejante em um dos polos da produção, compreende-se que o jogo de forças se dá de modo contínuo e sem fim na superfície do corpo sem órgãos, promovendo sempre ligações renovadas. Desse modo, por meio de ramificações que se multiplicam indefinidamente, tem-se como resultado uma subjetividade

³⁰³ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.80.

nômade em processo de constante renovação, caracterizando uma vida psíquica como um processo de constante revolução. Ali não haverá produção *do* sujeito, mas de *um* sujeito, não haverá produção *da* subjetividade, mas de *uma* subjetividade, pois o desejo produtivo fluirá conforme a multiplicidade do devir. Com isso a subjetividade edipiana dará lugar às pluralidades de subjetividades nômades que deslizam segundo a enésima potência no campo de imanência. O jogo de forças evidenciado nas três sínteses pode ser resumido com a consideração de que:

A máquina desejante não é uma metáfora; ela é o que corta e é cortado segundo esses três modos: O primeiro remete à síntese conectiva, e mobiliza a libido como energia de extração. O segundo, à síntese conjuntiva, e mobiliza o *Nu-men* como energia de desligamento. O terceiro, à síntese conjuntiva e à *Voluptas* como energia residual. É sob estes três aspectos que o processo de produção desejante é simultaneamente produção de produção, produção de registro, produção de consumo”.³⁰⁴

Se o capítulo dois de *O anti-Édipo*, “Psicanálise e familismo: a santa família”, aponta a um anti-hegelianismo dos autores, na “remissão” ao texto de Marx e Engels, *A sagrada família*³⁰⁵, algo parecido se dará no terceiro capítulo, “Selvagens, bárbaros, civilizados”, com uma clara referência à etnologia de Morgan. Como vimos no debate em torno de *Totem e tabu*, Morgan compreende a humanidade como resultado de um processo evolutivo que a divide em estágios sucessivos: barbárie, selvageria e civilização. Portanto, se no capítulo dois a crítica ao Édipo na psicanálise se dá a partir de um “retorno” a Marx e Freud, que visa estabelecer uma ponte entre produção social e produção desejante³⁰⁶, o capítulo três se configura como uma crítica que toma como pano de fundo a antropologia, mobilizando dados da etnologia em uma tentativa de desconstruir a ideia de um Édipo que força sua entrada no seio da cultura. Nesse sentido, partindo do diálogo com uma tradição da antropologia que desde o final da década de 60 irá minorar e relativizar essa concepção, Deleuze e Guattari criticarão aquilo que chamarão de paralogismo da repressão. É interessante notar que o diálogo com nomes da etnologia como Alfred Adler e Michel Cartry, que são convidados à reflexão, apresenta-se como uma

³⁰⁴ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.61.

³⁰⁵ ENGELS, F. & MARX, K. *A sagrada família*. São Paulo: Boitempo, 2003.

³⁰⁶ Com efeito, no debate com o neo-hegelianismo presente em *A sagrada família*, de 1844, os jovens Marx e Engels, renunciando a uma compreensão dialética, promoverão uma reflexão em torno do caráter determinante das relações materiais nos embates presentes no campo social.

exceção a um projeto que foi concebido como uma parceria exclusivamente a quatro mãos³⁰⁷.

A tese central que jaz como pano de fundo da ponte estabelecida entre filosofia e antropologia é que o incesto não existe, sendo algo impossível. Vejamos as duas partes que compõem essa ideia. A primeira delas, que afirma a inexistência do incesto, encontra-se fundada em duas falsas crenças mutuamente implicadas. Primeiramente, o raciocínio que se equivoca ao concluir que se algo é proibido, tal interdição se dá com base no fato de esse algo ter sido desejado, estabelecendo com isso uma falsa relação entre antecedente e consequente. Ora, argumentarão os autores, a existência de uma lei nada diz sobre a natureza da produção desejante, sendo tão apenas um constructo gerado a partir da deformação do desejo. O segundo erro encontra-se presente no raciocínio que compreende uma relação estrutural dada intrinsecamente entre lei e desejo, como se a transgressão fosse o liame que trabalha unindo esses dois termos.

O segundo elemento da tese delineada trabalha com a noção de que o incesto seria impossível, porém não *per se*, já que nada impossibilitaria que a relação sexual com a mãe ou com a irmã se consumasse, mas sim pelo fato de que as palavras que designam as figuras parentais são oriundas do universo em que é constituída a referida proibição. Portanto, termos como pai, mãe, filho e irmão surgem em decorrência da própria proibição, como um vocabulário que serve de referência ao interdito. Ao nos debruçarmos sobre o incesto resta a constatação de que se fica sempre nos extremos de um aquém ou um além, pois se trata de um ato que pressupõe pessoas e nomes que as designem. Como vimos, as pessoas permanecem, mas não os nomes, já que eles somente existem como resultado daquilo que proíbem. Ao mesmo tempo, caso tais nomes existam, designariam apenas “estados intensivos pré-pessoais”³⁰⁸, que bem poderiam ser estendidos a qualquer outra pessoa. De

³⁰⁷ Em mais de um momento pode-se perceber, na troca de correspondências entre Deleuze e Guattari durante a escrita de *O anti-Édipo* que, a despeito da valorização das contribuições de antropólogos como Cartry ao texto, seu posicionamento não será considerado decisivo. Esse posicionamento fica evidente especialmente nas falas de Deleuze que expressam o desejo de que fossem lidos previamente por um etnólogo, mas “não para sua aprovação, [isso] pouco importa”. Por fim, ainda que tal participação tenha sido acolhida como bem-vinda, permanecerá o entendimento de que, ao fim e ao cabo, “o essencial está no acordo entre nós dois” (carta não datada, escrita provavelmente no final de 1970). Disponível em https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2018/08/09/cartas-de-deleuze/#_ftnref71.

³⁰⁸ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.215.

modo que termos como irmão, irmã, filho, ou mãe podem ser alargados em usos para além daqueles do universo parental.

No mesmo sentido seguirá Derrida ao tratar da proibição do incesto na *Gramatologia*, em sua abordagem do pensamento de Rousseau. Nessa obra, Derrida analisa os dois grandes momentos traçados por Rousseau em sua compreensão da passagem do estado de natureza ao estado de sociedade. Essas etapas são caracterizadas como o momento “antes da festa”, em que o homem viveria em um estado de natureza, e o “após a festa”, estado de sociedade, atingido através do contrato social. Retomando, portanto, Rousseau, refletirá sobre a afirmação que atribui ao filósofo de que “antes da festa, não havia incesto, porque não havia proibição do incesto nem sociedade. Depois da festa, não há mais incesto, porque ele é proibido”³⁰⁹. Ora, se antes não havia incesto, é somente na medida em que é a sua instituição que o funda. Antes da festa os homens não “nasciam da terra”³¹⁰, e as relações aconteciam segundo as inclinações surgiam. Cai por terra assim o estranho raciocínio que compreende o desejo como tendo por objeto aquilo que não se pode ter. Indo mais longe, se antes da festa não havia incesto e depois da festa o mesmo já não existiria por estar proibido, depreende-se que o momento da festa seria o momento de sua existência, caso o mesmo pudesse de fato existir.

No diálogo estabelecido com a antropologia, Deleuze e Guattari consideram as relações presentes na família “selvagem” como parte de um macrocosmo composto de alianças e filiações, de uma práxis e de uma política que não encontram-se subsumidas no microcosmos expressivo da psicanálise. Nesse contexto, pai, mãe e irmão significam muito mais do que os significados da vida doméstica, expandindo-se para o campo social, dado que este encontra-se investido dos pontos de vista histórico, econômico e político. Portanto, a crítica dos autores incide sobre um aporte da antropologia que colonizaria os povos, raças e clãs, esmagando o sistema de corte-fluxo da produção desejante evidenciada em diferentes alianças e filiações interfamiliares, promovendo a sua edipianização. O Édipo é assim denunciado como uma espécie de prática etnocida, quando é pressuposto como universal, seja do ponto de vista da linhagem que o vê como herança transmitida filogeneticamente, seja a partir da linhagem lacaniana, que introduz o Édipo na estrutura.

³⁰⁹ DERRIDA, J. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973, p.320.

³¹⁰ *Ibidem*.

Embora tenha ensaiado a desmitologização de Édipo em seu retorno ao pensamento de Freud, Lacan não teria sido capaz de “transpor o Rubicão”, sendo sua conversão à estrutura ironizada por Deleuze e Guattari na comparação com os revolucionários que, ao tentarem implodir uma torre, equilibram tão bem as cargas que a mesma salta e recai de pé sobre si mesma³¹¹.

Ora, diante de uma produção desejante que se vê historicamente sujeitada e submetida à triangulação edipiana, a arte se apresenta como detentora da potência capaz de curto-circuitar a maquinaria do desejo, reintroduzindo consumo onde passou a haver unicamente consumação, permitindo assim que não se encerre o processo de “extrair, desligar e restar”. Seja nas pinturas de Turner, responsáveis por incendiar o mundo arte³¹², nos debates suscitados pela obra de John Cage³¹³ no campo da música, ou mesmo na literatura dos autores anglo-americanos, em todos os campos da arte esta se mostra como resistente à tentativa de codificação edipiana e de sujeição às soberanias estabelecidas. Não há necessidade de romantizar o lugar ocupado pela arte. Certamente é possível perceber que mesmo no campo artístico há um polo reacionário à serviço da lógica edipiano narcísica e daquilo que os autores de *O anti-Édipo*, evocando Lawrence, chamam de “pequeno segredo”. Esse modelo de arte trabalha fechando os fluxos na castração, tapando todas as aberturas do campo do desejo, expressando a lógica mercantil por meio da afirmação de um Édipo que sequer precisa ser figurativo, bastando-lhe conservar sua estrutura.

Ao polo paranoico edipiano no campo da arte, opor-se-á um polo esquizo-revolucionário, com seus fluxos descodificados e não codificáveis, que de modo desterritorializado irá se esgueirar por entre o significante, não se deixando limitar. A literatura, como temos visto em nosso trabalho, ocupa lugar de destaque no pensamento de Deleuze e isso não será diferente em sua parceria com Guattari à propósito da crítica ao Édipo. Isso porque, em sua obra, uma série de nomes são

³¹¹ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.356.

³¹² Precursor do movimento impressionista, o pintor inglês Joseph Mallord William Turner tornou-se célebre pelas paisagens luminosas, construídas com cores quentes, retratando a interação entre água, ar e luz. Considerado pioneiro dos estudos que envolviam a interação entre tais elementos, promoveu uma revolução no mundo da arte, dado o caráter inovador de suas obras.

³¹³ Em 1952, o músico estadunidense John Cage tornou-se conhecido especialmente pela obra intitulada *4'33"*. O título faz referência à obra para piano que tinha a duração de quatro minutos e trinta e três segundos e que era dividida em três partes. Em cada uma o pianista se limitava a abrir a tampa do piano e aguardar em silêncio, sem tocar qualquer tecla, o tempo determinado para a execução de cada uma das partes.

mobilizados no projeto que busca reativar a maquinaria do desejo por meio da multiplicidade presente em uma escrita esquizofrênica. Com isso não se remete o Édipo a qualquer conteúdo patológico ou patologizante, mas sim ao entendimento de que a literatura é (potencialmente) processo, produção em detrimento de expressão, é meio e não fim. Nesse sentido, a máquina literária é aquela que faz o desejo fluir, correr, não se prendendo à sintaxe, violando o sentido e demolindo o significante. Com efeito, conforme vimos na mobilização da literatura feita por Freud, não se trata necessariamente da edipianização produzida por Proust, Shakespeare, Dostoiévski ou mesmo Sófocles, sequer pelo público leitor de suas obras, mas sim de uma imposição da forma edipiana a esta forma de arte. Com isso é estabelecido um decalque de códigos dominantes sobre a literatura, reduzindo sua potência de constantemente ressignificar a realidade. O derradeiro triunfo da lógica mercantil no campo da literatura ocorre quando a leitura psicanalítica deixa de ser aplicada à obra literária e já ela própria faz circular a língua psicanalítica, inscrevendo-se a serviço de Édipo: “Édipo [é] literário antes de ser psicanalítico”³¹⁴.

Se por um lado, atendendo uma lógica considerada mercantilista, parte da literatura coloca-se à serviço da lógica edipiana, por outro, alguns autores implodem o mito de dentro para fora. Este seria o caso de nomes como Proust e Kafka, considerados edipianos por excelência, mas apenas por introduzirem a irrisão no seio de Édipo. Embora os autores vejam nos romancistas ingleses e americanos os fluxos e intensidades personificados na forma de esquizo-livros, verão em outros a manutenção de estruturas edipianas que, em alguns casos, apresentar-se-ão, de modo sutil, sub-repticiamente, de modo não figurativo. Proust e Kafka são exemplos à parte, pois subvertem a lógica mercantil que localiza em Édipo a moeda corrente da literatura. Esses autores promovem tal movimento quando em suas obras inserem blocos de infância, mas não se trata de uma infância desbotada que se limita a encenar o drama edipiano que, por meio das personagens parentais, colocará em cena o coadjuvante superego. A máquina celibatária de Kafka – e de tantos outros autores – promove um rearranjo das máquinas desejantes sobre o corpo sem órgãos. Sua marca distintiva é já ter atuado no polo paranoico da produção desejante, submetida à sombra da antiga lei, mas, ao mesmo tempo, carregar em si novas potências

³¹⁴ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.181.

ilimitadas. Por meio de sua máquina literária mascarada de Édipo, Kafka lança luz sobre uma máquina burocrática que paulatinamente esmaece a face do mito, ao conduzir a produção desejante em direção a paisagens e povos que elidem os nomes de família.

O mesmo ocorre com Proust, cuja máquina literária apresentará totalidades, mas totalidades formadas de partes não totalizáveis, que compõem sua obra permanecendo lado a lado. A sombra da lei se faz presente em sua obra com o intuito não de introduzir a culpa, mas sim de introduzir nesta a irrisão. É como se a posição depressiva kleiniana, cuja marca é o sentimento de culpa, fosse apenas a superfície que esconde uma real posição esquizoparanóide, muito mais profunda. Isso torna “compreensível” que tenha sido apressadamente diagnosticado, obviamente, com um quadro de homossexualidade edipiana, com traços – como aqueles de Dostoiévski – de uma culpa manifestada em tendências sadomasoquistas.

Será o próprio Proust que desconstruirá as interpretações edipianizantes de si e, por extensão, de sua obra. Isso porque ele distinguirá uma homossexualidade edipiana, exclusiva e depressiva (dado que vem acompanhada do sentimento de culpa), de uma homossexualidade anedipiana, inclusiva, esquizoide e, portanto, desprovida de qualquer sentimento de culpa. O segundo tipo, daqueles que “talvez vivam menos *exclusivamente* sob o signo de Saturno, pois, para eles, as mulheres não estão totalmente *excluídas* como para os primeiros”³¹⁵, atravessando as páginas de *Sodoma e Gomorra*, ganhará aspecto central nesta obra, mas aparecerá lateralmente, formando um todo não totalizável juntamente com as outras engrenagens da máquina literária *Em busca do tempo perdido*. Nesta, Proust deporá a favor de um desejo aberto às multiplicidades e fluxos do devir, em detrimento de uma produção desejante sujeitada, submetida, vítima de um constante sentimento de culpa³¹⁶. Portanto, trata-se de um tipo de literatura que, a despeito do aparente recurso a dramas familiares e blocos de infância, subterraneamente minará os pilares da excludência edipiana, inserindo riso onde antes havia culpa.

³¹⁵ PROUST, M. *Sodoma e Gomorra*. In: *Em busca do tempo perdido*, Vol II, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p.489. (itálico nosso)

³¹⁶ A abordagem e a análise da produção desejante promovidas por Deleuze e Guattari não apenas em *O anti-Édipo*, mas também em *Mil Platôs*, provocará ressonâncias que ecoarão nos estudos da teoria queer, deixando nela uma forte marca. Para maiores informações, ver *Deleuze and the queer theory*, organizado por Chrysanthi Nigianni e Merl Storr.

Subterraneamente, Dostoiévski também trabalhará, por meio de seu “homem do subsolo”, personagem da novela *Memórias do subsolo*, através do qual promove um questionamento da lei e atinge os limites do não-senso. Embora a novela do escritor russo não seja tematizada, a todo momento em *O anti-Édipo*, os autores chamam atenção para o fato de que os grandes artistas são aqueles que conseguem transpor um muro, arrombando-o e fazendo passar os fluxos que limitam o desejo submetido à lei. Certamente eles têm em mente a figura da personagem conceitual de Dostoiévski, na medida em que este *esquizofreniza* o processo de dúvida, conduzindo-a aos limites do absurdo em seu questionamento sobre os fundamentos da ação humana. A referência à potência da literatura de Dostoiévski já aparece indicada, ainda que não nomeadamente, em *Diferença e repetição*, quando Deleuze apela:

Mesmo que tenhamos de nos fazer de idiotas, façamo-lo à maneira russa: um homem do subsolo, que nem se reconhece nos pressupostos subjetivos de um pensamento natural nem nos pressupostos objetivos de uma cultura de seu tempo e que não dispõe de compasso para traçar um círculo. Ele é o Intempetivo, nem temporal e nem eterno.³¹⁷

A referência remete à personagem que na primeira parte da obra expõe as razões que o leva a questionar os pressupostos que fundamentam a ação humana – tal como é elaborado o problema dos pressupostos na filosofia. Em sua exposição, o homem do subsolo expõe dois tipos – ou imagens – de homem e o modo como cada um se comporta diante de um muro que, alegoricamente, representaria a lei. O primeiro, o homem normal, seria aquele que caminha com ímpeto, mas que diante do obstáculo da lei “cede terreno com toda sinceridade”³¹⁸, agindo sobre ele a lei como um efeito tranquilizador, acalmando-o. O homem do subsolo, por outro lado, antítese do primeiro, seria aquele que, dotado de uma inteligência hipertrofiada, viveria a angústia imposta pelo obstáculo colocado diante de si. A fórmula de Dostoiévski é aquela em que a personagem cria uma rachadura no muro imposto pela lei, elevando a dúvida à enésima potência. Assim como Bartleby, o homem do subsolo não se contenta com a imposição legal, venha ela da natureza, da matemática ou do homem. Ainda que saiba que 2 e 2 somam 4, a personagem do escritor russo

³¹⁷ DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p.217.

³¹⁸ DOSTOIÉVSKI, F. *Memórias do subsolo*. São Paulo: Editora 34, 2009, p.10.

“preferiria que não”³¹⁹. Por mais que o muro de pedra das leis matemáticas se interponha e lhe diga: “não podeis rebelar-vos: isto significa que dois e dois são quatro! A natureza não vos pede licença; ela não tem nada a ver com os vossos desejos”³²⁰, ainda assim, o personagem levará o fluxo do desejo aos limites do absurdo. Essa é a potência da literatura – e das artes em geral – qual seja, a capacidade de introduzir fissuras nas travas que neutralizam o movimento contínuo de ligação da produção desejante, reativando o dinamismo da micropolítica do desejo.

A literatura de Kafka, nesse sentido, não apenas surge em um contexto inicial de crítica ao Édipo, mas serve como pano de fundo para introduzir inovações conceituais que desembocarão, oito anos depois, em *Mil Platôs* (1980). Com efeito, em *Kafka: por uma literatura menor* (1975), veremos uma retomada da temática abordada em *O anti-Édipo*, porém o tom staccato que caracterizara a obra de 1972 dará lugar a um debate ameno, em que os autores procurarão aplicar os pressupostos da tese desenvolvida anteriormente em uma nova análise da obra de Kafka. Com isso se evidencia não apenas a intenção de promover uma crítica à psicanálise por meio da literatura, mas também de estabelecer as linhas gerais de uma compreensão da arte como campo de experimentação. Esta análise dá espaço a considerações complementares em relação ao Édipo, e também serve de porta de entrada a conceitos que serão aprofundados posteriormente. É o caso da noção de “rizoma”, emprestada do pensamento de Jung, utilizada aqui para evidenciar a pluralidade característica do universo literário kafkiano, que comporta entradas por diferentes lados. O caráter rizomático da literatura de Kafka remete a um modelo de ramificação que se abre para todos os lados, por meio de intensidades subterrâneas, opondo-se, portanto, à hierarquização característica de uma verticalidade arborescente. Tal caráter rizomático, por si só, inviabiliza as interpretações psicanalíticas que reduzem o autor ao jugo da dinâmica edipiana³²¹.

Tal como vimos ocorrer em Proust e Dostoiévski, os temas da lei e da culpa também serão uma constante na literatura de Kafka, porém na obra deste autor essas

³¹⁹ Em referência à frase repetida pelo personagem Bartleby, o escrivão, do escritor Herman Melville.

³²⁰ DOSTOIÉVSKI, F. *Memórias do subsolo*. São Paulo: Editora 34, 2009, p.12.

³²¹ Deleuze e Guattari chamarão atenção para o fato de que o autor era conhecedor da obra freudiana e que, embora declarasse ter tido interesse pela psicanálise em certo momento, este teria sido breve: Kafka logo perdeu o interesse por aquilo que considerou uma abordagem superficial e que não se aprofundava nos reais conflitos. (*Kafka: por uma literatura menor*, p.21-22).

questões ganharão um contorno mais específico. Conforme apontado anteriormente, Kafka adota como procedimento aquilo que Deleuze e Guattari afirmam na obra de 1972 ser um uso deliberado de Édipo. Neste momento de sua parceria, eles não fornecem dados que fundamentem essa afirmação, o que ocorrerá apenas na obra sobre Kafka, publicada três anos depois. Esta, conforme veremos no próximo capítulo, se insere mormente no contexto de uma crítica à interpretação fundamentada na defesa da literatura como processo de experimentação. Nesse sentido, a crítica à psicanálise e ao Édipo perdem o espaço de elementos centrais e passam a atuar como coadjuvantes na composição do pano de fundo em que se delineará o projeto principal. Por isso, não causa estranhamento que as menções ao Édipo tenham se tornado esparsas nesta obra, visto que ela se configura como uma nova proposta.

Ao complexo de Édipo é dedicado o segundo capítulo, intitulado “Um Édipo grande demais”. Com efeito, ao nos debruçarmos sobre ele, paira a dúvida: seria Édipo grande demais a ponto de fundamentar uma continuidade de sua análise três anos depois? Ou seria o Édipo de Kafka grande demais, o que justificaria um aprofundamento da análise de sua presença na obra do autor? Por hora, fiquemos com essas duas hipóteses conjuntamente, pois os contornos dados aqui a Édipo parecem nos aproximar dessas conclusões. A razão é que Deleuze e Guattari, caminhando em um sentido diametralmente oposto ao das interpretações correntes da obra de Kafka, afirmarão o seu caráter cômico, alegre e positivo. Tendo em vista as múltiplas entradas proporcionadas pelo caráter rizomático de sua obra, Deleuze e Guattari tomarão como ponto de partida de sua análise a *Carta ao pai*³²², uma correspondência de Kafka datada de 1919, em que o autor dirige ao genitor uma série de acusações, localizando nele a fonte de todos os seus males e inaptidões.

Ora, como apontarão aqueles dedicados à exegese da obra de Kafka, tratar-se-ia nessa carta de um clássico exemplo da dinâmica edipiana em curso. Deleuze e Guattari, por outro lado, retomando o raciocínio de *O anti-Édipo*, defenderão que o caráter claramente edipiano presente na carta cumpre a função de introduzir a derrisão no coração de Édipo. Conforme apontado anteriormente, Kafka tinha

³²² Os autores defendem que uma compreensão adequada de Kafka passaria pela apreciação das três engrenagens que compõem a máquina literária kafkiana. Isso justifica o fato de a análise do capítulo 2 tomar como ponto de partida a referida carta, mas não se limitar a ela. (*Kafka: por uma literatura menor*, p.84-85).

conhecimento da obra de Freud e considerava a fórmula edipiana como dotada de um simplismo excessivo. Neste ínterim, a *Carta ao pai* seria uma elevação de Édipo à enésima potência, que conduziria ao efeito cômico do absurdo. Porém, nesta “co-lher de chá”³²³ dada por Kafka à figura mitológica, vemos não um exemplo clássico do complexo na forma neurótica, mas sim um encaminhamento para sua abordagem em uma roupagem perversa.

O procedimento que faz deslizar Édipo do polo neurótico ao perverso inverte a lógica de um pai culpado e odiado, concedendo ao genitor uma suposta absolvição e inocência. Suposta, pois tal recusa da culpa age com a função de elevar à enésima potência a acusação ao pai, conferindo à situação um caráter absurdo: “Às vezes imagino um mapa-múndi aberto e você estendido transversalmente sobre ele. Para mim, então, é *como se entrassem em consideração apenas as regiões que você não cobre ou que não estão ao seu alcance*”³²⁴. O caráter hiperbólico conferido à figura do pai, cujo decalque se dá em todas as formas de paisagens, aparecerá não como aprofundamento de Édipo, mas como a estratégia necessária para encontrar uma linha de fuga que permita ao autor livrar-se da sujeição. Há aqui uma relação dúbia com Édipo, pois se, por um lado, Kafka compreende a influência do mito como tragédia, ao mesmo tempo, explora-o, maximiza-o, conferindo a ele ares de comédia. Com efeito, relatará Gustav Janouch, poeta, aluno e confidente de Kafka, que para o autor “a revolta do filho contra o pai é um dos temas primordiais da literatura, e um problema ainda mais antigo do mundo. Dramas e tragédias são escritos sobre isso, mas na realidade isso é material para comédia”³²⁵.

Portanto, as interpretações psicanalíticas tecidas sobre a *Carta ao pai* teriam sido na verdade vitimadas pelo “monstro” que havia criado. Lembremos que, em *O anti-Édipo*, Deleuze e Guattari já haviam denunciado um modelo de literatura que capitalizava a codificação edipiana, um Édipo literário antes de ser psicanalítico. Ora, o que vemos aqui é um Kafka que buscará em seu próprio tempo a forma dramática apreciada no seio da cultura, porém minando-a de dentro para fora. É o que se passa quando, ao “engordar” Édipo, ele acaba por conferir a ele um efeito

³²³ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p.84.

³²⁴ KAFKA, F. *Carta ao pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.32. (itálico nosso)

³²⁵ JANOUCHE, G. *Conversations with Kafka*. New York: New Directions Publishing Corporation, 2012, p. 93-94. (tradução nossa)

caricato. O procedimento adotado pelo autor, conforme vemos em seu diário, é liberado:

Foi um desenvolvimento simples. Quando eu ainda me sentia satisfeito, queria estar insatisfeito e compeli-me nessa direção *valendo-me de todos os meios da tradição* e do tempo de que dispunha, mas agora queria poder voltar atrás. Assim, sempre me senti insatisfeito, inclusive com minha satisfação. É curioso que, com suficiente sistematização, se possa transformar comédia em realidade.³²⁶

Ao mesmo tempo, é importante sublinhar que, a despeito de haver buscado na tradição os elementos necessários para a conversão da satisfação em insatisfação, o autor não perderá de vista o modo como o apelo a tais questões provoca ressonâncias em si mesmo. Não seria o caso de negar a existência dos conflitos descritos na relação com o pai em seu texto, mas sim negar que tais conflitos seriam oriundos de uma necessidade cuja gênese se encontraria em sua interioridade. Não apenas não se colocaram a partir da interioridade, mas mesmo da exterioridade, se tal necessidade se colocou, teria sido de maneira efêmera, de modo que poderia ser afastada como se enxota um enxame de moscas³²⁷.

O efeito gerado pelo aprofundamento de Édipo é a desterritorialização que transfere suas coordenadas da família para outros cantos da realidade. Assim, veremos a triangulação familiar ceder espaço para novas triangulações. Triangulações jurídicas, burocráticas, políticas, que na verdade são as que exerceriam influência sobre a família. Desses triângulos sociais, o triângulo familiar extrairá suas forças, apenas cumprindo o trabalho de reforçar e reproduzir a sujeição imposta pelo mundo social. Se a ampliação de Édipo por um lado lança luz para o caráter opressivo presente em outras triangulações do mundo social, na literatura de Kafka ela também aparece como a oportunidade que oferece uma linha de fuga por meio do devir-animal³²⁸. Este surge na literatura de Kafka não como uma forma decalcada da figura paterna, mas sim como um movimento em direção a um campo de puras intensidades, sem significante ou significado, em que os conteúdos perdem a sua

³²⁶ KAFKA, F. *Diários - 1909-1923*. São Paulo: Todavia, 2021, p.581.

³²⁷ *Ibidem*, p.582.

³²⁸ Conforme veremos no próximo capítulo, o devir-animal configurar-se-á como uma possível ferramenta colocada a serviço da psique infantil para a construção de uma linha de fuga.

forma em uma zona de proximidade e indeterminação. O devir barata de Gregor³²⁹ anuncia aquilo mesmo que seu pai não fora capaz de realizar, uma linha de fuga que permitisse a ele libertar-se da triangulação composta por gerente-comércio-burocrata e, paralelamente, também da triangulação familiar. Segundo Deleuze e Guattari, devir-animal, como sabemos, não é imitar um animal, não é reproduzir nem produzir identidade, mas sim possibilitar a desterritorialização, sendo essa a função que cumprirá nesta obra.

Portanto, a crítica ao Édipo presente no capítulo dois de *Kafka: por uma literatura menor* apresenta-se, simultaneamente, como continuidade e aprofundamento da crítica desenvolvida anteriormente em *O anti-Édipo*. A dinâmica edipiana teria sido grande demais para se limitar à obra de 1972, mas também se apresenta como grande demais na obra dedicada a Kafka, visto que se vê aprofundada e ampliada no âmbito da produção literária do autor. Isso se dá na medida em que ele, a despeito de introduzir a derrisão que cumpre zombar da dinâmica edipiana, expande Édipo com a criação de novas triangularidades no mundo social. Com efeito, Deleuze e Guattari parecem perder de vista que, ao buscar na tradição e em seu tempo os elementos para a composição literária, Kafka faz circular não apenas um Édipo familiar, mas também um Édipo desterritorializado. Em verdade, a sua produção literária permite colocar em foco, que a triangulação familiar apenas reproduz o esquema opressivo de outras triangulações formadas pelas máquinas sociais. Nesse contexto, a literatura de Kafka, independentemente de aprofundar a lógica edipiana na literatura, lança luz sobre uma lógica em que a triangulação familiar funciona apenas como o aparato que reforça as estruturas de poder.

Afinal, talvez Édipo fosse grande demais, pois, como indicarão Deleuze e Guattari à propósito de *Mil Platôs*, ele encontrar-se-ia imiscuído na cultura de tal forma, que não seria possível vislumbrar paisagens livres desse mito. Aparentemente, aquilo que havia sido louvado no procedimento kafkiano traz consigo uma realidade devastadora demais: não se mostrava possível libertar a arte, a cultura, a psicanálise e a própria imagem do pensamento de sua presença. É como se a derrisão, introduzida por Kafka ao transformar Édipo em uma grande comédia, agora desse lugar à constatação de que se trataria, na verdade, de uma tragédia.

³²⁹ Kafka homenageia Masoch ao nomear o herói de *A metamorfose* com a alcunha da personagem principal da *Vênus das peles*. Com efeito, o personagem de Kafka ostentará em uma parede, tal como ocorre na novela de Masoch, um quadro com uma dama envolta em peles.

Analisando os contextos históricos em que se inserem os dois volumes da série *Capitalismo e Esquizofrenia*, percebe-se que oito anos separam a efervescência do Maio de 68 vista na letra de *O anti-Édipo* de um momento posterior que carrega a marca de potências não realizadas, de grupos sujeitos que, a despeito de um campo de virtualidades, permaneceram sujeitados³³⁰. Nesse sentido, o tempo de *Mil Platôs* é considerado pelos autores o tempo em que Édipo se massifica na literatura, em que os dramas familiares se mostram mais vivos do que nunca: uma época considerada difícil para os escritores. A tarefa de que se incumbiram se mostrara, no diagnóstico realizado pelos autores, grande demais para eles. Apesar do estrondoso sucesso, o efeito não fora o esperado. Talvez Deleuze e Guattari esperassem que o riso zombeteiro de Kafka se espalhasse como um vírus pela arte, pelo pensamento e pela própria psicanálise, mas isso não aconteceu: “Édipo continuava sendo um estorvo”³³¹.

É como se o bacilo edipiano circulasse subterraneamente por todas as esferas do pensamento. *Maio de 1968 não ocorreu*³³²: essa é a impressão compartilhada pelos autores diante de um Édipo que ainda se via de pé. Daí a necessidade de não mais atuar em um domínio pré-existente e familiar – o inconsciente –, como acontecera em *O anti-Édipo*, mas de construir novos domínios em *Mil Platôs*. *Mil Platôs* será uma obra da construção de novas coordenadas, um esforço exploratório em direção a paisagens desconhecidas que ainda não foram colonizadas por Édipo. É nesse sentido que o esforço exploratório a que se propõem conduz ao derradeiro adeus à psicanálise no comentário tecido à propósito do “homem dos lobos”. Mas seria de fato possível concordar com o diagnóstico de Deleuze e Guattari de que “o Édipo familiar se mantinha de pé e continuava a impor seu regime de choradeira pueril em psicanálise, em literatura e por toda parte no pensamento”³³³. Como esperamos ter deixado claro, nossa tese é de que a resposta para esta pergunta é não.

³³⁰ Grosso modo, tais grupos se distinguem a partir da submissão (grupos sujeitados) ou não (grupos sujeitos) da própria produção desejante à codificação social. Tal distinção será abordada em pormenores no próximo capítulo, ao abordarmos a produção de subjetividade.

³³¹ DELEUZE, G. Prefácio à edição italiana de *Mil Platôs*. In: *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)*. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 329.

³³² DELEUZE, G. Maio de 68 não ocorreu. In: *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)*. São Paulo: Editora 34, 2016.

³³³ DELEUZE, G. Prefácio à edição italiana de *Mil Platôs*. In: *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)*. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 328.

A seguir, veremos que a psicanálise winnicottiana se apresenta como uma possível resposta para a problemática delineada nas teses de *O anti-Édipo*.

3.3.

D. W. Winnicott: uma psicanálise anedipiana

No capítulo anterior de nosso trabalho, mostramos que a psicanálise winnicottiana não apenas abandona a tão criticada noção de pulsão de morte por meio da constituição de uma teoria da agressividade, mas também que o pensamento de Winnicott permite uma leitura diferencial das perversões a partir da noção de criatividade. Vimos também que as perversões poderiam ser objeto de uma compreensão não patologizante partindo dos pressupostos winnicottianos oriundos de sua teoria do amadurecimento, leitura que permitiu restabelecer a ponte entre filosofia e psicanálise interdita por Deleuze em sua *Reapresentação de Sacher Masoch*.

O procedimento proposto no presente capítulo será construído com base em um movimento análogo: Deleuze (e Guattari), como vimos, promovem uma crítica frontal à psicanálise, à qual atribuem uma edipianização não apenas do inconsciente, mas também da cultura. Segundo os autores, que tomarão como exemplo paradigmático não apenas Freud, mas também Klein e Lacan, Édipo encontra-se tão imiscuído na sociedade que tornar-se-ia necessária a busca por regiões em que este não fosse um dado da realidade. É como se as coordenadas do mito se impusessem como uma espécie de fato social, agindo – tal como Durkheim o concebe³³⁴ – coercitivamente, como uma imposição externa que se colocaria (ainda que de modo artificial) a todos universalmente. Isso ocorreria como consequência de uma compreensão da psique que decalca sobre o inconsciente e sobre o desejo a lógica da triangulação familiar.

Nossa tese aqui se encaminha em uma direção oposta, trabalhando com a hipótese de que Deleuze e Guattari perdem de vista o fato de que as paisagens livres de Édipo, que tanto almejam, se encontravam ao seu alcance, no pensamento de Winnicott. Portanto, o que propomos nas páginas que seguem é uma tentativa de demonstrar que o pensamento do psicanalista inglês se apresenta como uma

³³⁴ DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. Petrópolis: Vozes, 2019.

alternativa que se coaduna com a natureza “anedipiana”³³⁵ do desejo. Ora, Deleuze e Guattari questionam “o que sobra da teoria psicanalítica”³³⁶ quando compreendemos a “qualidade anedipiana dos fluxos do desejo”³³⁷. E a eles respondemos: Winnicott.

Nesse sentido, guardado o devido rigor conceitual, o que propomos é uma abordagem do paradigma winnicottiano onde possamos, tal como no “jogo de rabiscos”³³⁸, produzir junto com o psicanalista uma “leitura pessoal”³³⁹, que permite criar um espaço transicional em que o psicanalista possa ser encontrado, mas, simultaneamente, não seja perdido. Nesse sentido, nos aproximamos de Khan, quando afirma que “cada um tinha seu próprio Winnicott”³⁴⁰, mas que, ao fim e ao cabo, este “permanecia inexoravelmente Winnicott”. Partindo de tais referenciais, propomos que, através de um agenciamento entre filosofia e psicanálise, novas paisagens sejam desenhadas por meio de um processo de bricolagem tal como vemos no pensamento de Deleuze e do próprio Winnicott. Para chegarmos à compreensão de sua proposta de abordagem da vida psíquica, necessitaremos transitar entre as coordenadas dos principais nomes que exerceram influência sobre seu pensamento: Freud e Klein. Conforme veremos, o pensamento de Winnicott se debruça justamente sobre elementos considerados problemáticos no contexto da psicanálise tradicional. Portanto, para melhor compreendermos suas formulações, faz-se necessário o delineamento dos problemas que ele procura resolver, ou seja, aqueles identificados nos pensamentos de Freud e Klein no contexto de um paradigma construído sobre bases edipianas.

³³⁵ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.78.

³³⁶ Ibidem, p. 94.

³³⁷ Ibidem.

³³⁸ O jogo dos rabiscos (ou *squiggle game*) foi ao mesmo tempo uma ferramenta de diagnóstico e instrumento terapêutico para Winnicott. Ele consistia na introdução de uma linha sobre uma folha de papel pelo psicanalista, seguida de um convite para que a criança fizesse o mesmo em resposta. Dessa interação normalmente surgiam composições gráficas. Esta forma de consulta psicoterapêutica visava estabelecer um canal de comunicação com a criança por meio de um convite ao brincar. O jogo do rabisco será retomado oportunamente, no próximo capítulo, quando abordaremos a clínica winnicottiana em diálogo com as críticas formuladas por Deleuze e Guattari à clínica psicanalítica e ao papel desempenhado pela hermenêutica em seu interior.

³³⁹ OUTEIRAL, J. Apresentação à edição brasileira. In: WINNICOTT, D.W. *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1994, p.viii.

³⁴⁰ KHAN, M. Introdução. In: WINNICOTT, D.W. *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: UBU, 2021, p.11.

Quando afirmamos a existência de um “paradigma winnicottiano”, caminhamos na esteira de Loparic³⁴¹ e Fulgêncio³⁴², que localizam em Winnicott um momento de virada em relação à psicanálise tradicional. Nesta, representada por Freud, Klein e mesmo Lacan, encontramos o complexo de Édipo como aspecto fundante que determinará todas as outras dimensões da teoria psicanalítica, na medida em que este é compreendido como complexo nuclear, desempenhando, portanto, a trama sobre a qual se entrelaçarão os demais elementos teóricos. Como sabemos, os desenvolvimentos dados por Freud – e retomados, cada qual ao seu modo, por Klein e Lacan – à sua teoria do inconsciente reprimido, à sexualidade infantil, bem como às causas e método de tratamento das neuroses, têm como base a dinâmica edipiana.

Com efeito, conforme constatado até o momento, as críticas de Deleuze e Guattari se dirigem justamente a essa psicanálise que, tradicionalmente, é construída sobre tais fundamentos. Nela, Édipo se apresenta como ponto de partida para a compreensão da sexualidade, tomando-a como um momento ou como preparo para a dinâmica edipiana (o antes) ou como resultado desta última (o depois). O mesmo ocorre com a estruturação da subjetividade, que se dará à luz da mesma dinâmica. Finalmente, estarão circunscritos ao Édipo não apenas o campo das patologias, mas também, conforme vimos na seção dedicada a Freud, a própria passagem da natureza à cultura, do surgimento da moral e o germe da religião. Disso decorre que tal psicanálise seja nomeada como edipiana, dado que esse mito possui uma função estruturante que não apenas dita as coordenadas do problema central, mas também serve de baliza para a construção do paradigma teórico que será aplicado na solução de tais problemas. Ora, como estamos vendo ao longo deste trabalho, o campo da subjetividade é amplo demais para que seja abarcado e compreendido exclusivamente à luz do cabedal conceitual freudiano, que em muitos casos se mostrará insuficiente.

É dentro de um novo conjunto de problemas que se insere o agenciamento entre Winnicott e Deleuze ora proposto. Portanto, atendendo a uma nova problemática, o paradigma winnicottiano aparece aqui como condição de possibilidade para

³⁴¹ LOPARIC, Z. De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática. In: [Revista de Filosofia e Psicanálise] *Natureza Humana*, 8 (Especial 1):21-47, 2006.

³⁴² FULGENCIO, L. Paradigmas na história da psicanálise. [Revista de Filosofia e Psicanálise] *Natureza Humana*, 9(1):97-128, 2007.

vislumbrar caminhos e soluções para impasses que a psicanálise ortodoxa (na forma do paradigma edipiano) se mostra insuficiente para resolver. Mas quais seriam exatamente esses impasses?

Dentre os impasses colocados à psicanálise edipiana, um possuirá caráter nevrálgico na discordância entre Winnicott e Freud³⁴³, qual seja, o debate em torno da relação exclusiva da menina com a mãe, desenvolvida pelo vienense no ensaio *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*³⁴⁴ (1925). Neste trabalho, embora Freud assuma a imperiosa necessidade de penetrar e analisar os períodos mais arcaicos da infância, ao mesmo tempo afirmará que se trata de um processo laborioso, em que se tateia no escuro, visto que a “pré-história do complexo de Édipo”³⁴⁵, tanto no menino quanto na menina, encontra-se longe da total clareza. No caso da menina, o problema se aprofunda, pois embora a mãe seja o primeiro objeto de investimento para as crianças de ambos os sexos – e isso é uma verdade para Freud³⁴⁶ – não fica claro ao psicanalista como, no complexo de Édipo da menina, esta desinveste libidinalmente a mãe para tomar como objeto de sua pulsão o pai.

Se a pré-história edipiana se apresentou para Freud como algo já obscuro e desconcertante no que diz respeito ao menino, no caso da menina o problema ganha ares de um enigma tal qual se apresenta na descoberta de uma civilização ancestral. A surpresa do psicanalista é evidenciada quando afirma: “a percepção da anterior fase pré-edípica da garota é para nós uma surpresa, semelhante à descoberta, em outro campo, da civilização minoico-micênica por trás da grega”³⁴⁷. Com tal indicação, Freud parece ter em mente a existência de um momento da vida psíquica anterior ao Édipo, tal como ocorre na “pré-história” do povo grego. No que tange esse período da “pré-histórica” ligação com a mãe, o psicanalista confessará não ter logrado sucesso nos casos que analisou, permanecendo tudo em tal ligação “bastante difícil de apreender analiticamente, bastante remoto, penumbroso, quase

³⁴³ LOPARIC, Z. “Winnicott: uma Psicanálise não-edipiana”. In: *Revista de Psicanálise*, Vol. IV, nº2, 1997, pp. 375-387.

³⁴⁴ FREUD, S. *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*. In: *Obras Completas*, Vol. XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

³⁴⁵ *Ibidem*, p. 259-261.

³⁴⁶ *Ibidem*, p.260.

³⁴⁷ FREUD, S. *Sobre a sexualidade feminina*. In: *Obras Completas*, Vol. XXI. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 204.

impossível de ser vivificado, como se tivesse sucumbido a uma repressão particularmente implacável”³⁴⁸.

Por si só, já chama atenção que o psicanalista fale da importância da análise do período referente aos primórdios da infância, anteriores ao tempo da dinâmica edipiana. Ora, a letra do texto freudiano nos permite ir ainda mais longe, ao deprender que o psicanalista não apenas considera plausível, como de fato afirma a existência de um período anterior àquele de Édipo. Este período, como o texto permite perceber, seria caracterizado por uma relação objetal não apenas anterior, mas mais profunda (e por isso sujeita a uma “repressão implacável”). Portanto, do que se apresenta, pode-se inferir que se trata de um tipo de relação a dois, entre a criança e a mãe, precedendo a relação triangular da cena edipiana. A contradição do texto freudiano se aprofunda quando o psicanalista afirma considerar plausível que “a fase de ligação com a mãe pode ter uma relação particularmente íntima com a etiologia da histeria”³⁴⁹, pois disso decorre, como resultado, que o complexo de Édipo acabaria perdendo seu lugar como complexo nuclear das neuroses.

Confrontado com a aporia, Freud se vê diante de um impasse que coloca em risco o conceito que apresentara como a própria pedra de toque de seu saber. O psicanalista reconhece a dificuldade e diante do questionamento – colocado a si próprio – sobre a necessidade de abandono da universalidade da tese de Édipo, responderá com uma negativa. A solução encontrada por ele é dupla: a) ampliar os conteúdos de Édipo, estendendo sua abrangência a ambos os pais, e b) considerar que tal relação da menina com a mãe não seria uma fase pré-edipiana, mas sim um caso de Édipo negativo que precederia o Édipo positivo, com o pai. De todo modo, a querela é encerrada à moda de Platão, que, em seus diálogos do período socrático, costumava encerrar a questão sem uma resposta conclusiva. Embora Freud apresente uma sugestão de encaminhamento com as soluções acima elencadas, confessará não ter conseguido penetrar com profundidade nenhum dos casos analisados, o que acaba por limitá-lo ao âmbito da generalidade.

Voltando-se para a análise de casos que ilustram a problemática acima delineada, Melanie Klein introduzirá uma série de modificações e revisões no

³⁴⁸ FREUD, S. Sobre a sexualidade feminina. In: *Obras Completas*, Vol. XXI. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 204.

³⁴⁹ *Ibidem*, p.205.

pensamento freudiano. Considerada por Deleuze e Guattari a “menos edipianizante”³⁵⁰ de todos os psicanalistas, Klein ainda se mostrará tributária do paradigma edipiano, estendendo-o para a primeira infância e, conseqüentemente, procurando solucionar impasses colocados a Freud. Com isso postulará a existência de uma fase pré-edipiana, em que a ambivalência de sentimentos, característica da relação dual com a mãe, caracterizaria o complexo nuclear em uma fase precoce. Portanto, o sentimento de culpa que segundo Freud teria se originado da dinâmica triangular edipiana, passa em Klein a ser compreendido como a consciência de que a agressividade dirigida a um seio na verdade era dirigida à mãe. A culpa seria resultado da passagem de um momento do processo maturacional em que a criança percebia o seio apenas como objeto parcial (posição esquizoparanóide) e passa a perceber um objeto total como alvo de sua agressividade, unificando em um todo aquilo que concebia apenas como parte (posição depressiva). Assim, a culpa deixa de ser resultado da expressão de Édipo – tal como fora concebido por Freud – e passa, com Klein, a ser compreendida como resultado da agressividade fundada na pulsão de morte. Mas em que sentido falaria-se então em “Édipo precoce” a partir da perspectiva de Klein?

Com efeito, a estratégia de Klein parece demonstrar certo esforço de adequação ao paradigma freudiano, tendo em, vista que afirmará – não sem fazer uso de certo “malabarismo teórico” – a existência de um Édipo inicial durante a posição depressiva. Neste momento, o bebê supostamente veria na figura do pai o indivíduo responsável por ter “levado embora o seio materno e a mãe”³⁵¹, direcionando a ele os sentimentos de rivalidade. A agressividade dirigida ao seio materno seria o resultado da fantasia infantil de que o pênis estaria dentro da mãe ou dentro do seio, ou seja, simbolicamente, o ataque ao seio representaria um ataque ao pai. Klein não nega a existência de uma primeira relação objetal, de natureza *dual*, entre o infante e a mãe, mas afirma também a inclusão de um terceiro elemento responsável por introduzir os primeiros sentimentos de ciúmes e rivalidade³⁵². Portanto, não apenas ela aceita a hipótese já ventilada por Freud da existência de um Édipo precoce,

³⁵⁰ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.65.

³⁵¹ KLEIN, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p.228.

³⁵² *Ibidem*, p.72 (nota 1).

como também adota, como hipótese de trabalho, que este aparece já nas primeiras suspeitas que o bebê possui da existência de uma figura com a qual compete por amor e atenção.

Se por um lado Klein garante sua filiação ao paradigma freudiano, por outro, o faz às custas de revisões e ajustes teóricos que colocam em xeque a própria psicanálise. Com efeito, a simbologia adotada por ela para salvar Édipo de seu ocaso lança luz sobre a dificuldade em localizar na experiência – analítica e infantil – a incidência de tal dinâmica. Nesse contexto se inserem as inquietações de Winnicott, que, diante de uma experiência clínica que contrariava constructos teóricos amplamente aceitos, ousou se rebelar contra o pai primordial (e, posteriormente, também contra a mãe), apontando para a existência de dados que não poderiam ser compreendidos à luz da psicanálise tradicional. Isso ocorreu em função não apenas da constatação da existência de distúrbios que não se coadunavam com o Édipo, tal como fora concebido por Freud, mas também do fato de a versão kleiniana tampouco dará conta de solucionar tais dilemas. Tal como vimos na crítica de Deleuze e Guattari, não se trata em Winnicott de negar a existência de Édipo. O psicanalista dá o devido crédito e importância à descoberta freudiana. A crítica winnicottiana incide sobre um conceito que se coloca como paradigma para a compreensão da subjetividade humana, ignorando que a problemática se encontra em um momento anterior. Concomitantemente, ele valoriza o caráter inovador das contribuições kleinianas, porém sem perder de vista que Klein só faz deslocar para um período anterior do processo maturacional uma compreensão que já se mostrava problemática em Freud.

No idos dos anos 1920, Winnicott era uma espécie de híbrido: um pediatra que podia levar para a área médica os *insights* proporcionados pela psicanálise e, ao mesmo tempo, um psicanalista que poderia confrontar a psicanálise com as observações que fazia em sua clínica e na *anamnese* sobre a relação entre as mães e seus bebês. É nesse sentido que perceberá as deficiências de uma psicanálise que carregava em seu âmago o complexo de Édipo na totalidade de suas explicações³⁵³. Segundo Winnicott, as evidências clínicas chamavam atenção para o fato de que o método psicanalítico surtia efeito em casos em que predominavam psiconeuroses, ou seja, quando se voltava para análise e tratamento de pessoas inteiras, indivíduos

³⁵³ WINNICOTT, D.W. Enfoque pessoal da contribuição kleiniana. In: *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. São Paulo: Ubu, 2022, p.220.

completos. Tais são os indivíduos que compõem a dinâmica edipiana. Porém, o psicanalista percebia que “havia algo de errado em algum lugar”³⁵⁴, pois a sua experiência clínica apontava para dificuldades que começam antes do período edipiano, em que se encontravam as raízes pré-genitais da genitalidade³⁵⁵.

Em nosso capítulo anterior, discorremos sobre o modo como Winnicott funda uma teoria da agressividade no seio de uma teoria do amadurecimento. Vimos que aquilo que está em jogo para o psicanalista é a ideia de um momento primitivo do desenvolvimento emocional, construída a partir das primeiras relações do bebê com a mãe ambiente. Vimos também que é no contexto dessa relação dual entre mãe e bebê que são lançadas as bases da saúde ou da doença, a depender das falhas ambientais vivenciadas pelo infante. Nesse sentido, caberia à mãe “suficientemente boa” garantir a provisão ambiental adequada para que o bebê primeiro possa ser, para, em seguida, como pessoa inteira, para que possa desejar. Por mãe suficientemente boa, conforme vimos também, entender-se-á não apenas aquela que garante a sustentação (*holding*) necessária para que a criança se sinta em continuidade com o mundo (e, portanto, confie nele), mas também aquela que gradativamente introduz falhas ambientais. Por meio destas, “sua majestade, o bebê” seria paulatinamente conduzida para fora de seu narcisismo, passando de uma dependência absoluta para uma dependência relativa, sendo introduzido no mundo sem perder sua confiança neste.

A discordância de Winnicott em relação a Klein se dá na medida em que esta, ao recuar o Édipo para as fases primitivas do desenvolvimento emocional, projeta sobre um ser que ainda não se encontra integrado uma dinâmica que só faz sentido quando pensada a partir de uma relação triangular, entre pessoas totais. Ora, na primeira fase do desenvolvimento emocional, como vimos, não faz sentido aplicar a uma relação *dual* os termos da triangulação familiar. Trata-se de um momento primordial no qual está em questão o ser e não o desejar, pois o bebê ainda não se apresenta como um indivíduo completo. Nesta fase, as relações objetais não devem ser vistas confundidas, como sendo uma só, mas sim duas, pois de um lado existem os objetos buscados visando unicamente a satisfação, e do outro, conforme aponta

³⁵⁴ WINNICOTT, D.W. Enfoque pessoal da contribuição kleiniana. In: *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. São Paulo: Ubu, 2022, p.220.

³⁵⁵ WINNICOTT, D.W. Análise da criança no período de latência. In: *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. São Paulo: Ubu, 2022, p.145.

Plastino³⁵⁶, “objeto” referir-se-á ao ambiente com o qual o bebê se relaciona no processo de construção de seu ser.

Portanto vemos em Winnicott uma crítica direcionada às equações simbólicas kleinianas que tentam impor – tal como Deleuze e Guattari já haviam denunciado – a lei transcendente de Édipo onde há tão somente um bebê em relação com o ambiente. A relação imanente com o ambiente dá lugar, em Klein, a supostos sentimentos agressivos vividos pelo bebê em seu encontro com o seio materno. Tal encontro, como vimos, é identificado como o movimento agressivo em direção ao pênis do pai, que estaria contido no seio da mãe. Com isso, Klein sai do campo da experiência efetiva e converte os “estados vividos, intensamente vividos, e [...] os traduz em fantasmas”³⁵⁷ / E como Deleuze completará: “a este respeito, um psicanalista como Winnicott mantém-se realmente no limite da psicanálise, porque tem o sentimento de que este procedimento não convém mais num certo momento”³⁵⁸. Não bastasse a lei edipiana de Freud atuando sobre os indivíduos, codificando-o e submentendo-o à lógica da família patriarcal, com Klein esta lógica é miniaturizada, multiplicada e estendida à infância³⁵⁹.

A entrada do bebê na ordem simbólica se dará, na verdade, com seu movimento espontâneo criativo, a partir do qual, procurando amenizar o encontro com a realidade externa, criará o objeto transicional. Portanto, é a partir de sua relação com o ambiente que se dará sua inserção no campo dos símbolos e não a partir de uma codificação edipiana externa que decalcaria sobre o indivíduo as coordenadas da ordem social. Ora, como vimos no capítulo anterior, caberá ao gesto espontâneo criativo não apenas introduzir o indivíduo na realidade externa, mas mediar tal relação ao longo de toda sua vida, por meio do brincar, do fantasiar, da atividade artística e mesmo das relações amorosas.

Portanto, se essa criatividade originária se encontra intimamente atrelada a um processo de amadurecimento adequado, o desenvolvimento emocional primitivo se apresenta como algo muito mais relevante que uma mera etapa em direção

³⁵⁶ PLASTINO, C.A. *Vida, criatividade e sentido no pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014, p.97.

³⁵⁷ DELEUZE, G. Pensamento nômade. In: *Nietzsche hoje? Colóquio de Cerisy*. Org. e rev. técnica Scarlett Marton. Trad. Milton Nascimento e Sônia S. Goldberg. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 59.

³⁵⁸ *Ibidem*.

³⁵⁹ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.65.

à dinâmica edipiana. Esta, conforme Winnicott sublinhará, pode nem sequer ser alcançada caso o indivíduo não tenha um relacionamento adequado com o ambiente de modo a tornar-se integrado. Disso decorre que certo grau de saúde é necessário para que o indivíduo esteja apto a desenvolver as relações triangulares. Neste interím, a psicose se refere à patologia desenvolvida em fases precoces do desenvolvimento, em que tal grau de saúde não foi adquirido em função uma provisão ambiental que se mostrou falha. Não faz sentido, portanto, tratar tais patologias como se fossem o resultado de relações interpessoais conduzindo à criação de defesas repressivas, pois, para que tais relações se concretizem, é necessário um desenvolvimento emocional prévio³⁶⁰.

Aqui ficam patentes as limitações da psicanálise anteriormente apontadas por Winnicott, pois se a análise das neuroses conduz o pesquisador à dinâmica das relações interpessoais de pessoas inteiras, o estudo das psicoses exige que o analista lance seu olhar para seus estágios iniciais, quando predomina a relação dual materno-infantil. Tal olhar deve ser norteado pela compreensão de que é a relação do infante com o ambiente que se encontra em jogo, e não pautado pelo decalque de uma situação que só pode vir à tona em um momento posterior do desenvolvimento psíquico. Nesse sentido, Winnicott aponta que a psicanálise ortodoxa acaba por se limitar à compreensão do inconsciente reprimido³⁶¹, perdendo de vista que o tratamento das psicoses se volta para um indivíduo que vive uma não integração ou mesmo uma desintegração psicossomática.

Para Winnicott, a psicanálise clássica peca ao considerar ser viável a abordagem do bebê em termos de um indivíduo dotado de um inconsciente reprimido. Ora, como vimos, tal inconsciente é característico de pessoas inteiras que vivem dificuldades em suas relações interpessoais, sendo o seu tratamento a psicanálise tal como desenvolvida por Freud no princípio do século XX. Neste grupo lidar-se-á com “pacientes que passam a ter dificuldades no curso normal de sua vida em família – assumindo que eles tinham uma vida em família no período anterior à latência e que *se desenvolveram de modo satisfatório nos estágios anteriores da*

³⁶⁰ WINNICOTT, D.W. Os doentes mentais nos casos clínicos dos assistentes sociais. In: *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. São Paulo: Ubu, 2022, p.282.

³⁶¹ *Ibidem*, p.281.

infância”³⁶². Portanto, para que exista um inconsciente reprimido a ser tratado, antes deve ser possível que haja repressão. É a partir de Édipo que se “supõe a repressão das máquinas desejanter”³⁶³. Somente no indivíduo em que o desenvolvimento emocional primitivo se dá de maneira satisfatória, o mecanismo de defesa da repressão pode ser colocado em ação. É para este indivíduo que a psicanálise ortodoxa lançará seu olhar, na medida em que ela

é um tratamento que lida com pacientes que têm um ego sadio até o ponto em que lidaram com a ambivalência por meio da repressão e sem um rompimento da estrutura do ego, e o trabalho principal da análise do paciente com sintomas psiconeuróticos consiste em trazer à consciência o inconsciente reprimido.³⁶⁴

Com efeito, um olhar atento revela ao pesquisador que a etiologia da esquizofrenia – uma psicose – não o conduz ao complexo de Édipo, o qual nunca foi atingido, mas sim ao momento da primitiva relação dual entre mãe e bebê, quando ainda não havia um pai ou qualquer outra figura na equação. A despeito do fato empreender uma generalização acerca do caráter edipiano da psicanálise, Deleuze (e Guattari, como veremos no próximo capítulo deste trabalho) mostra-se leitor de Winnicott quando empreende uma análise da esquizofrenia, pois, tal como o psicanalista, ele compreenderá que a “linha esquizofrenia [...] traça um desenho não familiar”³⁶⁵ (ou, melhor dizendo, anterior a qualquer forma de relação triangular). Daí sua insistência em afirmar que o esquizofrênico não se deixa edipianizar, recusando a codificação imposta sobre ele, motivo pelo qual Freud não os apreciaria enquanto pacientes, considerando-os “apáticos, narcísicos, desligados do real [e] incapazes de transferência”³⁶⁶. É importante salientar que a crítica dos autores dirige-se não apenas ao Édipo em sua versão freudiana imaginária e ao Édipo precoce de Klein, mas também ao Édipo inserido na estrutura. Nesse sentido, a noção lacaniana de forclusão³⁶⁷ (retomada de Freud) remete a uma lacuna estrutural (por exemplo, o

³⁶² WINNICOTT, D.W. Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto analítico. In: *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu, 2021, p.464. (itálico nosso)

³⁶³ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.13,

³⁶⁴ WINNICOTT, D.W. *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1994, p.57.

³⁶⁵ DELEUZE, G. Entrevista sobre O anti-Édipo. In: *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 28.

³⁶⁶ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.40.

³⁶⁷ Segundo Laplanche e Pontalis, a forclusão, enquanto mecanismo que estaria na gênese das psicoses, na acepção utilizada por Lacan, remete à *Verwerfung* freudiana, que indica um processo em

falo) que atua na recondução do esquizofrênico à triangularidade edipiana, haja vista que trabalha com a compreensão de que a organização edipiana cumpriria um papel nas psicoses.

Conforme veremos no próximo capítulo, partindo do pressuposto de que a esquizofrenia se apresenta como uma patologia que escapa ao âmbito das psiconeuroses, ela exigirá uma clínica que se adeque ao conjunto de problemas a que se refere. Problemas que, conforme temos visto, remetem a uma fase primitiva do desenvolvimento individual e não a um Édipo imaginário, precoce ou estrutural. Tampouco remetem à abordagem de um inconsciente reprimido, visto que as neuroses têm como condição necessária a existência de um Eu organizado. Nesse sentido, Winnicott, ao analisar as memórias de Jung, afirmará a impossibilidade de que haja um inconsciente em uma personalidade cindida, pois nela não haveria “lugar para ele ficar”³⁶⁸. Ou seja, não é possível que exista um inconsciente (Id), na ausência de um (Ego) capaz de constituí-lo e abrigá-lo. Com isso, Winnicott “dissolve” o inconsciente reprimido, pois, ao relativizar a centralidade da relação triádica edipiana, desloca a questão para um polo onde o psiquismo ainda se encontra, para utilizarmos os termos de Deleuze e Guattari, em processo de produção, não sendo assim um dado.

Nos estágios mais precoces do desenvolvimento da criança, portanto, o funcionamento do ego deve ser considerado um conceito inseparável daquele da existência do bebê como pessoa. Podemos ignorar qualquer vida instintiva que exista sem conexão com o funcionamento do ego, porque a criança ainda não é uma entidade viva capaz de ter experiências. Não há id antes do ego.³⁶⁹

O termo ego³⁷⁰ é utilizado por Winnicott para se referir à parte do sujeito que, sob condições suficientemente boas, integrar-se-á em uma unidade. Cabe a este ego inicial a função de coletar e organizar as primeiras experiências externas e internas. Em certa medida, o corpo não integrado característico dos estágios

que o ego rejeita uma representação considerada insuportável, atuando como se tal representação nunca tivesse chegado a ele. Em Lacan, isso ganha a forma de um significante rejeitado e por isso excluído da ordem simbólica. (LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B., p. 194-195).

³⁶⁸ WINNICOTT, D.W. Resenha de Memories, Dreams, reflections. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1994. p. 369.

³⁶⁹ WINNICOTT, D.W. A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. São Paulo: Ubu, 2022, p.70.

³⁷⁰ Conforme destaca Abram (*A linguagem de Winnicott*, p.119), ao contrário de Freud, que localizava a gênese do ego no id, em Winnicott encontramos um ego primitivo.

primitivos guarda semelhança com o corpo sem órgãos, podendo ser compreendido como um corpo onde apenas circulam intensidades do campo de imanência. Com efeito, no corpo não integrado, o id não é um dado, mas sim algo a ser produzido em sua conexão com mundo, do que resulta não haver sentido em usar “a palavra *id* para eventos que não são registrados, catalogados [e] vivenciados”³⁷¹. O bebê, nos estágios mais precoces do desenvolvimento, aproxima-se do corpo sem órgãos pois, como ele, “só pode ser ocupado [e] povoado por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam”³⁷². O inconsciente, em Winnicott, pode ser pensado como algo da ordem do acontecimento, que, no caso da primeira infância, ainda não se deu, mas que se produz nas conexões estabelecidas pelo indivíduo com a realidade circundante. Portanto, há uma aproximação possível de Deleuze e Guattari, dado que, para os autores:

o inconsciente não designa mais o princípio oculto do plano de organização transcendente, e sim o processo do plano de consistência imanente, à medida que ele aparece em si mesmo ao longo de sua construção, pois o inconsciente está para ser feito e não para ser encontrado.³⁷³

Nos termos das três sínteses do inconsciente presentes em *O anti-Édipo*, poderíamos pensar o sujeito integrado como aquele de surge como um dado da síntese de consumo. É como se o desligamento presente na síntese de registro marcasse com tal força o bebê, registrando as experiências traumáticas de descontinuidade, que isso o impedisse de surgir propriamente como sujeito na conclusão do processo de consumo. O esquizofrênico, nesse sentido, poderia ser compreendido como o resultado inacabado de um processo que se viu paralisado de maneira abrupta e prematura³⁷⁴. O processo a que nos referimos seria aquele do desenvolvimento emocional primitivo, que garantiria, por meio de uma provisão ambiental adequada, que ele se tornasse um indivíduo integrado. Portanto, cabe aqui questionar: se o indivíduo se encontra cindido, fissurado e carente de integração, como seria

³⁷¹ WINNICOTT, D.W. A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. São Paulo: Ubu, 2022, p.71.

³⁷² DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Como criar para si um corpo sem órgãos. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol.3, São Paulo: Editora 34, 2015, p.16.

³⁷³ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. 1730 – Devir-intenso, devir-animal. Devir-imperceptível. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol.4, São Paulo: Editora 34, 2012, p. 83.

³⁷⁴ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.15. (itálico nosso)

possível que fosse alvo de uma análise que toma como pressuposto que ele atingiu com sucesso o fim do processo? Partindo dos referenciais winnicottianos e das críticas de Deleuze e Guattari, afirmaríamos: isso não é possível.

A compreensão de Deleuze e Guattari se mostra pertinente na medida em que intui, tal como Winnicott o percebera, a insuficiência da psicanálise ortodoxa no que tange à compreensão dos fenômenos que escapam à lógica das psiconeuroses. Conforme sublinham, “ela continua a colocar suas questões e a desenvolver suas interpretações com base no triângulo edipiano, justo no momento em que sente, todavia, o quanto os fenômenos de psicose transbordam esse quadro de referência”³⁷⁵. Tal limitação se dá em virtude da a psicanálise clássica trabalhar com um referencial teórico que exclui a abordagem da primeira infância. Se a partir do paradigma clássico edipiano as psiconeuroses conduzem o analista à infância, o paradigma winnicottiano o conduzirá ao domínio das psicoses, localizadas no início da vida, a um momento em que o indivíduo viveu uma fase de dependência absoluta³⁷⁶.

A despeito de tais considerações, os autores parecem se equivocar quando afirmam ser Klein a “menos edipianizante dos psicanalistas”, já que, pelo menos 40 anos antes da escrita de *O anti-Édipo*, Winnicott já percebera que “havia algo de errado” no campo psicanalítico, cujas explicações se limitavam à triangulação edipiana. Vítimas de uma espécie de generalização apressada³⁷⁷, o equívoco dos autores parece ser tomar a psicanálise tradicional representada por Freud, Klein e Lacan como a totalidade da psicanálise. Em palestra proferida aos candidatos da Sociedade Psicanalítica de Los Angeles, em 1962, apontando para o distanciamento das ideias de Klein, Winnicott declarará nunca ter sido “capaz de seguir quem quer que fosse, nem mesmo Freud”³⁷⁸. Portanto, indo além, o psicanalista inglês não apenas defendeu a insuficiência do apelo ao mito para a compreensão dos fenômenos da subjetividade, mas também denunciou o caráter improdutivo da defesa de uma fase

³⁷⁵ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.27.

³⁷⁶ WINNICOTT, D.W. O recém-nascido e sua mãe. In: *Bebês e suas mães*. São Paulo: Ubu, 2019, p.52-53.

³⁷⁷ Uma “generalização apressada” ou “acidente convertido” é uma falácia presente na lógica informal em que, “ao procurar compreender e caracterizar todos os casos de um certo tipo, uma pessoa pode, usualmente, prestar atenção a apenas alguns deles”. (COPI, I. *Introdução à Lógica*. p. 83)

³⁷⁸ WINNICOTT, D.W. Enfoque pessoal da contribuição kleiniana. In: *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. São Paulo: Ubu, 2022, p.225.

pré-edipiana, pois qualquer tentativa de descrever o complexo de Édipo em termos de uma relação diádica, conforme vimos, está fadada ao fracasso³⁷⁹. Como Loparic³⁸⁰ aponta, a recusa de Winnicott em seguir a teoria kleiniana, com base na crítica à insuficiência do complexo de Édipo, gera uma reação bastante desfavorável entre os seguidores de Klein. A recusa de alinhamento culmina em ataques pessoais que interpretarão psicanaliticamente a recusa do paradigma edipiano como resultado de “fatores subjetivos”. Ou seja, a recusa teórica de Édipo foi interpretada, com base nos pressupostos do complexo, como uma forma de resistência.

Ora, a partir das conexões estabelecidas até aqui, nos parece bastante plausível afirmar a existência de uma ponte entre o paradigma winnicottiano e as críticas tecidas por Deleuze e Guattari ao paradigma edipiano. Conforme já mostramos, as duas posições compartilham a visão de que uma análise anedipiana se mostra muito mais profícua e adequada à compreensão da subjetividade, visto que não basta que a questão seja tomada de uma perspectiva pré-edipiana, pois esta já teria “Édipo como eixo, [o problema] é relativo à existência e à natureza de uma sexualidade anedipiana”³⁸¹. O desejo, pensado a partir da lógica de Deleuze e Guattari como processo de agenciamento, de ligação, será tão anedipiano quanto a ligação diádica materno-infantil descrita por Winnicott como característica do movimento do infante em direção à mãe.

Mas estes não são os únicos pontos de convergência no agenciamento entre filosofia e psicanálise aqui proposto. Com efeito, um tema decorrente da triangulação edipiana ocupa lugar de destaque não apenas em Winnicott, mas também em *O anti-Édipo*. Trata-se da noção de culpa, que, conforme vimos, está diretamente ligada ao mito e, conseqüentemente, também é transferida, segundo Freud, para a dinâmica do drama familiar. A culpa parece transbordar por todos os lados na obra de Freud e tal fato não é fortuito. Conforme vimos até aqui, a psicanálise tradicional é construída sobre o pilar do complexo de Édipo, e, portanto, não causa estranhamento que as conseqüências de tal dinâmica atravessem o conjunto da obra de

³⁷⁹ WINNICOTT, D.W. A capacidade de ficar sozinho. In: *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. São Paulo: Ubu, 2022, p.35.

³⁸⁰ LOPARIC, Z. Winnicott e Melanie Klein: conflito de paradigmas. In: CATAFESTA, I.F.M (Org.). *A clínica e a pesquisa no final do século: Winnicott e a Universidade*. São Paulo: Lemos, 1997, p.49.

³⁸¹ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.103.

Freud. Seja na forma da culpa originária resultante do assassinato do pai pela horda primeva, seja na culpa de Édipo, Hamlet e mesmo de Dostoiévski, a psicanálise freudiana não apenas introduzirá a culpa no seio da antropologia, mas a inscreverá na gênese da própria subjetividade. Se em Édipo a culpa resulta de uma imposição de um destino que mostra-se impossível de ser contornado, em Hamlet ela remeterá “ao nascimento de uma subjetividade culpada”³⁸². Tal afeto, conforme tematizado em nossa abordagem de Freud, encontra sua raiz na ambivalência vivida na situação edipiana. Ele resulta tanto da percepção de que se deseja aquilo que é interdito ao sujeito (a mãe) como do ódio (que pode manifestar-se como desejo de morte) dirigido à figura do pai.

Como vimos, a incapacidade de Hamlet de realizar o desejo de vingança do fantasma de seu pai se dá em função de o próprio Hamlet haver desejado aquilo que o assassino de seu pai havia conseguido: a sua mãe. Além disso, vimos também que a resolução do complexo de Édipo se dá por meio da internalização da autoridade paterna, que resultará no superego. Essa instância, internalizada enquanto consciência moral, poderia gerar no indivíduo tamanho sentimento de culpa que o conduziria a uma autopunição masoquista³⁸³. Portanto, do paradigma edipiano decorre que todo indivíduo é introduzido no mundo com uma dívida a ser sanada, na medida em que a culpa resultante de Édipo seria um fato incontornável.

Não à toa, Deleuze e Guattari afirmarão que a resolução do complexo não passa da transferência de uma dívida eterna, de pai para filho³⁸⁴, pois a culpa é o preço a ser pago pela introdução do sujeito no campo da cultura. Nesse sentido, “o sujo segredinho” se configuraria como uma forma de codificação da subjetividade, introduzindo a culpa em seu cerne. A lei que proíbe é aquela que afirma que, se o faz, é porque aquilo que proíbe é desejado. Ou seja, opera-se aqui a afirmação da existência de um suposto desejo, fictício, que a psicanálise atribui aos sujeitos. É dele que decorre a culpa que jamais será eliminada, sendo tão somente transferida na forma de dívida, em um movimento sem fim.

³⁸² STAROBINSKI, J, apud ROUDINESCO, E. & PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 167.

³⁸³ Como na análise de Dostoiévski.

³⁸⁴ DELEUZE, G. Entrevista sobre O anti-Édipo. In: *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2017, p.28.

Com efeito, a culpa é algo que em Freud transborda mesmo as fronteiras de Édipo, pois “não é decisivo, realmente, haver matado o pai ou deixado de fazê-lo; em ambos os casos temos de nos sentir culpados, pois o sentimento de culpa é expressão do conflito de ambivalência, da eterna luta entre Eros e o instinto de destruição ou de morte”³⁸⁵. Isso significa que, conforme vimos no capítulo anterior, partindo de uma perspectiva hobbesiana, Freud entenderá o ser humano como inerentemente mau. Nesse sentido, o conflito seria somente o resultado de uma situação em que os indivíduos seriam confrontados com a tarefa de viver juntos. Na família, expressão da vida em comunidade, a agressividade oriunda da pulsão de morte ganharia forma dentro da dinâmica edípiana: os filhos matam o pai primordial e vivem o sentimento de culpa. Do mesmo modo que a comunidade se multiplica e se amplia, assim também aconteceria com o sentimento de culpa. Portanto, Freud localizará a gênese desse sentimento em uma dinâmica que entende a cultura como resultado de um movimento que tem início na família e culmina na humanidade. Consequentemente, “o que teve início com o pai se completa na massa”³⁸⁶. Destarte, seja na forma da culpa que resulta do Édipo freudiano, seja na da culpa que deriva dos ataques do “bebê kleiniano”³⁸⁷, tal sentimento mostra-se, na perspectiva da psicanálise tradicional, como um dado incontornável.

Na problemática ora apontada, localizamos um alinhamento entre as perspectivas de Deleuze e Winnicott, haja vista que, por meio de uma reconfiguração da temática da culpa, este último não se limitará a decretar moratória, mas, efetivamente, quitará a eterna dívida psicanalítica. Primeiramente, porque, se o complexo de Édipo perde centralidade no processo de constituição da subjetividade, de modo contíguo, aquilo que dele decorre cairá por terra. Portanto, partindo da premissa winnicottiana de que não faz sentido analisar uma relação dual com base em parâmetros referentes a um modelo relacional triádico, naturalmente as consequências deste (neste caso, a culpa) também perderão sentido. De todo modo, restaria a culpa característica da posição depressiva kleiniana, originada da consciência adquirida da percepção infantil da mãe como um ser inteiro. De fato, o psicanalista

³⁸⁵ FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: *Obras Completas* Vol. XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.67.

³⁸⁶ *Ibidem*.

³⁸⁷ Impulsos destrutivos que, sublinhará Klein, encontram-se fundados na pulsão de morte (KLEIN, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*, p. 52).

considerará a posição depressiva como a maior contribuição dada por Klein à psicanálise, haja vista que a noção introduz a ideia de que a culpa e a capacidade de concernimento (*concerning*) apontariam para o desenvolvimento saudável e não para a doença.

Embora Winnicott saude a inovação kleiniana, ele apontará para as dificuldades inerentes a ela, pois compreender tal fase do amadurecimento em termos de “depressão” implicaria estabelecer a relação entre o desenvolvimento saudável e uma desordem de humor. Destarte, se por um lado tal noção aponta para uma condição saudável, por outra, abarcará também a doença, tendo em vista que “depressão” pode ser utilizado em mais de uma acepção, com aspectos qualitativos negativos ou positivos.

Do ponto de vista negativo, ou seja, da doença, a depressão pode ser vista como uma desordem afetiva que resulta de uma provisão ambiental inadequada que gera a interrupção do processo de desenvolvimento. Da dor proveniente de tal situação teríamos a mobilização de processos defensivos que estariam ligados, por exemplo, à psicose. Por outro lado, partindo de uma perspectiva positiva, saudável – e aqui se localiza a grande contribuição de Winnicott –, a depressão está ligada a uma capacidade conquistada durante o desmame, no processo de desilusão, quando o bebê sai de sua fase de onipotência e passa a se perceber como uma pessoa outra em relação a mãe. Em termos freudianos, a passagem da ilusão à desilusão seria análoga à passagem do princípio do prazer ao princípio de realidade.

O desenvolvimento emocional saudável pressupõe as duas fases, ou seja: a) de um primeiro momento em que “sua majestade, o bebê” vive os sentimentos de onipotência durante a fase de dependência absoluta, de modo a estabelecer uma relação de confiança e continuidade com o mundo, que o conduzirá ao processo de integração; b) de um segundo momento, em que, na fase de dependência relativa, ele viverá a desilusão ao não mais se perceber como centro do universo. Neste momento, o bebê não apenas chegará à conclusão “eu sou”, mas também perceberá que “a mãe [ela] é”. Neste interim, a depressão (ou talvez, melhor dizendo, a tristeza) resulta do sentimento de culpa de que os ataques foram direcionados à mãe e do luto característico do final do período de fusão. Nessa dinâmica, a culpa adquire um índice de saúde, não apenas porque aponta para um momento de integração do

sujeito, mas também porque ele reconhece sua responsabilidade sobre os ataques dirigidos a um outro, experimentando assim um sentimento de preocupação.

Portanto, são “as pessoas verdadeiramente responsáveis, que aceitam a realidade de seu próprio ódio, de sua maldade, de sua crueldade, de todas essas coisas que coexistem com sua capacidade de amar e construir. Às vezes, o sentimento de sua própria monstruosidade as abate”³⁸⁸. A culpa, nesse sentido, aponta para um elemento não apenas natural como necessário, na medida em que se relaciona com a introdução de um tipo de indivíduo, qual seja, aquele capaz de se preocupar e se responsabilizar para com o outro. Assim, “se olharmos para a depressão desta forma, podemos ver que são as pessoas verdadeiramente valiosas no mundo que ficam deprimidas [...]. Talvez seja uma pena que sofram de depressão, mas não poder duvidar ou sofrer desânimo é uma condição pior.”³⁸⁹

Partindo de tais pressupostos, Winnicott afirmará o caráter inadequado da terminologia kleiniana, pois ela não diferencia a depressão qualitativamente, reunindo em um mesmo polo saúde e doença. A utilização de um termo que remete à doença quando na verdade o processo descrito está dentro da normalidade termina por obscurecer a questão, pois a noção de posição depressiva sugere erroneamente que o bebê vive um estágio de humor patológico ou de depressão. O humor depressivo é descrito pelo psicanalista por meio do apelo à metáfora da névoa que encobre uma cidade³⁹⁰. Nessa situação tudo parece sem cor e desprovido de vida. Efetivamente, tal imagem não descreve a situação do infante, pois qualquer névoa de culpa é dissipada quando se atinge o triunfo da integração.

Tendo em vista uma melhor caracterização do processo vivido pelo infante, Winnicott proporá então que o termo “posição depressiva” seja substituído por “estágio de preocupação”, noção que exprime de modo satisfatório a dinâmica em questão. Nesse sentido, se o psicanalista questiona o valor da ideia de depressão, é porque estabelecerá uma íntima relação entre esta ideia e a descoberta de uma identidade pessoal que se encontra em vias de constituição. Vias de constituição, pois, embora afirme a existência de uma tendência natural para a saúde no ser humano,

³⁸⁸ WINNICOTT. D.W. The family affected by depressive illness in one or both parents. In: *The Family and Individual Development*. London: Routledge, 2006, p.82. (tradução nossa)

³⁸⁹ Ibidem.

³⁹⁰ WINNICOTT. D.W. The value of depression. In: *Home is where we start from essays by a psychoanalyst*. New York: W. W. Norton & Company, 2014, p. 58.

alertará o psicanalista que os processos³⁹¹ de personalização (por meio do qual o psiquismo é alocado no corpo) e realização (por meio do qual o bebê reconhece a existência da realidade objetiva), não são uma garantia dada no processo de amadurecimento individual, pois uma série de fatores ambientais³⁹² podem engendrar obstáculos ao mesmo, comprometendo o processo de integração. A integração, expressa pela afirmação do “eu sou”, representa para o infante, a partir da vivência do sentimento de culpa, a aquisição daquilo que Winnicott chama de ideia de valor. Esta diz respeito ao momento em que o bebê passa a diferenciar as ideias de mal e bem, não a partir de uma imposição moral externa que determina o que é bom e o que é mau, mas sim a partir daquilo que sente em seu interior como resultado da conquista da capacidade de sentir culpa. Com base nessa dinâmica, vemos que o superego winnicottiano é uma aquisição natural, que, partindo do sentimento interno que diferencia o bem do mal, surge no ser, de modo espontâneo. Essa perspectiva se contrapõe ao superego freudiano, resultado de uma herança da moral imposta pelo mundo social, fundada na figura de Édipo.

Winnicott não negará, portanto, o sentimento de culpa, mas conferirá a ele um caráter positivo no processo de desenvolvimento individual, que ecoará no próprio tecido social sob a forma do sentimento de alteridade. A “positivação” da culpa na teoria winnicottiana, por conseguinte, salda a dívida que Deleuze e Guattari consideravam ser eterna no campo psicanalítico. Ironicamente, o psicanalista inglês parece ser menos afetado pela culpabilização presente na psicanálise clássica do que os autores de *O anti-Édipo*. Isso porque, a despeito das críticas tecidas pelos autores à introdução da culpabilização que resulta do processo de edipianização da cultura, acabarão por reproduzir este mesmo processo em sua análise da figura de Hamlet. Quando questionam a projeção do personagem shakespeariano sobre os indivíduos, Deleuze e Guattari reafirmam a leitura que localiza na personagem uma vivência da culpa decorrente dos desejos edipianos. “Você já nasceu Hamlet? Ou, antes, não terá feito Hamlet nascer em você? Por que voltar ao mito?”,³⁹³

³⁹¹ Os processos aqui descritos podem ser compreendidos como desdobramentos do processo de integração.

³⁹² No capítulo anterior deste trabalho, quando tratamos da teoria da agressividade de Winnicott, apresentamos alguns exemplos de fatores que podem comprometer o processo de desenvolvimento emocional primitivo.

³⁹³ MILLER, H. apud DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.154.

questionarão os autores citando Henry Miller. Ou seja, será que, ao questionar uma volta ao mito, os próprios autores já não fazem reforçar a própria interpretação psicanalítica do mito? Não seria mais profícuo, neste caso, ao invés de reafirmar a subjetividade culpada de Hamlet, promover a desculpabilização que tanto almejam?

Com efeito, tal processo é realizado na leitura winnicottiana de *Hamlet*, em que vemos o dilema da personagem sendo deslocado para um polo diferente daquele da culpa edipiana. Questionando aquilo que Shakespeare tentou comunicar por meio do caráter e da personalidade de Hamlet, Winnicott chamará atenção para o fato de o problema ser evidenciado desde a primeira fala do monólogo: “Ser ou não ser”, tal é o dilema anunciado já na abertura da peça. A problemática tratada em *Hamlet*, assim, é percebida não no nível relacional da triangularidade familiar, tal como fizera Freud, mas sim partindo da compreensão de uma cisão no próprio ser de Hamlet. A sua personalidade fraturada teria aflorado como um processo desencadeado pela morte do pai. Não se trata, portanto, de uma vivência da culpa por haver desejado a morte do pai em função do desejo pela mãe, mas sim de um dilema envolvido em seu próprio ser. “Ser ou não ser”, como podemos perceber a partir de referenciais winnicottianos, é o ponto de partida de um longo processo de elaboração que busca compreender, organizar e integrar aquilo que se encontra dissociado. Arriscando aqui um paralelo, diremos que a tentativa de elaboração que segue o dilema pode ser vista como remetendo à propensão natural à saúde afirmada por Winnicott e que também Jung afirmava perceber³⁹⁴.

Portanto, não apenas Winnicott desmonta a tragédia edipiana encenada no inconsciente, como também, a reboque, o desculpabiliza. De modo que a culpa passa a ser relativizada no polo psicanalítico onde, segundo Deleuze e Guattari, habitariam os novos padres³⁹⁵, estes responsáveis por multiplicá-la na forma de um dado insuperável da natureza. A esta visão, vemos a contraposição de um novo paradigma, que nela localiza o próprio germe da inserção do indivíduo no mundo social. Partindo dessa renovada perspectiva, Winnicott subverte a compreensão freudiana de que esse sentimento possuiria um caráter insuperável, elimina seu papel

³⁹⁴ Para Jung, as imagens de mandalas produzidas por pacientes psicóticos evidenciam um movimento natural na psique que busca organização. Era como se nas imagens circulares ficasse evidenciada uma propensão da psique que busca conferir ordem ao caos.

³⁹⁵ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.152-153.

na constituição do mal-estar na civilização e devolve ao ser humano a possibilidade de alcançar a felicidade.

A despeito de tais considerações, é preciso lembrar que o psicanalista (e tampouco Deleuze e Guattari) não nega a existência de Édipo. Como vimos até aqui, não se trata de negar a existência de uma dinâmica edipiana agindo sobre o sujeito, mas, na verdade, compreendê-la como uma etapa que resulta de uma dada codificação social. Nesse sentido, mostra-se necessário perceber que tal dinâmica se vê atrelada às coordenadas do momento histórico e ao modo como as figuras parentais, responsáveis pelo ambiente que introduz o indivíduo no mundo, vivem e reproduzem as mesmas.

A figura de Winnicott surge no horizonte de uma psicanálise que se debatia diante de problemas para os quais não possuía solução. Com isso nos referimos não apenas às dificuldades impostas pelo tratamento das psicoses, mas também aos casos limítrofes ou *borderline*, que se encontram na fronteira entre a neurose e psicose. Como sabemos, conceitos nascem e morrem atendendo a um conjunto de questões específicas. Portanto, quando novas questões e problemas se colocam, é forçoso que conceitos anteriores sejam abandonados, na medida em que se tornam destituídos da função que outrora cumpriam. Percebamos, portanto, que a psicanálise encontra sua gênese em um contexto histórico muito específico, em que a relação materno-infantil se via relegada ao segundo plano, submetida, na sociedade disciplinar em que se inseria, ao primado do patriarcado em toda sua força³⁹⁶. É nesse contexto que Édipo surge como pano de fundo em que se desenha não apenas a segregação materna do mundo sociocultural, mas também a imposição dos valores modelares de uma sociedade patriarcal. Nesta sociedade vive-se o primado da “autoridade do pai ou dos pais, introjetada no Eu”, formando ali “o âmago do Super-eu, *que toma ao pai a severidade*”³⁹⁷, ou seja, trata-se de uma sociedade onde predominará uma subjetividade cuja marca é dada pelo

caráter do pai, e quanto mais forte foi o complexo de Édipo tanto mais rapidamente (sob influência de autoridade, ensino religioso, escola, leituras)

³⁹⁶ No capítulo anterior de nosso trabalho, abordamos o lugar ocupado pela mulher no contexto histórico de surgimento da psicanálise.

³⁹⁷ FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo. In: *Obras Completas* Vol. XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.186.

ocorreu sua repressão, tanto mais severamente o Supereu terá domínio sobre o Eu como consciência moral, talvez como inconsciente sentimento de culpa.³⁹⁸

Ora, este modelo de subjetividade predominará na primeira metade do século XX, quando já começa a se desenhar um novo paradigma, submetido a novas formas de se relacionar. Como nos lembra Armony, desde então, se descortina um debate em que fala-se de “narcisismo, de paradoxo, de vazio, de isolamento emocional, de inquietude, de angústia, de criatividade, de intensidade, de movimento, de singularidade, de devir, onde antes se falava de Édipo, de sintoma, de estrutura, de contradição, de estabilidade, de modelo”³⁹⁹. Portanto, Édipo não deve ser tomado como um dado da natureza, mas sim como o resultado de uma sociedade patriarcal, em que a figura masculina detinha o papel de *páter-famílias*. Neste contexto, quaisquer elos com o universo feminino são vistos como falhas a serem expurgadas e a introdução do menino na maioria pressupõe um afastamento da figura da mãe. Tal é o contexto histórico em que Freud se encontrava inserido no momento de gestação da psicanálise, cujos alicerces são frutos de seu próprio tempo. Em suma, não é de se estranhar que o superego seja a consciência moral que resulta de uma proibição paterna, haja vista o caráter subalterno a que é relegada a figura da mulher na passagem do século XIX para o século XX.

A psicanálise tradicional é, portanto, uma teoria datada que reflete o espírito de sua época, constatação que se coaduna com a percepção deleuziana de que o saber freudiano é construído com base em um material clínico muito específico, o da histeria⁴⁰⁰. Será partindo de tal base que a constelação conceitual será paulatinamente modificada e ajustada conforme outros casos foram surgindo (obsessão, angústia, melancolia etc.). Como pano de fundo de seus elementos basilares, encontramos o ideário de uma sociedade erigida sobre a disciplina, cujo aspecto central será a noção de repressão tomada como fator determinante para a constituição da vida em sociedade. Não apenas a Édipo é conferido papel fundamental na formação do tecido social, mas a sua resolução, pois ela implica a introjeção da autoridade do

³⁹⁸ FREUD, S. O Eu e o Id. In: *Obras Completas* Vol. XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 31-32.

³⁹⁹ ARMONY, N. De Édipo a Narciso. In: *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013, p.44.

⁴⁰⁰ DELEUZE, G. De Sacher-Masoch ao masoquismo. In: *Cartas e outros textos*. São Paulo: n-1, 2018, p. 181 (nota 21).

pai, por meio da repressão dos afetos, na forma de um superego. Portanto, partindo da ótica freudiana, a vida em sociedade tem como condição *sine qua non* o mecanismo repressivo, não abrindo qualquer espaço para o sentimento de empatia.

Como temos apontado, a compreensão plena das patologias, da criatividade, da agressividade e, por conseguinte, da maneira como os indivíduos inserem-se na sociedade, demanda uma maior compreensão da fase narcísica do bebê. Compreender tal fase pressupõe um deslocamento da psicanálise para a vida emocional primitiva, onde encontra-se o germe do sentimento ético. No lugar de uma sociedade construída sobre bases repressivas, vemos em Winnicott o sentimento de empatia como resultado de uma relação bem-sucedida do bebê com o ambiente. No lugar de um objeto alvo da pulsão, um sujeito ambiente, em relação. A etiologia das psicoses e patologias da agressividade somente podem ser passíveis de compreensão mediante um olhar voltado a essa primitiva relação ambiental desenvolvida na relação materno-infantil. Como Deleuze em parte intuía desde sua primeira incursão no campo psicanalítico⁴⁰¹, os conceitos freudianos mostram-se insuficientes para uma adequada compreensão do campo das psicoses, cuja questão central se volta para indivíduos que possuem uma fratura em seu ser e, portanto, são carentes de integração.

Neste interim, se o modelo de subjetividade e a emergência não apenas da empatia mas de formações patológicas se localiza na relação com o ambiente, é preciso ter em mente como as transformações ambientais resultam em modificações na estrutura da subjetividade, fazendo com que determinadas formas de sofrimento psíquico se tornem mais ou menos comuns de acordo com o contexto histórico. Partindo da historicidade em um sentido *lato*, vemos que o complexo de Édipo, portanto, mostra-se como um conceito insuficiente, pois, além de desconsiderar a história primitiva de cada indivíduo, parte do pressuposto que as relações posteriores no âmbito familiar, em qualquer época, podem ser compreendidas à luz de sua dinâmica. A abordagem da subjetividade é indissociável do tempo em que se insere, por isso deve acompanhar as transformações morais e éticas de cada tempo. Há muito não se vive a rigidez moral dos tempos em que a psicanálise tradicional foi gestada, onde as leis, apesar das transgressões, eram vistas como pilares da

⁴⁰¹ DELEUZE, G. De Sacher-Masoch ao masoquismo. In: *Cartas e outros textos*. São Paulo: n-1, 2018, p. 181 (nota 21).

sociedade e os princípios masculinos eram hipervalorizados. Nesse sentido, podemos afirmar na esteira de Deleuze e Guattari que a face de Édipo reflete ao mesmo tempo a exigência e a consequência de determinada produção social. Ao mesmo tempo, dadas a insuficiência de Édipo e as transformações morais e éticas ocorridas no último século, é imperativo determinar com maior precisão o modo como a subjetividade se configura nos dias de hoje.

Assim, a compreensão da subjetividade em sua forma contemporânea é indispensável para determinar em que medida o paradigma freudiano mostra-se pouco adequado à compreensão e tratamento das formas de sofrimento psíquico que se abatem sobre o indivíduo dos dias de hoje. No próximo capítulo de nosso trabalho nos voltaremos para a compreensão deste indivíduo ou sujeito, buscando determinar em que medida o pensamento de Winnicott responde às limitações identificadas por Deleuze na clínica psicanalítica no que tange a análise do eu. Deleuze em mais de um momento ataca a psicanálise ortodoxa em função daquilo que avalia como a patologia da “interpretância”, onde os devires são esmagados e a experiência vivida é reduzida às figuras familiares ou a um significante linguístico que não permite qualquer forma de identificação. A seguir procuraremos mostrar como o paradigma winnicottiano, transgredindo uma língua dominante, ultrapassa fronteiras e constrói uma “língua menor” no interior da psicanálise. Nesse sentido, o psicanalista inglês, enquanto produtor de um pensamento nômade, desloca o foco da interpretação, centrada na tradução, para o indivíduo e a identificação. Portanto, ao invés de escavar, interpretar e traduzir, trata-se com Winnicott de partilhar, produzir, entrar em sintonia.

4

A emergência de uma nova subjetividade: a clínica entre a interpretação e a experimentação

A questão tida como objeto central do presente capítulo, em certa medida, caminha em continuidade com o debate em torno da questão edipiana e, concomitantemente, é um desdobramento da mesma. Isso ocorre porque, se por um lado localizamos em Deleuze uma crítica ao conteúdo das interpretações psicanalíticas cujo foco se encontra nas figuras familiares, tal conteúdo encontra-se condicionado a uma forma, norteadas por uma técnica que atua como determinante de toda atividade clínica.

Dado que o que propomos aqui é uma reflexão em torno da clínica que se volta para a análise da subjetividade, mostra-se pertinente que lancemos sobre ela um olhar que privilegie a compreensão de seu mecanismo de produção. Compreendê-la em sua própria formação situada historicamente permite divisar as ferramentas clínicas necessárias para o tratamento de seu mal-estar. Para tanto, inicialmente, é necessário determinar de que modo ela se constitui em relação com o microsocosmos familiar. O que propomos é uma dilatação daquilo que superficialmente se entende por “familismo”, na medida em que as críticas de Deleuze e Guattari não se voltam contra a noção de família *per se*, mas contra uma produção de subjetividade que se vê exclusivamente ancorada na unidade familiar, independentemente do campo sociopolítico. Nesse sentido, veremos com Winnicott como família e sociedade encontram-se mutuamente implicadas na produção de subjetividade, restabelecendo assim uma via de diálogo entre filosofia e psicanálise a partir da re colocação do desejo e do inconsciente no campo social.

Como temos visto nas críticas levantadas por Deleuze e Guattari, embora Freud pontue em suas *Novas conferências introdutórias à psicanálise* que “só em casos muito raros o indivíduo pode ser tornar independente da comunidade humana”, em seu pensamento a subjetividade se vê apartada do campo social. Nesse sentido, a re colocação a que nos referimos se dá haja vista que, no contexto do paradigma winnicottiano, a influência do ambiente traz à baila o papel que a cultura

adquire na constituição da subjetividade. Embora não tenha sido o único psicanalista a ter vivido os horrores da última grande guerra, esta exerceu sobre ele um efeito particular, pois atrelou seu olhar ao modo como os indivíduos se compõem em uma relação estésica com o mundo. Isso significa pensar a natureza humana sob o olhar da corporeidade, da superfície, da pele, e não mais a partir da profundidade. Tampouco como senhor da natureza, a partir de uma dicotomia que dela o separa, mas como um de seus produtos, em continuidade com a mesma. Pensar o corpo significa, por extensão, refletir sobre o conjunto de forças que nele atuam, participando de sua constituição. Portanto, uma valorização do ambiente, implica um novo olhar sobre os efeitos do campo social, desde o microcosmos da família até o macrocosmos que compreende a sociedade como um movimento de ampliação das relações que se dão inicialmente no contexto familiar.

Finalmente, compreendidos os mecanismos sociais, políticos e econômicos que atuam na produção da subjetividade, procuraremos determinar de que forma a mesma se configura atualmente. Partindo do pressuposto de que a psicanálise tradicional é gestada tendo em vista a abordagem do sujeito produzido por uma sociedade disciplinar, procuraremos refletir sobre a ferramenta clínica mais adequada ao tratamento dos mal-estares do indivíduo contemporâneo. Para tanto, realizaremos uma aproximação entre as críticas de Deleuze, Guattari e Winnicott à interpretação enquanto ferramenta clínica. Com isso objetiva-se promover ressonâncias entre a proposta clínica experimentativa da matriz deleuzo-guattariana e o lugar conferido à atividade hermenêutica no paradigma winnicottiano.

Com efeito, veremos que as duas propostas se aproximam, visto que Winnicott promove em seu pensamento uma nova compreensão da interpretação, não mais a entendendo como um processo de significação ou decifração de conteúdos disfarçados, mas como sustentação. Isso implica uma primazia do *setting* analítico, no qual a fala do analista tem em vista o cuidado e não a busca por significado, onde valorizar-se-á, em muitos casos, a não interpretação. Trata-se de um processo que permite ao paciente entrar em contato com seu verdadeiro *self*, de modo a produzir criativamente agenciamentos que permitam a ele divisar, em um campo de virtualidades, novas possibilidades para lidar com uma ruptura sintomática.

4.1.

Política, sociedade e produção de subjetividade: um novo “familismo”

A psicanálise, como vimos, encontra sua gênese associada a um momento histórico cuja subjetividade se apresenta forjada nos valores do patriarcado e conforme os ditames da sociedade disciplinar. Nesse sentido, tanto a teoria quanto a técnica eram voltadas à análise de um tipo específico de sujeito, que refletia em suas formas de sofrimento psíquico o espírito de seu tempo. O mal-estar característico de cada época norteia a formação e a compreensão das subjetividades, visto que as mazelas de que padecem oferecem um índice para a apreensão do modo como estão estruturadas. Isso ocorre porque o mal-estar “é o signo privilegiado e a caixa de ressonância daquilo que se configura nas relações do sujeito consigo mesmo e com o outro, revelando, assim, as coordenadas cruciais que seriam constitutivas da experiência subjetiva”⁴⁰².

É nesse sentido que Freud, em sua obra *O mal-estar na civilização*, realiza um diagnóstico das formas de sofrimento características de seu tempo. A despeito do título parecer indicar à primeira vista que se trata de uma análise desprovida de um referencial temporal, a mesma se volta para o sujeito da modernidade, haja vista que, apesar de sua natureza pulsional, o sujeito não deixa de ser histórico. Isso ocorre pois, dentre os destinos das pulsões se encontra a realidade externa⁴⁰³, e é nesta que o sujeito afeta e se vê afetado pelas relações com outros indivíduos e com os dispositivos sociais do tempo e espaço em que se encontra inserido. Como sublinha Bauman⁴⁰⁴, o título dado por Freud à obra reflete o imaginário de uma época que via em si a coroação da cultura e da civilização, o que conferiria à expressão “civilização moderna” ares de pleonasma.

Portanto, apesar de suas limitações, encontramos no pensamento de Freud uma crítica dirigida à modernidade, em especial ao modo como esta atuará, promovendo sofrimento e mal-estar psíquico na medida em que limita a fruição plena da vida erótica de homens e, especialmente, das mulheres⁴⁰⁵.

⁴⁰² BIRMAN, J. *O sujeito na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p.55.

⁴⁰³ FREUD, S. Os instintos e seus destinos. In: *Obras Completas* Vol. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.58.

⁴⁰⁴ BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.7.

⁴⁰⁵ FREUD, S. Moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno. In: *Obras Completas* Vol. VIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Concomitantemente, motivado pela desilusão⁴⁰⁶ causada pelos horrores da Primeira Guerra Mundial, Freud promoverá uma crítica à racionalidade moderna que, apesar de inaugurar o espírito de um novo tempo, se vê colocada a serviço da barbárie e de finalidades anticivilizatórias. Tal crítica se radicaliza em o *Mal-estar na civilização*, cristalizando-se os medos, inseguranças e a violência na forma do desamparo. A tese freudiana é de que a condição de desamparo despertará a nostalgia do pai⁴⁰⁷, que será encontrado internamente em toda sua severidade na forma do superego. A história da subjetividade moderna é, portanto, determinada pela repressão, que visaria conter os impulsos violentos e destrutivos que, se não fossem contidos, conduziriam ao fim da civilização.

Ora, como sabemos, no que diz respeito ao sofrimento psíquico, encontramos uma nova configuração das formas de mal-estar naquilo que se convencionou chamar de pós-modernidade. Isso porque, conforme bem identificou Deleuze, a rigidez da sociedade disciplinar postulada por Foucault, com seu ápice no século XX, entra em crise, dando lugar às sociedades de controle. A disciplina que outrora encontrara sua expressão pela via do enclausuramento nas prisões, hospitais e mesmo na escola, na fábrica e na família, entra em crise, cedendo lugar a formas de controle que não mais se darão em meio ao confinamento, mas ao ar livre, formas de controle e sujeição cuja marca seria a agilidade e rapidez. Tal caráter fica patente no contraste com a estabilidade e solidez dos moldes de confinamento, que dão lugar à fluidez das modulações auto deformantes que caracterizam a adaptabilidade perene das novas formas de controle. Ao corpo sólido e uniforme de indivíduos que compunham a fábrica, trabalhando sob o molde “alta produção e baixos salários”, se oporá a fragmentação da massa trabalhadora na empresa, modulada segundo a lógica salarial da competição interna. Esta nova forma de sujeição e controle por meio da competição passa a cumprir o velho papel da lógica de máxima produção, porém por uma nova via, colocando os indivíduos uns contra os outros.

Metaestabilidade é a palavra de ordem nas sociedades de controle, que se corporifica em marcas como a variação contínua, a ausência de individualização e as trocas flutuantes. Nelas, despojados de suas individualidades, submetem-se as

⁴⁰⁶ FREUD, S. Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In: *Obras Completas* Vol. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.157-171.

⁴⁰⁷ FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: *Obras Completas* Vol. XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.17.

“dividualidades”⁴⁰⁸ a uma nova forma de capitalismo, não mais pautada pela produção e acumulação, mas sim pelos ditames do mercado; não mais pela produção fabril e transformação de matéria prima, mas sim pelas novas tecnologias de informação e pelo fluxo financeiro. No contexto dessa metaestabilidade característica da pós-modernidade, que Bauman chamará de modernidade líquida, por conseguinte, surgirá uma nova forma de subjetividade, não mais caracterizada pela repressão disciplinar, mas angustiada e amedrontada, diante de um abismo de incertezas.

À crise da instituição familiar identificada por Deleuze soma-se aquilo que Bauman considera o enfraquecimento dos laços humanos como um todo, cujo reflexo passa a ser detectado no fortalecimento das conexões virtuais em detrimento das relações reais. Estas, marcas da estabilidade de uma sociedade moderna cuja característica seria a organização em torno de comunidades estáveis, com o avanço das novas tecnologias, cedem espaço a redes instáveis, caracterizadas pela facilidade de construção e dissolução de laços afetivos. No lugar de uma modernidade sólida, marcada pela ordenação, pela racionalidade, pela previsibilidade e estabilidade, uma modernidade líquida que se mostra fluida, maleável, sem centro de gravidade e difícil de prever. No lugar da confiança no poder emancipatório da razão e da “fé” no raciocínio científico herdada do iluminismo, a subjetividade pós-moderna vive a derrocada das antigas narrativas e é confrontada com o colapso da razão.

Como resultado, o sujeito pós-moderno, refém de uma nova forma de mal-estar causado pela incerteza, ensimesmamento e solidão, buscará estratégias para lidar com as novas formas de angústia, ansiedade e o medo do desconhecido, refugiando-se na tecnologia, no entretenimento e no consumo. Habitantes de um mundo onde um “projeto de vida” não se apresenta mais como possível ante a incerteza do amanhã, o sujeito pós-moderno nunca terminaria nada, vivendo aquilo que Deleuze caracterizou como uma moratória ilimitada⁴⁰⁹ ocasionada por um movimento de variação contínua. A satisfação, que outrora se vira como algo a ser adiado e prolongado, perde seu fascínio diante de um mundo que se encontra em constante modulação. O indivíduo se vê diante de um mundo de possibilidades disponível para

⁴⁰⁸ DELEUZE, G. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 226.

⁴⁰⁹ *Ibidem*.

fruição e com isso surge a ansiedade construída sobre a sensação de que alguma oportunidade possa se perder. A moratória deleuziana ganha forma em um indivíduo que se encontra satisfeito momentaneamente, visto que no horizonte sempre pode haver algo melhor. A nova medida passa a ser a da satisfação instantânea, que se dá na dimensão do *hic et nunc*. À competição ditada pela renovada lógica do capitalismo de que Deleuze tratara, somemos agora a precariedade como marca distintiva do controle e da incerteza que se abate sobre o indivíduo inserido na nova ordem capitalista, em que

ninguém pode razoavelmente supor que está garantido contra a nova rodada de “redução do rebanho”, “agilização” e racionalização”, contra mudanças erráticas da demanda do mercado e pressões caprichosas, mas irresistíveis, de “competitividade”, “produtividade” e eficácia. “Flexibilidade” é a palavra do dia.⁴¹⁰

A perda de segurança e estabilidade é o preço a ser pago pelo sujeito pós-moderno em virtude do afrouxamento da normatização repressiva e a aquisição de uma maior liberdade instintual. A modernidade tematizada por Freud em *O Mal-estar na civilização* é habitada por indivíduos que sacrificam a plena felicidade, suposta no irrestrito exercício do princípio do prazer, em prol de um quinhão de segurança garantido pela sujeição ao princípio de realidade e pela renúncia aos instintos. Dessa forma, ao sujeito moderno é imposto o sacrifício não apenas de parte de sua liberdade, mas de uma dimensão de sua própria sexualidade e de sua suposta⁴¹¹ tendência natural à agressividade. Embora o gozo irrestrito e imediato se apresente como tentador a ele, o perigo do castigo permanece sempre à espreita, pois a promessa do prazer carrega consigo a possibilidade do sofrimento, assim como a satisfação pode resultar em mal-estar. Diante de tal quadro, resta ao indivíduo “moderar suas pretensões à felicidade”⁴¹², compreendendo ser mais benéfico

⁴¹⁰ BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p.151

⁴¹¹ Conforme vimos no capítulo 1 de nosso trabalho, a agressividade é atrelada no pensamento de Freud à noção de pulsão de morte, sendo, portanto, vista como algo a ser reprimido. Por outro lado, Winnicott descartará tal noção, voltando-se para a compreensão daquilo que chamou de raízes da agressividade, que torna obsoleto o conceito de pulsão de morte.

⁴¹² FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: *Obras Completas* Vol. XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.21.

para a civilização que os homens trabalhem uns com os outros em benefício da felicidade – ainda que moderada⁴¹³ – de todos.

Três são as causas identificadas por Freud como fundamento do sofrimento humano: as forças da natureza que submetem o homem, as limitações biológicas do corpo e a insuficiências de parâmetros que regulem a vida social nos âmbitos do Estado, da família e da sociedade. Diante da inevitabilidade imposta pelas forças naturais e pela biologia humana, restaria ao homem resignar-se; porém, no que toca à convivência com o outro nas diferentes dimensões do mundo social, algumas formas de sofrimento poderiam ser evitadas. É nesse sentido que o neurótico surge no bojo de uma sociedade pautada na disciplina, na rigidez das regras, que lhe impõem a renúncia forçada da satisfação instintual, a repressão, a compulsão e tudo mais que identificasse como obstáculo à civilização. Os mal-estares da modernidade, portanto, estão ligados a uma subjetividade que é confrontada com um excesso de ordem às custas de uma escassez da liberdade. Portanto, se a beleza, a pureza e a ordem por um lado são tão valorizadas na sociedade moderna, por outro, tais conquistas não deixam de cobrar o seu preço na forma do mal-estar que marca o espírito da época.

Todavia, uma situação diferente se verifica no balanço geral do sujeito pós-moderno. Nesse novo contexto, o outrora subjugado princípio do prazer passa a submeter o princípio de realidade ao seu primado. Em uma realidade na qual renuncia-se à segurança em troca de maior liberdade, a repressão e a renúncia forçada, outrora aceitas, convertem-se em um atentado à individualidade. A ausência de regulamentação e normatização marcam a subjetividade, que se vê à deriva em um universo de possibilidades. Se “o homem civilizado [leia-se moderno] trocou um tanto de felicidade por um tanto de segurança”⁴¹⁴, o homem pós-moderno prescindirá desta última, buscando o coroamento da liberdade individual. Desta forma, a liberdade, que anteriormente figurava como o maior obstáculo à edificação da ordem, converte-se no bem mais caro ao indivíduo, que não mais aceitaria que seu impulso natural criativo seja solapado ou reprimido. Em resumo, beleza, pureza e ordem seguem sendo valorizadas na pós-modernidade, mas convertendo-se num

⁴¹³ Moderada em uma dupla acepção, pois ao mesmo tempo em que se vê reduzida, se vê assujeitada por uma normatização excessiva que conduz o indivíduo à repressão.

⁴¹⁴ FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: *Obras Completas* Vol. XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010e, p.52.

horizonte a ser alcançado sob a responsabilidade de cada indivíduo e não mais como valores perseguidos pela civilização.

Os habitantes da líquida sociedade de controle não mais aceitarão submeter-se à tutela da figura paterna, uma tutela que carregava a promessa de segurança em troca da retirada de uma parcela de liberdade e felicidade. O amparo paterno, ao contrário do materno, é condicional. Ele é oferecido desde que o indivíduo se submeta à castração e introjete os valores mais caros ao patriarcado. Nesse sentido, deve o indivíduo moderno livrar-se de tudo aquilo que o aproxima do feminino e, por conseguinte, o afasta do molde disciplinar necessário para a vida em seu tempo. A codificação social, espelho do *pater familias*, exigirá que se torne duro, insensível e inclemente. Tal disposição será internalizada e passada adiante de pai para filho, tal como Deleuze apontara, numa espécie de dívida eterna, pois a castração do desejo será a condição para a aquisição do amor paterno. A tutela do pai, representante da ordem social na forma do superego, será a fiel acompanhante que sempre lembrará ao indivíduo o preço de ser amado e aceito na sociedade.

Destarte, restará a ele reprimir seus instintos, renunciando a seu impulso natural criativo em prol da trindade pai, família e sociedade. Mesmo assim, embora carregue em si a frustração, não o fará sem certo grau de contentamento, pois saberá estar atento às demandas internas de seu escudeiro, a consciência moral que encontrar-se-á sempre a postos, lembrando-lhe como deve viver. Com efeito, longe da temida vida “pobre, embrutecida e curta”⁴¹⁵ característica do tão temido estado de natureza hobbesiano, tornar-se-á menos espontâneo e criativo, com uma existência marcada pela repressão “da palavra (que teria de ser precisa como manda a ciência da modernidade), do feminino, do consumo (economizador, sovina, acumulativo) dos vários pequenos eus desejantes, da onipotência, da afetividade, da ternura, da agressividade”⁴¹⁶. Dentro de tais referenciais se localizará a gênese dos mal-estares do indivíduo moderno, que, dada a natureza dos aspectos existenciais recalcados, evidenciará um pendor ao dever, à autossuficiência e a um eu ideal. Culpado e apartado de sua dimensão afetiva, se limitará ao cumprimento das exigências externas e de seu reflexo na vida interna.

⁴¹⁵ HOBBS, T. *O leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p.80.

⁴¹⁶ ARMONY, N. Bem-estar e mal-estar do homem moderno e pós-moderno. In: *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo, Zagodoni, 2013, p.83.

Um olhar para o homem pós-moderno permite compreender o porquê de sua entrega à liberdade incondicional. Outrora tolhido da satisfação instintual, procurará a felicidade das mais diversas formas, em especial nas novas formas de entretenimento e consumo. Em oposição ao modelo de subjetividade que representa aquilo que Weber chamara de espírito do capitalismo⁴¹⁷, qual seja, neurótica, retilínea e acumulativa, encontrará na nova reconfiguração capitalista o terreno e a oportunidade para a expressão do desejo sob a forma do consumo.

Ao mesmo tempo, como vemos nas considerações de Bauman, é vã a esperança de que exista “almoço grátis”, devendo o sujeito pós-moderno arcar com o preço de sua nova escolha⁴¹⁸. Ao abandonar os seguros trilhos da tradição, aventurando-se nas incertezas expostas na vitrine do desejo, este indivíduo conferirá colorido à sua vida, recolocando-se em contato com seu impulso natural criativo, mas não sem abrir-se para as grandes inquietações existenciais que acompanham uma subjetividade não recalcada. Embora Freud tenha apostado na psicanálise como uma ferramenta que paulatinamente libertaria o homem moderno das amarras da repressão, permitindo a ele uma fruição controlada da satisfação instintual, deu-se algo diferente, uma espécie de virada de um paradigma repressivo a um paradigma permissivo. A crença freudiana se via depositada em um processo que objetivava produzir no indivíduo aquilo que não poderia se dar espontaneamente, ou seja, uma “correção do processo de repressão”⁴¹⁹. Tal processo teria como meta capacitar o ego que, dotado de força e maturidade, seria capaz de “empreender uma revisão das antigas repressões”⁴²⁰, demolindo algumas e identificando e reconstruindo outras. Sobretudo, acreditava que tais defesas, reconstruídas sobre bases não consolidadas sobre o solo da repressão, seriam capazes de suportar a força da tormenta instintual não represada.

Porém, as expectativas do pai da psicanálise não parecem ter sido correspondidas. Sua crença em uma suposta justa medida aristotélica não se concretizou,

⁴¹⁷ Em *A Ética protestante e o espírito do capitalismo*, Max Weber defenderá que o sucesso do modelo capitalista em alguns países está diretamente ligado a uma ética vinculada à acumulação em detrimento do consumo. Através de um modelo de vida que remetia a um viés monástico, valores como austeridade e frugalidade no consumo teriam permitido a acumulação necessária para investir e retroalimentar a máquina capitalista.

⁴¹⁸ BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

⁴¹⁹ FREUD, S. Análise terminável e interminável. In: *Obras Completas Vol. XXIII*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p.260.

⁴²⁰ *Ibidem*, p.259.

já que o cansaço da repressão culminou em uma virada em sentido contrário. O indivíduo que, compulsoriamente, de tudo se abstinha em prol de um modelo capitalista de acumulação não se contentaria com nada menos que um mergulho profundo na satisfação de seus desejos de consumo. Nesse sentido, conforme afirmara Deleuze, o capitalismo busca novas armas⁴²¹ para cumprir a tarefa de controle e sujeição, não mais por meio das velhas normas que limitavam o consumo de modo a garantir a acumulação de capital, mas por meio da sedução, que traz à tona e potencializa desejos outrora reprimidos. Na nova ordem capitalista, as comportas da repressão do desejo são abertas em um mundo onde consumo torna-se índice de felicidade e sucesso.

A despeito dos riscos impostos por esta dinâmica à (anteriormente valorizada) ordem social, a nova sociedade de consumo atuará a todo momento procurando renovar e elevar os desejos às alturas. Isso porque, neste novo contexto sociopolítico, se o consumo é a moeda a ser paga na busca pela prometida felicidade (e até mesmo dignidade), nem todos estarão aptos a pagar este preço. Com efeito, se a codificação social moderna disciplinava o indivíduo por meio de uma normatização e uma regulação que reprimia a produção desejante, consequentemente, limitando a felicidade, sua versão pós-moderna exerce o controle por meio do consumo, não apenas limitando a ele a promessa de felicidade, mas criando um hiato entre aqueles que podem e aqueles que não podem atingi-la.

Nos confrontamos aqui com um novo modelo de subjetividade, não mais aquele da repressão neurótica moderna, mas o da desregulamentação pós-moderna. O indivíduo aqui tematizado não é mais caracterizado como detentor de um superpoder rigoroso que lhe oprimia em troca de amparo, mas sim desprovido de um superpoder regulador. Dissolvidas as barreiras que represavam sua produção desejante, encontrar-se-á agora desamparado e à deriva em um mundo que – a princípio – tudo permite e tudo promete.

Localizada no centro do contexto em que se dão tais modificações, encontrar-se-á a instituição da família. Conforme aventado em momentos anteriores de nosso trabalho, é por meio dela que o sujeito será primeiramente introduzido no mundo. Responsável pelo processo primário de socialização, caberá a ela não

⁴²¹ DELEUZE, G. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 224.

apenas oferecer o ambiente necessário ao desenvolvimento emocional primitivo, mas conferir ao infante as identificações que o dotem da bússola que orientará sua relação com a alteridade. Tendo em vista a sua historicidade, tal instituição passará por diversas crises e reconfigurações, o que, conseqüentemente, provocará efeitos diretos na produção de subjetividades. Com efeito, a psicanálise winnicottiana não deixa de carregar em seu bojo certo “paradoxo” no que tange à abordagem do tema. Se por um lado reflete sobre as mutações geradas pela revolução feminista, o advento da pílula anticoncepcional e as modificações sofridas pela estrutura familiar, por outro, ainda é devedora de um discurso que compreende a família em seu aspecto nuclear, estabelecendo uma dicotomia no que diz respeito aos papéis desempenhados pelas figuras materna e paterna.

O aspecto (supostamente) paradoxal a que nos referimos pode ser desdobrado em dois sentidos. O primeiro deles refere-se a uma visão tradicional da família, na qual as funções parentais encontram-se fundadas em aspectos biológicos. O segundo desdobramento, como veremos, embora não se encontre na letra do texto winnicottiano, pode ser inferido como resultado dos pressupostos sobre os quais é construído. Ao leitor que se debruça sobre a obra de Winnicott é oferecida uma visão sobre a intersubjetividade que valoriza sobretudo a relação diádica materno-infantil. Neste ínterim, o processo maturacional se dá de forma satisfatória quando em sua fase primitiva o ser humano é alvo daquilo que Winnicott chamou de preocupação materno primária. Como sabemos, tal preocupação, voltada à adaptação ao infante em sua fase narcísica, seria a marca de uma mãe suficientemente boa. O papel parental conferido aqui à mãe - e sua relação com uma visão tradicional da instituição familiar - pode ser mais bem compreendido à luz da maneira como Winnicott responde à pergunta: “mas e o pai?”.

A presença do pai na obra do psicanalista inglês é comumente – em leituras apressadas – percebida como dotada de pouca importância ou mesmo ausente. Tal percepção se baseia no lugar central conferido à mãe, em noções como “mãe suficientemente boa” e “preocupação materno primária”. De fato, as considerações winnicottianas que delimitam o exercício parental⁴²² compreendem não apenas que o pai exerça a função de provimento enquanto a mãe se dedica ao cuidado dos filhos, mas consideram mesmo aconselhável que a figura paterna se mantenha fora

⁴²² WINNICOTT, D.W. E o pai? In: *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

de cena nos momentos iniciais da vida do bebê. O pai é apresentado por Winnicott como uma figura auxiliar, cabendo a ele principalmente a função de conferir à mãe o amparo e sustentação para que possa atender às demandas do infante. Tal compreensão se vê fundada não apenas no pressuposto social que à época conferia à mãe os cuidados infantis, mas também no pressuposto biológico de que a mãe estaria mais habilitada ao cuidado adaptativo necessário ao infante desde a fase intrauterina, momento em que se inicia a prática do *holding* (a sustentação) materno⁴²³.

Entretanto, o texto winnicottiano nos permite um segundo encaminhamento. Isso porque o psicanalista, em mais de um momento de sua obra, não faz uma distinção de gênero em relação aos cuidados necessários ao desenvolvimento emocional primitivo do bebê, bastando ao cuidador que exerce o *holding* ser capaz de viver um processo de identificação com as necessidades do recém-nascido. Ora, se, conforme sublinha Winnicott⁴²⁴, o *holding* e o *handling* adequados pressupõem que o indivíduo rememore⁴²⁵ que em outro momento de sua existência fora um bebê, tendo sido ele próprio “cuidado em termos de confiabilidade” e protegido da imprevisibilidade, isso implica que tanto mulheres quanto homens podem desempenhar satisfatoriamente o provimento de um ambiente suficientemente bom. A despeito do contexto social em que encontra-se inserido, o psicanalista mostra-se sensível às transformações históricas que promovem uma mudança no exercício dos papéis parentais, o que o leva a afirmar que, “no que diz respeito à maternagem suficientemente boa [...] isso inclui os pais, mas estes devem me permitir o uso da palavra “maternal” para descrever a atitude global em relação aos bebês e ao cuidado que lhes é dispensado”⁴²⁶.

Podemos inferir, a partir das falas de Winnicott, que o psicanalista não ignorava as mudanças que vinham ocorrendo no contexto familiar, o que nos autoriza a expandir o cuidado materno primário a cuidado parental primário. Tal ajuste conceitual, referendado na obra de Winnicott, nos permite não apenas dar conta da

⁴²³ WINNICOTT, D.W. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.176.

⁴²⁴ WINNICOTT, D.W. A construção da confiança. In: *Conversando com os pais*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.143 e 151.

⁴²⁵ Tais lembranças se fariam indiretamente presentes na relação estabelecida entre os sonhos e a vida emocional dos pais e os anseios que nutririam em relação a seus filhos.

⁴²⁶ WINNICOTT, D.W. A imaturidade do adolescente. In: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Ubu, 2021, p.182.

reconfiguração do cuidado parental, que o torna mais democrático com uma maior participação paterna nos cuidados infantis⁴²⁷, mas também das novas configurações familiares, distantes do modelo nuclear, heterossexual e monogâmico. Ao fim e ao cabo, “um nome é só um nome”⁴²⁸, de modo que à expansão conceitual aqui proposta cumpre a tarefa de abarcar as mutações históricas implicadas nos papéis parentais. Sustentados na letra do texto, tais ajustes preservam os pressupostos sobre os quais os conceitos em questão são construídos.

A figura paterna é caracterizada pelo psicanalista não como um representante opressivo da lei (como ocorrera com Freud), mas, conforme sublinha Plastino⁴²⁹, como doador de um acolhimento amoroso e não repressivo. O pai não se presentifica como representação da lei a ser internalizada, mas sim acolhendo o gesto criativo e tolerando o ódio e agressividade infantis, na medida em que constituirá, junto à mãe, o ambiente facilitador. É a confiança na existência de um ambiente não retaliativo, receptivo à ambivalência, que proporciona à criança a segurança necessária para que constitua o seu ser enquanto indivíduo. Segurança que, na pós-modernidade, deixa de ser palavra de ordem também em função das mutações sofridas pela instituição familiar. Se dedicamos aqui espaço a essa reflexão é porque, ao tratarmos da família, restituímos valor ao fator ambiental, o qual se vê relegado a segundo plano no contexto da psicanálise ortodoxa. Refletir sobre a família em sua historicidade, portanto, é voltar-se para os fatores ambientais que agirão de forma determinante na constituição da subjetividade em diferentes épocas, compreendendo como os diferentes paradigmas psicanalíticos se debruçarão sobre a questão de forma matizada.

A despeito, então, da suposta dicotomia dos papéis exercidos pelo homem e pela mulher nos cuidados necessários ao desenvolvimento saudável primitivo, mostra-se fundamental compreender como a unidade familiar atuará na constituição da subjetividade, conferindo ao indivíduo o esteio necessário para a vida em sociedade. Com efeito, família e sociedade encontram-se mutuamente implicados, dado que a organização familiar apresenta-se como a face de uma cultura. Sua estrutura e

⁴²⁷ Já no final da década de 1960 Winnicott observava uma mudança no perfil da parentalidade, percebendo uma maior participação masculina em espaços outrora ocupado pelas mulheres.

⁴²⁸ WINNICOTT, D.W. A construção da confiança. In: *Conversando com os pais*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.151.

⁴²⁹ PLASTINO, C.A. *Vida, criatividade e sentido no pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

permanência é o resultado da interação entre seus membros e o *setting* social em que se encontram inseridos. Nesse sentido, ela pode ser vista como um círculo menor que se insere em unidades circulares cada vez mais amplas, de caráter concêntrico. Portanto, a unidade familiar se mostra como um microcosmos que compartilha do centro de gravidade sobre o qual se apoiam unidades sociais cada vez maiores. Da ampliação do microcosmos familiar resulta a sociedade como um todo, sendo esta vista como a soma de seus indivíduos. Se estes caminham em direção a um desenvolvimento saudável, constituirão uma sociedade saudável, em que a democracia se apresentará como extensão do ambiente familiar.

O próprio florescimento da democracia, por meio do qual esta possa se manter e revitalizar constantemente, demanda a existência de uma maior quantidade de indivíduos saudáveis que possam cumprir esta tarefa. Como vimos, a consciência moral é o resultado natural de uma subjetividade que, na infância mais primitiva, submetida a um cuidado parental adequado, desenvolve naturalmente uma preocupação/concernimento em relação à alteridade. Assim, não se trata de uma internalização da lei externa que coage o indivíduo a se preocupar com o outro, retraindo seus impulsos destrutivos, mas sim de uma inclinação adquirida naturalmente no seio familiar, já que funda o superego no amor e não no temor.

Ao ser introduzido no mundo externo, pressupõe-se que o indivíduo já tenha vivido falhas ambientais controladas, que paulatinamente colocaram em xeque seu narcisismo primário, submetendo-o ao princípio de realidade. É no *holding* familiar, inicialmente exercido pela mãe, que tem início o processo de tolerância às frustrações, necessário à vida em sociedade. A sustentação começa no colo da mãe, mas em seguida se mantém por meio da família e finalmente na sociedade. Quando afirmamos que indivíduo e sociedade se encontram mutuamente implicados, partimos do pressuposto de que não apenas o indivíduo produz o meio social, mas também que, dado que compartilha o mesmo vértice de grupamentos cada vez maiores, será afetado por esse meio. Portanto, estabelece-se um ciclo em que indivíduos não saudáveis produzirão uma sociedade doente como seu reflexo; e esta, por sua vez, ensejará novas subjetividades que perpetuarão naturalmente padrões comportamentais não desejáveis⁴³⁰.

⁴³⁰ Se, de fato, “tudo começa em casa”, como propõe o psicanalista, a reflexão winnicottiana nos confronta com os perigos que rondam sociedades cujas democracias se mostram paulatinamente mais desvitalizadas. Elas são seu reflexo e produzirão novas subjetividades pouco confiantes no

A discussão em torno da família, aqui apenas delineada, tem como horizonte um afastamento do paradigma freudiano, fundado na triangularidade edipiana. Resgatamos, por meio das ferramentas conceituais winnicottianas, o debate em torno de um período anterior, que, como temos visto, possui caráter fundamental na constituição do tecido social, visto que a gênese daquilo que nomear-se-á tendência antissocial se localizará justamente nesta fase. A produção de subjetividade aqui abordada se vê ancorada menos em pressupostos educacionais do que em pressupostos afetivos, pois mais se construirá com amor do que com educação. Com isso não se divisa uma romantização da constituição individual; pois por amor, forma do positivo, deve-se entender o conjunto dos cuidados que favorecerão o processo maturacional, enquanto a educação, por sua vez, se configurará como a forma do negativo, que se realiza sob normas e proibições que traduzirão os valores sociais e familiares. Uma constituição basilar fundada na positividade, por conseguinte, se verá menos devedora das imposições da negatividade, com isso prescindindo, em alguma medida, de parte das amarras de disciplina e controle presentes na sociedade.

Visando auxiliar o debate aqui proposto e clarificar ainda mais as mudanças que atravessam a instituição familiar e a subjetividade desde o nascimento da psicanálise na modernidade até a pós-modernidade, podemos lançar mão de alguns conceitos presentes no pensamento do psiquiatra e psicanalista austríaco Heinz Kohut. Retomando a tese winnicottiana de que o paradigma edipiano se mostra insuficiente para a compreensão das vicissitudes humanas, o psicanalista afirmará a necessidade de uma reavaliação da descoberta freudiana. Na mesma linhagem de Winnicott, o autor compreenderá o ser humano a partir de um olhar diferente daquele presente na psicanálise ortodoxa, pensando-o não como um ser inerentemente destrutivo, mas sim criativo. Assim como o psicanalista inglês, deslocará o escopo psicanalítico da centralidade edipiana para a constituição individual que se dá na dimensão intersubjetiva. Crítico da psicanálise em sua forma clássica, voltar-se-á, tal como Winnicott, para a formação do *self*, renunciando ao primado dos conflitos

processo democrático, o que, se levado ao limite, pode conduzir a crises cada vez mais profundas. Partindo do pressuposto de que a família proporciona a confiança nas pessoas e no mundo, indivíduos imersos em um círculo familiar que fomenta a descrença e a insegurança no outro e no mundo social, serão introduzidos na realidade externa vestidos de mecanismos defensivos que podem levá-los a reproduzir a mesma dinâmica do círculo em que foram produzidos.

pulsionais e criticando aquilo que considera ser um paradigma permeado por uma moralidade normativa.

Em *A restauração do self*⁴³¹, Kohut oferece valiosos *insights* que permitem situar as transformações vividas pela família e pela subjetividade em meio a um mundo em constante mutação. Trata-se, portanto, de uma tentativa de delinear o modo como fatores sociais e psicológicos se encontram imbricados, afetando com isso a constituição do ser enquanto parte do mundo social. Com efeito, fatores sociais que outrora geravam no indivíduo, amiúde, uma série de conflitos internos em função de uma organização social fundada na firmeza da unidade familiar, em uma vida social centrada no lar e vizinhanças, todos reflexos de uma dada codificação social, paulatinamente vão deixando de existir. Fatores sociais como a inserção da mulher no mercado de trabalho (inicialmente desencadeado pela industrialização, mas também em continuidade com as sucessivas ondas feministas), juntamente com a ausência paterna ocasionada pelas flutuações geradas pela reconfiguração do modelo capitalista, gerariam uma mudança no ambiente. Consequentemente, tais mudanças, à medida que se mostram como uma tendência, teriam certo efeito “psicotrópico”, que provocaria mudanças no psiquismo.

Na passagem da sociedade disciplinar à sociedade de controle, o âmago da questão gradativamente sofre um deslocamento, tornando-se outro. Onde outrora figurava um ambiente norteado por uma intimidade por vezes ameaçadora, uma superestimulação emocional parental e um erotismo infantil dividido entre o primado do prazer e as exigências impostas pelas proibições familiares, agora se encontrará um ambiente marcado pela distância, pela subestimulação emocional da criança pelos pais e um erotismo de natureza substitutiva, que muitas vezes visa preencher a solidão e, por vezes, um vazio emocional. Tais fatores convergem para um modelo familiar caracterizado pela ausência dos pais, cujo resultado será filhos desprovidos de um reflexo empático e da sustentação necessária à realização de suas demandas narcísicas.

A criança pós-moderna é aquela cujo processo maturacional se vê submetido às demandas externas que limitam não apenas o cuidado parental, mas também o próprio contato com outras crianças. Tal elemento, embora dotado de caráter secundário se comparado ao processo de desenvolvimento primitivo, aliado a este

⁴³¹ KOHUT, H. *A restauração do self*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

último, refletirá diretamente nas relações que ela desenvolverá na vida adulta com amigos, colegas de trabalho e família. O *self* de tal indivíduo encontra-se como que subnutrido, tornando sua vida menos colorida e rica, na medida em que seus encontros com um outro, essenciais para o desenvolvimento espontâneo do movimento criativo inato, foram escassos ou empobrecidos. Nesse caso, vemos como as demandas impostas à família pós-moderna impactará em um infante que vê sua onipotência relegada a segundo plano em sua fase narcísica.

Ao mesmo tempo, paradoxalmente, alguns pais, visando não reproduzir as condições repressivas de que foram alvos, substituirão o “não” ouvido no passado por um eterno “sim” a seus filhos, que se dá no presente primitivo infantil, mas perpetua-se indefinidamente em direção ao futuro. Com efeito, sabemos ser necessário que o ambiente seja suficientemente bom, o que significa que o cuidado e suporte não pode ser deficitário (como mencionado acima), mas, ao mesmo tempo, não pode ser excessivo. Isso ocorre, porque todo indivíduo, em dado momento de sua constituição existencial, deve viver a experiência de frustração, fator necessário para que seja introduzido no mundo. Ocorre que, como mencionado no início de nossa exposição, a subjetividade atual é em grande parte devedora de um movimento de virada da repressão à total permissividade. Esta, de fato, figurará a alguns pais como uma suposta garantia de manutenção do amor dos filhos, que de modo acessório viabiliza a eles uma satisfação narcísica secundária, visto que aos filhos é permitido tudo aquilo que lhes fora negado.

Evidentemente, não pressupomos aqui uma relação causal direta e simples da dinâmica entre fatores sociais e fatores psicológicos, tampouco que a convergência de tais fatores gere efeitos imediatos, mas sim um modelo de investigação e análise destas novas subjetividades que seja sensível aos efeitos das alterações ambientais ao longo do tempo e perceba a sua complexidade. Lançar um olhar para o modo como os fatores mencionados convergem na formação de um sujeito nos permite perceber como o cerne da questão psíquica da modernidade é deslocado da matriz edipiana para mal-estares fundados na dimensão narcísica do indivíduo. Nas famílias numerosas de outrora, com a presença de muitos filhos ou mesmo de empregados domésticos (que muitas vezes se encontravam fundidos na unidade familiar) dificilmente um bebê se veria privado de alimento narcísico ou (devido ao rigor moderno) receberia amor em excesso. Tais características resultam antes das novas

configurações familiares, formando unidades menores, com poucos filhos e a ausência de trabalhadores domésticos para dar suporte e auxílio onde porventura faltasse o cuidado parental.

Sem garantias de um meio que acolha com amor (traduzido em cuidado) e que abra espaço para que o indivíduo exerça seu ódio e agressividade nas relações familiares, não é possível que alguém “seja” efetivamente. “Ser” efetivamente significa poder expressar amor, mas também viver de modo genuíno a própria destrutividade sem que isso gere retaliação. O perigo da retaliação se encontra no fato de ela reprimir o gesto espontâneo do indivíduo, conduzindo-o a formações defensivas que o afastam de sua singularidade. Se a vivência do amor e do ódio são tão importantes, isso ocorre porque quaisquer relações familiares são atravessadas por afetos ambivalentes em relação aos pais e pressupõem lealdades e deslealdades. A vivência desta dinâmica durante a infância prepara o sujeito para que se insira no mundo, haja vista que, em diversos momentos da vida, a deslealdade em relação a algo pressupõe lealdade a si mesmo. Somente aquele que é capaz de ser fiel àquilo que é pode viver uma existência genuína e criativa, ou seja, uma existência singular pressupõe que em dados momentos o indivíduo diga “não” para um outro ou para o mundo de modo a dizer “sim” para si mesmo⁴³².

Refletir sobre tais questões é de suma relevância, não apenas porque produção social e produção desejante encontram-se mutuamente implicadas, mas também porquanto o potencial criativo – assim como o destrutivo – humano, como vemos em Kohut e também em Winnicott, encontra sua força e vitalidade por meio de um outro, através do qual se expressará nos primórdios da existência. A ausência de suporte e confiança no ambiente por meio do qual se expressará esse indivíduo seria, ela sim, a causa dos mal-estares vividos. Neste ponto, vale a pena abordarmos a distinção kohutiana entre “homem culpado” e “homem trágico”, a fim de compreender em que medida Winnicott se afasta da psicanálise tradicional, bem como melhor situar as transformações vividas pela subjetividade.

Tomando como base o modo de funcionamento da subjetividade, Kohut referir-se-á ao homem moderno definindo-o como “homem culpado”, pois, ao mesmo

⁴³² Em certa medida, isso remete à fórmula kierkegaardiana que qualifica como desesperadora a existência de um indivíduo que se vê privado de ser, autenticamente, aquilo que ele é. O tema é desenvolvido pelo filósofo dinamarquês na obra *O desespero humano*.

tempo em que se vê assaltado por suas pulsões, carrega os grilhões do medo da castração e a culpa oriunda de sua produção desejante. Trata-se de um modelo de indivíduo que, a despeito de buscar atender às demandas do princípio do prazer, sofrerá os efeitos da codificação social em suas diferentes formas. Habitado pela culpa “não só em virtude da pressão ambiental, mas sobretudo como resultado do conflito interno, muitas vezes é incapaz de alcançar seus objetivos”⁴³³. Salientemos que, conforme vimos nas críticas de Deleuze a Freud, Klein e Lacan aqui delineadas, a pressão ambiental externa é a causadora dos conflitos internos, não sendo o homem moderno naturalmente culpado, mas sim socialmente culpabilizado. Destarte, os conflitos vividos pelo sujeito culpado devem ser, por outro lado, analisados no contexto da arena do desenvolvimento social e histórico⁴³⁴, uma vez que a própria organização psíquica humana se encontra sujeita às forças do devir. O homem trágico, ao contrário de seu “antecessor”, figura como aquele que visa dar vazão à expressão vital do *self* em sua dimensão onipotente, porém, em função de alguma falha ambiental, não o fará. A ausência de um ambiente que se adapte, cedendo – mas também, em certa medida, resistindo – ao gesto criativo do indivíduo, determinará a relação do *self* com o mundo, primeiramente na vida infantil e, posteriormente, encontrando eco na vida adulta. Nesse sentido, ao homem trágico não se abate com o temor da castração, que se apresenta como ameaça àquele que ousa tocar o proibido e interdito; todavia, paira sobre ele o medo da “morte prematura”⁴³⁵, que ameaça a realização dos anseios de seu *self* nuclear, que, mais que prazer, busca triunfo e alegria.

O homem trágico (narcísico), diferentemente do homem culpado (edipiano), não teme o preço e as ameaças que se impõem à realização dos desejos na busca pelo prazer. Resultado de um ambiente marcado pela menor presença de figuras parentais que o alimentassem narcisicamente e com as quais pudesse se identificar, buscará realizar a todo custo as exigências de seu *self* nuclear, de modo a aplacar e preencher aquilo que falhou na constituição primitiva de seu ser. Embora a afirmação de que a subjetividade atual encontra-se mais próxima dos dilemas referentes ao narcisismo que da castração edipiana possa aparentar um afastamento do

⁴³³ KOHUT, H. *A restauração do self*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 111.

⁴³⁴ *Ibidem*, p.180.

⁴³⁵ KOHUT, H. *Self e narcisismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p.139.

pensamento de Freud, ela, pelo contrário, encontra-se referendada no mesmo pensamento. Visto que o psicanalista afirma a impossibilidade de situar a origem das neuroses estritamente sobre a base do complexo de castração, implicado na dinâmica edipiana, tudo indica que Freud já intuía a relevância das questões primitivas anteriores às relações triangulares. Como justificativa, afirmará conhecer “também casos de neuroses em que o ‘protesto masculino’ ou, tal como o entendemos, o complexo da castração, não tem papel patogênico ou simplesmente não aparece”⁴³⁶. O mesmo Freud, quando confrontado com o fato de que sua afirmação colocava em xeque a centralidade de Édipo enquanto complexo nuclear das neuroses, 12 anos após recuará, afirmando a Edoardo Weiss⁴³⁷ não se recordar sobre o que queria dizer com isso à época. De todo modo, deixará a questão em aberto, admitindo que, “como ainda temos uma visão muito pouco ampla nesse campo”⁴³⁸, não gostaria de se posicionar em definitivo sobre a questão.

Partindo da obra de Freud, portanto, autoriza-se e referenda-se uma nova leitura da subjetividade que se coaduna com os mal-estares oriundos não mais da castração repressiva, mas sim da carência narcísica. Nesse sentido, torna-se pertinente refletir sobre um modelo de psicanálise que se adeque às novas formas de sofrimento que se abatem sobre indivíduos de maneira mais significativa que a dinâmica edipiana. Com efeito, a subjetividade neurótica gradativamente passa a dar lugar, nos dias de hoje, àquela mais próxima do que se convencionou contemporaneamente chamar de *borderline*. O termo, que remete à noção inglesa de fronteira (*border*), é utilizado para designar casos de indivíduos cuja organização psíquica transita no território limítrofe situado entre as neuroses e as psicoses. Pensando as neuroses como um dado da repressão vinculada a conflitos pulsionais internos e a psicose como resultado das falhas ambientais externas, a subjetividade *borderline* seria aquela que transita em uma terceira zona intermediária, onde se dá uma intersecção entre o interno e o externo. Embora a utilização dessa classificação terminológica apareça de modo esparso no pensamento de Winnicott, muitas vezes,

⁴³⁶ FREUD, F. Introdução ao narcisismo. In: Obras Completas Vol. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.26-27.

⁴³⁷ Considerado o primeiro psicanalista italiano, responsável por introduzir a psicanálise no país, Weiss (1889-1970) abandonou a Itália às vésperas da Segunda Guerra Mundial, radicando-se em Chicago.

⁴³⁸ FREUD, F. À guisa de introdução ao narcisismo (1914). In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente (1911-1915)*. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 128.

conforme sublinha Armony⁴³⁹, em proximidade com as noções de psicose e esquizofrenia, o psicanalista inglês nos oferece uma caracterização nos seguintes termos:

É na análise de casos limítrofes que se tem a chance de observar os fenômenos delicados que servem de indício para compreender estados verdadeiramente esquizofrênicos. Com “casos limítrofes”, refiro-me àqueles em que o núcleo do distúrbio do paciente é psicótico, embora o indivíduo tenha organização psiconeurótica suficiente para apresentar uma psicose ou uma desordem psicossomática sempre que a ansiedade psicótica central ameace se apresentar em sua forma mais crua.⁴⁴⁰

A princípio, pode causar espanto ao leitor que se defenda estar a subjetividade atual em sintonia com dados que remetem a termos como psicose e esquizofrenia, os quais popularmente encontram-se compreendidos e referenciados à loucura. Tal assombro pode ser dirimido se tivermos em mente que Freud jamais pressupôs que seria possível ao indivíduo assim dito saudável viver completamente ausente de um comportamento psiconeurótico. O mesmo pode se aplicar à psicose, haja vista a existência de um largo espectro que configura estados que se encontram desde um espectro brando associado à saúde até uma forma de organização que aponta para a doença. É preciso salientar que, tal como ocorre com as neuroses e com as psicoses, em que se percebe uma escala de nuances que vai da normalidade ao funcionamento patológico, o mesmo se dá analogamente com o caso borderline. Quando nos referimos aqui à normalidade, apontamos para um certo grau de funcionamento do psiquismo adequado às demandas do mundo social e que, portanto, refere-se a um indivíduo que maneja suas questões internas satisfatoriamente face às exigências que se colocam à convivência com o outro. Sobre o assunto, Winnicott comentará ser perceptível haver

uma gradação da normalidade não somente no sentido da neurose, mas também da psicose, e que a relação íntima entre depressão e normalidade já foi ressaltada. Pode ser verdade que há um elo mais íntimo entre normalidade e psicose do que entre normalidade e neurose; isto é, em certos aspectos. Por exemplo, o artista tem a habilidade e a coragem de estar em contato com os processos primitivos aos quais o neurótico não tolera chegar, e que as pessoas sadias podem deixar passar, levando ao próprio empobrecimento.⁴⁴¹

⁴³⁹ ARMONY, N. Borderline e espaço potencial winnicottiano. In: *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.

⁴⁴⁰ WINNICOTT, D.W. O uso de um objeto e a relação por meio de identificações. In: *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu, 2019, p.142-143.

⁴⁴¹ WINNICOTT, D.W. Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica? In: *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. São Paulo: Ubu, 2022, p.166-167.

Na verdade, as palavras de Winnicott remetem a uma relativização da própria noção de normalidade, dado que ao longo de seus textos o autor não faz uma distinção clara e absoluta entre a saúde e a não-saúde, admitindo ser a psicose algo que possa ser vivido mesmo por um indivíduo são. Embora partamos do pressuposto de que todo indivíduo vive integrado e, de posse do próprio corpo, sente que o mundo se apresenta como algo real, mesmo a sanidade pode ser sintomática, visto que qualquer um está sujeito à experiência de uma série de medos profundos, ligados, por exemplo, à negação da loucura ou mesmo à falta de realidade do mundo. Como ilustração desta dinâmica, pode-se apontar uma situação que é vivida por todos em diferentes momentos da vida: a privação de sono e seus efeitos. Tal como apontado por Winnicott⁴⁴², dependendo de sua escala, aquela pode atuar como um gatilho para despertar um tipo de experiência que coloca o ser humano em contato justamente com esses tipos de medos primitivos⁴⁴³. Portanto, mesmo um indivíduo saudável pode se ver envolvido pela psicose, sendo que esta é “muito mais próxima da terra e diz mais a respeito aos elementos básicos da personalidade e da existência humana do que a psicose”⁴⁴⁴.

Um outro encaminhamento que nos permite diferenciar de modo mais preciso a normalidade psicótica da neurótica e, portanto, a reboque, nos fornecer coordenadas para uma normalidade *borderline* diz respeito à aquisição daquilo que Klein nomeou posição depressiva e que, conforme vimos, Winnicott chamará de estágio de concernimento. Com efeito, se espera que o resultado de uma provisão adequada conduza o bebê à integração em relação com uma mãe inteira, porém tal desfecho não é necessário, sendo possível, portanto, que tal estágio não seja atingido⁴⁴⁵. O que ocorrerá então? Ora, ao mesmo tempo em que é possível que isso resulte em doença, o bebê pode simplesmente seguir sem atingir este momento do

⁴⁴² WINNICOTT, D.W. Desenvolvimento emocional primitivo. In: *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu, 2021, p.289.

⁴⁴³ Com efeito, é sabido que a privação de sono pode gerar efeitos como o sentimento de irrealidade, instabilidade emocional, depressão, ansiedade, medo, raiva, tensão, perda de energia, piora cognitiva e tantos outros. (C.f. MULLER, M.R. & GUIMARÃES, S.S. *Impacto dos transtornos do sono sobre o funcionamento diário e a qualidade de vida*)

⁴⁴⁴ WINNICOTT, D.W. The effect of psychosis on family life. In: *The Family and Individual Development*. London: Routledge, 2006, p. 93.

⁴⁴⁵ Destaquemos que, de modo geral, nos casos em que falha a aquisição natural do concernimento ligado ao sentimento moral, far-se-á necessária a introdução do código moral. Porém, conforme a experiência nos atesta, uma socialização constituída sobre as bases do dever, da obrigação e da norma parece não ser dotada da mesma estabilidade daquelas construídas sobre o sentimento de alteridade.

processo maturacional. A normalidade aqui estaria ligada ao bebê capaz de seguir, por si só, “recriando magicamente”⁴⁴⁶ a reparação e a restituição associadas ao estágio de concernimento.

Tal movimento, se transposto para o modo de funcionamento normal do indivíduo *borderline*, indicaria uma capacidade de reinventar, seja no contexto social ou pessoal, uma condição de onipotência (não plenamente vivida na primeira infância), de modo a garantir relações interpessoais satisfatórias. Por meio de uma ponte entre mundo interno e externo, é como se uma projeção sobre o ambiente – e, conseqüentemente, sobre as pessoas que nele habitam – permitisse ao indivíduo aceitar o que naquele há de bom, mediando suas relações. Onde Winnicott destaca a capacidade do artista e do pensador criativo⁴⁴⁷, que habilmente vivem processos de socialização satisfatória, a despeito de uma precária capacidade para compreender ou mesmo sentir a culpa, alargaríamos tal espectro, sob uma única categoria, de “indivíduo criativo”. Tal indivíduo, a despeito das condições que o privaram da aquisição plena do concernimento, empregando sua potência criativa, não deixaria de ser, em certa medida, um artista, haja vista que no processo de “recriação mágica” das condições necessárias a uma existência plena e satisfatória, constituiria a própria vida em uma espécie de obra de arte.

Como podemos depreender das últimas falas de Winnicott, um funcionamento da personalidade dentro de uma gradação normal da psicose colocaria o indivíduo em contato com o âmago de si mesmo. Nesse sentido, o artista seria por excelência aquele que entra em contato com o recôndito de seu ser. A potência da arte se mostra através de uma figura capaz de navegar por territórios onde outros não se aventuram. O artista é aquele que não apenas coloca a favor de sua produção a capacidade de traduzir e “recriar magicamente” o mundo a partir do modo como afeta e é afetado pelas intensidades que nele circulam, mas também a partir do modo como é afetado pelo contato com os sentimentos e sensações que derivam de seu *self* primitivo. De fato, como temos visto ao longo de nosso trabalho, a psicanálise desde Freud reservara um espaço que privilegia a figura do artista, tratando-o como uma espécie de herói criador, capaz de transitar em direção ao mundo da

⁴⁴⁶ WINNICOTT, D.W. A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. In: *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu, 2021, p.441.

⁴⁴⁷ WINNICOTT, D.W. Psicanálise e o sentimento de culpa. In: *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. São Paulo: Ubu, 2022, p.30.

onipotência subjetiva e de volta à realidade objetiva, sujeita à codificação social.

Ele é caracterizado como aquele que:

se afasta da realidade por não poder aceitar a renúncia à satisfação dos instintos que ela inicialmente requer, e *concede a seus desejos eróticos e ambiciosos inteira liberdade na fantasia*. Mas encontra o caminho de volta desse mundo de fantasia para a realidade, ao transformar suas fantasias, por meio de dons especiais, em realidades de um novo tipo, valorizadas pelos homens como reflexos preciosos do real.⁴⁴⁸

Portanto, o artista não é aquele que vive um descolamento da realidade, mas sim alguém que subverte a codificação social por meio do transitar em um espaço potencial onde entra em contato com um campo de virtualidades. Na esteira de Deleuze, diríamos que trata-se da figura nômade capaz de empreender tal viagem de modo a captar e traduzir os fluxos desterritorializados do devir, ainda não codificados pelas instituições (inclusive a instituição psicanalítica, normatizadora e normalizadora, incapaz de tolhê-lo de seu impulso criador). Disso decorre que, ao mesmo tempo em que serão amados (dado que dão luz a algo referente ao campo do desejo), muitos serão considerados malditos⁴⁴⁹ (por confrontarem não apenas as instituições, mas também os outros indivíduos com sua própria produção desejante) no processo de engendramento de novas formas de existência⁴⁵⁰.

Para Winnicott, “se formos de fato apenas sãos, então seremos decididamente pobres”⁴⁵¹, pois a plena sanidade implicaria um menor contato consigo mesmo. O excessivo apego à realidade objetiva surge aqui como índice de empobrecimento individual, pois aparta o indivíduo de seu mundo subjetivo, privando-o de uma abordagem criativa no contato que trava com o mundo. Nesse sentido, a defesa da ausência de uma linha bem definida separando saúde e estado esquizóide (característico da subjetividade borderline) se funda na compreensão de que é possível viver uma vida satisfatória e criativa neste estado do mesmo modo que é

⁴⁴⁸ FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In: *Obras Completas* Vol. IX. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 86.

⁴⁴⁹ Lembremos que, conforme argumentamos em momentos anteriores de nosso trabalho, autores como Masoch, Sade, Proust e tantos outros põem às claras não apenas o choque entre desejo e instituição, mas também o choque entre o indivíduo e si mesmo, na relação travada por ele com seus próprios desejos.

⁴⁵⁰ Voltaremos a este tema adiante, quando tratarmos da proposta esquizoanalítica no contexto da produção de subjetividades.

⁴⁵¹ WINNICOTT, D.W. Desenvolvimento emocional primitivo. In: *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu, 2021, p.290.

possível viver a doença em uma vida plenamente ancorada nas imposições e exigências da realidade⁴⁵². Dito de outro modo, não apenas é possível viver certo desapego da realidade de modo saudável, mas também é desejável, visto que isso possibilita um trânsito constante na dimensão do brincar, cujos alicerces encontram-se na criatividade humana. Tal visão vai de encontro à proposta de Deleuze e Guattari de uma valorização da esquizofrenia enquanto processo, já que esta permite uma ampliação dos encontros, uma transgressão de limites por meio de um emprego da criatividade que permita ir para além das prisões normativas (sociais, familiares, eróticas) que submetem os indivíduos.

Nahman Armony também buscará ampliar e potencializando o pensamento do psicanalista inglês, enxergará a aquisição de uma capacidade onde Winnicott vê uma organização que resulta de falhas ambientais. Segundo Armony, existe no *borderline* normal (que chamará de brando) algo mais que a mera possibilidade de uma vida satisfatória, pois esta forma subjetividade, quando “peneirada de seus sintomas”, encerra a potência de um novo modo de relacionar-se com o outro e com o mundo⁴⁵³. Vítima de identificações parentais insuficientes, ocasionadas pelas modificações na estrutura familiar anteriormente abordadas, o *borderline* mostrar-se-á em diferentes gradações, caracterizadas por uma vasta sintomatologia. Winnicott nos oferece uma visão particularmente esclarecedora do processo de identificação ao evocar a dinâmica da relação materno-infantil⁴⁵⁴. As relações de identificação têm sua gênese a partir de reflexos primitivos, como quando a mãe sorri e o bebê devolve um sorriso ou, progredindo em direção a formas cada vez mais complexas, no ato especular, em que, ao sugar o seio da mãe, o bebê dirige seu dedo à boca daquela, procurando alimentá-la. Com efeito, a paulatina complexificação dos processos de identificação, geram uma experiência de mutualidade⁴⁵⁵, colocando o bebê em sintonia com as figuras parentais, o que conferirá a ele a ferramenta que lhe permitirá lidar com os sentimentos oriundos da frustração de sua onipotência abalada.

⁴⁵² WINNICOTT, D.W. A criatividade e suas origens. In: *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu, 2019, p.110-111.

⁴⁵³ ARMONY, N. *Borderline: uma outra normalidade*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

⁴⁵⁴ WINNICOTT, D.W. Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. São Paulo: Ubu, 2022, p.113-115.

⁴⁵⁵ A experiência de mutualidade foi abordada no capítulo um de nosso trabalho.

A despeito das diferentes nuances que na literatura psicanalítica classificam o *borderline* de variadas formas, conforme seus sintomas, entre a saúde e a doença, grosso modo poderíamos separá-lo em dois grandes grupos que resultarão de diferentes vivências de um processo identificatório deficitário: o *borderline* mais próximo da psicose (patologia) e o mais próximo da neurose (normalidade). Os dois casos podem ser vistos como paradigmáticos se tomarmos como base seu grau de adaptação ao mundo social a partir dos modos como utilizam suas valências identificatórias abertas. Estas remetem à manutenção de um conjunto de características que apontam para aspectos próprios da infância, como “curiosidade, alegria, prazer, empatia, necessidade de identificação não apenas mental, mas principalmente psicossomática”⁴⁵⁶.

Portanto, a normalidade ou a patologia *borderline* encontram-se associadas à forma como o vazio identificatório, aqui compreendido em uma acepção positiva como um campo de efetuação de possibilidades, será preenchido. Com efeito, a configuração patológica carregará a marca de um indivíduo que projetará nas relações interpessoais o anseio pelas figuras parentais ausentes de sua infância mais primitiva, depositando nelas a expectativa de realização de sua onipotência mitigada. Confrontado com a impossibilidade de consecução de seus desejos, tal indivíduo poderá viver sentimentos como solidão, depressão, sensação de abandono, ansiedade e tantos outros que possam resultar da frustração oriunda das demandas que não encontraram resposta. Por outro lado, a configuração próxima à normalidade favorecerá o indivíduo com uma capacidade ímpar para manejar as insuficiências na constituição de seu *self*, navegando em sua abertura identificatória mutável, de modo a manter-se aberto aos fluxos do devir.

Nesse contexto, insere-se o indivíduo *borderline* em um funcionamento tido como normal, pois um suporte ambiental deficitário não o incapacitou, mas, a partir de valências identificatórias abertas, tornou-o maleável e adaptável às exigências postas pelas relações interpessoais, como também aquelas impostas pelo mundo pós-moderno. Disso não se depreende um processo desprovido de mal-estar e sofrimento, na medida em que, a despeito de sua capacidade de adaptação, o *borderline* normal ainda se encontra sujeito aos afetos vividos em virtude de sua onipotência

⁴⁵⁶ ARMONY, N. Borderline, identificação e subjetividade pós-moderna. In: *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.

mitigada. Porém, dada a sua maleabilidade e adaptabilidade, será capaz de superar criativamente os dissabores colocados à sua subjetividade.

Trata-se de um indivíduo que se encontra entre os extremos da completa existência e a total ausência de provisão ambiental. Embora tenha recebido cuidado, este ainda não pode ser considerado o ideal para que tenha vivido um processo identificatório pleno com as figuras parentais, o que conduz tal indivíduo à ausência de um ideal de ego sólido e a uma experiência de desamparo causada por uma insuficiência afetiva. A isso responderá com um estreitamento dos laços e por vezes com a busca de figuras substitutivas que lhe aplaquem a carência afetiva. Dotado de um superego flexível (ao contrário do neurótico moderno), este típico sujeito da modernidade líquida encontrar-se-á por vezes perdido e solitário em um mundo que apresenta uma série de possibilidades, mas sentirá dificuldades em lidar com os sentimentos de frustração, dado que nele, ao contrário do neurótico, a onipotência não é reprimida, mas se presentifica.

Ao mesmo tempo, quando desprovido de sintomas limitantes, a fluidez de sua personalidade permitirá a ele, tal como um líquido que se adapta ao recipiente em que se encontra inserido, que promova em si as adaptações necessárias ao mundo em constante mutação da contemporaneidade. Sua subjetividade porosa permite um processo de identificação não apenas com outros psiquismos, mas também com as próprias exigências do mundo material que o circunda, tornando-o capacitado a lidar com as idiossincrasias das relações interpessoais (familiares, amorosas, de amizade) do mundo líquido, e também a se colocar em sintonia com o mundo do trabalho, natural e cultural. Portanto, as valências identificatórias abertas do *borderline* menos incapacitam-no para o contato com o mundo do que o dotam de uma subjetividade rizomática, aberta e permeável. Mais do que a unidade, trata-se de uma forma de subjetividade que abre linhas de fuga para uma multiplicidade de encontros.

Tal capacidade do *borderline* pode ser melhor compreendida à luz da noção de identificação dual-porosa proposta por Armony, partindo de referenciais psicanalíticos e da filosofia bergsoniana. Tal forma de identificação não se limita ao âmbito do psíquico, mas estende-se para além dele, abarcando o mundo material como um todo. A espécie de identificação aqui tratada ultrapassa e aprofunda o vínculo que se dá entre dois indivíduos visto que extrapola qualquer noção de

complementaridade e concordância entre eles, estabelecendo um espaço intermédio onde as trocas constantes, mutáveis e intensivas dissolverão a distinção entre os indivíduos implicados na relação. Ela pressupõe não apenas a eliminação da dicotomia eu-outro (implicada nas noções de concordância e complementaridade) em prol de uma unidade múltipla, mas também interno-externo, já que a relação identificatória se dará num espaço fronteiro de sintonia da mutualidade. Portanto, trata-se de um encontro de dois psiquismos que se afetarão mutuamente, dois corpos vibráteis que entrarão em uma mesma frequência e que através do compartilhamento de uma sintonia formarão uma díade. Tal identificação remete à dinâmica de corpos descrita por Rolnik quando afirma:

no encontro, os corpos, em seu poder de afetar e serem afetados, se atraem ou se repelem. Dos movimentos de atração e repulsa geram-se efeitos: os corpos são tomados por uma mistura de afetos. [os movimentos] só são apreensíveis por seu olho vibrátil, ou melhor, por todo aquele seu corpo que alcança o invisível. Corpo sensível aos efeitos dos encontros dos corpos e suas reações.⁴⁵⁷

Com efeito, as trocas psíquicas pensadas nos termos da identificação dualporosa remeterão à ampliação da experiência de mutualidade que caracterizamos anteriormente, em nosso primeiro capítulo. Isso porque, se anteriormente tratamos da sintonia entre dois psiquismos circunscritos ao contexto da vida erótica criativa, agora cumpre alargar o espectro anteriormente abordado de tal noção, compreendendo-a como uma identificação em devir que permitirá ao *borderline* normal efetuar trocas proveitosas não apenas com outros psiquismos, mas também em sua relação com o mundo. Tal relação pode ser compreendida com o recurso à noção de intuição presente no pensamento de Bergson. Em sua *Introdução à metafísica*, o filósofo francês caracteriza a intuição como a capacidade de simpatizar com um objeto, “pela qual nos transportamos para o interior de um objeto para coincidir com o que ele tem de único”⁴⁵⁸. De fato, o termo simpatizar é bastante apropriado para descrever a relação entre psiquismos aqui abordada, pois remete etimologicamente aos correspondentes grego *sympatheia* e latino *sympathia*, que designarão um estado de comunhão, de participação, de conformidade, de compartilhamento

⁴⁵⁷ ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2011, p.31.

⁴⁵⁸ BERGSON, H. *Introdução à metafísica*. In: *Os pensadores*, Vol. XXXVIII. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p.20.

de afetos ou mesmo uma compatibilidade entre corpos ou estados. Isso permite uma aproximação da intuição bergsoniana (*simpatia*) não apenas do domínio psíquico, mas, secundariamente, da materialidade como um todo, haja vista a possibilidade de que ambas as realidades sejam passíveis de apreensão por meio dela. Alargando, portanto, a noção, o filósofo a compreenderá como:

principalmente o conhecimento íntimo do espírito pelo espírito, subsidiariamente *o conhecimento, pelo espírito, do que há de essencial na matéria*, uma vez que a inteligência fora feita sobretudo para manipular a matéria e consequentemente para conhecê-la, mas não para tocar-lhe o fundo.⁴⁵⁹

A intuição refere-se então a um estado de sintonia com a mobilidade viva de todas as coisas, ultrapassando o humano em direção a todo o mundo natural. Portanto, a identificação dual-porosa remete à sensibilidade do encontro com outros corpos, em sua capacidade, como já dissemos, de afetar e ser afetado por outros psiquismos, como também em seu contato com blocos de corpos sociais, animais, vegetais, do mundo orgânico e inorgânico. O *borderline*, nesse sentido, quando despidido das configurações sintomáticas e no exercício da identificação dual-porosa, mostra-se habilitado a mobilizar suas valências abertas em prol de um manejo criativo de uma pós-modernidade em estado de permanente mutação. Em termos winnicottianos, tal operação corresponderia à expansão da mutualidade⁴⁶⁰, que possibilitaria ao indivíduo uma forma de comunicação firmada na experiência de intimidade com a realidade circundante em seu devir próprio. Isso se tornará possível na medida em que sua sensibilidade e criatividade permitirão que, por meio do esforço de imaginação mencionado por Bergson, possa situar-se em meio aos fluxos do devir. Se tal apreensão do espírito do tempo mostra-se possível, isso ocorre porque Bergson observa na própria materialidade um interior ou “estados de alma” passíveis de serem conhecidos via intuição.

Partindo de tais referenciais, a subjetividade *borderline* carregaria então em si a marca da contemporaneidade, pois esta é uma época que carrega em seu bojo não mais a busca por indivíduos limitados à atuação mecânica e protocolar afinada de modo limitado a um conjunto de regras. A educação contemporânea carrega em

⁴⁵⁹ BERGSON, H. Introdução à metafísica. In: *Os pensadores*, Vol. XXXVIII. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 39, nota 6, itálico nosso.

⁴⁶⁰ WINNICOTT, D.W. A experiência mãe-bebê de mutualidade. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1994.

si tal reflexo, posto que não mais priorizará a disciplina e o respeito rígido a hierarquias disciplinares, mas prezará pelo enaltecimento da atividade criativa e das formas de pensamento “fora da caixa”. Tal modelo educacional é reflexo de um capitalismo que busca adaptar-se às constantes mutações do mercado, afinando-se não apenas com novas formas de produção de desejo, mas também com novas formas de realizá-los. Nesse sentido, a formação educacional deve estar em harmonia com as novas exigências impostas ao mundo do trabalho, no qual valorizar-se-á o indivíduo criativo, versátil, capaz de entrar em sintonia com as exigências do espírito de seu tempo. Com isso, evidencia-se a dupla implicação entre indivíduo e mundo social presente no pensamento de Winnicott, pois percebemos como na prática as mutações do capitalismo implicarão em modificações na sociedade, na família e, portanto, na produção de novas subjetividades. Inversamente, veremos como tais subjetividades porosas, mutantes e em constante transformação atuarão impo-nto elas mesmas ao sistema capitalista a necessidade de um constante processo de reconfiguração para acompanhar o fluxo das mudanças subjetivas.

Embora a contemporaneidade já não carregue em si a marca do recalque responsável por produzir na modernidade indivíduos culpados, como havia vaticinado Deleuze, no que diz respeito à sociedade capitalista, esta sempre estará em busca de novas armas que se constituam em formas de controle. A despeito da subjetividade *borderline* carregar em si a potência de características como “inquietude, flexibilidade, criatividade, sensibilidade, empatia, permeabilidade [e] a capacidade de detectar os mínimos movimentos do inconsciente pessoal, coletivo e cultural”⁴⁶¹, que lhe permitirão “surfear” de modo “desculpabilizado” nos movimentos fluidos da contemporaneidade, nesta, sub-repticiamente, as renovadas armas do capitalismo darão novos contornos à noção de culpa. Nesse sentido, se por um lado compartilhamos da leitura de Armony, que percebe no *borderline* “brando” um indivíduo potencialmente dotado de um modo de vivência e comunicação criativa que o colocam em sintonia com as exigências de um mundo fluido e por vezes caótico, ao mesmo tempo, guardamos sérias reservas em relação ao modo como compreende o “estar no mundo” do *borderline*. Expliquemos.

⁴⁶¹ ARMONY, N. Borderline, identificação e subjetividade pós-moderna. In: *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013, p.72.

Como vimos, o *borderline*, em função de suas carências identificatórias, mostra-se como um indivíduo dotado de um superego maleável, dúctil, pois não vive os mecanismos de recalque e repressão. Dado que não se mostra regido por uma instância modelar que impõe, por meio da autoridade introjetada, um modo de existência, sua vida, ao contrário do neurótico moderno, não carregará a marca onipresente da culpa. Esta se apresenta como o grande índice da subjetividade neurótica da modernidade, pois caracteriza um indivíduo que se via submetido às demandas superegóicas e que, ao se mostrar incapaz de atendê-las, vivia o sentimento de culpa.

O mesmo não acontece com o *borderline*, resultado de uma sociedade em que a família viveria supostamente um estado de desordem⁴⁶². Ao contrário do neurótico, que vive a repressão, este indivíduo viverá um processo de cisão, que constituirá diferentes eus desejantes. Para Armony (e aqui concordamos parcialmente com ele), a marca dessa subjetividade seria menos a culpa⁴⁶³ do que a vergonha⁴⁶⁴. A vergonha acometeria um indivíduo que se vê confrontado pelo outro em função de algum comportamento inadequado. Isso ocorre pois se trata de um sujeito que, desprovido da aprovação das figuras parentais, a buscará no ambiente em que se encontra inserido. Portanto, se a culpa neurótica encontra sua origem na dimensão interna, a vergonha do *borderline* é resultado da relação travada com a realidade externa.

Por outro lado, somos reticentes em relação à presença de linhas de fuga que granjeiem ao *borderline* a capacidade de escapar das formas de controle geradoras de culpa. Melhor dizendo, sua subjetividade rizomática dota-o da potência criativa necessária para driblar as amarras do controle, mas isso não se dá necessariamente na realidade. Concomitantemente, apesar de não ter alcançado de modo satisfatório a fase de concernimento que conduziria ao natural surgimento de um superego fundado no sentimento de autoridade, trata-se de um indivíduo que, a despeito de estar

⁴⁶² Pensamos que tal visão, defendida por Roudinesco na obra “A família em desordem”, se mostra pouco adequada à compreensão da instituição familiar em sua historicidade, dado que carrega em seu bojo critérios valorativos que servem de embasamento à caracterização realizada pela autora do que seja “ordem” e “desordem”.

⁴⁶³ ARMONY, N. Bem-estar e mal-estar do homem moderno e pós-moderno. In: *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.

⁴⁶⁴ ARMONY, N. Confrontando Winnicott com os azares da hipermodernidade. In: *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.

livre do recalque e da ação castradora e impiedosa superegóica, ainda estará submetido à codificação moral imposta socialmente⁴⁶⁵.

Do mesmo modo que a subjetividade foi confrontada com as mutações capitalistas que delinearão historicamente sua forma de mal-estar ao longo da sociedade disciplinar descrita por Foucault e da sociedade de controle descrita por Deleuze, a ela agora são colocados os desafios da “sociedade do cansaço” descrita pelo filósofo sul coreano Byung-Chul Han⁴⁶⁶. Nela, o *borderline* é submetido à culpa por uma via secundária, indireta, originada nem totalmente dentro nem totalmente fora de si. Nesse sentido, discordamos de Armony, pois embora a culpa se origine de uma fonte diferente daquela que marca a subjetividade neurótica, ela, ainda que de modo diferenciado e por outras vias, faz-se presente. Mesmo que a culpa não se apresente como um traço distintivo nos casos fronteiros, neles pode ser localizada sua marca, visto que os indivíduos estão submetidos na contemporaneidade a novas formas de assujeitamento.

Com efeito, a sociedade do cansaço é a nova arma capitalista aplicada no processo de sujeição e controle do indivíduo. Em seu processo de mutação histórica, vemos que os diferentes modelos de sociedade carregam diferentes graus de negatividade. A sociedade disciplinar foucaultiana é por excelência a encarnação do não, na medida em que se constrói com base na repressão. Nela, indivíduos devedores de obediência eram vigiados constantemente, sendo os desvios de conduta punidos em casos de transgressão. A sociedade de controle mostra-se como um momento de transição, onde a solidez dos moldes dá lugar às modulações, onde o controle ainda é exercido por meios de ferramentas externas como as variações salariais. Ora, se do corpo fabril unificado da sociedade disciplinar passamos à fragmentação empresarial da sociedade de controle, na sociedade do cansaço o outrora empregado passa a ser empresário de si mesmo. Não nos enganemos, pois a ilusão de maior liberdade é a mesma vista na passagem de Foucault a Deleuze.

⁴⁶⁵ Lembremos que, para Winnicott, onde faltou amor na edificação individual e natural, entrará a imposição social artificial. Como sabemos, todo indivíduo deverá abrir mão de uma parcela de sua criatividade de modo a inserir-se na sociedade. Uma vida colorida, preta de significado, pressupõe uma vivência criativa, mas não exclui que parte dessa criatividade seja sacrificada em alguma medida de modo a atender às demandas da sociedade. Ademais, quando falha o ambiente facilitador que conduza à aquisição de uma capacidade moral própria, resta o recurso à educação moral.

⁴⁶⁶ HAN, B-C. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.

Na sociedade do cansaço, vive-se uma cultura do desempenho e da produção. A violência e mal-estar se coloca associada a indivíduos que, considerados os únicos responsáveis pelo próprio sucesso ou fracasso, submeter-se-ão à vivência de males como ansiedade, da hiperatividade e da síndrome de *burnout*. O sujeito da obediência paulatinamente cede espaço ao sujeito do desempenho que, submetido a um discurso de positividade e produtividade, viverá o cansaço e o esgotamento oriundos da constante e renovada necessidade de inovação. Discursos de ação produtiva como o slogan “Yes, we can!”,⁴⁶⁷ do ex-presidente estadunidense Barack Obama, o “just do it”,⁴⁶⁸ da gigante norte americana Nike, ou mesmo os mais recentes lemas de programação mental como “eu quero, eu posso, eu consigo”, figuram como exemplos das novas ferramentas de sujeição na contemporaneidade.

Para atender a tais demandas, a vida contemplativa cede espaço à vida hiperativa, onde os indivíduos são submetidos à lógica da multitarefa. Esta, tão valorizada na sociedade capitalista como uma capacidade de realizar várias atividades simultaneamente (favorecendo implicitamente a lógica da produção), amplia a atenção do sujeito, mas cobra o preço da ausência de profundidade. O sono e o tédio, no passado valorizados como ferramentas para o descanso físico e mental, são agora submetidos a uma nova concepção de trabalho. O ócio contemplativo, que no passado era valorizado e sobre o qual foram erigidas as artes e as conquistas da cultura, passa a ser compreendido como tempo perdido. Ganhando conotação negativa e sendo compreendido como tempo perdido, dará lugar à valorização do negócio⁴⁶⁹.

Empresário de si mesmo e único responsável pelo próprio sucesso e felicidade, o sujeito da contemporaneidade é, portanto, convencido de que o fracasso guarda pouca relação com perspectivas sociais ou culturais, sendo apenas responsabilidade individual. Submetido a tal lógica, viverá o cansaço e o esgotamento.

⁴⁶⁷ “Sim, nós podemos!”

⁴⁶⁸ “Simplesmente faça”.

⁴⁶⁹ Etimologicamente, a palavra negócio remete a *negotium*. Formada pelos prefixos *neg* (do latim *negare*) e o termo latino *otium* (que remete a ócio), a palavra indica a negação do ócio atrelada à atividade produtiva. O termo traduz aquilo que entre os gregos era chamado de *scholé*, cujo significado é tempo livre. Ambos os termos remetem a uma compreensão do trabalho que predominou na Antiguidade e na Idade Média, que o pensava como uma atividade inferior que afastava o indivíduo da atividade intelectual e contemplativa. Na modernidade, o trabalho ganhará uma nova conotação, remetendo à negação do ócio e do tempo livre como condição *sine qua non* para o desenvolvimento produtivo. O tempo livre (*scholé*) necessário às atividades intelectuais, passa a ser enaltecido apenas no momento específico da formação educacional formal do indivíduo, na escola (termo derivado de *scholé*).

Hiper estimulado e sujeito à (suposta) necessidade de estar sempre “atenado”, não será capaz de acompanhar a velocidade da informação, o que o levará muitas vezes ao sentimento de incapacidade, de estar aquém das demandas do mundo. Ansioso por viver a sensação de incapacidade diante da impossibilidade de acompanhar o ritmo da realidade circundante, cairá na tristeza e na depressão, resultados de seu sentimento de inadequação.

Da metaestabilidade apontada por Deleuze na sociedade de controle, responsável por conduzir os indivíduos a um processo em que nada se termina, um estado de modulação contínua em que viver-se-ia uma “moratória eterna”, emerge uma nova estabilidade, fundada na crença da onipotência individual, em que os sujeitos agora são entendidos como responsáveis pela própria felicidade. À impossibilidade de estabelecimento de um projeto de vida, anunciada por Bauman como marca de uma modernidade líquida em processo de constante em mutação, contrapõe-se agora um projeto fundado exclusivamente na vontade individual. Da proibição fundada no mandamento e na lei, a liberdade de criar para si um projeto de vida erigido sobre a própria iniciativa e motivação.

Portanto, a forma de controle ganha novas nuances. Se outrora ouvia-se a voz do pai internamente, castrando a subjetividade da potência de sua produção desejante e submetendo o indivíduo aos ditames da disciplina, o novo artil da sociedade capitalista se mostra na voz econômico-social que, internamente, compele o indivíduo a buscar novas formas de se tornar mais produtivo. Ainda que o *borderline* não viva a opressão de um superego solidamente consolidado, nele ainda ecoará a voz do mercado. Nesse sentido, Deleuze anunciara no início da década de 90 que a revolução tecnológica havia contribuído para a transição à sociedade de controle. Em uma evolução tecnológica que carregava em seu bojo uma mutação do capitalismo, as máquinas simples, com suas alavancas e roldanas, haviam cedido espaço aos computadores. Em sua reflexão, Deleuze ponderou sobre os perigos de tal tecnologia, sem antever que o vírus mais nocivo que poderia carregar era o próprio vírus da produtividade. Com efeito, este vírus conduz a uma nova mudança tecnológica, que permitirá ao indivíduo ampliar sua capacidade de produzir à enésima potência, agora através de um aparato que cabe na palma de sua mão.

Na sociedade do desempenho contemporânea, as telas dos telefones celulares carregam para muitos a promessa de sucesso. Novos empreendedores, patrões

de si mesmos, cabe agora a cada um determinar a medida do próprio êxito, com base no tempo aplicado em um universo que, em todas as acepções, “cabe em seu bolso”. A expressão “tempo é dinheiro” ganha nova roupagem, em uma constelação de aplicativos que prometem lucratividade àqueles que aceitem se alienar na atividade produtiva. Opções não faltarão aos que almejem o sucesso, desde que compreendam que este será proporcional ao seu empenho. Na equação da sociedade atual, empenho é igual a desempenho. Estar ocioso implica em renunciar à promessa de felicidade, e com isso o viés contemplativo que Nietzsche sublinhara como necessário à vida humana paulatinamente se perde. Em seu diagnóstico da modernidade podemos ver o próprio germe daquilo que será o índice característico de uma atualidade na qual a *vita activa* norteia a concepção de sucesso e felicidade:

é como se as estações do ano se seguissem com demasiada rapidez. Por falta de tranquilidade, nossa civilização se transforma numa nova barbárie. Em nenhum outro tempo os ativos, isto é, os intranquilos, valeram tanto. Logo, entre as correções que necessitamos fazer no caráter da humanidade, está fortalecer em grande medida o elemento contemplativo.⁴⁷⁰

Alheio a qualquer forma de tédio e empenhado em seu projeto de vida, o homem contemporâneo o converte em um projétil contra si mesmo, tornando-se cansado, queimando de dentro para fora (*burnout*), chegando próximo do esgotamento. Isso ocorre em função da ilusão de onipotência com a qual os indivíduos são confrontados a todo tempo mundo digital. Nele, desprovido do princípio de realidade, ganha forma o espetáculo descrito por Guy Debord, em um desfile de positividade. Reino da onipotência, o mundo digital é o território em que circulam fábulas de felicidade, sucesso, vidas excitantes e onde reina incondicional o paradigma do olhar e ser visto. Como aponta Han, “o ego pós-moderno emprega grande parte da energia da libido para si mesmo. O restante da libido é distribuído em contatos sempre crescentes e relações superficiais”⁴⁷¹. Este é o ambiente com o qual o *borderline*, desprovido de identificação parental, poderá entrar em sintonia e, como resultado, viver a culpa, pois à onipotência do outro cumprirá apenas reforçar a sua própria. Como lembra Luís Claudio Figueiredo, os efeitos das novas tecnologias de

⁴⁷⁰ NIETZSCHE, F. *Humano demasiado humano*. São Paulo: Companhia das letras, 2005, p.164-165.

⁴⁷¹ HAN, B-C. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 93.

informação e comunicação (TICs) sobre a produção de novas vias de subjetivação ainda é um universo em vias de descoberta⁴⁷².

Nessa nova realidade, a subjetividade *borderline* da sociedade de controle é submetida a novos desafios. Isso porque, se o *borderline* necessita da aprovação ambiental substitutiva à aprovação parental nunca adquirida, em uma sociedade que abertamente exalta uma cultura da possibilidade e da positividade, afirmando ao indivíduo sua capacidade de realizar tudo aquilo que desejar, a culpa se apresenta como um fim incontornável. Pois todo o ambiente é construído sobre slogans que reafirmarão sua onipotência mitigada. Ora, trata-se de um modelo de sociedade fadada à produção de culpa e frustração, tendo em vista que nem sempre poderemos cumprir as demandas impostas a nós. Disso decorre o fato de concordarmos apenas parcialmente com a posição de Armony, que nega a presença do traço de culpa nos casos fronteirios.

Uma história interessante serve como ilustração do problema colocado à subjetividade atual. Dan Wieden, cofundador da agência de publicidade Wieden Kennedy, responsável por apresentar à empresa Nike o slogan que tornou a marca mundialmente conhecida, contou em entrevista a história que inspirou a ideia. Segundo ele, a frase foi pensada a partir do questionamento: "Como você encara um grande desafio *que você provavelmente vai perder*, mas que mesmo assim terá que encarar?"⁴⁷³. A resposta, conhecida por todos é: "just do it"! Apropriada pela nova configuração capitalista, o slogan (junto de tantos outros "mantras") cumpre a função de criar uma ilusão de onipotência que leva o indivíduo a pensar que "tudo pode", mesmo diante de uma causa perdida. Note-se que, por meio dessas novas ferramentas de controle, o indivíduo é (re)conduzido à sua dimensão de onipotência, mas uma onipotência que cumpre um imperativo da produção. "Sim, você pode" ter mais, basta que produza mais, que otimize seu tempo, que seja versátil e se torne menos ocioso.

Com efeito, a nova configuração se serve da agitação e da capacidade criativa múltipla do *borderline*, que será mantida às custas de um controle rigoroso do ambiente. O controle é exercido inconscientemente pelos próprios sujeitos do

⁴⁷² FIGUEIREDO, L.C. A psicanálise e a clínica contemporânea: uma introdução. In: *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2012, p. 19.

⁴⁷³ Disponível em: <https://gq.globo.com/Corpo/Esportes/noticia/2015/03/just-do-it-slogan-da-nike-e-inspirado-em-assassino-revela-criador.html> (itálico nosso).

desempenho, que estabelecerão para si metas por vezes inalcançáveis e, por conseguinte, viverão a experiência do mal-estar autoimposto. A eles talvez coubesse submeter o questionamento presente em *Assim falou Zaratustra*:

E também vós, para quem a vida é furioso trabalho e desassossego: não estais muito cansados da vida? Não estais maduros para a pregação da morte? Vós todos, que gostais do trabalho furioso e do que é veloz, novo, desconhecido — mal suportais a vós mesmos, vossa diligência é fuga e vontade de esquecer a vós próprios.⁴⁷⁴

Alienado de si mesmo em uma cultura da positividade, o sujeito contemporâneo é incapaz de dizer “não” para um mundo que, projetado dentro de si, não aceita ouvir nada além de pura afirmação. Tragado por essa dinâmica, dirá “sim” para tudo, ainda que isso implique dizer “não” para si mesmo e com isso alcance o esgotamento. O mesmo “não” que ganha força no *Bartleby* de Melville, que também carrega em si certa marca de esgotamento. Com efeito, a figura do escrivão ilustra um cansaço extremo em relação ao modelo disciplinar, burocrático e confinado próprio da modernidade. Através de uma simples fórmula — “preferiria não” —, ele não recusa, mas ao mesmo tempo já recusa, e assim coloca em movimento uma linha de fuga, uma desterritorialização que emerge como potência de dentro de seu esgotamento. Como vimos, o *borderline* carrega em sua subjetividade rizomática a mesma potência; porém, na sociedade do desempenho, suas linhas de fuga são capturadas e cooptadas pela nova configuração capitalista. Nela, aquilo que outrora apenas o confrontava com a vergonha, agora, diante de sua permanente afirmação da codificação social e negação de si mesmo, se converte em culpa. Se noutra tempo vivia a frustração de sua onipotência como resultado de sua relação com o ambiente que o confrontava com o princípio de realidade, agora vê sua onipotência reforçada por aquele, porém a realidade ainda se impõe.

Trata-se aqui de perceber, tal como afirmara Guattari, que a crise vivida pelo capitalismo desde os idos dos anos de 1970, além de política e econômica, está diretamente ligada a uma crise da subjetividade. Dado que economia política e economia desejante se mostram atreladas, os processos econômicos, sociais e políticos são indissociáveis dos processos de produção de subjetividade que se dão em seu

⁴⁷⁴ NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018, p.44.

interior. Mais do que mero resultado de tais processos, o modelo do sujeito econômico (empresário de si mesmo) é o resultado de um capitalismo que, ao tentar driblar suas crises, age engendrando novos modos de produção de subjetividade. Objetivando capturar as individualidades nas novas formas de trabalho e consumo, agirá sub-repticiamente, projetando e produzindo na própria dimensão desejante os fluxos necessários à resolução de seus desarranjos sistêmicos. Não à toa Guattari afirmará que o capitalismo “lança modelos (subjetivos) do mesmo modo como a indústria automobilística lança uma nova linha de carros”⁴⁷⁵.

Ora, historicamente, percebemos que todas as sociedades buscam conformar as subjetividades de acordo com seu regime de funcionamento, por meio da codificação do desejo. A ausência de mecanismos de conformação que se coloquem entre as exigências econômicas, políticas e sociais externas e as demandas individuais internas carrega a potência do seu ocaso diante de crises sistêmicas. Na sociedade capitalista, a dinâmica, em um sentido lato, não se mostra diferente. Enquanto “empresa mundial de subjetivação”, o capitalismo atua utilizando dois dispositivos que agem de modo a se combinarem e complementarem: a sujeição social e a servidão maquínica. Os dois conceitos se distinguem na medida em que:

Há servidão quando os próprios homens são peças constituintes de uma máquina, que eles compõem entre si e com outras coisas (animais, ferramentas), sob o controle e a direção de uma unidade superior. Mas há sujeição quando a unidade superior constitui o homem como um sujeito que se reporta a um objeto que deveio exterior, seja esse objeto um animal, uma ferramenta ou mesmo uma máquina: o homem, então, não é mais componente da máquina, mas trabalhador, usuário..., ele é sujeitado à máquina, e não mais submetido pela máquina.⁴⁷⁶

A sujeição social remete, assim, ao dispositivo de subjugação que não apenas atuará na formação identitária, determinando as posições ocupadas por cada indivíduo (homem, mulher, trabalhador, patrão), mas também orientará seu comportamento, pensamento, suas formas de expressão, bem como as funções a serem desempenhadas na família e na sociedade. Trata-se do movimento de territorialização do sujeito por meio de uma modelagem de comportamentos e papéis exercidos

⁴⁷⁵ GUATTARI, F. *apud* LAZZARATO, M. Signos, máquinas, subjetividades. São Paulo: Edições Sesc São Paulo: n-1, 2014, p.14.

⁴⁷⁶ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. 7.000 a.C. – Aparelho de captura. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, Vol.5, São Paulo: Editora 34, 2012, p. 167-168.

por ele no universo molar em que se inserem as significações e instituições. As formas de sujeição ganham corpo em uma sociedade que determina como gesticular, o lugar apropriado onde cada indivíduo deve permanecer ou mesmo a linha pontilhada onde se deve assinar. Um olhar atento é suficiente para percebermos que “não há momento em que não estejamos cercados por formações de poder”⁴⁷⁷ e que qualquer tentativa de desterritorização será malvista, podendo mesmo conduzir ao hospital (como é o caso do esquizofrênico) ou à prisão.

As formas de submissão conduzem à distinção micropolítica que diferencia os grupos sujeitos dos grupos assujeitados⁴⁷⁸. Estes dizem respeito aos grupos de indivíduos que permitem a redução de si e de sua produção desejante às formas de hierarquização e codificação social. Alienados da alteridade social, limitam-se a ouvir, o que, dentro de uma estrutura hierárquica, impede que produzam qualquer forma de desterritorialização criativa. Por outro lado, os primeiros se referem a uma subjetividade que busca tomar para si o controle dos diferentes aspectos de sua vida, que não se limita a ouvir, mas quer ser ouvida, e que, portanto, toma para si a palavra. Operando em transversalidade, carregam em si a potência da ruptura e da transgressão de limites, dado que, na afirmação de sua singularidade, subordinarão o *socius* à sua produção desejante.

Associada à sujeição social está a noção de servidão maquínica, construída em uma dupla acepção do termo servidão⁴⁷⁹. Ao mesmo tempo que o termo remete ao processo de transformação de indivíduos em servos ou escravos e à relação estabelecida entre o servo e a gleba, ele também aponta para a terminologia técnica do campo da engenharia de controle e automação que designa as relações de controle automático pertencentes ao universo das máquinas. Se a sujeição remete a um dispositivo que atua no campo molar, a servidão operará em nível molecular, sobre um indivíduo que se vê alijado da consciência de si e do mundo. A servidão maquínica remete às *dividualidades* tratadas por Deleuze em sua abordagem das sociedades de controle, em que subjetividades maquínicas resultam da interação com as

⁴⁷⁷ GUATTARI, F. Meaning and power. In: *Molecular revolution: psychiatry and politics*. London: Penguin, 1984, p.172.

⁴⁷⁸ Tal distinção é introduzida por Guattari em sua teoria da instituição (GUATTARI, F. A transversalidade. In: *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*) e posteriormente aprofundada com Deleuze em *O anti-Édipo*.

⁴⁷⁹ Rolnik destaca esse duplo sentido do termo francês *asservissement* tal como é empregado por Guattari. (GUATTARI, F. O capital como integral das formações de poder. In: *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*, p.208).

máquinas sociais, midiáticas e linguísticas que escapam à categoria humana⁴⁸⁰. Trata-se de “dividualidades” pois, despedaçado, o homem se conecta com máquinas, se tornando uma de suas peças, apontando para um dispositivo que funciona a partir de subjetividades não identitárias, que prescindem de agenciamentos reflexivos, funcionando por meio de uma dinâmica de comando e resposta. O dispositivo homem-máquina surge aqui como um elemento cuja atuação se dará dentro de processos de comunicação, produção e consumo. Disso decorre que não mais agimos ou usamos algo enquanto sujeitos, mas “constituímos entradas e saídas, *inputs* ou *outputs*, pontos de conjunção ou disjunção nos processos econômicos, sociais ou comunicacionais geridos e governados pela servidão”⁴⁸¹.

A produção de subjetividade se dará na intersecção entre a sujeição social e a servidão maquínica. Com efeito, vemos que o sujeito da contemporaneidade, empresário de si mesmo, surge enquanto resultado de um conjunto de possibilidades criadas pelo capitalismo neoliberal em um movimento que engendra uma tentativa de superação da crise sistêmica. Com seu aparato técnico na palma de sua mão, estabelece uma relação de continuidade e abraça uma sujeição que se consubstancia na cobrança que impõe a si mesmo. A servidão maquínica mostra sua face ao estabelecer o domínio e controle do indivíduo por dentro e por fora, visto que cria ferramentas que estabelece demandas autoimpostas, cuja realização é auto exigida. Como vimos, do queimar-se de dentro pra fora (*burnout*) o resultado não poderia ser outro senão a ansiedade, a depressão e o esgotamento. Ao mesmo tempo, é importante refletir sobre formas que permitam que grupos sujeitos, ilustrados, por exemplo, na subjetividade *borderline*, não sejam capturados por tais dispositivos, tendo sua criatividade, adaptabilidade e fluidez cooptada pela nova dinâmica capitalista. Enquanto grupos sujeitos, seu modo de existir carrega a potência da transgressão de limites e da imposição de sua produção desejante ao *socius*, porém sempre existe a possibilidade de os sujeitos se tornarem submissos aos dispositivos de controle e, com isso, serem reterritorializados.

⁴⁸⁰ É importante lembrar que o termo máquina, conforme desenvolvido em *O anti-Édipo*, é tomado em um sentido *lato* para designar tudo aquilo que se conecta por meio de agenciamentos, funcionando por meio de acoplamentos em um regime de corte-fluxo.

⁴⁸¹ LAZZARATO, M. *Signos, máquinas, subjetividades*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo: n-1, 2014, p.29.

Assim pode ser delineada a sociedade na qual a subjetividade atual se encontra inserida. Ela certamente, como vimos no ciclo descrito por Winnicott, é o resultado de um modo de organização familiar que produzirá um tipo específico de subjetividade, da qual o capitalismo se servirá. Isso chama atenção para a relevância da provisão ambiental e para a forma como esta se mostrará decisiva na constituição do tecido social. Do exposto, não se deve inferir que o paradigma winnicottiano se restrinja a uma concepção de família ancorada exclusivamente em um modelo nuclear tradicional. Com efeito, a abordagem do psicanalista, conforme anteriormente exposto, encontra-se fundada na compreensão de que a unidade familiar atua como o primeiro ambiente onde o ser humano poderá (ou não) dar vazão à sua tendência natural à integração. Nesse sentido, a família se apresenta aqui como um aspecto formal que atua como ponte na introdução do infante no mundo externo. Se tanto se fala aqui do modelo nuclear, constituído das figuras da mãe e do pai, é porque esse é o conteúdo comum que a forma familiar assume à época do autor. Todavia, suas ideias não apenas nos autorizam e permitem pensar novas configurações familiares, como assumem tal possibilidade.

O dado essencial que deve ser extraído desse novo paradigma em psicanálise é que o mesmo se volta para a abordagem intersubjetiva que se dá na primeira infância, momento em que, pela primeira vez, o indivíduo se vê lançado no mundo. Ora, se tomarmos como verdade a tese deleuziana de que as tendências e necessidades humanas se satisfazem nas instituições⁴⁸², como a sexualidade no casamento e a avidez na propriedade, poderíamos afirmar que na família se encontra o esteio para satisfazer a mais primária de todas as tendências: a maturação que conduz à integração. Partindo de tal referencial, desde que o suporte e manejo sejam adequados nesta fase, o indivíduo poderá desenvolver sua tendência inata ao amadurecimento emocional, mesmo que isso se dê por meio de uma figura substituta da mãe. Destarte, “ainda que a existência do ambiente doméstico seja muito importante neste estágio, ele não é essencial, apesar de tudo”⁴⁸³.

⁴⁸² DELEUZE, G. Instintos e instituições. In: *A ilha deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2004, p.17.

⁴⁸³ WINNICOTT, D.W. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.174.

Com efeito, situadas em uma psicanálise que valoriza a experiência humana em seu devir próprio, tais considerações permitem referendar aquilo que já se intui na prática: ser pai ou mãe independe de configurações familiares socialmente aceitas. Afinal, do mesmo modo que existe “*uma* forma de casamento, *um* regime de propriedade”⁴⁸⁴, existem “n” formas possíveis que a instituição familiar pode assumir. Estendendo a proposição deleuziana do casamento e da propriedade à família, poderíamos afirmar que mil outras configurações são possíveis, a depender do local e da época. Se da natureza esperamos regularidade e uniformidade, não é diferente com os seres humanos, apesar das variações culturais:

Todos os pássaros da mesma espécie, em todas as épocas e países, constroem seus ninhos da mesma maneira - nisso vemos a força do instinto. Os homens, em épocas e lugares diferentes, constroem suas casas de maneiras distintas – aqui percebemos a influência da razão e do costume.⁴⁸⁵

Nesse sentido, o saber winnicottiano abre espaço para o campo das multiplicidades, para as disjunções inclusivas que permitem diferentes arranjos familiares. Passível de uma leitura potencializante, ele abre espaço para os múltiplos devires que irrompem das formas de agenciamento do desejo, de modo que sejam acolhidos pais e mães transsexuais ou cisgênero, heterossexuais ou homossexuais, casais ou solo, e tantas outras configurações mais que possam surgir no seio de uma subjetividade criativa e sempre em expansão. Portanto, desde que o narcisismo primário do indivíduo possa ser vivido em sua fusão com o ambiente e “se a técnica do cuidado infantil é boa, não é tão importante saber quem a está empregando”⁴⁸⁶.

Se à instituição familiar é conferida tamanha importância, isso ocorre porque em seu seio terão início os primeiros fenômenos transicionais que, como sabemos, se darão na zona intermediária do espaço potencial, entre o subjetivamente concebido e o objetivamente percebido. Tal espaço, ao longo da vida, possui caráter fundamental, dado que nele o ser humano encontra certo alívio em relação àquilo que se impõe na realidade objetiva. Poderíamos dizer que esta dimensão do brincar que caracteriza o *homo ludens* winnicottiano e cuja presença atravessa a atividade

⁴⁸⁴ DELEUZE, G. *Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. São Paulo: Editora 34, 2001, p. 44.

⁴⁸⁵ HUME, D. *Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral*. São Paulo: Editora Unesp, 2004, p.266.

⁴⁸⁶ WINNICOTT, D.W. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p.177.

cultural já se encontra mesmo presente no pensamento de Deleuze, quando o filósofo trata da criação de “um mundo original entre suas tendências e o mundo exterior”⁴⁸⁷ pelo sujeito; e que este, ao fazê-lo, “elabora meios de satisfação artificiais, meios que liberam o organismo da natureza ao submetê-lo a outra coisa”⁴⁸⁸.

Ora, David Hume, filósofo cujo pensamento pode ser reconhecido na genealogia dos pensamentos tanto de Winnicott⁴⁸⁹ quanto de Deleuze, já considerava que, a despeito de o homem ser ativo e submetido às exigências da vida prática, deveria mostrar-se atento ao fato de que “a mente exige algum descanso e não pode corresponder sempre à sua tendência ao trabalho e à diligência”⁴⁹⁰. Usando uma linguagem winnicottiana, poderíamos dizer que Hume valoriza a dimensão humana do brincar que atua “amortecendo” aquilo que pode se configurar como um peso da realidade. O filósofo escocês é enfático ao afirmar a necessidade de buscar um tipo de vida mista, que contemple não apenas os empreendimentos intelectuais e atividades laborativas, mas que também a tendência humana à socialização e a busca por divertimento. Defendendo se tratar de algo próprio da natureza humana e necessário a todos os homens, voltar-se-á especialmente aos filósofos, recomendando: “sê um filósofo, mas, em meio a toda tua filosofia, não deixa de ser um homem”⁴⁹¹.

Tal conselho, em alguma medida fundado na frustração vivida pelo filósofo em decorrência do pouco sucesso de seu *Tratado sobre a natureza humana*, publicado em 1738, parece dar o tom também ao ensaio *O cético*. Nele, comprometido com uma aproximação entre a filosofia e os fatos humanos presentes no cotidiano, chamará atenção para a necessidade de uma abordagem menos impassível, fria e indiferente em relação à vida e à felicidade, dado que, em nossas existências, a imaginação se sobrepõe ao governo da razão. Apontando para o que indica ser a necessidade de valorização da dimensão lúdica da vida humana, defenderá que um comportamento fleumático faz com que se perca “todo o prazer do jogo”⁴⁹². No

⁴⁸⁷ DELEUZE, G. Instintos e instituições. In: *A ilha deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2004, p.17.

⁴⁸⁸ Ibidem.

⁴⁸⁹ Roberto Graña (2007) dedica-se não apenas à reconstrução da ancestralidade filosófica de Winnicott a partir do empirismo humeano, mas também a partir dos pensamentos de Berkeley e Merleau-Ponty.

⁴⁹⁰ HUME, D. *Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral*. São Paulo: Editora Unesp, 2004, p.23.

⁴⁹¹ Ibidem.

⁴⁹² HUME, D. O cético. In: *Investigação sobre o entendimento humano & Ensaaios morais, políticos e literários* (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1975, p. 188.

mesmo ensaio, cuja marca é um estilo literário acessível e mesmo um certo caráter cômico, emendará concluindo que “enquanto especulamos a respeito da vida, a vida já passou”⁴⁹³.

Uma das razões de podermos estabelecer tal ponte entre Deleuze e Winnicott é a perceptível influência do pensamento de Hume nas obras tanto do psicanalista como do filósofo sob a forma de uma valorização da inventividade, da imaginação e da criatividade na constituição da subjetividade. Nesse sentido, pensamos que a interlocução entre os autores justifica um breve desvio de nossa rota.

No que toca à constituição da subjetividade, a filosofia de Hume pode ser considerada o solo comum em que germinarão tanto as concepções de Deleuze quanto as de Winnicott que tratam do tema. Isso se dá na medida em que podemos localizar em ambos os autores o pressuposto comum de que, mais do que um sujeito dado, o que existe é um processo de constante produção de subjetividade ou subjetivação. Tal compreensão se vê ancorada no entendimento de que é na experiência e com o tempo que o sujeito se produzirá e reproduzirá, em um processo ininterrupto. Ou seja, o tempo figura aqui como o elemento que atua produzindo não apenas a forma, disposição e associação das ideias na mente, mas a própria mente ou subjetividade, esculpindo-a e moldando-a. Portanto, não se trata de tomar o tempo como algo experimentado individualmente como uma dimensão de saída interna, mas sim como um fluxo constante no qual a interioridade (e a exterioridade) se produzirá.

E com efeito, na abordagem da questão da subjetividade, Deleuze encontrará a essência da filosofia empirista. Salta aos olhos a semelhança entre a definição de sujeito dada pelo filósofo francês com a compreensão winnicottiana da subjetividade. Deleuze afirmará que “o sujeito se define por e como um movimento, movimento de desenvolver-se a si mesmo”⁴⁹⁴, e Winnicott conceberá a subjetividade como um movimento de expansão de círculos concêntricos cada vez mais amplos, que se constitui na experiência. Na esteira de Hume, igualmente, ambos percebem na natureza humana a força de princípios naturais como o hábito e a imaginação, que permitem a crença e as inferências – que reencontramos na noção

⁴⁹³ HUME, D. O cético. In: *Investigação sobre o entendimento humano & Ensaios morais, políticos e literários* (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1975, p. 188.

⁴⁹⁴ DELEUZE, G. *Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. São Paulo: Editora 34, 2001, p.93.

winnicottiana da inventividade, pois é no crer e no inventar que o sujeito se constituirá em sua relação com o tempo. Isso ocorre visto que o sujeito é caracterizado por um constante desdobrar, pois, partindo do dado na experiência, não se limitará a ele, mas o ultrapassará.

Ultrapassando a sua própria parcialidade, o sujeito reflete sobre aquilo que o afeta na experiência e vai além do dado. Crendo e inventando, infere algo que não está dado na natureza e cria regras gerais. No caso de Winnicott, como vimos, tal capacidade já pode ser percebida desde a primeira infância, quando, na experiência de ilusão, o bebê cria o seio que é levado a ele quando está em busca de sustento. A crença de que o seio sempre se apresentará quando solicitado é um tal ultrapassamento da experiência. Tal ultrapassagem, e a própria constituição do sujeito, se dão pela pressão de um passado aliada ao impulso em direção ao porvir. Isso significa dizer que a subjetividade é constituída na expectativa, no hábito. Não se trata aqui do trabalho da memória, pois esta se limita à ideia que resulta da reparação de uma impressão, não realizando uma síntese do tempo e, por conseguinte, limitando-se à reprodução de um dado. Conforme Hume assinala, a transição de uma ideia a outra ultrapassa a memória, sendo guiada pelos princípios naturais da imaginação e do costume⁴⁹⁵.

A operação estabelecida pelo hábito é a operação de síntese do tempo, dado que é a experiência passada que, repetindo sucessivamente uma determinada conjunção de eventos, gera a expectativa de repetição futura. Em outras palavras, o sujeito se constitui em um movimento de ultrapassagem da experiência, pois a partir da conjunção constante de eventos passados a mente passa a esperar que a mesma conjunção se repita no futuro, inferindo, de uma impressão presente ou da memória (ideia) dessa impressão, a crença de que o evento que a acompanhou repetidamente no passado irá novamente se repetir. O sentimento dessa expectativa é que será projetado pelo sujeito para a experiência externa, dando origem à ideia de conexão necessária. Trata-se aqui do estabelecimento de uma relação causal como derivada da experiência, já que se encontra fundada na expectativa da “existência de um objeto similar ao que habitualmente o acompanha”⁴⁹⁶.

⁴⁹⁵ HUME, D. *Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais*. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p.134.

⁴⁹⁶ *Ibidem*, p.119.

Como sabemos, aquilo que o sujeito toma como necessário é na verdade (ou até onde podemos saber) meramente contingente, visto que, de uma experiência passada reencontrada no presente, não há nenhuma razão que prove ser necessária a sua ocorrência futura. Se a inferência ocorre, portanto, e se à conjunção constante se atribui uma conexão necessária, é tão somente porque “o hábito é a raiz constitutiva do sujeito”⁴⁹⁷, o que faz com que o sujeito tome o passado como regra necessária que supostamente garantiria aquilo que está por vir. Daí o caráter essencialmente temporal da constituição da subjetividade, dado que a síntese do tempo realizada pelo hábito é “produtiva, criadora, inventiva”⁴⁹⁸.

Não é fortuito que Winnicott, assim como Hume havia feito, volte seu olhar para a natureza humana. Como temos visto, a valorização da experiência em sua relação com o ambiente dá a tônica da leitura winnicottiana da subjetividade, na qual se percebe a marca empirista. A subjetividade se constitui temporalmente no paradigma winnicottiano a partir de uma relação com o ambiente. Como vimos, o processo maturacional implica uma maternagem suficientemente boa que garanta que o infante se veja em continuidade com o ambiente. Isso significa que a constituição do espaço transicional tem como condição *sine qua non* que o bebê desenvolva um sentimento de confiança em sua relação primitiva com o ambiente. Tal relação mostra-se necessária para que o indivíduo se torne alguém confiante em sua relação com o mundo, sem necessidade de organizações defensivas⁴⁹⁹.

Ora, de maneira semelhante à maneira como, para Hume, a subjetividade é constituída primordialmente na experiência do hábito, percebe-se que, em Winnicott, o processo maturacional se dá com base na realização da experiência de onipotência, através da qual o bebê vê suas expectativas realizadas. É na conjunção constante dos elementos que perfazem a provisão ambiental (na forma do *holding* e do *handling*) que “sua majestade, o bebê”, tomando-os como resultado de sua potência criativa onipotente, se constituirá como sujeito. Por meio da imaginação, a subjetividade se consuma através da ilusão fantasiosa que toma o acidental por essencial. Em outras palavras, o hábito, enquanto síntese do tempo, atua, aqui

⁴⁹⁷ DELEUZE, G. *Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. São Paulo: Editora 34, 2001, p.103

⁴⁹⁸ *Ibidem*, p.104.

⁴⁹⁹ No capítulo um, tratamos das vicissitudes que acompanham indivíduos que viveram falhas ambientais em sua primeira infância.

também, constituindo a subjetividade, pois a relação primordial com o ambiente se encontra no centro de uma série de círculos que paulatinamente se ampliarão na relação do indivíduo com o mundo. É na realização da expectativa do porvir que se dá a integração do ego e, portanto, alcança-se a individuação. E, tanto em Deleuze⁵⁰⁰ quanto em Winnicott, em tal experiência de ilusão encontrar-se-á a atividade cultural.

Não à toa, Winnicott se referirá ao caráter sagrado do espaço potencial, “um lugar que fica no momento da *continuidade-contiguidade*”⁵⁰¹, que se desenvolverá inicialmente entre a mãe e o bebê. Posteriormente, com base em relações fundadas na confiança em relação ao ambiente, esse espaço se ampliará para a relação entre criança e família, indivíduo e sociedade, e, finalmente, entre o sujeito e o mundo. Assim, em diferentes contextos experienciais, o objeto primário se reapresenta e se reatualiza na medida em que o passado se reapresenta no presente e gera a expectativa de uma reapresentação futura. A principal característica desse espaço onde a continuidade dá lugar à contiguidade (e no qual se funda o brincar e toda a experiência cultural) é que “sua existência depende de experiências vividas e não de tendências herdadas”⁵⁰², pois é na experiência vivida em sua relação com o tempo que o sujeito se constitui. A própria noção humana de causalidade encontra-se assentada em certa medida sobre a noção de contiguidade, haja vista que

todos os objetos considerados causas ou efeitos são contíguos; e [...] nenhum objeto pode atuar em um momento ou lugar afastados, por menos que seja, do momento e lugar de sua própria existência. Embora algumas vezes possa parecer que objetos distantes produzem uns aos outros, descobrimos ao examiná-los que estão ligados por uma cadeia de causas contíguas entre si e em relação ao objeto distante.⁵⁰³

A importância conferida ao espaço potencial produzido na primeira infância encontra-se fundada no fato de que o passado não se configura apenas como aquilo que simplesmente passou, mas como aquilo que atuará compelindo, determinando,

⁵⁰⁰ DELEUZE, G. *Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. São Paulo: Editora 34, 2001, p.62.

⁵⁰¹ WINNICOTT, D.W. A localização da experiência cultural. In: *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu, 2019, p.166. (itálico nosso)

⁵⁰² WINNICOTT, D.W. O lugar em que vivemos. In: *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu, 2019, p.174.

⁵⁰³ HUME, D. *Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais*. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p.103.

impulsionando, atuando e atualizando o sujeito. Ele não é simplesmente um dado da lembrança ou memória, mas sim é constituído “por e numa síntese do tempo que dá ao sujeito sua verdadeira origem, sua fonte”⁵⁰⁴.

O encontro de Deleuze e Winnicott com o empirismo humeano não se limita à sua teoria do hábito. A ressonância do filósofo empirista sobre os seus pensamentos também pode ser localizada no modo como ambos “humeaneamente” compreenderão o campo da moralidade fundado no solo da simpatia. Com efeito, a noção de simpatia ocupa na compreensão da moralidade a mesma centralidade que a noção de hábito possui nas reflexões acerca do conhecimento. Para Winnicott, como já vimos ao longo de nosso trabalho, há uma disposição natural e inata do sujeito à moralidade, na medida em que, em um contexto de maternagem suficientemente boa, o indivíduo desenvolverá sua capacidade de sentir culpa, ou seja, o concernimento. Fundado na mutualidade estabelecida entre a sintonia (simpatia) materno-infantil, a consciência moral winnicottiana se apresenta como uma aquisição natural. Porém, é preciso ter em mente que, temporalmente, antes de se atingir o reconhecimento do outro, “no processo de integração, os impulsos para atacar e destruir e os impulsos para dar e compartilhar estão relacionados, atenuando uns os efeitos dos outros”⁵⁰⁵. É por meio de um processo gradual que se desenvolve naturalmente o senso de responsabilidade que, na primeira infância, se traduz no sentimento de culpa e que, posteriormente, se construirá a solidariedade e o altruísmo⁵⁰⁶.

Embora não haja em Hume a ideia de uma moralidade inata, a aproximação com Winnicott é possível aqui porque, em seu pensamento, o “sentimento de moralidade” está primordialmente fundado em um princípio da natureza humana. O filósofo observa que existem traços de caráter que variam entre os indivíduos, segundo a época e a cultura a que pertencem, porém outros estão presentes em todos os homens, independentemente do tempo ou nação. Para Hume, “o conhecimento desses caracteres funda-se na observação da uniformidade das ações deles

⁵⁰⁴ DELEUZE, G. *Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. São Paulo: Editora 34, 2001, p.106.

⁵⁰⁵ WINNICOTT, D.W. A moralidade inata do bebê. In: *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: LTC, 1982, p.108.

⁵⁰⁶ Nos casos em que o bebê vive um processo de desenvolvimento precário, o germe da moralidade não florescerá naturalmente, sendo necessário que seja inculcado artificialmente por meio da educação.

decorrentes”⁵⁰⁷. Nesse sentido é que, na busca de uma origem para a moral, encontramos a simpatia como um princípio natural presente em todos os homens, no qual se fundarão nossos “sentimentos morais”⁵⁰⁸. Sobre tal princípio, Hume afirmará:

Vemos, assim, que a simpatia é um princípio muito poderoso da natureza humana, que influencia enormemente nosso gosto do belo, e que produz nosso sentimento da moralidade em todas as virtudes artificiais. Baseando-nos nisso, podemos supor que é ela também que dá origem a muitas das outras virtudes, e que certas qualidades obtêm nossa aprovação em virtude de sua tendência para promover o bem da humanidade.⁵⁰⁹

Ora, se a moral não é natural, é porque a simpatia, a despeito ser um afeto tão nobre, carrega em seu bojo a marca da parcialidade. Isso significa que o apreço pelo bem de outrem é algo que pelos princípios de associação da imaginação se estende em círculos mais e mais amplos, mas não é desprovido de um índice de exclusão, pois se inicia sempre por aqueles que nos são mais próximos, ou seja, contíguos no espaço e no tempo. Diferentemente do egoísmo, que carrega a marca da negatividade e por isso deveria ser limitado ou controlado, a simpatia, princípio natural presente na natureza humana, deve ter sua parcialidade integrada em uma totalidade positiva. Disso decorre que a sociedade, enquanto formada por uma multiplicidade de famílias e, portanto, de parcialidades, depende de uma espécie de totalização aberta que integre as simpatias de modo a conciliar aquilo que de outro modo seriam apenas interesses particulares. Tal movimento não se dá de modo natural, demandando regras e normas que cumpram converter aquilo que é parte em um todo social. É nesse sentido que, na esteira de Hume, Deleuze afirmará que “o mundo moral é a totalidade artificial, na qual se integram e se adicionam fins particulares”⁵¹⁰.

Vemos aqui não apenas um diálogo entre Winnicott e Deleuze estabelecido pela ponte humeana, mas também uma complementaridade. É assaz perceptível como tais pensamentos se entrelaçam, pois, se a simpatia se expande do parcial ao todo, isso ocorre em um movimento que começa na família e se amplia na sociedade. Se, como afirma Winnicott, tudo começa em casa, isso se dá porque “o que

⁵⁰⁷ HUME, D. *Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais*. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p.439.

⁵⁰⁸ *Ibidem*, p.616.

⁵⁰⁹ *Ibidem*, p.617.

⁵¹⁰ DELEUZE, G. *Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. São Paulo: Editora 34, 2001, p.36.

encontramos na natureza, a rigor, são famílias” que serão explicadas pela “simpatia dos pais entre si, simpatia dos pais pela sua progenitura”⁵¹¹ e, complementaríamos, pela simpatia dos filhos pelos pais. A expansão da simpatia, como vimos em Winnicott, se dá em um movimento de circularidades ampliadas cujo centro é a unidade familiar.

A complementaridade entre as teorias se dá na medida em que, tanto em Hume como em Deleuze, a moralidade é fundada em um princípio natural, porém, como vimos em nossa abordagem do paradigma winnicottiano, tal tendência natural tem como condição necessária a existência de um ambiente em que possa florescer. Em outras palavras, a simpatia não é apenas um princípio, um dado da natureza humana, mas sim uma potência que pode vir a se tornar ato, desde que submetida a um ambiente suficientemente bom. De fato, “não é nossa natureza que é moral, nossa moral é que está em nossa natureza”⁵¹². Porém, antes de mais nada, mostrase necessário refletir sobre as condições de possibilidade para que isso possa de fato ocorrer, ou seja, para aquilo que se mostra como tendência se atualize. É nesse sentido que não apenas apontamos para um entrecruzamento dos autores ora mencionados, mas também para uma complementaridade que potencializa o modo como compreenderão a formação da subjetividade.

O trajeto percorrido até aqui teve como intuito delinear o modo como o acontecimento atua produzindo novas formas de existência situadas em novos entrelaces dos sujeitos com a cultura, com o corpo, com a sexualidade, com o trabalho, com o tempo e com o meio (*milieu*). Não se trata apenas de compreender os efeitos e consequências da mutação social, mas também de refletir sobre o modo mais adequado de responder a elas. No contexto de nosso trabalho isso significa pensar: dadas as novas subjetividades aqui delineadas, qual seria o modelo de clínica mais adequado para a abordagem dos mal estares vividos pelo sujeito contemporâneo?

Conforme exposto, a abordagem psicanalítica ortodoxa se mostra pouco alinhada às demandas e à compreensão da subjetividade atual. Se até aqui colocamos em evidência sua insuficiência teórica, a seguir veremos como isso também se dá

⁵¹¹ DELEUZE, G. *Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. São Paulo: Editora 34, 2001, p.34

⁵¹² *Ibidem*, p.32.

no campo da clínica. Isso significa colocar em xeque, além dos pressupostos teóricos em que se fundam a compreensão da subjetividade, também a abordagem clínica que propõe dar conta dos dilemas que se colocam a ela. Em outras palavras, na medida em que, como vimos, o sujeito em sua historicidade não mais se apresenta da forma como Freud o concebera, cabe pensar o método mais adequado para abordar este novo objeto. A seguir, na esteira de Deleuze e Guattari, veremos como uma clínica psicanalítica fundada puramente na atividade hermenêutica se mostra insuficiente para a execução de tal tarefa. Haveria uma exceção a essa regra? Como veremos, tal como constatado nos pensamentos de Deleuze e Guattari, encontraremos justamente em Winnicott uma crítica à interpretação como método para abordagem do mal-estar que se abate hoje sobre os sujeitos humanos em nossa sociedade. Disso decorre não apenas uma renovada proposta clínica, mas também uma nova compreensão do método arqueológico psicanalítico.

4.2.

Reconfiguração ou ocaso da interpretação?

O conceito de interpretação, enquanto objeto das análises de Deleuze sobre a psicanálise, não se limita ao momento de sua parceria com Guattari, quando será duramente criticado. Sua abordagem já se encontra presente em *Diferença e Repetição* e *Lógica do Sentido*, porém, obviamente, em outros termos. Isso porque, à época da produção de tais obras, Deleuze ainda vivia em um estado de “núpcias” com a psicanálise. Em *Diferença e Repetição*, o filósofo trata de dois tipos de repetição: uma repetição nua, que se dá no nível da interioridade, na profundidade e que remete ao sujeito singular; e outra, a repetição travestida e disfarçada, que se dá na horizontalidade, na superfície. A “verdade do nú” não está dada sem ser mascarada e, por isso, deverá ser interpretada. Sobre a referida distinção, ele dirá:

Uma [repetição] é estática, a outra é dinâmica. Uma é repetição no efeito, a outra na causa. Uma é em extensão, a outra é intensiva. Uma é ordinária, a outra é notável e singular. Uma é horizontal, a outra é vertical. *Uma é desenvolvida, explicada, a outra é envolvida, devendo ser interpretada.*⁵¹³

⁵¹³ DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006, p.50.

De modo distinto, vemos que em *Lógica do sentido* o processo interpretativo deixa de ser uma necessidade, passando à condição de algo a ser evitado. Nesta obra, que rende homenagem à psicanálise, Freud deixa de ser caracterizado como um explorador das profundezas, e passa a ser visto como um (potencial) artista das superfícies. Nestas, diferentemente daquilo que se vê em *Diferença e repetição*, não há sentido a ser buscado, devendo este ser sempre produzido a partir do não-sentido (*nonsense*), sendo, portanto, o paradoxo algo a ser acolhido⁵¹⁴. Portanto, surge neste momento do conjunto da obra de Deleuze uma recusa do ato de interpretar, que será anunciado pelo filósofo nos seguintes termos:

É, pois, agradável que se ressoe hoje a boa nova: o sentido não é nunca princípio ou origem, ele é produzido. *Ele não é algo a ser descoberto, restaurado ou re-empregado*, mas algo a produzir por meio de novas maquinações. Não pertence a nenhuma altura, não está em nenhuma profundidade, mas é efeito de superfície, inseparável da superfície como de sua dimensão própria.⁵¹⁵

Percebe-se nesta “virada” entre as duas obras o próprio germe daquilo que frutificará na parceria com Guattari a partir de *O anti-Édipo*. Desde então, pautados na recusa da psicanálise ortodoxa – encarnada nas figuras de Freud, Klein e Lacan –, os dois autores criticarão a interpretação (*Deutung*) enquanto ferramenta clínica de sujeição e redução das multiplicidades da imanência às figuras parentais ou ao significante. Por isso, em lugar da interpretação psicanalítica, defenderão uma clínica esquizoanalítica cujo paradigma seria a experimentação. A esquizoanálise – ou “psicanálise social e política” – compreenderá a subjetividade como um produto das maquinações realizadas entre o indivíduo e a dimensão sociopolítica, compreendendo-o como um resultado de agenciamentos realizados em sua relação com o mundo. Porém, antes de adentrarmos propriamente a crítica deleuzo-guattariana, convém situar em linhas gerais como a interpretação, enquanto ferramenta da técnica clínica, se apresenta no pensamento de Freud. Isso não apenas permitirá melhor compreender a crítica empreendida por Deleuze e Guattari, mas também contribuirá para o delineamento da distância de Winnicott em relação à psicanálise ortodoxa, no que diz respeito ao uso da interpretação como dispositivo clínico.

⁵¹⁴ Como veremos, Deleuze dialoga diretamente com Winnicott, que horizontaliza a concepção de indivíduo, bem como afirma a necessidade do acolhimento e não resolução dos paradoxos, estes vistos como elementos dos fenômenos transicionais.

⁵¹⁵ DELEUZE, G. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p.75.

4.2.1.

A *deutung* freudiana

Enquanto uma espécie de arte para lidar com as paixões tristes, a psicanálise se apresenta como um campo que procura lançar luz sobre aquilo ensombrece a existência humana, diminuindo sua potência de agir. Rompendo com uma tradição fundada na consciência, na racionalidade e no primado biológico como território em que se dariam as mazelas humanas, Freud proporá um novo método para o tratamento de sintomas clínicos. A cura pela fala consistia em uma intervenção que procurava conferir inteligibilidade àquilo que se apresentava como um entrave à existência. Nesse sentido, por meio de um processo de anamnese, o paciente comunicaria ao analista experiências vividas e este, ancorado no arcabouço teórico psicanalítico, procuraria dar sentido àquilo que foi comunicado, de modo a situar os sintomas vividos dentro da história pessoal do paciente. A produção de sentido seria possível através do processo interpretativo que, desde os *Estudos sobre a histeria*⁵¹⁶ – escrito entre 1893 e 1895 com Joseph Breuer – figura como um novo pilar do método analítico. O lugar privilegiado conferido ao processo interpretativo se viu então fundado na constatação da insuficiência da hipnose e da catarse como métodos de tratamento dos sintomas histéricos. Já nessa época, confrontado com a ineficácia dos referidos métodos, Freud percebe a presença de simbolismos associados a afetos e, concomitantemente, o caráter profícuo da “interpretação de sinais”⁵¹⁷ que permitia conferir sentido às formações sintomáticas.

Mas a interpretação, cerne da doutrina e técnica psicanalítica⁵¹⁸, surge oficialmente como instrumento de decodificação e produção de sentido a partir de *A interpretação dos sonhos*⁵¹⁹ (1900) e, de modo mais específico, é tomada como regra técnica no ensaio *O uso da interpretação dos sonhos na psicanálise*⁵²⁰ (1911). Enquanto dispositivo clínico, ela era utilizada conjuntamente com a regra da

⁵¹⁶ FREUD, S. Estudos sobre a histeria. In: *Obras Completas* Vol. II. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

⁵¹⁷ Ibidem,

⁵¹⁸ LAPLANCHE, J & PONTALIS, J-B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.245.

⁵¹⁹ FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In: *Obras Completas* Vol. IV. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

⁵²⁰ FREUD, S. O uso da interpretação dos sonhos na psicanálise In: *Obras Completas* Vol. X. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

associação livre, por meio da qual Freud trazia à tona os conteúdos inconscientes do paciente, que não podiam ser acessados via memória. Tal regra consistia em fornecer um ponto de partida a esse paciente (uma palavra, número ou imagem de sonho), a partir do qual ele ou ela pudesse se expressar espontaneamente, sem qualquer forma de direcionamento ou censura. A aplicação da interpretação aos conteúdos expressos por meio do método associativo permitiu a Freud determinar a etiologia das neuroses com base em uma reconstrução da história pessoal do sujeito. Assim, a clínica freudiana se funda sobre um modelo arqueológico que compreende o sofrimento humano como uma dimensão semiótica composta de profundidade e superfície. Por trás dos signos manifestos expressados na fala, haveria um conteúdo latente que revelaria a verdade individual, permitindo assim – por meio do instrumento interpretativo – alcançar a verdadeira causa dos sintomas. Os conteúdos acessados teriam sido recalçados no inconsciente em virtude de alguma vivência traumática que teria gerado um excesso de excitação no aparelho psíquico.

À análise caberia, portanto, a função de trazer à luz os conteúdos lançados na profundidade individual, outorgando ao paciente, em contato com seu passado, um trabalho de elaboração. Este permitiria ao mesmo uma forma de integrar as excitações – que outrora se mostravam excessivas –, ao aparelho psíquico. Porém, durante o processo analítico, Freud percebe a ação de resistências, mecanismos defensivos que atuavam dificultando o acesso à verdade do sujeito. Diante disso, a interpretação amplia sua função de significação dos sintomas para a interpretação das resistências psíquicas que agiam impedindo que determinados conteúdos viessem à tona.

Ora, como sabemos, o campo psicanalítico é atravessado por um dinamismo que transparece já nas modificações introduzidas por Freud ao longo de sua obra. Tais reconfigurações conceituais são o resultado de uma experiência clínica que se funda na relação transferencial intersubjetiva. Disso decorre que rupturas teóricas na metapsicologia são uma tentativa de alcançar respostas satisfatórias para os impasses vividos na clínica. Com a noção de interpretação⁵²¹ isso não se dá de forma diferente, sendo suas modificações tentativas de dar conta dos limites impostos a ela pelas inovações presentes em *Além do princípio do prazer* (1920). O conceito de pulsão de morte é apenas um dos exemplos de impasses colocados à

⁵²¹ Em *O declínio da interpretação: experiência e intervenção em psicanálise*, Roberto Graña oferece um quadro amplo que situa a interpretação desde seu contexto de nascimento àquilo que se configura como um momento de crise.

interpretação⁵²², dado que se trata da existência de uma pulsão fora do registro simbólico, uma negação em forma pura. É nesse sentido que “de um saber triunfante sobre a interpretação, o discurso freudiano passou a se indagar sobre os impasses e impossibilidades da interpretação”⁵²³. Tais questões norteiam a visada teórica que, no apagar das luzes da obra de Freud, conduzirá a uma nova concepção da interpretação, no ensaio *Construções em análise* (1937).

Esse ensaio visa responder a uma crítica bastante comum ao modo como a psicanálise emprega o exercício hermenêutico, a saber, entendendo a interpretação como implicando uma situação em que o analista é o detentor final da verdade: “heads I win, tails you loose [Cara, eu ganho; coroa, você perde]”⁵²⁴. Isso significa que se o paciente concordasse com a interpretação do analista, o analista estaria certo, mas caso discordasse, isso seria interpretado como uma defesa psíquica e, ainda assim, o analista permaneceria como detentor da verdade. Na tentativa de responder às críticas, Freud introduzirá a noção de construção em análise, defendendo que mais do que um processo interpretativo, a clínica psicanalítica produziria uma reconstrução do passado individual. Para tanto, caberia ao analista, em um processo de escavação arqueológico, reunir os fragmentos de vivências passadas e por meio da interpretação dos enunciados preencher as lacunas, reconstruindo a história individual.

Portanto, em termos práticos, o que Freud realiza é uma diferenciação das noções de interpretação e construção (ou reconstrução). A primeira diz respeito ao processo de conferir sentido a imagens ou elementos de caráter simples, como uma associação, um lapso ou um ato falho; enquanto a segunda, de caráter mais amplo, remete ao processo de reconstrução, que colocaria o paciente diante de sua pré-história esquecida. Pensamos ser pertinente reproduzir o modelo de construção a

⁵²² Não nos dedicaremos a um exame pormenorizado dos impasses e rupturas teóricas que levam às modificações da noção de interpretação na obra de Freud. Tal intento representaria uma tarefa hercúlea, merecendo um trabalho à parte por si só. Nosso objetivo aqui é delinear os aspectos fundamentais da referida noção de modo a contextualizar as críticas feitas por Deleuze, Guattari e Winnicott no debate proposto em nosso trabalho. Possíveis lacunas serão preenchidas quando for realizada a contraposição com outros autores.

⁵²³ BIRMAN, J. *Freud e a interpretação psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991, p. 20.

⁵²⁴ FREUD, S. *Construções em análise*. In: *Obras Completas* Vol. XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p.209.

que Freud se refere, pois isso servirá como exemplificação de um dos traços problemáticos apontados por Deleuze e Guattari:

Até o seu *n* ano de vida você se considerou o possuidor único e irrestrito de sua mãe, mas então apareceu outro filho e, com ele, uma grave decepção. Sua mãe o abandonou por um tempo, e depois também não se dedicou mais exclusivamente a você. Seus sentimentos para com ela se tornaram ambivalentes, seu pai adquiriu um novo significado para você.⁵²⁵

O viés construtivista do tratamento analítico visa suprir a insuficiência da memória na busca pela etiologia dos sintomas, conferindo ao processo de elaboração um estatuto superior em relação à recordação. Porém, a introdução da construção pouco responde às críticas que motivam a produção do ensaio, pois o sujeito permanece preso a uma arqueologia que o confronta com uma suposta verdade individual. Portanto, o problema permanece.

4.2.2.

Deleuze, Guattari e a crítica à hermenêutica psicanalítica

O caráter problemático da clínica psicanalítica encontra-se nos pressupostos sobre os quais ela é construída. Como sabemos, o objetivo de Freud é, por meio do tratamento psicanalítico, tratar o inconsciente reprimido. Relembremos que a subjetividade freudiana é fundada no recalque dos desejos parricida e de incesto, pois trata-se de um momento em que, para Freud, o aparelho psíquico se organizará e as relações objetais serão estabelecidas. O complexo de Édipo é tido por ele como um dado da natureza humana, um a priori a que todos os indivíduos estão sujeitos. Naturalmente, como podemos perceber no excerto acima reproduzido, as intervenções clínicas com vistas à desrepressão do inconsciente serão construídas sobre tal pressuposto, que se apresenta como a pedra de toque da psicanálise. Assim, via de regra, as interpretações freudianas conduzirão o paciente de volta às figuras parentais, das quais sempre se verá prisioneiro.

Na visão de Deleuze e Guattari, em seu afã para libertar o ser humano através da fala, Freud acaba por aprisioná-lo ainda mais, pois sua fala é sempre submetida e interpretada segundo as coordenadas da mitologia fundadora da psicanálise.

⁵²⁵ FREUD, S. Construções em análise. In: *Obras Completas* Vol. XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p.212.

Nesse sentido, por meio de uma dialética interpretativa, na relação analítica se estabelece uma relação de poder, pois ao analista cabe a função de dar significação à fala do paciente, devolvendo a ele o que, em tese, seria a sua verdade. Temos assim um indivíduo que se vê enclausurado, por meio da interpretação, a um conjunto de coordenadas que na verdade não são um dado a priori da natureza humana, mas sim o produto da codificação social própria de um momento histórico específico. Seu desejo se vê engessado nas figuras parentais e, conseqüentemente, apartado de tudo aquilo que compõe e com que ele se relaciona na realidade circundante. Portanto, a ferramenta interpretativa adquire no discurso freudiano um caráter formatador, que terminaria por calar o caráter múltiplo dos agenciamentos individuais, silenciando e submetendo a produção desejante.

O texto *Um só ou vários lobos*⁵²⁶ é um exemplo paradigmático da crítica endereçada ao uso freudiano da interpretação. Neste texto, que representa o derradeiro diálogo travado com a psicanálise, os autores exemplificam aquilo que afirmam ser um movimento de esmagamento e assujeitamento da produção desejante em seu caráter rizomático. Para tanto, se debruçam sobre a análise empreendida por Freud do jovem russo Sergei Pankejeff, que é apresentada pelo psicanalista no ensaio *História de uma neurose infantil: o homem dos lobos*. A análise de Freud é centrada em um sonho descrito pelo paciente, do qual se derivará a alcunha pela qual Pankejeff ficou conhecido. A cena onírica é narrada da seguinte forma:

Sonhei que é noite e que estou deitado em minha cama (ela ficava com os pés para a janela, diante da janela havia uma fileira de velhas nogueiras. Sei que era inverno quando sonhei, e era noite). De repente a janela se abre sozinha, e vejo, com grande pavor, que na grande nogueira diante da janela estão sentados alguns lobos brancos. Eram seis ou sete. Os lobos eram inteiramente brancos e pareciam antes raposas ou cães pastores, pois tinham caudas grandes como as raposas e suas orelhas estavam em pé como as dos cães, quando prestam atenção a algo. Com muito medo, evidentemente, de ser comido pelos lobos, gritei e acordei. Minha babá correu até minha cama, para ver o que tinha acontecido.⁵²⁷

Partindo da suspeita de se tratar de um caso de neurose infantil – cujas sequelas teriam desencadeado a neurose adulta –, Freud se debruçará sobre a análise

⁵²⁶ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Um só ou vários lobos. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, Vol.1*, São Paulo: Editora 34, 2011.

⁵²⁷ FREUD, S. História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”). In: *Obras Completas, Vol. XIV*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 28.

do sonho de Pankejeff ao longo dos anos dedicados à sua análise. O interesse de Freud no texto é promover uma análise de experiências infantis tendo como horizonte a compreensão de seus efeitos sobre a produção da neurose no adulto que analisava. Voltando-se para a cena descrita em busca de seu conteúdo latente, Freud questionará o significado da matilha presente no sonho, concluindo que os lobos “somente poderiam ilustrados” pelo conto de *Capéuzinho vermelho* e que este “deveria ter” outro conto por trás de si. O paciente relata então um conto que ouvira na infância sobre *O lobo e os sete cabritinhos*. Na história, o lobo devora seis animais, restando apenas um. Estranhamente, a multiplicidade de lobos descrita pelo paciente inicialmente remeterá ao único lobo de *Chapéuzinho vermelho*. Em seguida, na continuação do processo analítico, os lobos da cena onírica se converterão em sete cabritos, dos quais seis serão devorados. O sétimo, conforme a interpretação de Freud, seria o próprio paciente e o lobo seria um substituto de seu pai. Os vários lobos da cena são assim reduzidos a um único lobo, e a mesma é compreendida, ao mesmo tempo, como desejo de ser possuído pelo pai e como uma evidência do medo de castração. A fobia surge porque ser possuído pelo pai implicaria ser castrado como a mãe.

Assim, a origem da angústia de Pankejeff estaria fundada na cena primária (também chamada de originária e primitiva) apresentada sob o disfarce do conteúdo manifesto do sonho, ao qual estaria vinculada. Tal cena diz respeito à relação sexual entre os pais, observada (ou fantasiada) pela criança. Ela carrega um caráter duplo, gerando angústia, na medida em que não poderia ser adequadamente significada e compreendida pela criança, que nela veria um ato de violência do pai; porém, ao mesmo tempo, gerando uma excitação sexual que se mostraria incompreensível. A discussão em torno da realidade de tal cena foi objeto de contenda entre Freud⁵²⁸ e Jung, da qual o último discordava. Tal questão é abordada em mais de um momento do ensaio dedicado à análise do “homem dos lobos”, no qual Freud sugere também (dessa vez em concordância com Jung) um caráter filogenético da cena originária, afirmando se tratar de um acontecimento da ordem do mito, mas que se faz presente na maior parte dos indivíduos. Freud sustenta tal defesa com base em sua percepção de que “a observação do ato sexual dos pais é um elemento que falta raramente no

⁵²⁸ No ensaio, não sem aparentar certo desconcerto, Freud confessa que, no que diz respeito ao caso de Pankejeff, ele não conseguiu determinar se a cena primária teria realmente se dado na realidade ou se apenas na fantasia (p.86).

repertório das fantasias inconscientes que, mediante a análise, podem ser encontradas em todos os neuróticos, provavelmente em todas as pessoas”⁵²⁹.

O que está em xeque aqui é o “forçamento” de uma interpretação que cumpriria apenas reduzir a multiplicidade inconsciente. O mesmo procedimento que utiliza na análise de um sonho de Jung é aplicado ao homem dos lobos. Em entrevista ao médico inglês E. A. Bennet, Jung relata seu espanto com a interpretação dada por Freud a um sonho seu. Nesse sonho Jung descreve a si mesmo em uma adega na qual se encontravam cerâmicas, ossos e crânios. Chama sua atenção, inicialmente, que Freud desconsiderara todos os elementos do sonho que não os ossos e crânios, que “*somente* poderiam significar morte”⁵³⁰. Quando Freud afirma a Jung que o sonho muito provavelmente remetia a um desejo da morte de sua própria esposa, este protestará afirmando que havia *vários* crânios, não apenas um. Apesar disso, Freud permanece concentrado nos elementos do sonho que, segundo ele, sugeriam morte. Finalmente, diante das muitas elisões de sua produção onírica, Jung perguntará: “qual sua opinião sobre as outras partes do sonho?”⁵³¹. Porém, segundo Jung, Freud não estava interessado nelas⁵³².

Não é difícil notar que, ao longo do ensaio dedicado ao homem dos lobos, Freud descreve toda uma sorte de agenciamentos, presentes na produção onírica, entre seu paciente e elementos da realidade circundante. Com efeito, vemos nos relatos do paciente paisagens em que se distribuem animais de todos os tipos, pessoas na forma de primos, avós, tios, empregados; porém, Freud sempre conduz tais elementos às figuras parentais. O desejo, em sua potência rizomática, se fecha no modelo arborescente, dando as múltiplas ligações lugar às conexões binárias mola-res. A ironia está na própria alcunha do paciente: o “homem dos lobos” é, na verdade, o homem de um único lobo, o pai, já que as intensidades foram reduzidas à unidade. As multidões que povoam o inconsciente são confundidas na letra freudiana com um único indivíduo, quando ignora os vários elementos que se distribuem

⁵²⁹ FREUD, S. Comunicação de um caso de paranoia que contradiz a teoria psicanalítica. In: *Obras Completas*, Vol. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 152.

⁵³⁰ BENNET, E.A. *What Jung really said?* New York: Schocken Books, 1986, p.74.

⁵³¹ *Ibidem* (tradução nossa).

⁵³² Deixando a interpretação de Freud de lado, Jung pensará durante anos sobre os seus possíveis significados. Ao final, considerou que as múltiplas camadas em que a cena onírica se desenrolara poderiam remeter às camadas do inconsciente, sendo a adega a camada onde se encontrariam elementos de nossa pré-história, a camada mais profunda, ou seja, o inconsciente coletivo.

sobre a superfície do corpo sem órgãos. E assim é plantada a semente que frutificará na forma do Significante despótico, que também atuará reduzindo o múltiplo à unidade do objeto dito para sempre perdido.

Como podemos depreender das análises acima descritas, um psicanalista, ao se submeter ao cânone da instituição psicanalítica, e, portanto, ao modelo tradicional interpretativo, menos que um arauto da liberdade, será, contrariamente, um agente da repressão. Por meio da atividade interpretativa, torna as sínteses do inconsciente ilegítimas⁵³³ quando solapa da produção desejanse suas “n” possibilidades de conexões. Ele reprime mais do que liberta porque, ao interpretar, amarra e fecha aquilo que na verdade se encontra aberto, transformando o inclusivo em exclusivo, reduzindo o múltiplo a binarismos.

Se, como vimos, o método interpretativo atua anulando impiedosamente os agenciamentos coletivos da enunciação nas análises de adultos, ele não se mostra menos inclemente com as crianças, que desde a tenra idade verão o movimento criativo do *self* sempre reconduzido a uma sexualidade fundada na parentalidade. Em sua potência revolucionária, o desejo sempre busca se conectar mais, agenciar mais e, nesse sentido, o processo de significação reduz o caráter nômade do desejo quando o territorializa/edipianiza na cama da mãe. Deleuze considera Freud um romano, porque, em seu anseio de desenvolver um método para compreender a psiquê humana, acabou ocupando-a e dominando-a, como os romanos dominaram a Grécia e outros povos em seu processo de expansão territorial. O que se vê na dinâmica dos casos relatados é um processo de territorialização que, por meio da fala, aprisiona o sujeito numa suposta origem na qual teria se dado o recalque originário. A reação do *self* criativo é a busca por linhas de fuga que permitam ao indivíduo se libertar das amarras impostas à sua produção desejanse.

As análises do “pequeno Hans”⁵³⁴ e do “pequeno Richard”⁵³⁵ são dois dos mais conhecidos exemplos em que crianças analisadas se veem enredadas em uma teia de significações prontas, criadas a partir de uma mitologia⁵³⁶ fundadora. A

⁵³³ O uso ilegítimo das sínteses do inconsciente foi discutido anteriormente, no capítulo 2.

⁵³⁴ FREUD, S. Análise da fobia de um garoto de cinco anos (“O pequeno Hans”) In: *Obras Completas* Vol. VIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

⁵³⁵ KLEIN, M. *Narrativa da análise de uma criança; o procedimento da psicanálise de crianças tal como observado no tratamento de um menino de dez anos*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

⁵³⁶ Cabe apontar aqui a crítica empreendida pelo helenista Jean Pierre Vernant à interpretação empreendida por Freud do mito que funda a psicanálise. Em seu texto *Édipo sem Complexo*, Vernant

produção de enunciados, que não é menos agenciamento maquínico que a produção material, é alvo, na “peneira” interpretativa, de um processo redutivo que conduz os devires e intensidades a uma cadeia de significantes. As enunciações infantis, povoadas por artigos e pronomes indefinidos, bem como de verbos no infinitivo indicando processos contínuos, são recodificadas e conduzidas às figuras familiares.

Richard começou a ser tratado por Klein após manifestar medo em relação à companhia de outras crianças e medo de se ausentar de casa sozinho. O caso é paradigmático, pois é através dele que Klein dá novos contornos ao complexo de Édipo, conduzindo-o a um momento anterior àquele abordado por Freud. Quando Dickie – uma criança de 10 anos analisada em 1941, durante a Segunda Guerra Mundial – fala de um Hitler⁵³⁷ ou um Churchill para Melanie Klein, sua fala é prontamente conduzida aos pais, indicando uma diferenciação entre os pais temidos (na figura de Hitler e da Alemanha) e os pais amados e confiáveis (na figura de Churchill e da Inglaterra)⁵³⁸. O que se percebe ao longo das 93 sessões narradas no relato de Klein, é uma tentativa de Richard de construir uma cartografia dos afetos em meio às agruras do período de guerra⁵³⁹. Dizemos aqui tentativa pois, a todo momento, fica clara a fórmula segundo a qual o texto de Klein é construído: os desenhos e brincadeiras de Dickie, que representavam trens, aviões, submarinos e toda

critica aquilo que considera uma simplificação de um tema que somente pode ser compreendido, em profundidade, à luz do trabalho de pesquisa dos historiadores e helenistas. Dentre os principais problemas localizados no sentido dado por Freud, uma espécie de Tirésias que descobre um sentido oculto no mito, estão o fato do psicanalista partir de uma vivência íntima de indivíduos não situados historicamente e projetá-la, sem qualquer contextualização sociocultural, sobre uma obra específica. Específica porque o mito de Édipo tomado por Freud é aquele da versão de Sófocles, uma releitura que obedece às exigências estilísticas do gênero trágico. Vernant chama atenção para o fato de que, nas versões iniciais do mito, não há qualquer elemento de autopunição, encontrando Édipo uma morte tranquila como ocupante do trono de Tebas. Finalmente, ainda sobre o caráter universal expresso no sentido dado à tragédia, perguntará: “Se a tragédia toma sua matéria de um tipo de sonho que tem valor universal, se o efeito trágico se prende à mobilização de um complexo afetivo que cada um de nós traz consigo, por que a tragédia nasceu no mundo grego, na virada do VI para o V século? Por que as outras civilizações a ignoraram completamente?” (VERNANT, J.P & VIDAL-NAQUET, P. *Édipo sem Complexo*. p. 56). Embora Vernant promova uma desconstrução bastante convincente da interpretação freudiana do mito de Édipo, parece ser vítima da mesma generalização que encontramos em Deleuze e Guattari, quando o helenista localiza em “todos os psicanalistas” (Ibidem, p. 54) o recurso ao mito como elemento teórico-clínico.

⁵³⁷ KLEIN, M. *Narrativa da análise de uma criança; o procedimento da psicanálise de crianças tal como observado no tratamento de um menino de dez anos*. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p.222.

⁵³⁸ Ibidem, p. 32.

⁵³⁹ Richard e a mãe haviam sido evacuados de sua casa pouco antes da mesma ter sido atingida por uma bomba em 1941, mesmo ano em que se inicia o processo de análise.

sorte de coisas que povoam o imaginário de alguém submetido aos dissabores da guerra, eram sempre seguidos do *leitmotiv* “Mrs. K interpretou que...”.

Melanie Klein aplica a Richard a mesma fórmula que Freud aplica em sua análise de Hans. Assim como Richard na clínica kleiniana, o caso de Hans é paradigmático para a análise freudiana de crianças. Hans, filho do musicólogo Max Graf, contava 5 anos de idade à época de sua análise com Freud. Seu pai era amigo deste último e entusiasta de seu trabalho, e sua mãe, a atriz Olga König, também já havia sido tratada pelo psicanalista no passado. Hans passa a ser tratado em virtude de uma fobia que possuía em relação a cavalos, a qual será interpretada por Freud como uma representação do medo que possuía em relação ao pai. Tal medo estaria relacionado ao fato de o pai representar a ameaça de castração diante dos desejos incestuosos vividos pelo menino. O caso se torna emblemático, pois se apresenta como uma oportunidade para Freud buscar comprovações sobre suas ideias concernentes à sexualidade infantil, mas também abre espaço para uma exegese que vise compreender os limites e possibilidades da técnica psicanalítica quando da abordagem com crianças. Com efeito, seus limites ficam evidentes, pois toda a análise mostra-se referenciada e circunscrita a caracteres da órbita edípica. O mesmo processo de redução da multiplicidade à unidade descrito anteriormente na análise de um sonho de Jung é aplicado a Hans, quando Freud reduz seu quadro sintomático à compreensão de que o medo de cavalos remeteria a um medo do pai. O reducionismo freudiano fica patente quando o próprio psicanalista conclui que Hans

receia *não apenas* cavalos e que estes o mordam — a respeito disso logo deixará de falar —, mas também carruagens, carruagens de mudança e de transporte coletivo, que têm em comum, logo se verifica, a sua pesada carga; e cavalos que se põem em movimento, cavalos de aparência grande e pesada, cavalos que andam rapidamente.⁵⁴⁰

Como vemos, a narrativa de Hans contém uma abundância de elementos, que não aparecem na interpretação de Freud, embora se liguem na fala da criança. A despeito do processo interpretativo que decalca sobre seus enunciados uma grade de significados dada previamente, o que tanto Richard como Hans evidenciam em suas falas é a potência dos devires que traçam os trajetos e afetos nos mapas que os

⁵⁴⁰ FREUD, S. Análise da fobia de um garoto de cinco anos (“O pequeno Hans”) In: *Obras Completas* Vol. VIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p.113 (itálico nosso)

garotos tentam construir. O que vemos em seus enunciados, são agenciamentos de individualizações sem sujeitos, ou seja, de hecceidades. O cavalo descrito não diz respeito a um simples membro de uma espécie, em um processo de individualização vertical. Quando Hans fala de *um* cavalo (e quando Richard fala de *um* trem), ele se refere ao acontecimento que surge como singularidade a partir da composição (digamos assim, horizontal), um a um, entre elementos díspares que vão constituindo uma série “rua-cavalo-ônibus-carga”⁵⁴¹, e não do animal enquanto um membro qualquer de uma das subespécies de *Equus ferus*. O “cavalo de Hans” e “o trem de Richard” referem-se aos acontecimentos que resultam do agenciamento de uma série de elementos diferentes (ou, como Deleuze dirá a propósito de Leibniz em seu *A dobra: Leibniz e o barroco*, através do agenciamento de pontos singulares). Um cavalo em composição com afetos, com uma dada estação, em um determinado momento, geraria, por exemplo, essa individualidade singular.

Do mesmo modo, o trem descrito por Richard se compõe com uma série de elementos próprios à realidade vivida pelo garoto durante o período de guerra:

Ele constrói os seus agenciamentos maquínicos: primeiro, agenciamentos dos países sobre o corpo pleno da Terra; segundo tipo, agenciamentos sobre o corpo pleno do mar; terceiro tipo, agenciamentos de todos os meios de transporte, avião, ônibus, estrada de ferro, caminhão, paraquedas, sobre o corpo pleno do Mundo.⁵⁴²

Não propomos aqui uma leitura que permita explicar o sofrimento psíquico de Hans ou de Richard, haja vista que esse não é o escopo de nosso trabalho. Por outro lado, apontamos para o caráter problemático da hermenêutica freudiana, que reitera de modo reducionista um procedimento que sempre remete os enunciados às figuras parentais. Trata-se de uma arqueologia algo paradoxal que, em seu movimento prospectivo, ignora toda sorte de achados, só fazendo encontrar os ossos do pai e da mãe por onde quer que escave.

Aqui a noção de mapa, trabalhada por Deleuze e Guattari, adquire caráter central em sua proposta de trabalho, permitindo que se deixe de lado qualquer pretensão de atividade prospectiva em direção a uma verdade escondida, passando, por meio de uma cartografia, à compreensão dos trajetos individuais. Esses percursos –

⁵⁴¹ DELEUZE, G. A interpretação dos enunciados. In: *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)*. São Paulo: Editora 34, 2016, p.99.

⁵⁴² *Ibidem*, p.107.

extensivos, mas também intensivos, afetivos – comporão o mapa que desenha os encontros singulares que o indivíduo realiza com os elementos do mundo. Não se trata de buscar uma suposta origem do sintoma na profundidade do sujeito, mas de compreender como se dão os deslocamentos do sujeito na superfície do mundo. Vemos na análise de Hans que o próprio Freud muitas vezes se perde em meio à tentativa de Hans de “desenhar” os trajetos desses seus encontros, o que conduz o psicanalista ao trabalho de produzir um mapa que descrevesse a multiplicidade de encontros⁵⁴³. No caso de Richard, a ilustração de seus devires por meio de mapas será realizada pelo próprio garoto, durante as sessões de análise. Várias cartografias podem ser localizadas entre os 74 desenhos produzidos por ele ao longo dos anos em que se deram seus encontros com Klein.

Em comum, os dois casos carregam a personalização dos mapas por meio da operação interpretativa de Freud e Klein. Com efeito, tal operação é efetivamente realizada por esta última quando afirma, sobre um dos mapas/desenhos produzidos pelo paciente: “havia *uma grande variedade de detalhes*, mas certos elementos sempre representavam os mesmos objetos e situações”⁵⁴⁴. Ou seja, a despeito da multiplicidade de detalhes, o foco da interpretação volta-se sempre para os mesmos elementos, os quais são sempre reconduzidos aos pais. Assim, a profusão de encontros ali ilustrada é sempre remetida a uma forma “maior”, “dominante”, que despotencializa a atividade criativa e elimina a singularidade dos encontros. Ao contrário, na leitura de Deleuze e Guattari, os pais devem ser compreendidos apenas como “conectores ou desconectores”, abrindo ou fechando portas nas relações travadas pela criança com a realidade circundante. Em proximidade com Winnicott, as figuras parentais podem ser compreendidas, no caso do bebê, como “agentes nos percursos da criança”⁵⁴⁵, podendo propiciar a ela bons ou maus encontros com o mundo a partir de uma provisão ambiental adequada.

A obra de 1976 dedicada integralmente ao caso de Richard não foi a primeira abordagem feita por Klein do caso. Um recorte dos resultados de sua análise já havia sido apresentado por ela em 1945, no texto *Complexo de Édipo à luz das*

⁵⁴³ FREUD, S. Análise da fobia de um garoto de cinco anos (“O pequeno Hans”) In: *Obras Completas* Vol. VIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p.76-77.

⁵⁴⁴ KLEIN, M. Complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas. In: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 427.

⁵⁴⁵ DELEUZE, G. O que dizem as crianças. In: *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011, p.84.

ansiedades arcaicas, no qual, pela última vez, reflete de forma extensa sobre este que era considerado o núcleo das neuroses. Seu título indica o caminho que norteou a análise do garoto inglês, da qual foram desconsiderados não apenas fatores ambientais de sua primeira infância, mas também do campo social. Embora Richard demonstrasse pleno conhecimento das atribuições sociais causadas pela guerra (o que pode ser verificado em suas falas), os efeitos de sua interação com universo sociopolítico foram totalmente desconsiderados. Embora Klein afirme ter ciência da existência de “dificuldades na situação familiar — além de sérias dificuldades na história inicial de Richard”⁵⁴⁶ e dissesse que “em todos os casos, é preciso levar em consideração os processos internos resultantes de fatores constitucionais e ambientais, com os quais interagem”⁵⁴⁷, a psicanalista — que já fora criticada por Winnicott por desconsiderar as relações com o ambiente —, opta por ignorar tais questões.

Embora o segundo trabalho sobre o caso de Richard seja consideravelmente extenso e introduza um histórico de sua primeira infância e do modo como a eclosão da Segunda Guerra Mundial o afetou, aumentando suas dificuldades psíquicas⁵⁴⁸, a proposta de trabalho segue no mesmo sentido do ensaio de 1945, ou seja, interpretando e reduzindo desenhos, brincadeiras, emoções e enunciados ao significante transcendente Édipo. O que Richard faz ao longo das sessões é uma construção de mapas que traçam as coordenadas do percurso que realiza no campo histórico-social. Ora, como desconsiderar que se trata de uma criança desalojada e profundamente impactada pelos efeitos da guerra, não apenas em si, mas em sua família, o microcosmos imediato com que se relacionava? Seu desejo, assim como seu mal-estar, deve ser compreendido à luz das coordenadas familiares, mas também das sociais, políticas, econômicas e culturais que o afetavam, uma vez que as maquinações do desejo são sempre heterogêneas.

Klein perde a oportunidade de analisar tais maquinações heterogêneas, por exemplo, quando deixa de interpretar o medo de Richard em relação a uma visita que ela faria a Londres com base nos trajetos histórico-sociais presentes em sua

⁵⁴⁶ KLEIN, M. Complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas. In: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.418.

⁵⁴⁷ *Ibidem*.

⁵⁴⁸ KLEIN, M. *Narrativa da análise de uma criança; o procedimento da psicanálise de crianças tal como observado no tratamento de um menino de dez anos*. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p.20.

fala. O temor de Richard em relação ao risco de vida vivido pela psicanalista – que temia que ela se ferisse – era resultado direto do período conturbado que viviam, que nele produzia medos em relação a sua própria segurança e daqueles que o cercava. Porém, para a psicanalista, se ela se tornara um objeto ferido na mente do menino, isso não se dera em função do risco implicado nos bombardeios, mas sim porque sua viagem implicava uma interrupção da análise, o que teria como resultado que ela fosse objeto de seu ódio⁵⁴⁹. Portanto, as implicações do contexto em que o garoto se encontrava inserido – sobre aquilo que efetivamente enunciava –, são deixadas de lado em prol de uma interpretação fundada na transferência, que localiza no sentimento direcionado a Klein uma projeção dos afetos vividos na relação com a mãe.

Com efeito, Klein interpretará a constante presença da guerra nas falas de Richard não em relação com a situação efetivamente vivida por ele, mas como uma metáfora para seu próprio caos interno. Em outras palavras, sua agitação interna não seria o resultado das experiências vividas (em sua família e em si) em um período de guerra; muito pelo contrário, o próprio interesse pelo conflito evidenciaria uma forma de expressar tal agitação interna. Embora o garoto lesse três jornais por dia e ouvisse o noticiário no rádio, seu sofrimento psíquico era interpretado não a partir de suas vivências reais, mas como metáforas de seu estado psíquico conflituoso. É esse movimento de conversão dos enunciados na psicanálise tradicional que é criticado já nas linhas iniciais de *O anti-Édipo*, quando os autores defendem que “o presidente Schreber sente algo, produz algo, e é capaz de fazer a teoria disso. Algo se produz: efeitos de máquina e não metáforas”⁵⁵⁰.

Como sabemos, o desejo é produtor de real e não produção de fantasmas. Segundo Deleuze, “mais até que os adultos, as crianças resistem à pressão e à intoxicação psicanalíticas; [...] Porém, não conseguem resistir por muito tempo. Têm que guardar seus mapas, sob os quais só restaram fotos amareladas do pai-mãe”⁵⁵¹. A intoxicação no caso de Richard se dá na reiterada conversão daquilo que vive intensamente em uma série de metáforas que têm como eixo central um significante

⁵⁴⁹ KLEIN, M. Complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas. In: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.423.

⁵⁵⁰ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.11.

⁵⁵¹ DELEUZE, G. O que dizem as crianças. In: *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011, p.84-85.

transcendente. O inconsciente da criança, em sua criatividade transbordante, é submetido pela via da interpretação a um processo de edipianização, onde em cada ramo que brota do eixo mítico brotam apenas figuras familiares. De fato, como aponta Deleuze, Richard parece não resistir durante muito tempo às interpretações da Sra. K. Assim, a psicanalista observa, ao final da primeira sessão, que, “embora [Richard] repetidamente demonstrasse ansiedade e surpresa, e rejeitasse algumas das interpretações, perto do fim da sessão toda a sua atitude tinha se alterado e ele estava menos tenso”⁵⁵².

O provável motivo da surpresa (e resistência) do garoto talvez estivesse nas interpretações que traduziam trens e estações ferroviárias sempre na imagem do pai (trem maior) e do filho (trem menor) entrando na mãe (estação); ou que falavam de um avião inglês atacando um submarino alemão como um ataque de Richard ao órgão genital do pai; ou mesmo a imagem de um sabiá que tinha lhe agradado e que era interpretada como o pênis bom, um bebê e o desejo de Dickie de fazer bebês e substituir o pai e mesmo o Sr. K. A lista de remissões à constelação edipiana é interminável e, talvez por esse motivo, muitas dessas interpretações tenham sido respondidas com o silêncio de Richard. O mesmo silêncio não foi ouvido quatro décadas mais tarde, quando Phyllis Grosskuth, a biógrafa de Klein, o entrevistou. Na casa dos 50 anos, ao folhear as páginas do relato de Klein, exclamava de quando em quando um “oh, Deus!”⁵⁵³. Sobre a sessão em que Klein interpreta o desenho de uma mina terrestre explodindo e o desenho de morangos crescendo em um jardim como o pênis do pai sendo incorporado no corpo da mãe, Richard comentará: “Acho que ela realmente poderia ter cortado essa besteira fora”⁵⁵⁴. Confrontado com o trabalho interpretativo em sua análise, ele conclui afirmando que, se Klein estivesse viva, ligaria para ela e diria: “Já chega” (“Enough is enough”)⁵⁵⁵.

A atitude certamente dá razão ao questionamento de Deleuze acerca dos limites da atividade interpretativa. O comentário do adulto Richard parece apontar para uma forma de protesto contra um tipo de procedimento que, quando criança, o

⁵⁵² KLEIN, M. *Narrativa da análise de uma criança; o procedimento da psicanálise de crianças tal como observado no tratamento de um menino de dez anos*. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p.26.

⁵⁵³ GROSSKURTH, P. *Melanie Klein: her world and her work*. New York: Alfred A. Knopf, 1986, p.265 (tradução nossa).

⁵⁵⁴ *Ibidem*.

⁵⁵⁵ *Ibidem*.

despojava de sua singularidade. É como se o qualificativo “pequeno”, que acompanhava não apenas o seu nome, mas o de tantas outras crianças submetidas à hermenêutica psicanalítica, indicasse mais do que sua tenra idade, apontando para um apequenamento de seu desejo, de sua potência de agir, de seu próprio ser.

“Sobre tudo isso o que é que a psicanálise tem a nos dizer? Édipo, nada mais do que Édipo”⁵⁵⁶. Assim, a ferramenta da clínica psicanalítica ortodoxa reduz a tudo e a todos a um lugar comum, privando o desejo de sua potência criadora e de seu caráter revolucionário. Com isso, ela se insere no bojo dos dispositivos de sujeição que atuam tolhendo a criatividade, submetendo, subjugando e formatando os indivíduos em nome de uma suposta normalidade que, ao fim e ao cabo, não passa da imposição de um determinado modelo de sociedade. Ora, mas se o tratamento analítico deve prescindir da interpretação enquanto ferramenta de tradução que produz significações, em que dispositivo poderia se ancorar a atividade clínica? Uma resposta para esta questão é apresentada por Deleuze e Guattari em sua concepção da esquizoanálise.

4.2.3.

Esquizoanálise: da interpretação à experimentação

Recusando o postulado de um modelo de inconsciente expressivo e representativo, a esquizoanálise se posiciona contrariamente à psicanálise tradicional. Disso decorre que a sua abordagem não deve se dar a partir da interpretação, já que não existem conteúdos a serem traduzidos. Pensar que os conteúdos do inconsciente exigem qualquer forma de manobra de significação é problemático por si só, dado que tal pressuposto aponta para a existência de um sentido dado a priori na dimensão inconsciente. Em sua abordagem, Deleuze e Guattari propõem um uso imanente das sínteses do inconsciente que o tomam a partir de disjunções inclusivas, o que possibilita uma abertura ilimitada para tudo que há de singular. Não se trata mais de ligações segundo o modelo “a ou b”, mas sim “a ou b... ou z... ou...”, não havendo qualquer tipo de limitação que determine o tipo de agenciamento a ser realizado. Com isso objetiva-se devolver ao inconsciente outrora subjugado pelo decalque do significante sua capacidade criativa, abrindo-o para além da reprodução fantasmática

⁵⁵⁶ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Um só ou vários lobos. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, Vol.1*, São Paulo: Editora 34, 2011.

ou imaginária, e com isso tornando-o produtor de realidade. Portanto, a esquizoanálise carrega em seu bojo uma crítica à “miséria do imaginário e do simbólico, [onde] o real [encontra-se] sempre adiado”⁵⁵⁷.

Se por um lado o inconsciente não é compreendido como um teatro de fantasmas, tampouco será entendido como um sistema simbólico estruturado a partir da linguagem. Isso porque, para Guattari, a linguagem não se fecha sobre si mesma, podendo compor agenciamentos com o campo extra-linguístico, ou seja, com o campo social, político, econômico, portanto, com semióticas de uma natureza distinta. Tentar enclausurar o inconsciente no campo da linguagem é o mesmo que apagar as conexões que ele realiza com o campo histórico em que se insere. É nesse sentido que a ditadura do significante, que simplifica o inconsciente como um “fato de língua”, elimina as múltiplas combinações da produção desejante, colocando em cena relações de poder, pois “a estrutura do significante jamais é completamente redutível a uma pura lógica matemática, ela liga-se sempre às diversas máquinas sociais repressivas”⁵⁵⁸.

O inconsciente maquínico proposto pela esquizoanálise não é uma dimensão presa a um passado a que se deva regressar nem é amarrado a um discurso institucionalizado a que se deva submeter. Em sua natureza produtiva, ele é povoado sim pela linguagem e por imagens, mas, antes disso, é habitado pelos mecanismos que permitem que tais elementos sejam produzidos. Trata-se de um inconsciente constituído na experiência, a partir de tudo aquilo que é da ordem do possível: “possível à flor da linguagem, mas também o possível à flor da pele, à flor do *socius*, à flor do cosmos...”⁵⁵⁹. Portanto, ao contrário daquilo que propõe Lacan⁵⁶⁰ quando estrutura o inconsciente segundo parâmetros linguísticos, para este autor os sintomas não podem ser resolvidos apenas à luz de uma análise da linguagem, pois sua existência não se encontra vinculada exclusivamente a ela.

⁵⁵⁷ DELEUZE, G. & PARNET, C. Da superioridade da literatura anglo-americana. In: *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1988, p.42.

⁵⁵⁸ GUATTARI, F. O Divã do Pobre. In: *Psicanálise e Cinema. Coletânea do nº 23 da Revista Communications. Comunicação/2*. Lisboa: Relógio d’ Água, 1984.

⁵⁵⁹ GUATTARI, F. *O inconsciente maquínico: ensaios de esquizoanálise*. Campinas: Papirus, 1988, p.10.

⁵⁶⁰ LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 270.

Em *Micropolítica: cartografias do desejo*, Guattari nos oferece uma imagem que pode ser tomada como ponto de partida para compreendermos em que sentido o paradigma esquizoanalítico se diferencia da psicanálise tradicional no que diz respeito às formações do inconsciente. A esquizoanálise figura como uma proposta fundada na crítica a um modelo clínico ao mesmo tempo personalista e familiarista, cujo norte seria uma suposta normalização a ser alcançada em um processo que, na verdade, é um prolongamento da normatização social. Guattari diz o seguinte:

Os lapsos, os atos falhos, os sintomas são como pássaros que vêm bater seus bicos no vidro da janela. Não se trata de “interpretá-los”. Trata-se, isto sim, de situar sua trajetória para ver se eles têm condições de servir de indicadores de novos universos de referência os quais poderiam adquirir uma consistência suficiente para provocar uma virada na situação.⁵⁶¹

A imagem evocada pode ser tomada como a origem de uma crítica que encaminha uma nova compreensão da natureza dos sintomas, que não mais os compreenderá em relação com fantasmas ou estruturas simbólicas, o que, por conseguinte, implica o abandono da interpretação, imaginária (onde os conteúdos sempre remetem a elementos familiares na constelação edípica) e simbólica. Por sua vez, esta nova teoria do sintoma se constrói sobre a compreensão de imagens e não de metáforas ou alegorias. Isso significa dizer que não existe na imagem um conteúdo latente a ser desvendado, e que deva ser reportado ou escondido por trás de um conteúdo manifesto. Tampouco a imagem remete a uma estrutura simbólica significativa. O sintoma como imagem é da ordem do acontecimento e é sempre tomado tendo como horizonte o futuro e não como um resgate em mão única do passado.

Para melhor compreender a teoria do sintoma aqui mencionada é preciso delinear o modo como Deleuze e Guattari compreendem a subjetividade, de uma maneira distinta daquela presente no pensamento cartesiano. Neste, segundo a leitura dos autores, a subjetividade se mostra constituída a partir de dois pólos, um sujeito do enunciado e um sujeito da enunciação. O primeiro se refere ao sujeito da experiência, *res extensa*, atuando diretamente sobre o mundo, enquanto o segundo remete ao sujeito que representa, substância pensante, portanto, *res cogitans*. A verdade do sujeito estaria presente neste último, pois o primeiro estaria ligado à

⁵⁶¹ GUATTARI, F. & ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996, 222-223.

corporalidade, às paixões e, por conseguinte, não seria confiável para conferir critério de verdade ao enunciado. Esta, portanto, só pode se fundar no ser pensante, sujeito da enunciação, dado que somente o cogito, conforme a fórmula cartesiana, pode garantir a existência. Como resultado desta filosofia, se estabelece uma dicotomia entre um sujeito pensante e um sujeito da experiência, sendo a verdade atributo do primeiro, dimensão interna e não do segundo, realidade externa.

Como se pode depreender, tal filosofia encontra eco no paradigma psicanalítico edipiano que compreende as produções sintomáticas, oníricas, os lapsos e os atos falhos como a manifestações escamoteadas de uma verdade escondida internamente, em função da repressão de impulsos incestuosos reprimidos. Embora a noção de inconsciente inexista no pensamento cartesiano, pode-se dizer que o método psicanalítico, por meio de sua arqueologia interpretativa, figura aqui como a possibilidade de traduzir o modo como o sujeito da enunciação (conteúdo latente) se diz no sujeito do enunciado (conteúdo manifesto) de modo disfarçado, procurando trazer à superfície aquilo que supostamente estaria escondido na profundidade individual. Por sua vez, Deleuze e Guattari concebem a subjetividade de modo distinto, compreendendo a enunciação não centrada na figura do sujeito, mas sim como um processo de subjetivação que se dá por meio da produção de agenciamentos. A partir de uma infinita gama de agenciamentos é que são produzidos os enunciados, ou seja, a verdade é dada nas diversas possibilidade de encontros (pessoais, afetivos, sociais, econômicos). Portanto, não há nada a ser interpretado, mas apenas experimentado. Assim:

A unidade real mínima não é a palavra, nem a ideia ou o conceito, nem o significante, mas o agenciamento. É sempre um agenciamento que produz os enunciados. Os enunciados não têm por causa um sujeito que agiria como sujeito da enunciação, tampouco se referem a sujeitos como sujeitos de enunciado. O enunciado é o produto de um agenciamento, sempre coletivo, que põe em jogo, em nós e fora de nós, populações, multiplicidades, territórios, devires, afetos, acontecimentos.⁵⁶²

Com isso podemos compreender com mais clareza a imagem evocada por Guattari do pássaro se chocando com o vidro. O pássaro, assim como um sintoma, deve ser tomado dentro do contexto do agenciamento coletivo de que faz parte e

⁵⁶² DELEUZE, G. & PARNET, C. Da superioridade da literatura anglo-americana. In: *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1988, p.43.

não numa significação isolada. Por si só, ele é a-significante e, portanto, não pode ser referenciado a um sentido previamente dado. Fora do agenciamento coletivo em que se insere, ele não possui mais significado que uma palavra fora do agenciamento linguístico em que se encontra inserida. Assim, não faz sentido tomar o animal, como se numa prática de auropiscina⁵⁶³, em busca de um suposto sentido escondido, pois sozinho ele não passa de uma imagem que, em si, é desprovida de sentido prévio. Analogamente, os lobos de Pankejeff e os crânios presentes no sonho de Jung, tomados em si mesmos, isoladamente, fora do agenciamento em que se inserem, tal como vemos nas análises de Freud, não possuem qualquer significado.

Do mesmo modo, os sintomas, atos falhos, lapsos etc. devem ser analisados no contexto da trajetória em que se inserem, não isoladamente como um fantasma ou um significante simbólico, mas como uma coordenada que se articula com outros elementos do percurso individual. Em todos esses casos, há que considerar a totalidade de elementos: o trajeto do voo, o choque com o vidro, as condições climáticas, o tempo do ocorrido, os afetos produzidos... Assim se amplia a dimensão em que o sintoma se atualiza. No pássaro bicando o vidro, buscaremos como o “choque com o vidro” gera ondas, fluxos de devir, que se direcionam em direção a futuro possíveis. É nesse sentido que os sintomas, tomados dentro do agenciamento coletivo em que se inserem, apontam para novos universos de referência (familiares, conjugais, profissionais, estéticos), que, por meio de um processo de experimentação, apontarão para diferentes coordenadas de existência.

Deleuze e Guattari utilizam o termo experimentação como forma de combater a cristalização da ideia de interpretação em torno da busca por significação, de um sentido oculto por trás de elementos determinados. A interpretação que propõem tem menos um sentido hermenêutico e mais estético. Tomemos como exemplo o campo musical. Uma música não consiste em uma mera repetição de notas a partir de uma partitura, seu universo de referência. As notas musicais, tomadas isoladamente, são desprovidas de qualquer sentido. Na música, trata-se, sim, de um movimento de expressão, no qual as notas musicais compõem a melodia. A esse movimento de expressão, que em si já é um processo de experimentação,

⁵⁶³ Prática comum na Antiguidade através da qual se buscava prever o futuro a partir das entranhas de animais.

corresponde aquilo que no campo artístico será chamado de interpretação. Esse processo de experimentação é operado dentro da clínica esquizoanalítica, a partir de uma cartografia que permita compreender os sintomas em seu contexto de aparição e produzir um processo de experimentação de devires possíveis.

Disso decorre um modelo de clínica fundado exclusivamente na experiência prática, experimental e não mais em uma prática que pretende deduzir significados. A significação do sintoma emerge dentro do contexto da experimentação, ancorada no devir, e não mais como um dado a ser resgatado a partir do passado ou mesmo de um futuro a ser atingido. Pouco importa o ponto de origem do pássaro e seu ponto final. Um sintoma não pode ser compreendido fora do percurso traçado; mesmo um fim pressupõe um caminho específico. Dado que os agenciamentos podem combinar de diferentes formas percepções, afetos, desejos, temporalidades etc., não há um único destino possível, sendo possível assim a construção de múltiplas cartografias que apresentem diferentes trajetos rumo a uma transformação.

É nesse sentido que Guattari aponta para um modelo de clínica pragmática que tome o sintoma em sua presentificação, na forma de acontecimento, e que produza um campo de virtualidades. Trata-se de uma concepção de clínica em que “a análise não é mais interpretação transferencial de sintomas em função de um conteúdo latente preexistente, mas invenção de novos focos catalíticos suscetíveis de fazer bifurcar a existência”.⁵⁶⁴ Conforme apontamos à propósito da crítica empreendida em relação a Hans e Richard, não se trata da interpretação de fantasmas ou significantes simbólicos, mas sim da experimentação de um *milieu*, de uma hecceidade, já que esta “não têm nem começo nem fim, nem origem nem destinação; está sempre no meio. Não é feita de pontos, mas apenas de linha. Ela é rizoma”⁵⁶⁵.

4.2.4.

O paradigma winnicottiano: cuidado e “anti-interpretação”

Ora, mas de que forma podemos estabelecer uma aproximação entre Deleuze, Guattari e Winnicott de modo que seus pensamentos dialoguem? Tendo esta questão como horizonte de nossa análise, é necessário que precisemos inicialmente

⁵⁶⁴ GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992, p.30.

⁵⁶⁵ DELEUZE, G. & GUATTARI, F. 1730 – Devir-intenso, devir-animal. Devir-imperceptível. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol.4, São Paulo: Editora 34, 2012, p. 53.

de que forma a ferramenta interpretativa se configura no contexto da clínica winnicottiana. Situar a interpretação no pensamento de Winnicott permitirá compreender que a “destruição” de determinados pressupostos basilares da psicanálise ortodoxa se dá exclusivamente com base na experiência vivida na clínica. A ponte entre filosofia e psicanálise aqui delineada se dará justamente a partir da experiência, ou seja, a partir de uma reflexão que privilegie uma leitura da psicanálise a partir da imanência. Para tanto, veremos como Winnicott reconstrói a noção de interpretação a partir da díade paciente/analista presente em seu fazer clínico.

Como temos visto ao longo de nosso trabalho, Winnicott se debruça sobre os problemas colocados à psicanálise de modo bastante singular. Averso à tirania do saber que age tolhendo a originalidade do pensamento, se posicionará frontalmente ante aquilo que se mostrava ineficaz ou desprovido de sentido na prática analítica. Com efeito, a preocupação em relação à fidelidade cega que enclausurava a produção psicanalítica dentro de sistemas dominantes evidenciava uma crítica àquilo que se mostrava “lugar comum” na linguagem psicanalítica e que, por isso, deveria ser questionado. Contra o dogmatismo e a sujeição da criatividade a sistemas dominantes, escreverá a Klein, manifestando suas preocupações:

Estou preocupado com esta estrutura que pode ser chamada de kleiniana, que acredito ser o perigo real para a divulgação do seu trabalho. Suas ideias só viverão na medida em que são redescobertas e reformuladas por pessoas originais dentro e fora do movimento psicanalítico. O perigo é que o círculo desenvolve um sistema baseado na defesa da posição conquistada pelo trabalhador original, neste caso você mesma... Você é a única que pode destruir essa linguagem chamada doutrina kleiniana e kleinismo e tudo isso com um objetivo construtivo. Se você não destruí-la, então esse fenômeno artificialmente integrado deve ser atacado de forma destrutiva. Ele convida ao ataque [...].⁵⁶⁶

Com isso o psicanalista não apenas evidencia sua preocupação, mas também demarca sua posição contrária à defesa estéril de sistemas que atuava contra a revitalização criativa da teoria psicanalítica. A carta prenuncia aquilo que se torna um traço distintivo de Winnicott, e ele termina sublinhando que não se trata de se tornar um inimigo das ideias da psicanalista, mas de sistemas. É nesse sentido que, ao destruir a língua materna (e também paterna, dado que Freud é uma presença constante em seu pensamento), pode-se dizer que produz uma língua menor no interior

⁵⁶⁶ WINNICOTT, D.W. *The spontaneous gesture: selected letters of D.W. Winnicott*. London: Harvard University Press, 1987, p.xxii (tradução nossa).

da psicanálise. No contexto de sua teoria do amadurecimento, isso acontece com uma reavaliação das noções de pulsão de morte, de complexo de Édipo e, como veremos, também do papel conferido à interpretação.

A questão da interpretação enquanto ferramenta clínica encontra-se dispersa, direta ou indiretamente, em muitos dos textos que compõem a teoria winnicottiana. Ao tema ele dedica especificamente o texto *A interpretação na psicanálise*, no qual propõe um exame e reavaliação do instrumento interpretativo no contexto da técnica psicanalítica. Nele encontramos apenas uma das formas que a interpretação assumirá em seu pensamento; de modo geral, a interpretação cumpre a função única e exclusiva de atender às demandas do paciente. Nesse sentido, correndo o risco de simplificar excessivamente a compreensão da questão, poderíamos afirmar que a obra de Winnicott nos conduz a duas formas gerais de apresentação da interpretação: uma delas, na esteira do apreço pelo paradoxo, vincula a interpretação a uma anti-interpretação; a outra encaminha a compreensão da interpretação para um uso como *holding* e *handling*, onde já não se trata de interpretar, mas apenas de atuar dando suporte ao paciente. Estes podem ser compreendidos, dependendo do uso empregado, como possíveis formas não-verbais de interpretação.

Antes de continuar, é preciso atentar para o fato de que tais usos da interpretação não se apresentam de modo estanque e delimitado nos textos de Winnicott, sendo apenas modos de compreensão que utilizamos aqui no intuito de situar as ferramentas clínicas empregadas no contexto de uma clínica da experimentação. Disso também não se deve desprender que o fazer clínico de Winnicott seja pautado por um suposto espontaneísmo que prescinde de um balizamento teórico. Ao contrário, trata-se de uma proposta terapêutica que toma a experiência humana em seu próprio caráter mutável e, nesse sentido, submete também sua prática às exigências do devir. Daí decorre o fato de Winnicott afirmar: “um estudante que tente investigar minha técnica pessoal precisará estudar a forma como me comortei em uma longa série de casos, e descobrirá que o que eu fiz em cada exemplo pertenceu àquele caso particular.”⁵⁶⁷. Ao fim e ao cabo, a única constante que deve se observar em todos os casos é a liberdade para experimentar de modo a melhor prover aqueles que buscam lidar com aquilo que se apresenta sob a forma de mal-estar.

⁵⁶⁷ WINNICOTT, D.W. O valor da consulta terapêutica. In: *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1994, p. 247.

Como vimos, o psicanalista era avesso a toda forma de dogmatismo que reduzisse sua prática à assimilação de sistemas. Isso implica adequar teoria e técnica aos desafios impostos pela clínica de modo a melhor atender às demandas daqueles para quem a psicanálise se volta, os pacientes. É nesse sentido que ele desloca a interpretação para além dos referenciais convencionais, dando a ela a formatação que contextualmente se fazia necessária. Foi com base em tais contextos que reduzimos sua compreensão às duas formas ou dois usos da interpretação que mencionamos acima, e que, conforme os textos winnicottianos, não deixam de estar imbricados.

Ambos os casos, como veremos, pressupõem uma certa empatia do analista, de modo a estabelecer uma sintonia na díade analista/paciente. Escolhemos compreender a relação entre paciente e analista nos mesmos termos em que Winnicott compreende a relação inicial entre o bebê e a mãe, e isso porque é transposta para o setting analítico uma espécie de preocupação materno primária. Isso significa dotar a clínica do manejo necessário que garanta o suporte adequado para atender aquilo que se apresenta como uma demanda do analisando. Implica também estabelecer uma zona de vizinhança, constituir por meio da interação um espaço potencial em que ambos possam brincar e, com isso, criar as condições necessárias para que o paciente experimente novos agenciamentos que lhe permitam sair da ruptura sintomática. O brincar aqui tratado se refere à criação de um espaço que permita tanto ao paciente como ao analista a capacidade de afetar e ser afetado por meio de um “entrejogo” construído por eles.

Para tanto, é necessário que, tal como ocorre entre mãe e bebê (e mesmo numa relação amorosa), ocorra uma abertura entre psiquismos que permita uma sintonia entre as duas partes. A inspiração de Winnicott para tomar o uso desse dispositivo como referencial para compreender a preocupação materno primária e, em extensão, a adaptação às necessidades do paciente, se encontra fundada no pensamento de Ferenczi⁵⁶⁸. Este apontava para os perigos inerentes a um posicionamento excessivamente neutro, frio e objetivo no manejo clínico, sendo necessário que o analista se mostrasse acessível e disponível, como condição do bem-estar do analisando. Isso, como é de se esperar, implica que o analista abandone uma posição de poder, na medida em que deixa de cumprir o papel que o eleva à condição de

⁵⁶⁸ FERENCZI, S. Técnica psicanalítica. In: *Psicanálise II*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

detentor das chaves que abrem as portas em direção à verdade por meio da interpretação dos enunciados.

Winnicott concebe a escuta analítica em proximidade com o cuidado materno e, nesse sentido, toma o setting como um campo de afetações, sendo o analista um corpo sensível aos sinais emitidos pelo paciente. Com isso “o fazer clínico se aproxima de um fazer estético, possibilitando um contato com o outro a partir dos afetos, que são tão cambiantes quanto a multiplicidade variável que constitui a alteridade”⁵⁶⁹. Nesse campo, onde a interpretação estéril dá lugar às experimentações vivas, os afetos formam “uma realidade sensível, corpórea, mutável, pois estão sempre em trânsito com as coisas do mundo e, pelos atravessamentos vividos, deslocam-se incessantemente os territórios, criando novos percursos subjetivos”⁵⁷⁰.

Neste encontro, em que o analista atua produzindo com o paciente um mapa de trajetórias possíveis, “o princípio é que é o paciente, e somente ele, quem tem as respostas. Nós podemos ou não capacitá-lo a abranger o que é conhecido ou tornar-se ciente disso com aceitação”⁵⁷¹. Assim, mais uma vez, não se trata na análise de um processo de interpretação e tradução de elementos simbólicos. Enveredar por esse caminho é o mesmo que abandonar “terra firme”⁵⁷², dado que o enunciado do paciente é relegado ao segundo plano em relação àquilo que é enunciado pelo analista.

Vemos aqui um exemplo daquilo que chamamos anteriormente de interpretação como anti-interpretação, pois não se objetiva por meio dela um processo de atribuição de sentidos ou significados ocultos, mas sim a devolução ao paciente de uma comunicação realizada por ele, cujo conteúdo precisa ser reconhecido. Tal processo, em toda sua simplicidade, é considerado por Winnicott como, possivelmente, a parte mais importante da interpretação. A fórmula permite lançar luz sobre um processo elaborativo que, porventura, ainda não tenha sido reconhecido. Ao refletir de volta o conteúdo comunicado, o analista não apenas assinala que o conteúdo foi recebido, mas também permite, àquele que fala, que possa mesmo corrigir o que foi

⁵⁶⁹ BORGES, H. Management: contribuições para o fazer clínico. In: *A clínica contemporânea e o abismo do sentido*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019.

⁵⁷⁰ Ibidem.

⁵⁷¹ WINNICOTT, D.W. O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações. In: *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1994, p.171-172.

⁵⁷² WINNICOTT, D.W. A interpretação na psicanálise. In: *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1994, p.164.

ouvido e refletido. Neste ínterim, novos agenciamentos são construídos por meio de novos ritmos e movimentos na singularidade do encontro. Novamente, isso tem como condição necessária que o analista lute contra o ímpeto que o coloca na condição de intérprete e não tome as correções de percurso em termos de resistência e defesa psíquica.

Com efeito, a luta que compele ao ímpeto de conferir significações aos enunciados pode mesmo conduzir o analista ao silêncio. Este, utilizado adequadamente⁵⁷³, carrega em si a potência de libertar fluxos criativos e favorecer a capacidade de brincar do paciente. Digo adequadamente, pois através da fala o analista assinala os limites de sua própria compreensão e, portanto, o silêncio leva à inferência de que o conteúdo comunicado é plenamente compreendido. Nesse sentido, vemos nos textos de Winnicott uma clínica da experimentação, na medida em que o horizonte almejado pelo psicanalista é sempre a eclosão da criatividade originária, mas, para alcançá-lo, ele se permite arriscar e experimentar. Com isso em mente, uma comunicação silenciosa, desde que sintônica, permite que trace por si só as coordenadas necessárias à construção de um insight. Por outro lado, em dadas circunstâncias, interpretar, ao mesmo tempo que cumpre aniquilar a criatividade, pode significar algo traumático, dado que a fala do analista pode se encaminhar na contramão do processo de maturação.

Portanto, partindo de tal corolário, Winnicott chama atenção para a necessidade de “compreender como uma psicoterapia profunda pode ser feita sem um trabalho interpretativo”⁵⁷⁴. Ancorado na crença de que os pacientes, desde que munidos do suporte ambiental de um *setting* adequado, são capazes de produzir linhas de fuga rumo à saúde e a uma vida potente, completará:

Minha descrição representa um apelo para que todos os terapeutas permitam que o paciente desenvolva a capacidade de brincar, ou seja, de ser criativo no trabalho analítico. A criatividade do paciente pode ser roubada com muita facilidade por um terapeuta que sabe demais.⁵⁷⁵

⁵⁷³ Com isso nos referimos à insuficiência do modelo clínico lacaniano, onde o silêncio do analista o coloca numa posição de superioridade. Testemunha dos sintomas, o paciente preso ao campo simbólico submete a ele suas interpretações tal como aquele que se dirige a um oráculo em busca de respostas. Ao fim e ao cabo, a tirania do significante permanece.

⁵⁷⁴ WINNICOTT, D.W. O brincar: posição teórica. In: *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu, 2019, p.88.

⁵⁷⁵ WINNICOTT, D.W. O brincar: atividade criativa e a busca do self. In: *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu, 2019, p.97.

O terapeuta “que sabe demais”, por meio da atividade interpretativa, assume o risco de produzir doutrinação e submissão, tal como pode ocorrer na relação diádica entre mãe e bebê. Isso se dá haja vista que a mãe, ao não se adaptar às demandas do infante, e, portanto, falhar no acolhimento de seu gesto espontâneo, acaba por submetê-lo ao seu próprio gesto. Essa submissão é o primeiro passo na constituição de um falso *self*, que surge como resultado de uma insuficiência ambiental. Uma subjetividade organizada em torno do falso *self* é o resultado de um mundo que nunca foi capaz de acolher o indivíduo em suas necessidades mais básicas, exigindo, ao contrário, que ele se adaptasse àquilo que lhe foi concedido. Isso implica um abandono da espontaneidade com que se expressam as tendências humanas inatas, encaminhando a existência a um modo de ser falso, não genuíno e artificial. Apartado de seu verdadeiro *self*, daquilo que torna o ser humano aquilo que ele é, permanece fixado longe de seu cerne, e, portanto, despotencializado, fechado a novos agenciamentos e encontros, preso no outro e longe de si. De uma existência fundada na adaptação ao outro, resulta não apenas uma vida acinzentada, achatada e desprovida de singularidades, mas um sentimento de irrealidade que afasta o indivíduo de seu cerne, prendendo seu centro de gravidade em torno daquilo que é apenas casca⁵⁷⁶.

Portanto, segundo os pressupostos de uma clínica fundada em proximidade com o cuidado materno, a interpretação carrega em seu bojo a possibilidade de – tal como a mãe não suficientemente boa – fazer valer o gesto interpretativo como ferramenta de sujeição e domesticação de um corpo vivo. Diante de tal cenário, o terapeuta atua como o muro que impede a irrupção de um corpo intensivo, das manifestações de uma vida saudável, e, portanto, espontânea e criativa. Por outro lado, a não-interpretação pressupõe uma total adaptação às demandas do outro, o que conduz à experimentação de um campo de virtualidades, com a possibilidade de uma vida mais potente, genuína, substancializada, dota de relevo. Isso ocorre quando a atitude analítica atua como um facilitador para que encontros singulares sejam construídos entre o outro e o mundo, a partir de uma expansão do brincar do espaço clínico para a coletividade dos encontros presentes na vida.

⁵⁷⁶ WINNICOTT, D.W. A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. In: *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu, 2021, p. 383.

Dito de outra forma, a construção de uma comunicação silenciosa⁵⁷⁷ permite que, a partir do espaço potencial construído, o paciente possa entrar em contato com o brincar, ou seja, com seu *self* criativo. Por sua vez, estabelecida esta ponte, o indivíduo abandona a fixidez e a rigidez que o mantém enclausurado em uma única coordenada, ampliando seu olhar para uma multiplicidade possível de encontros, ou seja, para novas formas de afetar-se. Portanto, a clínica winnicottiana está em estreito diálogo com as ideias de Deleuze e Guattari, dado se tratar de um procedimento terapêutico pautado em uma experimentação que propicia “a oportunidade de experiências amorfas, impulsos criativos, motores e sensoriais, que constituem a matéria-prima do brincar. É com base no brincar que se constitui a totalidade da existência experiencial humana”⁵⁷⁸.

A constituição de um campo terapêutico onde as experimentações se constanciam se dá não apenas a partir da sensibilidade do analista no domínio de uma comunicação silenciosa, mas também a partir da apreensão de um *kairós* que aponta para uma possível necessidade de “interpretação”. Usamos aspas aqui para introduzir aquilo que anteriormente chamamos de interpretação como *holding*, ou seja, um uso da ferramenta interpretativa não com o intuito de conferir significado a enunciados, mas sim de amparar o paciente em sua necessidade de cuidado. Portanto, se refere a um tipo de atitude ou “qualidade externa”⁵⁷⁹ adotada pelo terapeuta que tem por intuito a satisfação de necessidades que se mostram de formas diferentes conforme o caso. Determinar as necessidades de um paciente é um trabalho que não se limita a um diagnóstico individual, mas leva em consideração as relações estabelecidas com o *socius*, portanto, com os fatores ambientais.

Pensando o campo constituído na relação analítica como um campo de afecções, caracterizada por uma relação dual porosa, onde cada elemento da díade é capaz de afetar e ser afetado, podemos localizar ainda em Winnicott uma divisão da análise “padrão” em três etapas. Tomando como base o suporte dado pela mãe durante a primeira infância, a primeira fase diz respeito ao apoio e suporte dado ao

⁵⁷⁷ WINNICOTT, D.W. Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

⁵⁷⁸ WINNICOTT, D.W. O brincar: atividade criativa e a busca do self. In: *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu, 2019, p.107.

⁵⁷⁹ WINNICOTT, D.W. Os objetivos do tratamento psicanalítico. In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983, p.153.

ego na constituição de uma ambiência analítica em que este possa se fortalecer. Em um segundo momento, munido da confiança gerada pelo ambiente acolhedor, o paciente passa à expressão de seu *self* criativo, por meio de “todo tipo de experimentação”⁵⁸⁰. Finalmente, na fase final, o indivíduo mostra-se capaz de expandir sua confiança em direção ao mundo, em um movimento de afirmação de sua singularidade. Neste ínterim, a interpretação é tão somente a verbalização necessária para encarnar a figura do analista, na forma de um reconhecimento do outro, no interior da relação analítica em que se darão os processos de experimentação. Portanto, no cerne da questão encontra-se o fato de que:

O que importa ao paciente não é a acuidade da interpretação, mas sim o desejo do analista de auxiliar, a capacidade do analista de se identificar com o paciente e assim acreditar no que é necessário e satisfazer as necessidades logo que estas estejam indicadas verbalmente ou em linguagem não-verbal ou pré-verbal.⁵⁸¹

Com efeito, Winnicott afirma que, em muitos casos, a própria interpretação se constitui como uma demanda do paciente, fazendo-se, portanto, necessária. Nesse sentido, sua completa ausência pode ser mais prejudicial que sua presença, podendo conduzir o indivíduo em questão à falsa constatação que ninguém deseja compreendê-lo. É preciso ter em mente que o analista representa o princípio de realidade, aquilo que é objetivamente percebido, mas, ao mesmo tempo, é subjetivamente concebido. Isso gera a necessidade de certo grau de adaptabilidade àquilo que se coloca como demanda, ainda que isso se dê na forma de uma interpretação. Ao mesmo tempo, há que se considerar que, nesse caso, mais importante que a interpretação em si, é o uso que se fará da mesma, de modo que, amiúde, o foco recai sobre “a atitude subjacente à interpretação”⁵⁸².

A adaptabilidade traduzida como atitude é especialmente necessária nos casos em que se encontra presente a organização *borderline* que mencionamos anteriormente. Se a psicanálise ortodoxa falha no que diz respeito à abordagem das

⁵⁸⁰ WINNICOTT, D.W. Os objetivos do tratamento psicanalítico. In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983, p.154.

⁵⁸¹ WINNICOTT, D.W. Análise da criança no período de latência In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983, p.106.

⁵⁸² WINNICOTT, D.W. A comunicação do bebê com a mãe e a da mãe com o bebê. In: *Bebês e suas mães*. São Paulo: Ubu, 2019, p. 111.

psicoses, conforme criticam Deleuze, Guattari e também Winnicott⁵⁸³, isso se dá na medida em que ela não introduz as adaptações técnicas necessárias à abordagem de um mal-estar fundado na dimensão narcísica. Ora, se nesses casos somos colocados diante de um quadro que remete à fase de onipotência primitiva, onde a verbalização é desprovida de sentido, cabe questionar: “que conexão poderia existir, então, entre tudo isso e a psicanálise, que foi construída com base em um processo de interpretação verbal de ideias e pensamentos verbalizados?”⁵⁸⁴. É nesse sentido que o psicanalista não apenas contraindica, como também chama atenção para riscos envolvidos em uma atividade interpretativa que relega a segundo plano o manejo (*handling*) desse paciente:

Pode ser que na análise dos casos *borderline* possamos interpretar de um modo que poderia ser considerado cada vez mais profundo, mas, ao fazê-lo, estamos ficando cada vez mais divorciados do estado de um lactente. Pois um lactente é um lactente sob cuidado, um ser dependente, inicialmente totalmente dependente; e não é possível falar de um lactente sem ao mesmo tempo falar do cuidado do mesmo e de sua mãe.⁵⁸⁵

Portanto, onde a psicanálise se mostra insuficiente, Winnicott introduz as modificações técnicas necessárias para uma abordagem adequada de um modelo de subjetividade que escapa àquela. Com efeito, chama atenção que Winnicott destaca ser preciso ter em mente a necessidade de que se estabeleça um “*setting humano*”, sem que se esqueça que nele atua um terapeuta que, ao mesmo tempo que cioso em seu profissionalismo, não deixa de ser humano. Se por um lado a visão winnicottiana do fazer clínico pode causar estranhamento ou mesmo oposição entre alguns de seus pares, por outro, como sabemos, ela é suficiente para que Deleuze lhe renda homenagem, como um pensador nômade, ao afirmar:

A este respeito, um psicanalista como Winnicott mantém-se realmente no limite da psicanálise, porque tem o sentimento de que este procedimento não convém mais num certo momento. Há um momento em que não se trata mais de traduzir, de interpretar, traduzir em fantasmas, interpretar em significados

⁵⁸³ WINNICOTT, D.W. Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica? In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983, p.115.

⁵⁸⁴ WINNICOTT, D.W. A comunicação do bebê com a mãe e a da mãe com o bebê. In: *Bebês e suas mães*. São Paulo: Ubu, 2019, p. 107.

⁵⁸⁵ WINNICOTT, D.W. Distúrbios psiquiátricos e processos de maturação infantil. In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983, p.210.

ou em significantes, não, não é isto. Há um momento em que será necessário partilhar, é preciso colocar-se em sintonia com o paciente, é preciso ir até ele, partilhar seu estado. Trata-se de uma espécie de simpatia, de empatia, ou de identificação?⁵⁸⁶

Winnicott se mostra nomádico para Deleuze na medida em que o filósofo vê em seu pensamento um caráter revolucionário, uma vez que sua teoria é construída com base em uma prática fundada na imanência. Nesse sentido, o psicanalista é visto como uma figura que escapa ao despotismo da máquina psicanalítica, habitando um espaço cuja marca é uma singularidade nômade, que não se limita ou se submete a territorializações, movendo-se, portanto, nas fronteiras da psicanálise.

Se tal encontro de pensamentos é possível, isso se dá porque tanto o filósofo quanto o psicanalista promovem uma valorização da corporeidade, eliminando a dicotomia entre uma profundidade da qual se originaria o sentido, dado em uma superfície. Como sabemos, em sua *Lógica do Sentido*, Deleuze se posiciona de modo contrário a uma teoria do sentido fundada sobre uma compreensão que afirma a existência de significados essenciais universais. Assim, critica qualquer tentativa de remissão a uma transcendência que conduz a uma figura divina ou mesmo à interioridade humana como tentativa de aplacar a paradoxalidade implicada na existência, ou seja, na presença de dor e sofrimento no movimento da vida. “Toda vida é, obviamente, demolição”, recorrendo a Fitzgerald, assim Deleuze⁵⁸⁷ resume a existência, como constituída sobre uma borda, uma fissura que remete à dimensão fronteira entre interior e exterior. Com tal movimento, retira o sentido das alturas e mesmo das profundezas, acolhendo a incessante produção de sentido na superfície. Da ausência de profundidade, decorre a não necessidade de reconstituição de sentido, e, com isso, o que antes era representação se torna presentificação, puro acontecimento.

O acontecimento não *possui* um sentido, sendo ele o próprio sentido que se dá na corporeidade, que, por sua vez, se insere dentro de um campo de “multiplicidades caóticas”⁵⁸⁸, ou seja, um conjunto de possíveis a partir do qual se atualiza. Daí poder ser entendido a partir do par virtual-atual, dado que, embora incorporal,

⁵⁸⁶ DELEUZE, G. Pensamento nômade. In: *Nietzsche hoje?* Colóquio de Cerisy. Org. e rev. técnica Scarlett Marton. Trad. Milton Nascimento e Sônia S. Goldberg. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 59-60.

⁵⁸⁷ DELEUZE, G. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 157.

⁵⁸⁸ DELEUZE, G. *A dobra: Leibniz e o barroco*. Campinas: Papyrus, 1991, p.132.

o acontecimento se dá como um presente encarnado, porém, sempre compreendendo em si um passado e um futuro. Isso faz com que o acontecimento não se limite a um permanente estado de coisas, podendo sua presentificação ser entendida como um instante em perpétuo movimento, desdobramento que não cessa de se adiantar e atrasar. Nesse sentido, pode ser pensado como ponto móvel, como a vida “que escapa em um ponto tornado presente em uma relação assinalável comigo” ou como a vida que transborda, “jogando por toda parte suas singularidades” em um desdobramento do instante em “ainda-futuro e já-passado”⁵⁸⁹. Portanto, podemos pensar o acontecimento como efetuação e contra-efetuação, a atualização de um potencial, mas que permanece um campo de virtualidades.

Podemos dizer que, assim como Deleuze, Winnicott pensa a existência a partir das possibilidades de efetuação de um campo de virtualidades que se con-substancia nos encontros entre os corpos. Como vimos anteriormente, o inconsciente não é um dado inicial, mas algo da ordem do acontecimento, que paulatinamente será produzido no encontro do indivíduo com o mundo. É das múltiplas possibilidades de encontros do bebê com o mundo que a subjetividade se constitui em um movimento de expansão rizomático. Nesse movimento expansivo da corporeidade, o indivíduo multiplica ao longo da vida as possibilidades de encontros e, portanto, das formas de afetar-se. Tendo em vista que a constituição da subjetividade se dá na dimensão experiencial, ela se mostra como um efeito de superfície. É nesse sentido que diremos que Winnicott horizontaliza a compreensão do psiquismo que em Freud era verticalizada. Em sua imagem de expansão circular concêntrica (e por que não dizer, também rizomática), Winnicott se aproxima da fórmula de Paul Valéry tão cara a Deleuze, que afirma: “o mais profundo é a pele”⁵⁹⁰. Filosofia e psicanálise entendidas como “dermatologia”, dado que corpo e psiquismo se encontram em continuidade, sendo o mundo interno o resultado das afecções que se dão no movimento trans-subjetivo, ou seja, movimento que se dá para além de dois corpos, no dinamismo coletivo da corporeidade.

É importante ainda assinalar que para Winnicott a subjetividade se compõe na unidade daquilo que ele chama de psicossoma. Partindo da compreensão que vê o ser humano dotado de um mundo interno e de outro externo, faz-se necessária a

⁵⁸⁹ DELEUZE, G. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 154.

⁵⁹⁰ *Ibidem*, 11.

existência de uma membrana delimitando as duas realidades; esta pertenceria ao psicossoma⁵⁹¹. Segundo os referenciais winnicottianos, a única possibilidade de distinção entre a psique e o soma se dá em termos do olhar que lançamos à questão do desenvolvimento individual: corpo em desenvolvimento ou psique em desenvolvimento. A interação das duas dimensões marca a constituição do ser humano desde os primórdios de sua existência. Portanto, ao referir-se ao psicossoma, o psicanalista trata de uma elaboração imaginativa das afecções que se dão sobre o corpo. A depender das relações ambientais primitivas, ou seja, da forma como se desdobram e se atualizam os encontros entre os corpos, a integração é alcançada através de um processo de trocas constantes – entre a dimensão interna e a externa – sobre o corpo que, paulatinamente vai integrando as duas realidades. Dessa forma, a partir da relação diádica materno-infantil, Winnicott concebe a “emergência de um corpo intensivo, vivo, que possa existir afirmativamente, em conformidade com as forças do id e em relação constante e intensa com o meio exterior”⁵⁹².

Penso que resgatar a concepção de psicossoma cumpre não apenas o papel de inscrever Winnicott, juntamente com Deleuze e Guattari, na tradição que critica uma concepção dualista, mecanicista e racionalista do psiquismo, mas também tomar a psicanálise sob uma perspectiva imanente. Tal concepção se mostra problemática já que circunscreve o psiquismo a uma simplificação em que o mesmo se limita a conteúdos conscientes e conteúdos recalçados. Isso implica localizar os primórdios da vida psíquica em uma fase tardia do desenvolvimento emocional primitivo, ou seja, em que o bebê já se percebe como um eu diferenciado em relação ao mundo. Portanto, trata-se de um momento em que o bebê já teria passado pelas etapas iniciais do processo de maturação, já tendo vivido um processo de integração e personalização e, juntamente com isso, adentrado no mundo simbólico. Tal entrada se dá pela via do objeto transicional, primeiro símbolo criado pelo bebê em sua relação com o mundo e que inaugura o brincar que o acompanhará ao longo de sua existência.

A concepção de psiquismo à qual nossos autores se unem em crítica, ao localizá-lo na constituição no inconsciente recalçado, limita o sentido ao campo da

⁵⁹¹ WINNICOTT, D.W. A defesa maníaca. In: *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu, 2021, p.258.

⁵⁹² BORGES, H. A existência em continuidade com o mundo, um apoio aos processos singularizantes. In: *A clínica contemporânea e o abismo do sentido*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019, p.28.

linguagem, desconsiderando os impactos das vivências primitivas que constituem o indivíduo em suas primeiras relações com a realidade circundante. Fundada em uma leitura cartesiana, não percebe o corpo como um organismo natural capaz de elaborar imaginativamente suas experiências com o mundo, relegando-o ao mero espaço onde as forças da pulsão agem de modo caótico e, portanto, limitando ao cogito o universo simbólico.

Ao contrário, em Winnicott, vemos que, desde o nascimento, o que existe é um psicossoma em relação com o mundo natural. Com isso o psicanalista aponta para a existência prévia de um organismo dotado de capacidade imaginativa antecedendo a existência de um *self* singular, integrado, personalizado. Por trás da capacidade de simbolizar, portanto, está a capacidade humana de imaginar. Afastado da perspectiva dualista que não se coadunava com sua vivência clínica, Winnicott vê no bebê, enquanto unidade psicossoma, um ser que, mesmo carecendo de linguagem, se relaciona com o mundo por meio de processos complexos. Por meio destes, suas experiências e encontros são percebidos e registradas, atuando em sua produção imaginária. Em outras palavras, a atividade imaginativa se mostra indissociável da vida orgânica e a subjetividade se produz na comunicação multissensorial do indivíduo com o mundo.

Assim como Winnicott, Deleuze e Guattari também pensam a produção de subjetividade a partir das experiências pré-verbais anteriores à linguagem. Isso se dá na medida em que há uma cartografia dos movimentos afetivos presentes na relação materno-infantil, que pode ser pensada como uma micropolítica atuando na constituição do sujeito. Nesta micropolítica, para além da linguagem, valoriza-se também o papel desempenhado em cadeias semióticas mistas por atos perceptivos, mímicos e gestuais na constituição do sujeito. Portanto,

a mutação subjetiva não é primordialmente discursiva, porque ela toca o foco da não discursividade (existencial) que está no coração da subjetividade. É partindo dessa dimensão existencial que ocorre uma emergência, uma processualidade, uma tomada de consistência da subjetividade.⁵⁹³

Como vemos em Guattari, a emergência do *self* tem como condição de possibilidade a consideração e valorização de fatores que se localizam na fase da

⁵⁹³ LAZZARATO, M. *Signos, máquinas, subjetividades*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo: n-1, 2014, p.90.

relação primitiva do bebê com sua mãe. Guattari chega a tais conclusões, tal como vemos em sua obra *Caosmosis*, a partir da leitura que realiza da obra do psicanalista estadunidense Daniel Stern. Stern é conhecido por deslocar a importância das relações humanas tardias para a dimensão intersubjetiva das relações materno-infantis, anteriores à aquisição da linguagem, na constituição do sujeito. Ora, se Stern chega a tais considerações, isso somente se dá pois teve as vias de seu pensamento pavimentadas pela psicanálise winnicottiana. Como Guattari percebe⁵⁹⁴, Stern renuncia à compreensão psicanalítica tradicional que entende o desenvolvimento dividido em fases – oral, anal, genital e período de latência – e passa a compreendê-lo em termos de “aquisição de estados, afetos, sentidos que, justapostos, seriam como experiências que favoreceriam a comunicação com o ambiente”⁵⁹⁵. Assim como Winnicott, portanto, Stern teorizará sobre as relações de objeto, trabalhando com a formação do eu a partir das experiências sensíveis do corpo em seu encontro com o ambiente.

Ora, se por um lado podemos dizer que Guattari (e por extensão, Deleuze) chega ao pensamento de Winnicott indiretamente pelo pensamento de Daniel Stern, por outro, não podemos afirmar que Guattari desconhecia a obra do psicanalista inglês. De fato, em seu texto *A Transversalidade*, Guattari demonstra estar familiarizado com a obra winnicottiana. Tomando o objeto transicional em um sentido mais amplo, critica a psicanálise freudiana por promover um esmagamento da atividade criativa, das potencialidades imaginárias, em sua tentativa de reduzir aquilo que remete à ordem social ao estrito território da unidade familiar.

Portanto, servindo-se de Winnicott, Guattari ataca aquilo que considera uma tentativa da prática analítica interpretativa de sujeitar um sintoma social a “entrar na linha”⁵⁹⁶, submetendo-o às coordenadas da órbita conceitual freudiana. Como já vimos, a dimensão social não pode ser apartada da psicopatologia, que deve, portanto, ser considerada em qualquer fazer clínico que pretenda tratar do mal-estar em suas diversas formas. Embora isso não se materialize em uma prática cuja atividade interpretativa exclui a dimensão social, sua importância já era apontada mesmo por

⁵⁹⁴ GUATTARI, F. *Caosmosis: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992, p. 155.

⁵⁹⁵ BORGES, H. Alguns apontamentos clínicos (e críticos) ao “existir num mundo que não quer nada”. In: *A clínica contemporânea e o abismo do sentido*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019, p.153.

⁵⁹⁶ GUATTARI, F. A transversalidade. In: *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.98.

Freud, quando afirma que “só em casos muito raros o indivíduo pode ser tornar independente da comunidade humana. Algumas das velhas situações de perigo chegam a subsistir em épocas posteriores, modificando a tempo seus determinantes de angústia”⁵⁹⁷. Assim, Guattari critica aquilo que chama de objeto institucional, pelo qual a psicanálise se mostraria obcecada quando ignora a produção imaginária em detrimento das figuras familiares ou do significante fálico que constituem um limite que a subjetividade não consegue ultrapassar. Nesse sentido, o objeto transicional apontaria para um “movimento revolucionário”⁵⁹⁸, dado que seu único limite é o limite da própria atividade criativa inerente à imaginação.

Com isso vemos que não apenas Deleuze se mostrava ciente da potência carregada pela noção de transicionalidade presente na psicanálise winnicottiana⁵⁹⁹, mas também Guattari, nas críticas endereçadas a Freud e Lacan. Com efeito, o método cartográfico proposto pelos autores se coaduna com o fazer clínico de Winnicott, que mostra-se alinhado àquilo que Deleuze chama em *Lógica do Sentido* de ciência dos acontecimentos, arte das superfícies. A subjetividade, como vimos ao expormos a teoria do desenvolvimento emocional primitivo, é constituída na relação do indivíduo com o mundo, nos agenciamentos coletivos, sendo, portanto, “sempre de grupo”⁶⁰⁰. Se a subjetividade se constitui de modo singular nos meandros da experimentação social, é por meio de um método cartográfico que novas formas de experimentação podem ganhar luz. Não se trata de converter os enunciados em objetos alinhados com a instituição psicanalítica por meio da atividade interpretativa, mas sim de compreender e divisar novas formas de experimentar forças, intensidades e afetos que permitam ao indivíduo libertar-se de seu mal-estar.

Portanto, cartografar não é representar objetos, mas sim experimentar o desenrolar de processos. Essa atividade não tem em vista uma cura, mas sim desenhar novas possibilidades em que o indivíduo possa lidar com a situação que vive de uma forma criativa, tal como um músico ou um pintor com sua obra. A análise entra aqui não como processo de decodificação de sentidos ocultos, mas como algo que

⁵⁹⁷ FREUD, S. Novas conferências introdutórias à psicanálise. In: *Obras Completas* Vol. XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.168.

⁵⁹⁸ GUATTARI, F. The group and the person. In: *Molecular revolution: psychiatry and politics*. London: Penguin, 1984, p.39.

⁵⁹⁹ DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 172.

⁶⁰⁰ GUATTARI, F. Somos todos grupelhos. In: *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.18.

propicia um “plus de virtuosidade” ao indivíduo que vive o bloqueio criativo na escrita de sua própria história. Do mesmo modo que qualquer artista interpreta de forma singular em sua obra, a experimentação presente nas propostas de Deleuze, Guattari e Winnicott conduz o sujeito da análise a novas formas de composição com o outro e com o mundo, sendo por isso possível situar tais autores no contexto de uma estética da existência. Com isso atribui-se um novo sentido ao ato de interpretar, agora entendido como forma de experimentação singular. O analista deixa de atuar como o arqueólogo que escava em busca de profundidades e segredos escondidos no passado, passando a atuar como um maestro, ou seja, atua conjuntamente com o analisando na construção e interpretação de sua vida como obra. Seu trabalho se dá na superfície, contribuindo para a abertura de portas e construção de caminhos na complexidade paradoxal da vida.

Finalmente, talvez possamos – com o auxílio de Bergson – tentar encaminhar uma resposta para o questionamento de Deleuze direcionado ao fazer clínico de Winnicott quando indaga: “Trata-se de uma espécie de simpatia, de empatia, ou de identificação?”⁶⁰¹. Apelando novamente à distinção realizada por Bergson entre as noções de intuição e análise, podemos delinear agora de modo um pouco mais claro o distanciamento aqui proposto entre os modelos analíticos freudiano e winnicottiano. Enquanto a intuição figuraria como uma espécie de simpatia que nos permite conhecer um objeto penetrando em seu interior de modo a extrair daí sua singularidade, a análise, por outro lado, consistiria em uma espécie de simplificação, cujo propósito seria a redução do objeto a um conjunto de elementos já conhecidos.

Analisar consistiria em um processo de tradução por meio do qual se conheceria um objeto a partir daquilo que ele não é, “um desenvolvimento de símbolos, uma representação a partir de pontos de vista sucessivos, em que notamos outros tantos contatos entre o objeto novo, que estudamos, e outros, que cremos já conhecer”⁶⁰². A psicanálise, assim, ao pretender o conhecimento de um outro eu por meio da análise, agirá decompondo o eu, com o qual foi confrontada por meio da intuição, em elementos como afetos e representações. Com isso não questionamos o processo

⁶⁰¹ DELEUZE, G. Pensamento nômade. In: *Nietzsche hoje?* Colóquio de Cerisy. Org. e rev. técnica Scarlett Marton. Trad. Milton Nascimento e Sônia S. Goldberg. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 60.

⁶⁰² BERGSON, H. Introdução à metafísica. In: *Os pensadores*, Vol. XXXVIII. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p.21.

analítico, sem o qual dificilmente os meandros da personalidade individual poderiam ser conhecidos, mas apenas ponderar, tal como o faz Bergson, que a redução do objeto a um conjunto de elementos comuns, a despeito de permitir compreendê-lo a partir de suas partes, acaba por elidir sua singularidade.

Visando conferir inteligibilidade ao seu raciocínio, Bergson nos remete a um paralelo entre o processo de análise e a produção artística. Um artista plástico que toma uma das torres da catedral de Notre Dame como objeto de uma produção esquemática poderia conferir à sua obra toda sorte de detalhes no que concerne ao seu contorno e formas gerais, mas, como efeito de tal destacamento, deixaria de lado detalhes presentes em um todo do qual ela não é destacável, como o restante do edifício, o solo sobre o qual foi construída, o bairro em que se encontra inserida e mesmo as pedras que lhe dão forma. Do mesmo modo, é possível que dado modelo de análise individual tome determinado elemento de maneira destacada e isolada e acabe por negligenciar a multiplicidade em que se encontra inserido o ente em questão. Tomemos, como exemplo, a crítica empreendida por Deleuze ao reiterado processo de redução de multiplicidades que ocorre em Freud quando este reduz a matilha de lobos presentes nos sonhos de Serguei Pankejeff a um único lobo. Ou mesmo do “ossuário” de Jung, sempre remetido a um único osso. Todos esses elementos, destacados de uma multiplicidade, acabam sempre reduzidos a elementos comuns.

Se uma vida significativa, tal como propõe Winnicott⁶⁰³, é aquela em que o indivíduo pode colocar em ato todo seu potencial criativo, torna-se necessário que se busque uma forma de analisar que não seja apartada da intuição bergsoniana. Em outras palavras, é necessário eliminar a dicotomia entre intuição e análise, de modo que o processo analítico seja também atravessado por um “simpatizar” que permita conhecer o outro a partir daquilo que nele há de singular. Se a vivência da criatividade é aquilo que confere cor e sentido às nossas vidas, torna-se necessário que a singularidade individual, constituída com base na multiplicidade de encontros, não seja alvo de simplificações e, portanto, reduzida a elementos ou lugares comuns como o significante ou as figuras parentais.

⁶⁰³ WINNICOTT, D.W. A criatividade e suas origens. In: *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu, 2019.

A intuição/simpatia aliada à análise permite que o analista se coloque em sintonia com o paciente, não negligenciando “o colorido especial da pessoa, que não poderia ser expresso em termos conhecidos e comuns”⁶⁰⁴. Apelando à metáfora bergsoniana, talvez possamos ir mais longe, e afirmar que uma psicanálise que valoriza a ambiência em que o sujeito se encontra inserido melhor refletirá acerca daquilo que nele há de singular, posto que buscará compreender não apenas uma parte isolada, mas todos os aspectos que atuam na composição do edifício existencial. Ou, nos permitindo certa licença poética, resumiríamos uma resposta à questão deleuziana nos seguintes termos: não pensemos em termos de disjunções exclusivas, pois não se trata de simpatia, ou empatia ou identificação, mas todas juntas, ao mesmo tempo, em conjunção sintônica.

⁶⁰⁴ BERGSON, H. Introdução à metafísica. In: *Os pensadores*, Vol. XXXVIII. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p.26.

5 Conclusão

Ao longo de nosso trabalho, procuramos estabelecer uma conversa entre alguns autores. Essa conversa se deu sob a forma de um recorte dos temas abordados e dos percursos trilhados de modo a potencializar igualmente os pensamentos dos autores em questão. Evidentemente, não tivemos a pretensão de abarcar o todo de suas obras, o que seria uma tentativa vã e além de nossas possibilidades. Por sua vez, procuramos estabelecer uma ponte que possibilitasse como que uma abertura rizomática de caminhos, de novas possibilidades de articulação a partir de novas chaves de leitura. Ao mesmo tempo, vimos que tal ponte não poderia transitar retineamente entre dois pontos, mas, ao contrário, ao modo das linhas de Pollock, não parou de bifurcar e divergir.

A multiplicidade, como diria Deleuze, surge rizomaticamente a partir de um meio (*milieu*), e o mesmo acontece com a escrita que pretende o agenciamento entre os pensamentos dos autores abordados em nosso trabalho. Disso decorre por vezes a sensação de que o texto segue um processo de desdobramento que conduz à abertura de novos temas e problemas que, muitas vezes, permaneceram em aberto. Se isso acontece é porque uma tentativa de “esquizofrenizar” a linguagem de modo a explorar os limites dos múltiplos diálogos possíveis não é desprovida das ramificações e idas e vindas que acompanham tal processo. Nesse sentido, as conexões realizadas não se pretendem encerradas em si mesmas, mas permanecem em aberto, prenes de novos agenciamentos.

As maquinações conceituais aqui experimentadas não pretendem um perfeito arranjo, mas sim, em alguma medida, curto-circuitar os sistemas em que se inserem. Mais que conexões permanentes, elas têm em vista promover fluxos que permitam renovadas formas de agenciamento que potencializem o debate em torno dos males que se abatem sobre a subjetividade. Portanto, não se trata de “retirar a poeira” de nossos autores e devolvê-los inalterados à prateleira da história das

ideias, mas sim, através da ponte transdisciplinar, lançar pequenas pedras sobre a superfície fluida de seus pensamentos e procurar perceber as ondas produzidas e os seus pontos de toque. Tanto Deleuze quanto Winnicott se inserem em uma tradição de pensadores que não deixaram de experimentar, de brincar e mesmo brincar com conceitos, visando um uso pragmático no contexto de seus pensamentos.

Em ambos, portanto, encontramos um modo muito próprio e singular de se apropriar e fazer um uso criativo das ferramentas conceituais de outros autores, não hesitando em modificá-las, quando se mostrou necessário, ou mesmo abandoná-las, quando percebiam que as mesmas já careciam de qualquer função. No pensamento de Deleuze, vimos como, em diferentes momentos, a psicanálise surge como uma aliada potente para promover uma reflexão sobre a literatura e seus usos, mas, ao mesmo tempo, como a coloniza e territorializa a partir de um decalque de supostas estruturas universais. Na mesma medida, vimos um Winnicott que paulatinamente transita do meio às bordas da psicanálise, deixando para trás, em seu nomadismo, noções caras à psicanálise ortodoxa, como a pulsão de morte e o complexo de Édipo.

Ao mesmo tempo, a despeito de ter perdido de vista a riqueza conceitual presente no pensamento do psicanalista inglês, Deleuze parece ter intuído, ou mesmo sofrido, aquilo que Pontalis chamou de “efeito Winnicott”⁶⁰⁵. Não era comum que se discutisse no meio psicanalítico francês os efeitos da experiência intensiva entre analista e paciente e os afetos que nela se encontravam implicados. Portanto, ao contrário da orientação inglesa que se voltava mais para o encontro de psiquismos, os franceses tinham como foco as questões de ordem teórica ou clínica. Por “orientação inglesa”, entendamos um viés mais próximo do olhar winnicottiano, que caracterizava aquele que ficou conhecido como grupo do meio (*middle group*), ou seja, aqueles que rejeitavam qualquer filiação na contenda entre kleinianos e annafreudianos, os Capuleto e Montéquio do meio psicanalítico inglês. O olhar a que nos referimos e que pensamos ter sido captado não apenas por Deleuze, mas também por Guattari, é aquele que remete não a um sistema, dado que Winnicott não se pretendeu criador de algo nesse sentido, mas um modo de intervenção pautado mais pelo cuidado que pela interpretação, que menos se pautou em uma

⁶⁰⁵ PONTALIS, J-B. *Perder de vista: da fantasia de recuperação do objeto perdido*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991, p. 120-124.

codificação a partir de metáforas universalizantes e mais a partir da constituição de singularidades na experiência.

Não pretendemos aqui retomar todo o percurso apresentado. Seria redundante procurar reafirmar a tese de que a interdição lançada por Deleuze ao diálogo com a psicanálise se funda em um processo de generalização que perde de vista que inexistente algo único que possa ser chamado de psicanálise. Isso chega a ser um truismo, pois é incontestável que aquilo que por convenção se denomina psicanálise é na verdade uma babel em um movimento perene de modificação. E entretanto, Deleuze parece ter sido vítima desta falsa percepção. Talvez por se encontrar excessivamente imiscuído, juntamente com Guattari, na cena psicanalítica francesa de que Pontalis fala, talvez por não divisar em Winnicott alguém capaz de romper com o dogmatismo reinante nas disputas inglesas, só podemos conjecturar o que teria conduzido Deleuze a tal generalização. Fato é que o filósofo parece perder de vista que a psicanálise não pode ser apreendida como um movimento unitário. O fato de a psicanálise se configurar como uma babel, construída muitas vezes com elementos díspares, não é uma contingência, mas antes responde à imposição de uma necessidade.

Como vimos ao longo de nosso trabalho, a subjetividade não pode ser concebida como algo que se constitui na falta ou na repressão. Ela é antes produzida na imanência, por meio da distribuição e do desdobramento de “acontecimentos vividos, determinações históricas, conceitos pensados, indivíduos, grupos e formações sociais”⁶⁰⁶. Tais elementos, enquanto parte do que Deleuze chama de plano de consistência, estão permanentemente submetidos à ação do devir. Nesse sentido, torna-se mesmo impossível conceber um campo que pretenda abarcar a experiência humana – e seus mal estares – que também não esteja submetido a um processo de constante mutação. Disso decorre ser necessário que a(s) psicanálise(s) acompanhe(m) o ser humano nos fluxos do devir, de modo a melhor compreender quais ferramentas se mostram efetivas ou não em sua abordagem da subjetividade. Lembremos que esta é concebida, tanto por Deleuze quanto por Winnicott, segundo uma compreensão norteada pela inseparabilidade entre homem e natureza. Nos dois autores se localiza não apenas uma eliminação da dicotomia natureza/cultura, mas

⁶⁰⁶ DELEUZE, G & GUATTARI, F. Rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol.1, São Paulo: Editora 34, 2011, p.25.

também uma recusa de adequação à lógica cientificista que procura por modelos universalizantes que busquem dar conta da condição humana. Tais tentativas são problemáticas dado que se mostram reducionistas, ignorando aquilo que há de singular no indivíduo em seu encontro com o mundo.

Portanto, trata-se de compreender o ser humano como um organismo vivo em continuidade com a natureza, capaz de elaborar imaginativamente aquilo que vivencia a partir de suas experiências. Mais do que isso, um organismo (para tomarmos em sentido amplo o conceito criado por Francisco Varela) “autopoiético”, que, enquanto parte do mundo natural, engendra a si próprio, constituindo seus limites e possibilidades a partir da imanência com seu entorno. Como vimos, em tal constituição deve-se ter em mente não apenas a influência determinante de fatores ambientais, mas todas as ocorrências de ordem política e socioeconômica. De modo que, em termos pragmáticos, o trabalho analítico deixa de se referir a modelos pré-estabelecidos que atuariam estruturando a psique. Passamos assim a um “nada no centro,”⁶⁰⁷ que rechaça a ideia de uma subjetividade construída exclusivamente com base na falta e na repressão, passando a compreendê-la a partir dos encontros corpóreos capazes engendrar constelações de universos. Com isso deslocamos também o indivíduo para fora da órbita exclusiva que o encerra dentro do universo familiar.

Partindo de tal pressuposto, vimos que o paradigma winnicottiano não se coaduna apenas com exigências colocadas à clínica contemporânea, a qual se vê submetida às patologias oriundas da dimensão narcísica primária, que produzem uma subjetividade próxima daquilo que se denominou *borderline* branda. Ele também se mostra capaz de lidar com variáveis macrossociais que impõem novos conjuntos de problemas, como, por exemplo, o avanço tecnológico e seus efeitos na psique. Se a psicanálise winnicottiana mostra-se em sintonia com tais desafios, isso se dá na medida em que sua maleabilidade é o resultado de um paradigma cujas raízes encontram-se fundadas na imanência, refletindo aquilo que Freud denominava de “expressão da experiência na teoria”, não sendo, portanto, as conclusões winnicottianas o mero resultado de deduções a partir de princípios imutáveis. Trata-se de uma teoria que rompe com a psicanálise tradicional pois, sem perder de vista que seu objeto é uma corporalidade em contato com o mundo, cartografa as

⁶⁰⁷ WINNICOTT, D.W. Nada no centro. In: *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1994.

experiências clínicas de modo a melhor determinar os caminhos de abordagem e tratamento das mazelas que afligem o ser humano dentro da sociedade capitalista atual. Em outras palavras, o modelo de clínica aqui defendido mostra-se profícuo pois é norteado por intervenções pautadas pela provisão ambiental adequada para o desdobramento do que se coloca como problema ao sujeito da análise.

O diálogo construído entre os autores ao longo de nosso trabalho só nos pareceu possível, assim, porque ambos compartilham um mesmo pano (ou plano) de fundo no qual se inserem seus pensamentos: a experiência. Nesse sentido, mais do que retomar *pari passu* as consonâncias entre os autores desenvolvidas anteriormente, procuramos tão somente situá-los no *milieu* em que se dá o seu encontro, qual seja, aquele do movimento criativo presente nos diversos modos de viver a/na imanência. Com efeito, partindo do agenciamento aqui realizado, pensamos não ser exagero afirmar que, com Winnicott, a psicanálise afasta-se das alturas da transcendência e é devolvida à superfície da imanência da relação mãe-filho ou infante-ambiente. Isso se dá porque toda a experiência é constituída a partir da interação (ou “interjogo”, se quisermos melhor remeter à noção do brincar) entre o gesto espontâneo criativo do bebê e o ambiente que o acolhe. Lembremos que, para o psicanalista, “a experiência é um tráfego constante na ilusão, um repetido realizar da interação entre a criatividade e o que o mundo tem a oferecer”⁶⁰⁸. Portanto, é nos encontros vividos na experiência que o ser humano se constitui como ser singular, porém o viver criativo tem como condição necessária a existência do ingrediente ambiental que permita que a mesma seja conquistada. Dito de outra forma, viver criativamente, e, portanto, de modo autêntico, não é de modo algum um resultado garantido, mas uma conquista continuamente alcançada e renovada.

Tomemos como referência a criação literária. Conforme a hipótese defendida em nossa tese, ela se configura como um movimento para libertar a vida daquilo que a aprisiona. Assim, se os literatos se mostram médicos da civilização, isso ocorre por atualizarem em suas obras aquilo em que a vida transborda. Como nos lembra Machado⁶⁰⁹, a escrita tem o poder de carregar em si essa potência libertadora, trazendo à luz novos modos de existência. Nesse sentido, nos escritores

⁶⁰⁸ WINNICOTT, D.W. *The spontaneous gesture: selected letters of D.W. Winnicott*. London: Harvard University Press, 1987, p.43 (tradução nossa).

⁶⁰⁹ MACHADO, R. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010, p. 220-221.

encontramos uma ampliação do tráfego na ilusão que potencialmente estaria disponível a todos, e que caracterizaria a realização do viver criativo. Portanto, o artista seria aquele que, no trânsito entre o subjetivamente concebido e o objetivamente percebido, encarna a experiência do brincar em sua obra. Ele seria aquele que não se conforma à imposição de uma racionalidade que vê na ilusão um afastamento da realidade. Contrariamente à visão que percebe na experiência artística a invenção da ilusão e uma negação da realidade, vimos como em Winnicott tal noção é positivada, localizando na mesma não apenas o germe da constituição individual, mas algo essencial para que se realizem conexões significativas com a realidade.

Quando nos referimos ao caráter significativo de tais conexões, remetemos à possibilidade de que, ainda que não formalmente como artistas, todos sejamos capazes de transformar a vida em criação. Que, tal como os artistas, possamos libertar as potências daquilo que é gesto espontâneo criativo, sem nos limitarmos aos artificialismos que aprisionam a existência em categorias de normalidade e patologia. Com tal afirmação não nos vinculamos a uma inocência pueril que nega a existência de um estado alheio à saúde, defendendo que tudo aquilo que remete ao patológico seria uma manifestação da vida criativa. Ao contrário, defendemos que devemos questionar os pressupostos sobre os quais são construídas tais categorias, de modo a evidenciar a distinção entre aquilo que diz respeito à ausência de saúde e aquilo que se refere (ou não) à adesão moral que aprova ou condena determinadas vivências.

Acreditamos que escritores como Masoch, Proust, Kafka, Dostoiévski e tantos outros, mobilizados ou não em nosso trabalho, alguns considerados mais malditos do que outros, carregam em si a experiência da potência criativa que Deleuze e Winnicott tematizam. Cada qual ao seu modo, introduz a derrisão como elemento de “denúncia” daquilo que tolhe a experiência da vida em seu devir próprio. Não afirmamos com isso que por detrás de suas obras haja um projeto revolucionário como a derrocada do patriarcado, percepção que Deleuze nutre acerca da *Vênus das peles* de Masoch. Na verdade, defendemos que aquilo que mobilizam é algo de natureza mais simples, singela e mesmo sub-reptícia: eles advogam em suas obras por modos de existência mais autênticos e genuínos. Trata-se de, por meio da arte, produzir uma língua menor que questione a língua dominante, de modo a libertar a vida daquilo que a aprisiona. Movimento similar àquele que vemos em Winnicott, que,

ao produzir uma língua menor no interior da psicanálise, conduz aos limites o campo em que se insere, o que lhe garante o título de pensador nômade.

É verdade que o combate travado por Deleuze e Guattari se insurge destacadamente contra a ficção edipiana. Mas não acreditamos que em sua essência política se trate exclusivamente, em tal literatura, de denunciar a tirania de Édipo ou do significante. Trata-se de algo de ordem molecular, ainda mais básico e primordial, anterior a Freud e mesmo à psicanálise. Talvez Nietzsche nos ofereça um referencial para que possamos mapear isso que talvez seja o cerne da questão: a busca por uma grande saúde. Dirá o filósofo alemão em sua obra *Crepúsculo dos ídolos* que:

O tipo criminoso é o tipo do ser humano forte sob condições desfavoráveis, um homem forte que tornaram doente. [...] Suas virtudes foram proscritas pela sociedade; os instintos mais vivos de que é dotado logo se misturam com os afetos deprimentes, com a suspeita, o medo, a infâmia. [...] Quem tem de fazer secretamente, com demorada tensão, precaução, astúcia, aquilo que pode fazer melhor e mais gostaria de fazer torna-se anêmico; e, porque somente colhe perigo, perseguição, infortúnio de seus instintos, também seu sentimento se volta contra esses instintos — ele os sente de maneira fatalista. É na sociedade, em nossa mansa, mediana, castrada sociedade, que um ser natural, vindo das montanhas ou das aventuras do mar, necessariamente degenera em criminoso.⁶¹⁰

Ora, o que Nietzsche faz senão denunciar o modo como a diferença é alvo de um processo de marginalização socialmente produzido? De um processo de criminalização em que o indivíduo é colocado diante de um *double bind* que o obriga a escolher entre viver uma vida socialmente referendada, porém descolorida, artificial, conformada e, portanto, anêmica, dado que isso implica um modo de existir desvitalizado e dessubstancializado; ou uma vida marginalizada, proscrita, porém genuína, dotada de relevo, profundidade e, assim, consubstanciada? Nesse dilema, restaria ao indivíduo determinar onde perde menos, visto que, em tal situação, a plena vitória não se apresenta como horizonte possível. Pensamos que a questão central que se coloca através da literatura, mas também a partir do paradigma psicanalítico aqui defendido, é a busca por um modo de vida singular, criativo e potente. Não à toa o recurso à produção literária se mostra como uma constante no

⁶¹⁰ NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.59-60 (aforismo 45).

meio psicanalítico e também atravessa a obra de Deleuze de ponta a ponta. Ela não apenas carrega em seus horizontes uma cartografia que apresenta modos singulares de existir, mas lembra seu público do impulso criativo que jaz presente em cada um, convidando o indivíduo a uma artesanania de si.

O modelo da grande saúde delineado aqui tem como pressuposto o aceite do convite artístico para transitar no território da ilusão e ao mesmo tempo aponta para a necessidade de preservar tal experiência como condição de uma vida autêntica. Disso não se pressupõe que se pretenda uma negação da ordenação social (o que seria inexequível), mas que se busque preservar o brincar que dá colorido à existência. Isso significa questionar um processo de marginalização e criminalização que, em assentimento à codificação social, é muitas vezes uma autoimposição. O que Masoch promove por meio de sua obra não é uma revolução contra o patriarcado, já que, ao contrário daquilo que Deleuze afirma, a pedagogia masoquista reafirma o masculino sobre o feminino. A revolução ali presente não é da ordem molar, mas sim molecular, pois é afirmação de si, daquilo que não é socialmente aceito, mas que é intimamente desejado. Porém, como sabemos, àquele que recusa a anemia de uma vida atravessada pelo segredo resta a estigmatização travestida na forma da perversão. Como vimos em nosso trabalho, aquilo que nomeou-se masoquismo, *per se*, não seria problemático na vida erótica. A fuga da saúde se daria, antes, quando a experiência erótica criativa de uma das partes envolvidas acaba por sufocar a criatividade do outro, impedindo neste a vivência singular de si próprio.

Com efeito, à lista dos estigmatizados e, portanto, proscritos, Nietzsche adicionará os doentes mentais⁶¹¹, a quem será reservado o mesmo destino imposto aos “criminosos” que ousam corporificar as fantasias presentes na experiência de transitividade. Tanto a uns como a outros, cabe a transformação, a sublimação ou mesmo a eliminação de seus impulsos, socialmente tidos como tirânicos, e por isso passíveis de tentativas de controle que visem a promoção da “saúde”. Daí também segue a crítica de um Zaratustra que denuncia a marginalização da diferença quando afirma que “cada um quer o mesmo, cada um é igual: quem sente de outro modo vai voluntariamente para o hospício”⁶¹². Assim como Nietzsche, Winnicott também

⁶¹¹ NIETZSCHE, F. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p.182 (aforismo 202).

⁶¹² NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018, p.16.

promove uma crítica que coloca em xeque o estatuto da loucura, apontando para aquilo que se mostra menos como doença e mais como uma dificuldade em aceitar a diferença implicada na alteridade, ou seja, em aceitar aquilo que de há de singular no outro. Defendendo a necessidade de reexaminar a noção de doença mental, afirmará: “[...] “Doença mental consiste em não ser capaz de encontrar alguém que possa aturá-lo”. Dito de outro modo, há uma contribuição da sociedade ao significado da palavra “doente” e por certo é extremamente difícil conviver com alguns neuróticos”⁶¹³.

A saúde está implicada em um processo de maturação emocional, que por sua vez designa a capacidade de viver livre e criativamente a diferença. Ou seja, é necessário questionar uma ideia de saúde que se mostra atrelada à repetição de um mesmo, fundado em uma normatização social que pode ser repressiva e limitante. O programa deleuzo-guattariano que brande a defesa de uma esquizofrenização como processo liga-se nesse sentido não ao tipo clínico que carrega a marca da psicose, mas à capacidade de promover um estar no mundo que transgrida os limites impostos pelas amarras sociais. É esse movimento que Deleuze localiza na miríade de artistas dos mais diversos campos que povoam suas obras. Ora, em termos clínicos, o fazer winnicottiano mostra-se em sintonia com essa proposta analítica que potencializa e fomenta movimentos de desterritorialização que facilitam a ruptura de limites colocados, seja interna ou seja externamente. Dado se tratar de uma clínica construída exclusivamente sobre a experiência, observa-se na técnica winnicottiana a ausência de um a priori universalizante que de antemão atuaria determinando de modo calcificado o fazer analítico. A prática aqui defendida tem como pressuposto basilar um processo estésico de replicação da ambiência primitiva que atue de modo a sustentar/desencadear a produção do novo/diferente.

Portanto, o eixo central em torno do qual as questões colocadas à subjetividade gravitam é o modo como a experiência é vivenciada. Produzimos modos de existência singulares e autênticos nos trajetos que desenham as múltiplas formas de encontro com o mundo? Ou nos mostramos paralisados, impossibilitados de trafejar na área da ilusão, apartados de nossa dimensão criativa? Vivemos vidas anêmicas e acinzentadas ou escapamos às tentativas de criminalização daquilo que há de

⁶¹³ WINNICOTT, D.W. Os doentes mentais na prática clínica. In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983, p.197.

natural e espontâneo em nós? Na visada que busca dar conta de tais questões, em uníssono ecoam as vozes de Deleuze e Winnicott, apontando não para a negação do trágico na existência, mas nos convidando a cartografar renovados percursos, em um processo de experimentação capaz de produzir novos universos de referência. Não uma cura ou uma fixação no passado, mas sim um passado que coexista com presente e futuro, permitindo divisar um horizonte de linhas de fuga que possibilitem ultrapassar uma situação de ruptura, nos lançando de encontro àquilo que há de colorido e singular.

Referências Bibliográficas

- ABRAM, J. *A linguagem de Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2004.
- ARMONY, N. *Borderline: uma outra normalidade*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.
- _____. *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.
- _____. Borderline, identificação e subjetividade pós-moderna. In: *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.
- _____. Bem-estar e mal-estar do homem moderno e pós-moderno. In: *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.
- _____. Confrontando Winnicott com os azares da hipermodernidade. In: *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.
- _____. Borderline, identificação e subjetividade pós-moderna. In: *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.
- _____. Borderline e espaço potencial winnicottiano. In: *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.
- _____. De Édipo a Narciso. In: *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo: Zagodoni, 2013.
- _____. Bem-estar e mal-estar do homem moderno e pós-moderno. In: *O homem transicional: para além do neurótico & borderline*. São Paulo, Zagodoni, 2013
- ASSOUN, P-L. *Freud: a filosofia e os filósofos*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1978.
- BACHOFEN, J. J. *Myth, religion and mother right: selected writings of J. J. Bachofen*. Princeton: Princeton University, 1992.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BENNET, E.A. *What Jung really said?* New York: Schocken Books, 1986.

- BERGSON, H. Introdução à metafísica. In: *Os pensadores*, Vol. XXXVIII. São Paulo: Abril Cultural, 1974
- _____. *A evolução criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BIRMAN, J. *Freud e a interpretação psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.
- _____. *O sujeito na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- BOGUE, R. Deleuze and literature. In SMITH, D. & SOMERS-HALL, H. *The Cambridge companion to Deleuze*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- BORGES, H. *A clínica contemporânea e o abismo do sentido*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019.
- _____. Management: contribuições para o fazer clínico. In: *A clínica contemporânea e o abismo do sentido*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- CARDOSO JR, H.R. & SANTANA, R (org). *Inconsciente-multiplicidade: conceitos, problemas e práticas segundo Deleuze e Guattari*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- COPI, I. *Introdução à Lógica*. São Paulo: Mestre Jou, 1978.
- DELEUZE, G. *Apresentação de Sacher Masoch*. Rio de Janeiro: Taurus, 1983.
- _____. Pensamento nômade. In: *Nietzsche hoje? Colóquio de Cerisy*. Org. e rev. técnica Scarlett Marton. Trad. Milton Nascimento e Sônia S. Goldberg. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. *A dobra: Leibniz e o barroco*. Campinas: Papirus, 1991.
- _____. *Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- _____. Instintos e instituições. In: *A ilha deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2004
- _____. A gargalhada de Nietzsche. In: *A ilha deserta e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- _____. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- _____. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- _____. A literatura e a vida. In: *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- _____. Reapresentação de Masoch. In: *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- _____. O que dizem as crianças. In: *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- _____. Quatro proposições sobre a psicanálise. In: *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)*. São Paulo: Editora 34, 2016.

- _____. A interpretação dos enunciados. In: *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- _____. Oito anos depois: entrevista de 80. In: *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- _____. Maio de 68 não ocorreu. In: *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- _____. Prefácio à edição italiana de Mil Platôs. In: *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- _____. Resposta a uma questão sobre o sujeito. In: *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)*. São Paulo: Editora 34, 2016.
- _____. Entrevista sobre O anti-Édipo. In: *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2017.
- _____. Sobre a filosofia. In: *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2017.
- _____. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2017.
- _____. *Cartas e outros textos*. São Paulo: n-1, 2018.
- _____. De Sacher-Masoch ao masoquismo. In: *Cartas e outros textos*. São Paulo: n-1, 2018.
- _____. *Nietzsche e a filosofia*. São Paulo: n-1, 2018.
- _____. 3ª aula do curso sobre Leibniz (Vincennes, 1980). Disponível em <https://www.webdeleuze.com/textes/54>.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- _____. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2010.
- _____. Prefácio à edição italiana. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol.1, São Paulo: Editora 34, 2011.
- _____. Rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol.1, São Paulo: Editora 34, 2011.
- _____. Um só ou vários lobos. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol.1, São Paulo: Editora 34, 2011.
- _____. Como criar para si um corpo sem órgãos. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol.3, São Paulo: Editora 34, 2015.
- _____. 1730 – Devir-intenso, devir-animal. Devir-imperceptível. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol.4, São Paulo: Editora 34, 2012.
- _____. 7.000 a.C. – Aparelho de captura. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, Vol.5, São Paulo: Editora 34, 2012.
- _____. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- DELEUZE, G. & PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
- _____. Da superioridade da literatura anglo-americana. In: *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1988.
- DERRIDA, J. Gramatologia. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DIAS, E. Winnicott: agressividade e a teoria do amadurecimento. In: *Natureza Humana* 2(1): 9-48, 2000.
- _____. *A teoria do amadurecimento de D.W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

- DIDEROT, D. O sobrinho de Rameau. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- DOSSE, F. *Gilles Deleuze & Félix Guattari: biografia cruzada*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DOSTOIÉVSKI, F. *Memórias do subsolo*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- _____. *Os irmãos Karamázov*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- FERENCZI, S. Técnica psicanalítica. In: *Psicanálise II*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FIGUEIREDO, L.C. A psicanálise e a clínica contemporânea: uma introdução. In: *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2012.
- FRATTAROLL, E. Eu e minha *anima*: através do vidro escuro da interface junguiana/freudiana. In YOUNG-EISENDRATH, P & DAWSON, T. (org) *Manual de Cambridge para estudos junguianos*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- FREUD, S. Esboço de psicanálise. In: *Obras Completas* Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____. Análise terminável e interminável. In: *Obras Completas* Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In: *Obras Completas* Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- _____. À guisa de introdução ao narcisismo (1914). In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente (1911-1915)*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- _____. O uso da interpretação dos sonhos na psicanálise In: *Obras Completas* Vol. X. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. Os instintos e seus destinos. In: *Obras Completas* Vol. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. Comunicação de um caso de paranoia que contradiz a teoria psicanalítica. In: *Obras Completas* Vol. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica. In: *Obras Completas* Vol. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”). In: *Obras Completas* Vol. XIV. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. Além do princípio do prazer. In: *Obras Completas* Vol. XIV. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. O mal-estar na civilização. In: *Obras Completas* Vol. XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. Novas conferências introdutórias à psicanálise. In: *Obras Completas* Vol. XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. O Eu e o Id. In: *Obras Completas* Vol. XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. O problema econômico do masoquismo. In: *Obras Completas* Vol. XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. A dissolução do complexo de Édipo. In: *Obras Completas* Vol. XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. Contribuição à história do movimento psicanalítico. In: *Obras Completas* Vol. XI. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. Totem e tabu. In: *Obras Completas* Vol. XI. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. Introdução ao narcisismo. In: *Obras Completas* Vol. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. Os instintos e seus destinos. In: *Obras Completas* Vol. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In: *Obras Completas* Vol. XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: *Obras Completas*, Vol. XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. Sobre a sexualidade feminina. In: *Obras Completas*, Vol. XXI. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. Cinco lições de psicanálise. In: *Obras Completas* Vol. IX. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem (Contribuições à psicologia do amor I). In: *Obras Completas* Vol. IX. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. Dostoiévski e o parricídio. In: *Obras Completas* Vol. XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. Análise da fobia de um garoto de cinco anos (“O pequeno Hans”) In: *Obras Completas* Vol. VIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno. In: *Obras Completas* Vol. VIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. Estudos sobre a histeria. In: *Obras Completas* Vol. II. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras Completas* Vol. VI. São Paulo: Companhia das Letras, 2016b.

_____. Construções em análise. In: *Obras Completas* Vol. XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____. A interpretação dos sonhos. In: *Obras Completas* Vol. IV. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FULGENCIO, L. Paradigmas na história da psicanálise. [Revista de Filosofia e Psicanálise] *Natureza Humana*, 9(1):97-128, 2007.

GARCIA, R. M. *A agressividade na psicanálise winnicottiana*. 2009. 217 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

GRAÑA, R. *Origens de Winnicott: antecedentes psicanalíticos e filosóficos de um pensamento original*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

_____. *O declínio da interpretação: experiência e interpretação em psicanálise*. Curitiba: Juruá, 2015.

- GUATTARI, F. The group and the person. In: *Molecular revolution: psychiatry and politics*. London: Penguin, 1984.
- _____. Meaning and power. In: *Molecular revolution: psychiatry and politics*. London: Penguin, 1984.
- _____. O Divã do Pobre. In: *Psicanálise e Cinema*. Coletânea do nº 23 da Revista Communications. Comunicação/2. Lisboa: Relógio d' Água, 1984.
- _____. Somos todos grupelhos. In: *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1985
- _____. O capital como integral das formações de poder In: *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. A transversalidade. In: *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *O inconsciente maquínico: ensaios de esquizoanálise*. Campinas: Papirus, 1988.
- _____. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- GUATTARI, F. & ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GROSSKURTH, P. *Melanie Klein: her world and her work*. New York: Alfred A. Knopf, 1986.
- HAN, B-C. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HUME, D. O cético. In: *Investigação sobre o entendimento humano & Ensaios morais, políticos e literários* (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1975
- _____. *Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- _____. *Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- HOBBS, T. *O leviatã ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- HOLLAND, E. *Deleuze and Guattari's anti-Oedipus: introduction to schizoanalysis*. London: Routledge, 2001.
- JACOBI, J. *A psicologia de C.G. Jung: uma introdução às obras completas*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- _____. *Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C.G. Jung*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- JANOUGH, G. *Conversations with Kafka*. New York: New Directions Publishing Corporation, 2012.
- JUNG, C. The psychogenesis of mental disease. In *Collected Works*, Vol.3. Princeton: Princeton University Press, 1971.
- _____. Instinto e inconsciente. In *Obras Completas*, Vol.8/2. Petrópolis: Vozes, 2014.
- _____. Psychology and literature. In *Collected Works*, Vol.15. Princeton: Princeton University Press, 1971.

- _____. Problemas espirituais da atualidade. In *Obras Completas*, Vol.16/2. Petrópolis: Vozes, 2014.
- KAFKA, F. *Carta ao pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. *Diários - 1909-1923*. São Paulo: Todavia, 2021.
- KHAN, M. Introdução. In: WINNICOTT, D.W. *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: UBU, 2021.
- KERSLAKE, C. Insects and Incest: From Bergson and Jung to Deleuze. *Multitudes 25: Eté 2006*. Disponível em: <https://www.multitudes.net/category/l-edition-papier-en-ligne/multitudes-25-ete-2006-en/>.
- KERSLAKE, C. *Deleuze and the unconscious*. Londres: Continuum, 2007.
- KLEIN, M. *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- _____. *Narrativa da análise de uma criança; o procedimento da psicanálise de crianças tal como observado no tratamento de um menino de dez anos*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- _____. Complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas. In: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KOHUT, H. *Self e narcisismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- _____. *A restauração do self*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- KRAFFT-EBBING, R. *Psychopathia sexualis*. Londres: William Heinemann, 1939.
- LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998
- LAPLANCHE, J. *Problemáticas I: a angústia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998
- LAPLANCHE, J & PONTALIS, J-B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LAPOUJADE, D. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1, 2015.
- LAZZARATO, M. *Signos, máquinas, subjetividades*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo: n-1, 2014.
- LECLERQ, S (org.). *Aux sources de la pensée de Gilles Deleuze*. Paris: Sils Maria, 2005.
- LEJARRAGA, A.L. *O amor em Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Totemismo hoje*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- _____. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- LOEWENSTEIN, R.M. A contribution to the psychoanalytic theory of masochism. IN: *Journal of the American Psychoanalytic Association*. 1957 Apr;5(2):197-234
- LOPARIC, Z. Winnicott: uma Psicanálise não-edipiana. In: *Revista de Psicanálise*, Vol. IV, nº2, 1997, pp. 375-387.
- _____. Winnicott e Melanie Klein: conflito de paradigmas. In: CAT-AFESTA, I.F.M (Org.). *A clínica e a pesquisa no final do século: Winnicott e a Universidade*. São Paulo: Lemos, 1997.

_____. Esboço do paradigma winnicottiano. In: *Cadernos de história de Filosofia da ciência*, 11(2), 2001, 7-58.

_____. De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática. In: [Revista de Filosofia e Psicanálise] *Natureza Humana*, 8 (Especial 1), 2006, pp. 21-47.

MACHADO, R. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

MARTINS, A. *Pulsão de morte? Por uma clínica psicanalítica da potência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MCDUGALL, J. *The Many Faces Of Eros: A Psychoanalytic Exploration of Human Sexuality*. New York: W.W. Norton, 1995.

MIGUELEZ, N. *Complexo de Édipo, hoje?* Tese de doutorado. PUC-SP. 2007.

MORGAN, L. A sociedade antiga. In: CASTRO, C. (org) *Evolucionismo cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MULLER, M.R. & GUIMARÃES, S.S. Impacto dos transtornos do sono sobre o funcionamento diário e a qualidade de vida. In: *Estudos de Psicologia*. Campinas, 24(4), 519-528, outubro – dezembro, 2007.

NIETZSCHE, F. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Humano demasiado humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.

OUTEIRAL, J. Apresentação à edição brasileira. In: WINNICOTT, D.W. *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1994.

PLATÃO. *A República*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2001.

PLASTINO, C.A. *Vida, criatividade e sentido no pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

PHILLIPS, A. *Louco para ser normal*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

PONTALIS, J-B. *Perder de vista: da fantasia de recuperação do objeto perdido*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

PROUST, M. Sodoma e Gomorra. In: *Em busca do tempo perdido*, Vol II, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

REICH, W. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

REIK, T. *Masochism in modern man*. New York: Groove Press, 1941.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2011,

ROSSI, A. *J.J. Bachofen y el retorno de las madres*. Acta Poetica 30(1), 2009, 275-293.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. Dicionário de psicanálise. Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

- SACHER-MASOCH, L. *A Vênus das peles*. Rio de Janeiro: Taurus, 1983.
- SANCHES, A. Inconsciente e instinto de morte: um itinerário do debate inicial de Deleuze com a psicanálise. São Paulo: UFSCar, 2013. Tese de doutorado.
- SAUVAGNARGUES, A. Os sintomas são pássaros que batem o bico na vidraça. In: *Cadernos de Subjetividade / Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP*, n. 14 (2012), pp. 32-43.
- _____. *Deleuze and art*. Londres: Bloomsbury, 2013.
- SODRÉ, M. *Televisão e psicanálise*. São Paulo: Ática, 1987.
- SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- SPINOZA, B. Tratado teológico-político. In: *Spinoza – Obra Completa III*. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- STOLLER, R. *Perversão: a forma erótica do ódio*. São Paulo: Hedra, 2014.
- VERNANT, J.P & VIDAL-NAQUET, P. Édipo sem Complexo. In: *Mito e tragédia na Grécia antiga*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- WINNICOTT, D.W. Agressão e suas raízes. In: *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- _____. *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: LTC, 1982.
- _____. E o pai? In: *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: LTC, 1982.
- _____. A moralidade inata do bebê. In: *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: LTC, 1982.
- _____. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.
- _____. Análise da criança no período de latência In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.
- _____. Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica? In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.
- _____. Os objetivos do tratamento psicanalítico. In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.
- _____. Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.
- _____. Distúrbios psiquiátricos e processos de maturação infantil. In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.
- _____. Os doentes mentais na prática clínica. In: *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983.

- _____. *Holding and interpretation: fragment of an analysis*. London: The Hogarth Press, 1986.
- _____. *The spontaneous gesture: selected letters of D.W. Winnicott*. London: Harvard University Press, 1987.
- _____. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- _____. Nada no centro. In: *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- _____. A interpretação na psicanálise. In: *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- _____. O uso de um objeto e o relacionamento através de identificações. In: *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- _____. A experiência mãe-bebê de mutualidade. In: *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- _____. O valor da consulta terapêutica. In: *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- _____. *Conversando com os pais*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. A construção da confiança. In: *Conversando com os pais*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. In: *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- _____. *The Family and Individual Development*. London: Routledge, 2006.
- _____. Integrative and disruptive factors in family life. In: *The Family and Individual Development*. London: Routledge, 2006.
- _____. The family affected by depressive illness in one or both parents. In: *The Family and Individual Development*. London: Routledge, 2006.
- _____. The effect of psychosis on family life. In: *The Family and Individual Development*. London: Routledge, 2006.
- _____. The value of depression. In: *Home is where we start from: essays by a psychoanalyst*. New York: W. W. Norton & Company, 2014.
- _____. *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu, 2019.
- _____. O brincar: proposição teórica. In: *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu, 2019.
- _____. O brincar: atividade criativa e a busca do self. In: *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu, 2019.
- _____. A criatividade e suas origens. In: *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu, 2019.
- _____. O uso de um objeto e a relação por meio de identificações. In: *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu, 2019.
- _____. A localização da experiência cultural. In: *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu, 2019.
- _____. O lugar em que vivemos. In: *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu, 2019.
- _____. *Bebês e suas mães*. São Paulo: Ubu, 2019.

- _____. A comunicação do bebê com a mãe e a da mãe com o bebê. In: *Bebês e suas mães*. São Paulo: Ubu, 2019.
- _____. O recém-nascido e sua mãe. In: *Bebês e suas mães*. São Paulo: Ubu, 2019.
- _____. *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu, 2021.
- _____. A defesa maníaca. In: *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu, 2021.
- _____. Desenvolvimento emocional primitivo. In: *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu, 2021.
- _____. A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. In: *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu, 2021.
- _____. A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. In: *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu, 2021.
- _____. Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto analítico. In: *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu, 2021.
- _____. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Ubu, 2021.
- _____. O conceito de indivíduo saudável. In: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Ubu, 2021.
- _____. A imaturidade do adolescente. In: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Ubu, 2021,
- _____. *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. São Paulo: Ubu, 2022.
- _____. Psicanálise e o sentimento de culpa. In: *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. São Paulo: Ubu, 2022.
- _____. A capacidade de ficar sozinho. In: *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. São Paulo: Ubu, 2022.
- _____. Moral e educação. In: *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. São Paulo: Ubu, 2022.
- _____. Análise da criança no período de latência. In: *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. São Paulo: Ubu, 2022.
- _____. Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica? In: *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. São Paulo: Ubu, 2022
- _____. Enfoque pessoal da contribuição kleiniana. In: *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. São Paulo: Ubu, 2022.
- WHITMONT, E. *Em busca do símbolo*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- ZOURABICHVILI, F. *O vocabulário de Deleuze*. São Paulo: Ediouro, 2004.